

THE DARK INK CHRONICLES

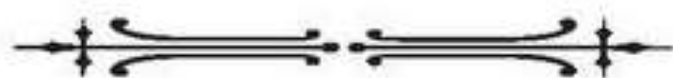
Afterlight



ELLE JASPER

Afterlight

THE DARK INK CHRONICLES



ELLE JASPER

PREFÁCIO

Savannah, Georgia

Mercado Municipal

Outubro.

Entardecer. De acordo com os Gullah, significa duas coisas. Um: Escuridão ou sombra. Dois: Morte, a vida após ou além. Eu estou familiarizada com os dois.

A morte é minha conhecida por muito tempo. Eu já a vi em primeira mão e isso deixou uma marca horrível em minha mente que me assombrará para sempre. Porém, como a maioria das coisas más que ocorreram em minha vida, tenho lidado com isso e talvez ela tenha me feito mais forte. Uma coisa que aprendi é que não importa como você enfrenta isso, e não importa a situação, sempre há uma constante presente: *O propósito*. E não há como fugir disto.

Minha visão começou a embaçar enquanto olhava a chuva golpear o táxi na esquina aonde me sentei no bar Molly's McPherson, e esfreguei os olhos para ver claramente através do dilúvio na noite afora. Deus, queria um cigarro, mas estes dias eles me davam vontade de vomitar, então tirei um pedaço de goma de nicotina da minha bolsa e lancei dentro de minha boca. Vinte e três de outubro, nove horas da noite, estava chuvoso e quente, e quase vinte e quatro graus. E nada era o mesmo, embora as mudanças fossem sutis para a maioria, para mim eram muito óbvias. Sabia de coisas que os demais não sabiam e para ser totalmente honesta, eu adorava.

Eu prefiro estar totalmente preparada para enfrentar meus medos e meus inimigos de frente, do que ser uma idiota esmurrada por causa da ignorância – não importa o quão inocente fosse. E acredite em mim, estou preparada. Debaixo de minha saia curta e transparente, o peso de uma lâmina de prata pura descansava na minha coxa nua como uma recordação constante.

— Hey, Riley, quer outra bebida? — O grito cruzou o pequeno bar e atraiu minha atenção.

Eu levantei uma mão para Martin, o garçom, e sacudi minha cabeça.

— Não, obrigada. Estou bem. — Ele piscou um olho, sorriu e voltou para suas ocupações. Molly's não estava tão cheio esta noite, mas a constante conversa

dos clientes era um zumbido dentro da minha cabeça. Se eu ficasse muito mais tempo, minhas têmporas começariam a doer.

Com a palma de minha mão, limpei a umidade da janela e deixei meus olhos passearem pelas ruas de paralelepípedos animadas do Congress Street e City Mark. E o notei debaixo do toldo do Belford's. Jesus. Quanto tempo ele havia estado ali? Embora não pudesse ver os olhos azul escuro nesta distância, eu sabia que Eli não tinha nenhum problema em me ver e que seus olhos estavam centrados diretamente nos meus.

Uma implacável emoção disparou através de minhas veias e estremei. Ele ficou lá por um momento, me observando, e quando entrou na multidão de pessoas, nesta úmida noite de sexta-feira, se moveu tão facilmente no meio da multidão em minha direção, sem esforço e com maestria, quase flutuando. Seus traços eram jovens, perfeitos e antigos, tudo ao mesmo tempo. Cabelo castanho escuro despenteado e maior na testa, dando uma aparência extrovertida e sexy. Que permanecia sombrio contra a mais pálida e linda pele.

Quando o vi se aproximar, suas feições tornaram-se mais claras e me dei conta do quão enganoso poderia ser. Por exemplo, para a maioria, eu pareceria uma aberração total, com cabelos negros e mechas de cor vermelho-fúcsia, botas altas de couro, uma camiseta de redinhas e a pele pálida com os lábios vermelhos sangue. E estou muito segura que a tatuagem de dragão - visível debaixo da camiseta - que desliza das minhas costas para a minha espinha e abaixo para os braços, faz as pessoas me olharem duas vezes. Igual a asa de anjo negro na pele do canto no meu olho esquerdo.

Não me importava, eu não era um anjo. Podia não parecer um, mas provavelmente sou a pessoa mais responsável que conheço. De todos os modos, tenho um negócio de sucesso, pago minhas contas em dia e tenho minha cabeça tranquila, fiz um bom trabalho criando meu irmão mais novo.

Então, enquanto eu estava fazendo uma análise, Eli entrou, e me intrigou em vê-lo interagir com as pessoas; eles não tinham nenhuma ideia, alheios ao que estava bem debaixo de seus narizes, independente da aparência encantadora, perfeita e juvenil. Eu não era. Não mais.

A única coisa ruim, e isto eu sabia com toda a certeza, era que eu morreria por ele. E se tal coisa fosse possível, ele morreria por mim. Era amor? Obsessão?

Talvez as duas coisas. Mas definitivamente era algo poderoso e eu não tinha controle sobre isso. Era aterrorizante e emocionante, tudo ao mesmo tempo. Algo tão forte que superava qualquer droga que eu já tinha provado.

Deslizei na cabine e me levantei, deixando cair uma nota de cinco dólares sobre a mesa e acenei para Martin enquanto eu saía para a garoa constante. Quando a distância entre nós diminuiu, finalmente pude ver a luz da lâmpada brilhando em seus inquietantes olhos, enquanto ele buscava os meus e meu coração bateu contra minhas costelas. Eu sabia que haviam horrores e aflições maiores que a morte. Coisas inimagináveis que apenas poucos meses atrás eu teria discutido veementemente sua existência. *Vampiros*. Eles eram reais. Eles *existem*. E não são o que você acredita que são.

E eu estava totalmente e irrevogavelmente apaixonada por um.



*“SABE, OLHANDO PARA TRÁS AGORA POSSO VER O MOMENTO EXATO QUE TUDO AO
MEU REDOR MUDOU.*

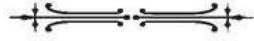
*O ENGRAÇADO É QUE ME DEI CONTA DE IMEDIATO, MAS NUNCA REGISTREI
REALMENTE. EU NÃO ENTENDI. NÃO ATÉ MAIS TARDE, QUANDO PERCEBI QUE OS VAMPIROS
EXISTIAM.*

*SABE O QUE FORAM? CIGARRAS. NO MOMENTO EM QUE ACONTECEU, AS CIGARRAS SE
SILENCIARAM. NÃO SE ESCUTAVA NEM SEQUER UMA, MUITO MENOS AS MILHARES. QUE
ENCHIAM TODAS AS NOITES DE VERÃO DESDE QUE EU ERA UMA MENINA.*

*ELAS ERAM MEU RUÍDO BRANCO E HAVIAM DESAPARECIDO.
FUGIRAM. E TUDO ESTAVA IRRITANTEMENTE TRANQUILO AQUI.
QUANTO FODIDO ERA ISSO?”*

— Rilley Poe.

PARTE 1



DISTÚRBIOS

Eu não tenho medo de morrer tendo pensamentos sobre assuntos da hora da morte.

— Epitáfio Anônimo, Cemitério de Bonaventure.



Savannah, Georgia
Cemitério de Bonaventure
Agosto, depois da meia noite.

— Poe, seu imbecil, tire seu traseiro daqui!

— Cale a boca! Eu não sou um imbecil!

O riso de um adolescente ecoou pelo ar da noite, se eu não tivesse tão malditamente brava, teria rido também. Algo sobre ouvir um grupo de meninos adolescentes idiotas de quinze anos dizer *imbecil* me deu nos nervos. Naquele momento, quis estrangular todos os quatro, especialmente o imbecil. Meu irmão pequeno, Seth. Este pequeno idiota sabia que eu estaria o vigiando, especialmente quando seu plano incluía dormir na casa de Riggs Parker. No entanto, lá estava eu, depois da meia noite em uma noite de sexta-feira, espiando através da cerca que rodeia o Cemitério de Bonaventure. *Depois*, eu trabalharia ainda todo o dia. Com a lua crescente minguante, brilhando através das copas das árvores, eu podia ver vagamente seu tecido Levi's fino desaparecendo através das lápides antigas e sombrias.

Festa de pijama na casa de Riggs, minha bunda. Todos eles provavelmente disseram a seus pais que dormiriam um na casa do outro. Eles não se deram conta que não podem enganar uma enganadora? Acho que não, porque aqui estou eu de pé no meio da maldita noite, só para ter certeza que meu irmãozinho se mantenha longe de problemas. Fiquei vigiando desde a parte de trás do cemitério e segui para baixo pela linha da cerca até um carvalho, caminhando sobre várias raízes retorcidas. Não seria fácil para alguém sem experiência em botas de dez centímetros de salto. Porém, eu havia aperfeiçoado esta fina arte durante meus dias de festas nas pedras do calçamento da River Street. Eu era uma total profissional.

Finalmente, eles chegarem ao alcance onde poderia escutá-los uma vez mais, estavam muito ocupados se empurrando e chamando um ao outro de nomes pervertidos, nenhum deles sabia sequer que eu estava perto. *Bom*. Eu vou abordá-los, assustá-los terrivelmente, então arrastar todos para casa antes que alguém chame a polícia.

Eu dei à minha roupa uma rápida olhada e então medi o desafio perante a mim. Só imaginei que justo hoje que vesti a minha minissaia de couro e botas de salto alto para trabalhar, eu tinha que subir um muro de oito metros presa a uma corda. Se a mãe de Riggs tivesse ligado um pouco mais cedo, eu teria me trocado. Porém, fechei a loja e sai correndo quando os avistei em Victoria, nunca pensei que eles entrariam em Bonaventure.

Não era tão fácil fazer como havia sido quando eu era uma adolescente. Então lá estava eu, saia, botas pontiagudas e tudo mais. Boa coisa que ninguém, exceto a morte, veria minha *hiniesca*¹ (*high-nee-sca* é uma palavra feita por jovens burros e a uso frequentemente), quando eu deslizasse do topo. Eu respirei fundo e agarrei as barras com as duas mãos. Mesmo estando quente e abafado em agosto, o aço estava frio debaixo de minhas mãos.

Eu encontrei o velho carvalho talhado, o mesmo que meus amigos e eu tínhamos usado em meus dias selvagens, fincando a ponta de uma das botas no corte e puxando minha outra perna até que ela pegou na parte superior da cerca. Costumava odiar ser tão alta, mas a minha constituição de 1,75 se acentava muito bem a mim. Usando minha barriga e meus braços, apoiei-me e liberei minha outra perna para levantar e abaixar, então deslizei lentamente para o chão. Minha saia foi pega no aço molhado e se moveu lentamente em volta da minha cintura e meus saltos afundaram no solo coberto de musgo quando desci. Amaldiçoei em silêncio, liberando meus saltos e descendo minha saia, me agachei, escutando. Essas cabeçinhas de pau pagariam por isso.

Um estrondo seguido de palavrões cortou o ar e mergulhou em meus ouvidos. O que diabos eles estavam fazendo? Andei através do musgo úmido e as folhas caídas de carvalho, caminhando para o canto mais distante do cemitério, perto do rio, segui suas vozes em silêncio. Eu provavelmente conhecia cada lápide de Bonaventure.

Meus amigos e eu costumávamos acampar aqui fora regularmente e voltar no outro dia. Merda, eu sei, mas é verdade. Fumar maconha, enquanto saltava em lápides, não era o momento que mais tenho orgulho em minha vida, mas também não estava fazendo sexo contra uma. Para registro, eu havia deixado a maconha e

¹ High-nee-sca= espécie de escalada.

os saltos em lápides há alguns anos atrás. Sexo eu ainda fazia, mas não contra as lápides.

Quando me aproximei, fiquei alerta e mantive meu caminho ao redor das pinhas e cascas de castanhas, pondo de lado as largas madeixas de musgo espanhol que desciam dos ramos. Finalmente, debaixo das sombras e da luz da lua, os meninos entraram na minha visão e eu assisti chocada, quando Seth e seus amigos desapareciam em uma cripta velha.

Isso explicava o barulho, nem sequer eu havia feito isso e olha que fiz um monte de merda. Porém, sabendo o que eu sabia dos Gullah? Inferno e duplamente não. Não posso acreditar que Seth seguiu com isto. O nome nesta cripta particular era antigo; as palavras quase estavam polidas na pedra, o resto coberto com sálvia, musgo e a idade. Eu não podia ler, exceto talvez uma ou duas letras na melhor das hipóteses.

Preacher², um respeitado ancião Gullah, herbolário e mágico, também conhecido como um praticante de hudú, tinha sido a figura de avô para mim e Seth desde a morte de nossa mãe. Ele havia chamado essa pedra de maldita e disse-nos há muito tempo que nos afastássemos dela. Quando um mago Gullah te avisa algo, você pode acreditar que isso é repugnantemente ruim. Se você tivesse um pedaço de massa cinzenta em seu crânio, escutaria.

Eles eram descendentes de africanos trazidos para a costa leste durante o comércio de escravos e sabiam alguma coisa sobre a magia perversa. Coisas escuras. Um pouco de vodú, pouco de hudú, algo sobre a medicina tradicional de raízes, cura através de ervas e algumas magias. Tudo isso altamente respeitado na comunidade Gullah. Jesus, Seth deve ter perdido sua fodida cabeça. Eu escutei por alguns segundos, o barulho ensurdecedor das cigarras quase abafou a tagarelice baixa dos meninos na sepultura velha. Maldição, esses insetos eram barulhentos.

Com minhas costas pressionadas perto da antiga pedra, deslizei para a cripta irregularmente aberta. Os mosquitos se fundiram em minhas coxas nuas e os golpeei sem fazer contato com minha pele. Eles só continuaram a morder.

²Literalmente um pregador, mas aqui a pessoa que se refere o protagonista não é um pregador ou padre, mas alguém que combina todo o conhecimento mágico e usado em uma comunidade que Preacher é como um nome e não é traduzido

Eu empurrei através de um pedaço final de musgo e olhei para baixo, minha respiração ficou presa em minha garganta. O mausoléu parecia mais como uma cabana de pedra antiga, uns três metros de comprimento e cinco metros de largura, talvez quatro metros do chão. Pelo que disse Preacher, a cripta em si era um inferno subterrâneo muito maior, mesmo aqui na cidade baixa. Eles tinham chutado o portão de ferro velho e enferrujado da entrada e descido para o interior.

Não podia vê-los, mas vi uma luz piscando e suas sombras se movendo. Genial. Provavelmente, eles estavam movendo suas luzes ao redor. Eles ateariam fogo ao pobre cadáver velho e poeirento e só seguiriam com isso. Burros. Eu não era uma frangote ou algo assim, mas não havia maneira de eu ir até lá. Isto era uma pedra do inferno e não vou correr nenhum risco. Apenas iria assustá-los como o inferno e ver suas bundas ossudas correndo para fora da cripta. Então pegaria Seth pelas orelhas e levaria a todos arrastados para a casa. Infantil, eu sei. Porém, era o melhor que eu podia fazer. Se eu tivesse apenas as clássicas bombinhas, como *Black Cats* ou *Whistling Moon Travelers*³...

Com uma respiração profunda, me firmei e aprofundei a voz tanto quanto eu podia. Não foi tão difícil, já que naturalmente é um pouco rouca e profunda, de qualquer maneira.

— *Polícia de Savannah!* Tragam seu traseiro aqui agora!

Esperar pela confusão de traseiros ossudos foi quase engraçado. Fiquei ali ouvindo suas maldições e xingamento infames. Eu subi numa rocha com uma mão sobre minha boca, a outra mão esmagando brutalmente os mosquitos que sugavam o sangue da minha pele. Então, muitas coisas aconteceram de uma vez.

Outro choque soou, quase como se um vidro ou cerâmica tivesse sido quebrado e uma rajada de vento parecia zumbir da cripta, quase como um uivo. Virei a cabeça para evitar a pior parte, porque cheirava desagradável, como decomposição. Logo um dos meninos xingou e todos gritaram em vozes estridentes e saíram correndo fora da tumba, se jogando no chão, depois levantaram e correram. O vento parou abruptamente. O canto ensurdecido das cigarras estava em completo silêncio. Bonaventure estava tão imóvel quanto os mortos que foram enterrados debaixo da terra.

³ Marca das bombinhas.

Seth tropeçou e eu agarrei-o pela camisa, puxando-o em uma parada abrupta. Ele virou-se, os olhos vidrados, se voltou furioso quando me reconheceu. O deixei ir e levantei uma sobrancelha.

— Deus, Riley! — gritou. — O que está fazendo? — franzi a testa. — Deixe-me ir.

Os outros meninos pararam de se retorcer e se viraram. Todos eles caíram no chão, rindo.

Um assobio. Riggs, a quem conheço desde que tinha sete anos, disse:

— A irmã do Poe é fodidamente gostosa.

— Merda, Poe.

— Aonde você tem escondido ela?

— Você é casada?

— O que importa, homem — disse Riggs — seu traseiro é quente.

Todos riram.

O olhar de Seth me deixou e se juntou a seus amigos.

— Cale a boca, Riggs.

Eu sorri. Uma pequena parte de mim se sentiu orgulhosa de meu irmãozinho, que no momento era um idiota, querer me defender de seus amigos pervertidos. Talvez depois de tudo, não fiz um mau trabalho assim em criá-lo. Outra vez, agarrei a camisa de Seth e o puxei para trás, não é fácil, desde que o menino era tão alto quanto eu em minhas botas.

— Deixe para lá, irmão. — disse e comecei a puxá-lo para a parte de trás do cemitério.

Havia uma cerca perto do lado esquerdo onde a terra tinha uma ladeira, o suficiente para nós escalarmos. Olhei para os amigos de Seth e inclinei minha cabeça:

— Saiam daqui antes que a polícia apareça. Tenho certeza que vocês não querem que seus pais recebam uma visita da polícia em suas portas esta noite. É uma ofensa federal profanar um túmulo, vocês sabem. — Isso era tudo que precisávamos, especialmente desde que a polícia sabia exatamente quem eu era.

— Cara, o que é profanar? — disse um dos meninos.

— Você quer que agente vá com você? — disse Riggs, com um sorriso em seu rosto adolescente. — Para assim poder nos delatar para nossos pais? Não, obrigado, querida! — Ele se virou para os outros. — Vamos!

— Hey, esperem. — os chamei, dando uns passos e pensando se deveria deixar que Riggs soubesse por si mesmo que sua mãe e eu sabíamos de seu pequeno esquema. — Vamos meninos, eu os levo para casa. — eu não podia deixá-los só aqui fora no meio da noite. De maneira nenhuma. — Juro por Deus que eu não vou contar.

— Não, obrigado, sexy. — Riggs gritou, rindo, ele e os outros entraram nas sombras. Ele me chamou de novo: — Você é bonita pra caramba, mas não vou deixar que me entregue para minha mãe! — Mais risadas estridentes do sexo masculino; logo suas vozes se perderam na medida que entravam na noite.

De alguma maneira, isso me fez sentir muito desconfortável, e ainda assim tão ágil como era, mesmo com minhas botas de salto alto, eu sabia que podia pegar Riggs e seus amigos, encurralá-los e meter a todos eles em meu Jipe. Dei um suspiro e sacudi a cabeça:

— Vamos irmão. Vamos sair daqui.

Olhei para meu irmão. Mesmo na sombra dos carvalhos, eu podia ver o brilho venenoso que Seth olhava para os seus amigos. Ele estava muito zangado com eles.

— Que seja. — murmurou. Ele chutou o chão e colocou seu fino braço ao redor de meus ombros. — De qualquer maneira, eu não queria vir. Era uma ideia estúpida.

O olhei.

— Então por que você fez?

Ele encolheu os ombros.

— Foi só uma aposta.

Continuou os risos de adolescentes masculinos gritando na noite, enquanto Riggs e os outros nos deixaram e correram na direção oposta. Eu tinha quase decidido chamar a polícia. Mas Seth poderia ser preso nesse inferno, deixei de lado a ideia. Eu rodearia Bonaventure para garantir que haviam saído, e então seguiria seus estúpidos pequenos traseiros para a casa.

— Idiotas. — sussurrei para eles; então me virei para Seth. Eu sabia por experiência que não deveria o encher de porquês e explicações, haviam feito um

milhão de vezes comigo quando eu tinha a sua idade e que não fez nada além de me irritar. Falaria com ele depois. Além disso, dava para ver que lamentava andar com esses meninos, embora conhecesse Riggs desde o jardim de infância.

— Hey, quer parar na Kristal? Eu não comi ainda. — perguntei. Os melhores hambúrgueres do sul, e ficavam abertos vinte e quatro horas por dia, em sete dias da semana. Deliciosos e gordurosos.

— Sim, claro. — disse Seth. — Ei. — Ele parou no terreno inclinado e me encarou. Na luz da lua podia ver manchas do bigode que ele tinha tentado fazer a barba. Porém, seus olhos eram totalmente sinceros. Amava isso em meu irmão. Podia-se ver tudo o que ele pensava e sentia em seus profundos olhos. — Desculpe por essa noite. — disse. — Sei que tem que trabalhar na parte da manhã.

Eu dei um golpe brincalhão em sua barriga.

— Sim, bem, não passa das onze, assim não é um grande problema. — Dei-lhe uma cotovelada nas costelas. — Você pode vir e varrer o chão para mim. — Eu sorri e subi numa árvore retorcida com a ponta de meus pés. — É melhor você virar a cabeça a menos que você queira uma vista completa. — Sem dúvidas que a minha saia estava a ponto de subir na minha bunda de novo.

— Não tem que perder duas vezes. — disse e deu a volta. Enquanto me arrastava sobre a cerca, podia escutar Riggs e os outros assoviando.

O som não estava longe e sabia que eles observavam perto das sombras. Perversos e um pouco loucos. Um grunhido escapou da garganta de Seth e imaginei que se Riggs estivesse assistindo mais de perto, Seth se lançaria sobre ele. Meu irmão era magro, mas muito forte.

Quando aterrissei na grama e os meus saltos afundaram na terra, notei como silenciosa estava Bonaventure. Nem mesmo um único pássaro noturno, insetos, sapos, Riggs e os meninos, fizeram um único som. Os finos cabelos de meu pescoço e braços se arrepiaram e logo experimentei um estranho pressentimento.

— O que foi? — disse Seth enquanto caía no chão ao meu lado. — Você parece que viu um fantasma ou algo assim.

Meus olhos percorreram os túmulos, as estátuas de mármore luminescente que ficavam atrás das árvores. Quanto mais tempo eu ficava ali, se tornava mais forte o pressentimento de que algo estava errado.

— Você não sente isso?

Seth ficou em silêncio por uma fração de segundo.

— Sim, o que é? Está me assustando. — olhou o cemitério. — Quietos demais. O encarei.

— Você sabe em que cripta estava, certo?

Ele afastou suas mãos de seu rosto, negando e assentindo com a cabeça, seus olhos vidrados refletindo a noite.

— Não até que fosse tarde. Tentei falar com Riggs para deixarmos para lá, mas é um idiota. Ele chutou a porta antes que pudesse pará-lo.

Estou totalmente de acordo. Riggs é um idiota.

— Bom, que tal sairmos daqui, huh? — Apontei. — Meu jipe está ali.

— Posso dirigir? — perguntou

— Não.

— Merda.

Sorri enquanto nos apressávamos para atravessar a areia do cemitério e passar as duas colunas da entrada. Porém, a estranha sensação continuava comigo, perturbando meu interior, mesmo depois de nossa partida. Dirigia pela rua em uma única pista, esperando ver Riggs e os meninos enquanto saíam do cemitério. Passei muitos anos de minha adolescência olhando sobre meu ombro nas ruas mais sombrias de Savannah. Eu tinha que cuidar de minhas próprias costas, intuição é uma coisa que eu tinha muito em conta.

Senti como se alguém estivesse nos observando. Eu não acredito que seja Riggs e seus amigos. Era o mais maldito estranho sentimento que já tive. Eu nunca estive com medo. Quando tinha a idade de Seth, eu era uma garota punk. Não tinha nem um único osso assustado e fazia tudo o que me desafiavam a fazer. Eu até parecia assustadora em minha adolescência, com a minha natural pele pálida e cabelos vermelhos com listras pretas, olhos cheios de rímel e lábios negros.

Tenho caminhado pelas pedras de Savannah toda a minha vida, estive nos piores becos e eu vi acontecer um monte de merda. E já estive envolvida em um monte de merda. Era uma criança na época e se não fosse por Preacher, continuaria sendo. Porém, nunca tive um sentimento que me assustou como esse. Queria continuar olhando por cima do ombro, ou pior, me virar. Por que diabos ia fazer isso? Por que pensei nisso?

A salmoura úmida do pântano chicoteou meu rosto enquanto colocava a terceira marcha. Olhei para Seth. Ele estava mordendo as unhas e olhava para o que teria sido sua janela. Eu sabia por que estava agindo de forma engraçada. Ele estava dentro da pedra do inferno. E estava morrendo de medo também, como eu estava. Merda, ele sabia que não devia entrar em algo assim. Porém, esta noite não iria torturá-lo fazendo um monte de perguntas. Amanhã, tinha que esperar até amanhã.

— Lá estão eles — disse Seth, apontando para a esquerda da rua estreita. Na verdade, havia aquelas sombras, atravessando a grama de alguém. Eles desapareceram ao redor da parte de trás de uma pequena casa branca, feita de concreto. — Ali é a avó de Todd. — Seth disse. — Eles vão ficar lá por esta noite.

Coloquei a primeira marcha e desci lentamente para a velha casa. Depois de ver uma luz piscando perto da parte de trás da casa, me senti aliviada. Pelo menos as crianças estavam fora das ruas. Nós nos afastamos e voltamos para o tráfego agora pequeno de Victoria.

Depois de passar no drive-thru da Kristal, fomos para casa. O cheiro de pão embebido em gordura, hambúrgueres e batatas fritas em sacolas de papéis, fazia o meu estômago rugir. Eu era uma orgulhosa VFF (Viciada em Fast-Food) e poderia comprar uma dúzia. Provavelmente, eu poderia comer ao menos uns cinco ou seis deles. Se você nunca comeu um hambúrguer da Krystal, eles são gloriosos, ou um inferno no estômago.

Felizmente, funcionam perfeitamente em meu sistema digestivo e eu estava morrendo de fome. Virei em Abercorn, passei todos as quadras, cruzei a Rua Bay e finalmente entrei nas ruas de paralelepípedos. No momento em que virei na rua comercial, um cheiro de urina de uma agitada sexta-feira a noite irritou o meu nariz. Isso é algo que não colocam nas revistas de turismo de Savannah, o distrito histórico é um urinário público. Repugnante. Muito repugnante.

Estacionei meu jipe na entrada de trás de Inksomnia, puxei o freio de mão e deixei engatado na primeira. Agarrei as bebidas.

— Vem irmão, antes que eu comece a comer o saco de papel. Hey, chame Chaz para passear? Provavelmente precisa urinar. — Chaz era nosso pastor Australiano de três anos. Tem um olho azul e outro castanho. Um cão muito legal, nós o pegamos em uma organização de resgate há dois anos atrás.

Os olhos de Seth continuavam parecendo nebulosos enquanto saíamos.

— Sim, certo.

Foi aí que notei o verdadeiro silêncio que estava nas ruas. Não um silêncio humano, ainda escutava a música que saía da Boar's head, risos e a explosão ocasional de uma buzina ou a sirene de um carro de polícia à distância. Mesmo escutando o velho Capote tocando seu saxofone no caminho do rio. Porém, e as cigarras? Grilos? Pássaros noturnos?

Era um silêncio morto.

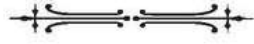
Eu empurrei a chave na fechadura e entrei com Seth em meus calcanhares e imediatamente depois Chaz estava ali, latindo e balançando seu rabo.

— Ei, querido. — disse esfregando o pelo de suas orelhas. — Sentiu nossa falta? — Seth agarrou a coleira pendurada na parede, colocou em Chaz e saiu com um saco de lixo. O observei por um minuto, até que desapareceu no caminho. Antes de fechar a porta, olhei por cima do ombro para o entardecer (na pronuncia Gullah é *Afta-light*).

Eu não vi nada, mas senti tudo.

Seth e Chaz vieram correndo pela calçada, então esperei até que eles estivessem dentro, logo fechei com segurança a porta e coloquei o segundo trinco. No entanto, logo percebi que as fechaduras e trincos eram para ignorantes. Na verdade, eles eram absolutamente inúteis.

PARTE 2



O COMEÇO

BLOOD IS THICKER THAN WATER



Quando o despertador tocou às oito horas da manhã seguinte, fiquei surpresa ao descobrir que tinha dormido o suficiente, apesar da escapada noturna para Boaventure. Embora eu não abria a loja até as onze, adorava as manhãs na margem do rio, e embora eu fosse completamente imprevisível noventa e oito por cento do tempo, eu era uma criatura de hábitos pelos outros dois por cento: o chá Gullah. Eu sei, olhando para mim você nunca iria pensar por um segundo que eu gosto do chá forte africano impregnado com creme e açúcar no período da manhã.

Eu parecia mais uma menina Red Bull (eu guardo o Bull para o meio dia.) Porém, o chá Gullah era absolutamente divino e eu bebia todos os dias. Saindo da cama, vesti uma camiseta preta, um par de calça e shorts desgastados jeans. Prendi os cabelos em um rabo de cavalo, encaixei o sapato, e desci para o andar térreo. Levei Chaz para um passeio curto, servi a comida de cachorro em seu prato, e sai pela porta dos fundos de Inksomnia.

Brevemente olhei para baixo e fiz uma nota mental para pintar minhas unhas dos pés mais tarde. O esmalte preto-arroxeadado colocado apenas dois dias antes estava gradualmente se desgastando. Eu odiava esmalte lascado. Acho um desperdício total.

O ar denso e úmido de agosto golpeou meu rosto e se agarrou a minha pele. Desci o Factor Walk para a parte traseira da loja de Preacher, que ficava próxima a minha. “Da Plat-Eye”. Literalmente, significa fedor do olho, ou o mau-olhado, em Gullah, e eram ervas ruins, frescas e poções, uma loja de mágica.

Preacher e sua esposa, Estelle, pertenciam a uma comunidade pequena, porém muito unida de Gullah, que cultivavam o seu próprio chá livremente, e outras ervas em que era simplesmente referida à *ilha Da...* uma das ilhas com uma pequena barreira na frente da costa de Savannah. O chá estava fora deste maldito mundo. Como eu disse, Preacher era um herbolário e mágico, muito procurado por todos os tipos de curas para doenças, maldições, quaisquer que sejam. Embora fosse um sujeito calmo, estoico, era suave como um gatinho, bastava apenas um olhar de desapontamento dele para que você quisesse sentar e chorar desconsoladamente (Eu sei, eu fiz isso).

Então decidi manter a calma e não contar a Preacher sobre Seth, e a pedra do inferno, pelo menos até que eu tivesse ido lá durante o dia para verificar o quanto de dano ocorreu. Com sorte, nada mais que uma porta e um velho pedaço

de cerâmica foi danificado. Eu empurrei para dentro as portas duplas da Da Plat Eye, pintadas de azul para manter os maus espíritos fora, a cada vez mais familiar campainha tocou acima de minha cabeça, e Estelle imediatamente saiu de trás da cortina azul que levava ao andar de cima de sua loja.

Um grande sorriso caloroso e deslumbrantemente branco, se estendeu por seu rosto ébano, e as cores vermelho, preto, azul e amarelo dos lenços tradicionais que as mulheres Gullah levavam enroladas na cabeça e amarrado na frente da saia, fluindo até atingir os tornozelos. Uma camisa assustadoramente azul de Da Plat Eye pendurada até seus quadris. Ela provavelmente tinha um metro e cinquenta e sete de altura. Minha pequena avó Gullah.

— Ah! Aqui está a minha Riley Poe. — ela disse e como fazia todas as manhãs, correu para me abraçar, como se não tivesse me visto há muito tempo. Eu tenho que admitir que é bom que alguém se importasse tanto. Com o par de palmas de suas mãos fortes, ela esmagou os lados do meu rosto, apertou minhas bochechas, abaixou minha cabeça e beijou-me na ponta do meu nariz. Os olhos escuros e insondáveis olharam para os meus, e ela deu um fingido olhar severo.

— Onde está seu irmão, hein? — Perguntou neste sotaque Gullah que eu nunca canso de ouvir, mesmo a versão mais relaxada que eles falavam em torno de Seth e eu. A cadência e o tom desse crioulo misturado com o Inglês Elizabetano e o fascinante da África que atraía o ouvinte de volta no tempo. Eu amava isso. — Aquela criança preguiçosa ainda está na cama? — Perguntou.

— Claro. — eu disse, passando o braço ao redor dela enquanto caminhávamos para a cozinha. O aroma de chá acabado de fazer encheu a construção de duzentos anos, juntamente com a madeira envelhecida e bacon frito. Meu estômago roncou tão alto que Estelle se virou e deu uma risada.

— Seu pobre estômago, você não come o suficiente. — disse ela, balançando a cabeça. — Agora, sente-se aqui, menina. Preacher está esperando com o seu chá. Vou trazer o bacon e biscoitos.

— Ótimo. — eu disse, dando a Estelle um sorriso rápido e me apressei para passar panelas de aço inoxidável, pratos, panelas de barro, cestas tecidas à mão e ervas penduradas no teto e paredes de papel de jornal, (jornais cobriam as paredes mantendo os espíritos maus longe, visto que eles têm que parar e ler cada palavra,

antes de tomar outras ações, uma crença Gullah genial) para o cantinho do café da manhã na cozinha.

Preacher estava em sua cadeira de madeira e as costas retas como sempre, que tinha provavelmente uma centena de anos, perto da janela de frente que dava para a rua do rio. E não importa o quão quente era o tempo, sempre, sempre, usava uma camisa de algodão xadrez com mangas compridas e um par de jeans desbotados. Com um gorro de pelo curto, um colar branco puro marcado contra a sua pele negra de cetim, ele parecia cada pitada de uma parte de um médico de raiz Gullah..

Seus olhos castanhos oniscientes me avaliavam enquanto eu caminhava em direção a ele, e de alguma maneira, mesmo depois de tantos anos, Preacher ainda tinha a capacidade de fazer algo que ninguém mais poderia: fazer-me contorcer. Nunca deixei que notasse, é claro, e ele sabia disso. Era um jogo entre nós, o velho astuto Gullah totalmente sabia das coisas.

Eu encontrei os velhos olhos castanhos, com um olhar de total confiança, controle, e um ar de arrogância e nós continuamos com o nosso olhar em silêncio até que Estelle entrou.

— Ah, vocês tolos, parem os olhares esta manhã. — ela disse, rindo. — Vocês não se cansam de jogar este jogo? Sente-se, menina. Eu já comi, então coma tudo.

Uma pequena contração nos lábios de Preacher me fez rir e o jogo havia terminado.

— Sim, senhora, eu vou. — disse, e fez o que me disseram. Estelle colocou um prato de bacon frito e biscoitos grossos sobre a mesa entre mim e seu marido, juntamente com uma garrafa de melaço de cana. Uma xícara de chá fumegante pousou e pronto. Preacher sorriu, um sorriso grande de cor branca igual o de sua esposa. Olhou um pouco mais, depois acenou com a cabeça para meu prato.

— Coma, não quero escutar mais o seu estômago roncar. — ele disse com uma risada.

— Não tem que pedir duas vezes. — eu disse, e comemos em silêncio por alguns minutos, e depois de dois biscoitos embebidos em melaço de cana, e três fatias de bacon, empurrei o meu prato para o lado e tendo um par de colheradas de açúcar marrom e um pouco de creme, comecei a minha primeira xícara de chá.

O tempo todo, ele parecia olhar mais profundo do que o habitual. Talvez tenha sido a culpa falando, por não dizer imediatamente sobre a pedra do inferno. Misturei o melhor que pude e tomei um gole de chá. A mistura picante de ervas Gullah estranha e misteriosa no começo me picou na garganta, como sempre, em seguida, uma suavidade irresistível desceu quente em meu interior. Olhei a minha bebida e ele tomou um gole de sua cerveja, preta e rala.

— Me envie seu irmão durante esta tarde. — sua voz era profunda e sedosa. — Para colar jornal naquelas paredes de cima para mim e eu pagarei. Eu não posso dar chances para os *Wudus* e o papel velho está caindo em algumas partes. — Ele suspirou e esfregou o pescoço. — Eu estava querendo substituí-lo, mas estou ficando mais velho, menina. As articulações doem.

Inclinei-me para trás na cadeira, com meu chá e franzi a testa. *Wudus* eram os maus espíritos para os Gullah, algo que ele acreditava de todo coração. Eu não posso dizer que acreditava nisso completamente, mas eu não era totalmente oposta à ideia. Examinei-o por alguns segundos.

— Minha bunda, que você está envelhecendo. Você parece exatamente como no primeiro dia que te conheci. — mexi minhas sobrancelhas. — Você é sexy. Sério.

O riso agudo de Estelle balançou as painéis penduradas nas vigas.

— Ha! Oh menina, que vergonha!

— Você é uma louca e pintada garota branca. — disse ele sorrindo. — Eu te amo como minha própria filha, você sabe? E a Seth também.

Olhou-me mais de perto e senti em meus ossos que ele suspeitava de que algo estava acontecendo. Mesmo se você não acreditasse nos costumes Gullah, não havia como contornar o poder irradiando de Preacher. Foi ele quem me salvou, quando eu era uma garota punk, tirou-me de um caminho total para a autodestruição.

Por isso o Gullah me chamava, por causa da minha pele com tinta: pintada. Eu sempre amei e se encaixava em mim como uma luva. Eu esvaziei a minha xícara de chá, levantei e caminhei até Preacher, que na verdade parecia um pouco cansado hoje, e para ser honesta, isso me irritou muito. Eu passei meus braços em volta de seu pescoço e o abracei com força.

— Sim, eu sei e nós te amamos também. — Eu beijo seu rosto. Seu único e familiar cheiro de sabonete caseiro chega ao meu nariz.

— Eu não sei o que nós faríamos sem você e Estelle. — encontrei o seu olhar.
— Vocês salvaram minha vida. A minha e de Seth.

Eles sabiam isso também, e não era a primeira vez que dizia isso a eles. Por alguma razão, necessitava assegurar-lhes que eu ainda me sentia dessa forma, e eles permitiram isso.

Preacher se sentou em silêncio, como de costume e nós olhamos um para o outro pelo que pareceu um longo, longo tempo. Ele e Estelle e sua extensa comunidade eram tudo o que Seth e eu tínhamos.

Nosso pai? Lembro-me apenas de visões vagas dele e sou muito feliz com isso. Ele nos deixou quando eu tinha dez anos e Seth era um bebê. Lembro-me de minha mãe chorando por horas, dias e dias, e eu sempre iria odiá-lo por isso. Fodido idiota. A última notícia que tive era que ele estava em algum lugar do sistema prisional de Louisiana. Eu não me importava se não o visse novamente. Às vezes, porém, Seth perguntava por ele e pensei que estava na idade em que sua curiosidade queria saber mais. Todo homem quer um pai, mesmo se o pai era um total idiota.

Estelle se apressou de volta para a sala e me deu um tapa no traseiro, interrompendo os meus pensamentos de ódio.

— Você é a melhor garota que eu conheço. — disse, pegando os pratos antes que eu tivesse a oportunidade de pegar o meu. — A menos que você esteja pensando em pintar as pessoas em seus shorts extravagantes, querida.

Eu ri, dei-lhe um beijo rápido na bochecha e sorri para Preacher.

— Paz, homem. Enviarei Seth daqui a pouco.

Preacher assentiu solenemente com a cabeça, e eu estava na cortina azul antes dele dizer alguma coisa.

— Quando você sentir que deve dizer o que não nos disse, volte. — disse ele.
— Eu tenho ouvidos para você.

Olhei por cima do meu ombro e o encarei espantada. Eu sabia que ele podia dizer que algo estava acontecendo.

— Como você faz isso? — Eu perguntei. Sério. Eu tinha a minha melhor cara de pôquer e ele ainda podia dizer que eu estava escondendo algo. Maldito.

Preacher apenas levantou um ombro coberto de manta escocesa.

— Volte. Falaremos diretamente.

Eu conhecia este olhar.

— Eu vou. — Eu escorreguei através da cortina e deixei a Da Plat Eye rapidamente. Não havia quase nada pior do que Preacher sabendo que algo estava acontecendo, e foi o que ele tinha feito e teve uma paciência infinita esperando eu soltar a informação. Confie em mim quando digo que ele se deleita em saber o que te faz contorcer-se — mesmo se ele não mostrasse no exterior. Isso me fez sentir muito culpada por esconder algo, mas eu precisava ver exatamente o que os meninos tinham feito na pedra do inferno. Isso era uma grande coisa e eu sabia que seria para Preacher.

Caminhei de volta para Inksomnia, entrei e olhei para o relógio Kit-Cat (eBay, Clássico Preto, septuagésima quinta edição de aniversário, \$ 49,99 com bateria e frete gratuito!) na parede: oito e quarenta e cinco. Eu tinha tempo para correr até Boaventure, dar uma olhada nos danos e retornar a tempo de tomar um banho. Em seguida, abrir a loja. Meu primeiro compromisso era às 11:30, então não havia problema. Agarrando minhas chaves, escutei por um minuto e eu não ouvi nada, então percebi que Seth ainda estava lá em cima.

— Chaz, vamos lá, garoto. — eu gritei, e Chaz veio pelas escadas, ansioso para dar um passeio. Corremos para a porta e em poucos minutos estávamos na Bay Street, na direção de Abercorn. Chaz sentou no banco do passageiro, o vento soprando suas orelhas para trás, tão feliz quanto um cachorrinho. Ele era muito inteligente e completamente obediente. Ótimo cachorro.

Como era o primeiro sábado do mês, o distrito histórico já estava lotado de turistas e comerciantes locais a pé. O primeiro sábado incluía música ao ar livre, compras na calçada (as lojas levavam as mercadorias para a calçada para vender) e os vendedores de alimentos ao longo da caminhada do rio (eu me lembrei naquele momento que eu tinha que pegar um pedaço de bolo mais tarde) e ainda por cima, a escola começaria em breve, então as pessoas estavam aproveitando os seus últimos períodos de férias no pouco tempo que sobrava. Ao meio-dia, não haveria uma única calçada visível, o que estava tudo bem para mim. Sempre tinha turistas que queriam fazer uma tatuagem espontânea, e se eu tivesse uma vaga disponível, daria a eles uma tremenda arte corporal.

Enquanto eu passava por Lafayette Square, vi Capote ajoelhado próximo a um banco do parque, puxando seu saxofone de seu estojo. Apertei a buzina duas

vezes, Chaz deu um latido e Capote olhou para cima, acenou e sorriu largo e branco. Ele era Gullah, um dos primos de Preacher, que morava em um pequeno apartamento na rua Gaston.

O velho era um amor e podia tocar saxofone como um louco delirando. Uma vez eu perguntei por que ele nunca tinha sido profissional e sua resposta foi simplesmente: "Eu não preciso de todas essas coisas extravagantes, garota." Capote era uma figura permanente em Savannah.

Quanto mais entrava em Bonaventure, mais pesado tornava o cheiro do pântano, dentro do meu Jeep e em torno dele, respirei fundo. Alguns odiavam o cheiro de salmoura, mas eu gostava. Isso me lembrava a minha infância, a parte inocente, depois que havíamos superado que meu pai nos deixou, e antes eu havia me tornado uma criança selvagem batendo a cabeça.

Deus, como eu queria ter toda essa merda de novo! Eu fiz minha mãe passar um inferno, e ela não merecia nenhum inferno mais. A dor daquele último momento com ela, enquanto ela estava morta, sem vida em meus braços, sempre iria me perseguir, até mesmo nos meus sonhos. Sinto tanta falta dela que meu peito doía só de pensar nisso, e sim, eu penso sobre isso todos os malditos dias, mesmo quando não queria.

Acaba acontecendo, invadindo minha massa cinzenta, fazendo-me lembrar de coisas que não, necessariamente, quero lembrar. Era a minha penitência, suponho, porque eu era culpada da morte de minha mãe. Provavelmente porque tinha esgotado cada grama de minha loucura festejando naquela época. Posso parecer um pouco dura agora, mas estou tão domesticada quanto possível. Uma bebida ocasional no Molly McPherson é tudo o que me permito. Eu deixei a vida selvagem para trás e apenas as cicatrizes e os restos do meu passado ainda eram visíveis e presentes. E tudo isso para a minha madura idade de vinte e cinco anos.

Eu levei o jipe para a pista da esquerda no semáforo de Victory Drive e deixei em ponto morto enquanto esperava. O sol passava ferozmente pelas vigas de madeira e as copas dos carvalhos e musgo espanhol, fazendo-me entrecerrar os olhos através dos meus óculos escuros coloridos, e era apenas nove horas — eu não sou uma pessoa matutina nem noturna — eu sou igualmente confortável em ambos os horários do dia. Mas quando a minha pele branca como um lírio estava descoberta — não era particularmente apaixonada por banhos de sol — me

queimava furiosamente. Um fino brilho de suor cobria de umidade minha pele exposta e uma mínima brisa me refrescou.

Eu observei os motoristas e o trânsito, enquanto escutava os sons da manhã de Savannah, mesclada com as buzinas, perdida em meus pensamentos até que uma voz suave do carro ao lado me parou.

— Oi, gata, bonito cachorro. Realmente, muito bonita as tatuagens.

Olhei para frente, sem nenhum interesse. Um rosnado baixo soou profundamente da garganta de Chaz. E se a dupla rejeição provavelmente deixou o homem com raiva, ele não demonstrou. Eu podia sentir seus olhos em mim, ainda que, nem sequer o havia olhado uma só vez. Era apenas uma sensação estranha que cheguei a sentir muito rapidamente, e passou, inclusive mais rápido ainda.

— Ei, não seja tímida, gata. — disse, como se eu tivesse um osso tímido no meu corpo. — Você quer me encontrar mais tarde? Mostrar-me todas as suas tatuagens? — Ele riu. — Você pode deixar seu cão em casa.

Meu sinal ficou verde e coloquei o jipe em primeira marcha. Eu segurei a embreagem por um segundo quando olhei para o cara e o observei sobre a borda dos meus óculos escuros. Imagine. Um cara inteligente de terno, em um novo Lexus, querendo obter algo que ele, provavelmente, pensou que era estranho, eu. Ele provavelmente tinha uma esposa e filhos em casa. Portanto, não estaria na minha agenda, nem agora nem nunca. Por alguma razão, os caras pareciam pensar que vestir-se alternativamente e tatuar-se, significava que você era uma menina fácil.

O mais engraçado era que eu realmente não era nada, como...eu não era gótica, ou qualquer outro tipo de estilo. Apenas tinha um...peculiar senso de estilo artístico. Eu sorri, balançando a cabeça, divertida, porque para mim ele era um idiota malditamente doente.

— Só em seus sonhos, vovô. — eu disse. Chaz latiu, e fiz a curva. Eu ouvi que me chamou de vagabunda e por algum motivo, isso me fez rir. Chaz até parecia que estava sorrindo, com a língua para fora de sua boca aberta e pegando o vendo, deixando baba cair em todos os lugares. Haviam me chamado de muito pior, você

pode acreditar. Paus e pedras⁴, baby. É necessário muito mais do que um pequeno insulto, para ferir meus sentimentos.

Através da pequena comunidade de Thunderbolt, abri caminho para Bonaventure Road, para o portão da frente do cemitério. Embora estivesse aberto desde as oito horas, o lugar parecia completamente deserto, estranho para uma manhã de agosto. Geralmente, os turistas passeavam dentro e fora do prédio, serpenteando através do terreno, checando os monumentos famosos enterrados de forma escandalosa.

Caminhei lentamente para a porteira do prédio de tijolos vermelhos, seguindo o caminho da direita, e deslizei ao longo de uma segunda porta traseira na propriedade. Bonaventure era um representante exemplar do Sul, com árvores de carvalho de duzentos anos de idade, cobertos com um manto de musgo e dezenas de caminhos de terra estreitos, que levavam para as estátuas de mármore branco e cinzas lápides mortuárias do cemitério.

Na primavera, as rosas, fúcsia, e as azaleias brancas revestiam os caminhos de terra e as videiras de glicínias se penduravam como os cachos de uvas.

Muito bonito, realmente. Uma leve brisa salgada sempre parecia estar a frente, levantando as folhas e tudo o que estava no seu caminho. O próprio cemitério passava pelo Rio Wilmington e zonas úmidas, e acho que se eu fosse morrer e ser enterrada em algum lugar, Bonaventure seria um bom lugar de descanso eterno. Desde que isso fosse longe da pedra do inferno, obrigada.

Estacionei o Jeep, desliguei o motor, coloquei a primeira marcha e puxei o freio de mão, então eu me sentei por um momento, observando a área. Sentindo algo... engraçado. Uma leve brisa passou por entre as folhas de carvalho e o leve sussurro era o único som no cemitério. Olhando para as fileiras de lápides, estátuas de mármore branco e as criptas antigas, percebi que estava muito quieto, mesmo para um cemitério. Nenhum grilo, inseto ou pássaro fazia o menor som. Estava totalmente silencioso e fiquei surpresa. E eu normalmente não me surpreendo. Olhei para o meu cão, que tinha seu nariz levantado e cheirava o ar. Ele sentia também.

⁴ Pedras e paus podem quebrar meus ossos / Mas nomes nunca me ferirão – Trecho de uma música

— Fique, Chaz. — eu ordenei. Ele gemeu, mas firmemente plantou seu traseiro no assento. Não se moveria até que eu dissesse a ele. Desci do jipe e comecei a andar pela estrada de terra, com os meus chinelos que batiam em meus calcanhares, em direção à parte traseira do cemitério onde estava a pedra do inferno.

Quanto mais perto que eu chegava da cripta, mais estranha me sentia e uma sensação peculiar tomou conta da minha pele. Estremeci absolutamente sem nenhuma razão e estava muito consciente disso, como se uma centena de pequenas formigas se arrastassem sobre mim. Mais de uma vez eu olhei por cima do meu ombro e novamente como na noite passada. Como se meus pés tivessem uma mente própria, o meu ritmo acelerou. O curioso foi que a batida de meu coração fez isso também, e minha respiração. Tudo se acelerou.

Uma vez que a pedra do inferno estava à vista, eu deixei a estrada de terra e cortei pelo gramado, a estranha sensação ficou mais forte, quanto mais perto eu chegava. Provavelmente era apenas a minha superstição irracional, mas eu ainda estava nervosa e até andei mais rápido. Fui para a cripta e olhei com descrença. Lentamente fui até a abertura irregular, só que não era irregular mais. A porta oxidada estava no lugar sem romper. Era como se nada tivesse sido alterado.

Agachada, passei os dedos levemente sobre o aço velho, as bordas se encaixavam perfeitamente contra a abertura da cripta, até parecia enferrujada no lugar. Foi selado hermeticamente. Intacto. Sem quebrar. *Que diabos?* Continuei investigando no chão, na terra e na pedra, para detectar qualquer sinal do que tinha acontecido na noite anterior com Seth e seus amigos. Eu não vi sequer um rastro de tênis Converse. Inclusive inspecionei algumas das criptas, e todas pareciam estar da mesma maneira. Velhas, mas intactas. Nenhum sinal de vandalismo em qualquer lugar. Nada que indicasse que um grupo de adolescentes estava fazendo barulho ao redor e tropeçando para fora de uma das criptas.

De repente girei e saltei ao mesmo tempo, a minha mão voou para a minha nuca. Eu senti como se alguém tivesse respirado contra minha pele. Olhei a todas as partes; não havia ninguém por perto. Olhei através do cemitério, vi um dos trabalhadores empurrando um carrinho, mas nenhuma alma estava perto de mim. Provavelmente não perto o suficiente para bater no meu pescoço. Não para parecer

como um bebê ou algo assim, pratiquei kickboxing por sete anos e lutas de rua bem antes disso, mas eu tinha terminado minha inspeção da pedra do inferno.

As pessoas? Eles não me assustavam depois de tudo. Eu tinha visto o pior da humanidade, de perto e de maneira muito pessoal. Mas os espíritos? Como eu disse antes, não estava completamente convencida de que eles existiam, mas Preacher estava uns cem por cento seguro, sobre os wudus, e esse fato só me fazia quase sair correndo.

Corri de volta para o jipe, onde o meu cachorro estava esperando pacientemente, pulei no carro e conduzi como um grande maldito gato assustado. Quando passei pelas portas com colunas pretas de Bonaventure, não poderia deixar de me sentir como se alguém estivesse me observando e duas vezes, joguei meu olhar sobre meu ombro. Muito, muito estranho.

Eu me perguntei se tinha estado em outra cripta na noite passada. Eu não acredito, cresci aqui. Conhecia Bonaventure como a palma de minha mão, e sabia muito bem onde estava esta maldita pedra. O encarregado do cemitério pode haver arrumado, mas tão rápido? A porta tinha estado enferrujada no lugar. Não tinha como consertar assim. Parecia... antigo. E foi por isso que eu definitivamente tinha que falar com Preacher.

Algo não estava certo, e eu senti nas minhas entranhas que só ele seria capaz de descobrir o que era. Eu falaria para ele esta noite, uma vez que eu terminasse com meu último cliente. Meus pensamentos continuaram passeando quando eu fiz meu caminho de volta para Factor's Walk, e quando passei pela porta de trás do Inksomnia, ainda não tinha uma resposta. Isso me incomodou malditamente.

Eu joguei as minhas chaves no balcão, subi correndo as escadas para tomar banho, Chaz junto aos meus calcanhares. Nyx, minha outra artista e amiga mais próxima, estaria aqui em breve e eu iria um pouco mais tarde. Antes de entrar na porta do banheiro, eu fui dar uma olhada no quarto de Seth, e no momento que entrei, uma onda de calor e umidade me atingiu. A janela do quarto estava aberta, o vento quente estava entrando. Seth estava sobre sua cama, sem camisa e ainda estava com as calças que tinha estado na noite anterior. Fechei a janela e sacudi seu braço. Um grunhido soou da porta, e me virei para ver Chaz ali de pé, o pelo de seu pescoço estava arrepiado.

— O que está acontecendo com você, menino? — Eu perguntei. — É só o preguiçoso do Seth. Desça as escadas e espere Nyx. — Grunhindo outra vez, se virou e correu. Totalmente estranho, mas afstei isso de mim e virei de novo para meu irmão.

— Hey, idiota, eu não estou pagando Georgia Power para resfriar a margem do rio. Porque está com a janela aberta? — Eu perguntei. O cabelo castanho escuro liso de Seth estava molhado, sua pele toda escorregadia. Afastei os seus cabelos de seus olhos e sacudi-o novamente.

— Hey, irmão... acorda. — Continuou dormindo, duro, e quando eu pensei que não iria responder, ele fez.

— Um pouco mais. — Seth sussurrou e enterrou o rosto no travesseiro. — Aceite.

Olhei para o meu doce pequeno irmão, que nunca deu um momento de dificuldade desde que mamãe morreu, e eu não pude resistir.

— Sim, o que seja, garoto. — eu disse, então me inclinei e beijei o topo de sua cabeça. Adolescentes. Eu costumava dormir como a morte. Com um suspiro, deixei seu quarto e pulei no chuveiro.

Coloquei a minha minissaia vermelha e preta favorita (equipada com um cinto da moda com anéis de aço que desciam perfeitamente em meus quadris) e um par de shorts curtos para vestir por baixo, botas até o tornozelo pretas de salto alto e uma blusinha preta que tinha o logo Inksomnia na frente em vermelho, amarrei meu cabelo comprido num rabo de cavalo alto, ouvi Nyx se movendo escada a baixo, entrando na loja.

Eu segurei uma gargantilha de cordão preto com os mais bonitos e pequenos cristais pretos em forma de corações e um rubi no centro e coloquei em meu pescoço, sai correndo do quarto e desci os degraus estreitos. No momento que atravessei a brisa, Nyx se virou e me mostrou seu sorriso infame, entusiasmado e brilhante. Chaz estava em seu lugar habitual, em uma grande almofada trançada perto do canto.

— Hey, Riley. — disse ela, e deixou uma caixa de tinta Skin Candy que deve ter chegado enquanto eu estava no chuveiro. — Hoje será um lindo dia! — Se virou, caminhou até a janela da frente da loja em frente a River Street, e abriu as cortinas. — Basta olhar lá fora! O sol brilha com perfeição, cheio de pessoas muito felizes

que estão morrendo de vontade de fazer sua primeira tatuagem! — Se virou, me olhou expectativamente, olhos abertos inocentemente, as mãos nos quadris. — Você não acha?

Sorri. Não havia outra alma no mundo como a da Nyxinnia Foster.

— Eu aposto um jantar no Garibaldi's que nós conseguimos pelo menos um homem ou uma mulher de uniforme aqui hoje, reclamando que nós estamos fazendo o trabalho do diabo.

Nyx me estudava muito, suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas se uniram completamente, franziu o cenho. Seus olhos se estreitaram.

— Você está certa, Poe.

Se havia alguma coisa na minha vida que eu poderia contar, era que a alegre Nyx Foster sempre estava com a metade do copo cheio, ao invés de metade vazio, e realmente amava isso nela. Tínhamos ido ao SCAD juntas (que é a Faculdade Savannah de Arte e Design) e nos tornamos amigas rapidamente desde o primeiro dia de aula. Depois que eu abri Inksomnia, ela foi a primeira artista que eu chamei. Como eu, ela definitivamente tinha seu próprio estilo, sua própria mentalidade e visão da vida, e inclinado para o que as pessoas geralmente classificam como alternativo, ou gótico, com poucas distorções de Nyx.

Com cabelo espetado em madeixas castanha avermelhadas e com mechas, e, de nove entre dez vezes, tinha tranças, pele de porcelana que era quase tão branca quanto a minha, a maquiagem do olho esfumaçada, batom vermelho, ela definitivamente se destacava na multidão.

Para nós, era apenas uma expressão artística de nós mesmas. Sabendo que hoje era o primeiro sábado do mês, e River Street estaria cheia até o meio dia, ela usava um de seus modelos preferidos, pensei que ela estava fantástica! Short curto preto com suspensórios, meias rasgadas branca e preta que atingiam os joelhos, um par de plataformas pretas de Mary Janes, e uma blusinha vermelha com redinha preta. Na parte de trás da camisa tinha uma teia de aranha bordada com uma pequena aranha no centro. Combinando com a tinta da parte de trás do seu pescoço perfeitamente.

Nyx tem um coração doce, uma das pessoas mais frágeis que eu conhecia, mas a única coisa que não tínhamos em comum era a origem. Embora fosse uma pessoa única, como eu, confortável em sua própria pele, nunca viveu na rua, nunca

esteve metida em problemas, ela nunca tinha visto o interior de uma delegacia de polícia, e tinha um apoio familiar fantástico. Nunca teve sequer uma multa vencida. Eu tinha passado a minha adolescência totalmente deslocada, fumando como um trem de carga, entrando em brigas demais, faltando à escola e andando com os bandidos.

Essa multidão gostava de heavy metal e clubes góticos. Eu não me importava, só porque alguém é gótico ou punk não significa que eles são sombrios ou perigosos. Aconteceu que me juntei com um bando de perdedores, que colocava seu próprio toque pessoal no estilo góticos. E eu corri rápido, passando por eles. Muito para meu pesar, isso sim.

Góticos não é o que você é. Isso é quem você é. O público em geral comete esse erro o tempo todo. E para lembrar, não é nada do que me envolvi antes. Não a louca e festeira adolescente.

Veja, esse é o engraçado sobre Savannah. A propaganda, a parte turística, a Savannah que você vê em revistas de viagens? Isso é tudo agradável e historicamente valioso. Quando as pessoas pensam em Savannah, pensam no “Velho Sul”, charretes de cavalo, musgo, uma colônia original com praças pitorescas, torres de igrejas, e estranha o bastante, arquitetura “Neogótica”.

Talvez até mesmo Paula Deen em Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal. A parte de Savannah que eles não veem, e a parte da sociedade que é cega? Isto está lá, dentro das sombras. Escuro. Perigoso. Escondido, a menos que você entre. Inferno, há algumas partes que provavelmente nem eu mesma conheço, especialmente agora. E se você não for cuidadoso, pode ser sugado diretamente dentro do poço do desespero. Sempre podemos cair na merda. Eu sei. Eu estive lá. Eu caí e rolei nela. E às vezes, quando você está dentro, você fica lá dentro. Ou não sai vivo. Eu escapei, mas não sem repercussões. Das grandes.

Acabamos de abrir a loja e ligar a música, e então o meu cliente chega, junto com quatro de seus amigos, todos militares. Bem, prestes a ser, nós tínhamos um monte desses caras aqui na loja. O Hunter Army Airfield está aqui em Savannah, e Fort Stewart estava próximo de Hinesville. Meu cliente era um homem jovem, dezenove anos, ele e seus amigos estavam indo para Parris Island (o campo da marinha) em uma semana. Todos eles ostentavam cortes de cabelo e uma atitude

animada. Deus, pareciam...muito jovens. Apenas quatro anos mais velhos que Seth. Enquanto os outros exploravam os livros de arte e conversaram com Nyx, meu cliente, cujo nome era Zac, andou timidamente para mim. Alto, um pouco desengonçado, com um par de olhos azuis, e deu um sorriso duvidoso. Estava olhando para os meus braços.

— Isso é um trabalho de arte muito bom — disse ele. — eu posso ver o resto?

Eu levantei uma sobrancelha e sorri.

— Você não é tão tímido como parece. — eu respondi.

O rosto de Zac imediatamente ficou tão vermelho como um tomate maduro.

— Oh, não queria desrespeitar, senhora. Eu ouvi sobre isso e honestamente, eu só queria...

Eu ri e balancei a cabeça.

— Acalme-se, Soldado. Não há necessidade de ficar nervoso. Me fazem a mesma pergunta quase sempre que as portas da minha loja se abrem. Eu estou sempre preparada. — Eu sorri. — Biquini por baixo, assim ninguém se excita demais. Entendeu?

Zac riu.

— Sim, senhora.

Seus amigos estavam instantaneamente ao seu lado. Nyx estava de pé atrás deles, um sorriso no rosto, balançando os quadris em uma pequena dança no ritmo da música. Eu levantei as minhas sobrancelhas, e em um movimento fácil, praticado, eu levantei a minha camisa de Inksomnia e virei. Todo mundo sempre queria ver meus dragões, e eu admito, eram realmente bonitos. Com tinta verde esmeralda, com escamas rubis aleatórios e linhas de ébano, a arte começava nas minhas costas e girava subindo a minha coluna. Os dragões em meus braços começavam no meu bíceps e enrolavam descendo para os meus pulsos, a ponta de cada cauda se abraçava ao redor do meu dedo indicador.

— Uau. — Zac disse com satisfação em sua voz. — É lindo. Quanto tempo demorou a fazer?

— Doe? — Perguntou um de seus amigos.

— Quem o fez? — queria saber o outro.

— Isso — disse Zac, ficando inclusive mais vermelho — é alucinantemente sexy.

Eu sorri e balancei a cabeça para as perguntas que já respondi umas cem vezes antes, e justo quando me virei, vi esse cara, em pé na janela do estúdio na parte da frente de Inksomnia, olhando para dentro, e eu congelei. Senti que minha respiração estava presa na minha garganta e meu coração batia forte contra minhas costelas. Não passou mais de três segundos, e parecia como se tivéssemos estado lá por uma hora. Ele usava um par de óculos escuros, senti como se ele pudesse ver claramente através de mim. Eu não conseguia tirar os olhos dele.

Quando eu pisquei, tinha desaparecido. Assim, tão rápido. Eu pensei em correr para a janela, ou ainda melhor, ir para a porta, e procurá-lo, ver o caminho que ele seguiu. Mas não fiz. Eu não tinha nem ideia do porquê. Algo me manteve plantada bem onde eu estava.

Apressadamente, coloquei a minha camisa de novo e me virei para os meninos e encolhi os ombros.

— É, dói um pouco, mas não muito. Levou seis sessões, provavelmente quatro horas cada uma. — E sorri — E o artista está de pé atrás de vocês.

Todos eles se viraram e olharam apreciativamente para Nyx, que deu um cumprimento casual.

— Não foi nada.

— Incrível. — disseram todos eles em momentos diferentes.

Olhei para Zac.

— Você está pronto? — Eu perguntei. — O que você tem para mim?

— Sim, senhora. — disse outra vez, fazendo-me sentir totalmente velha. Mas estas eram as maneiras do Sul, nascido e criado, e uma vez que entrava no seu cérebro, sempre e por todo sempre ficará ali. Do bolso de trás puxou um pedaço dobrado de papel branco com um esboço e abriu. Entregou-me, e inspecionei pensativamente. Era um esboço à mão livre de um lagarto tribal de inspiração Celta.

Assenti.

— Bonito. — E era bastante. — Fantasticamente detalhado. Foi você que fez? — Perguntei.

— Sim, senhora.

— Bom trabalho. — Eu abaixei a cabeça, encontrando seu olhar. — Deixe-me copiá-lo e transferir para o computador, e estará pronto para passar a tinta.

— Eu vou ligar a “Viúva”! — Nyx disse animadamente, e correu para a área de trabalho para ligar o gerador (chamado de Viúva Negra).

Eu tinha construído Inksomnia completamente no espaço que seria a sala, quase como uma maravilhosa loja, tinha um sofá, duas poltronas, e um pequeno espaço atrás. A mesa de café no centro revestida de couro, preenchidos com vários álbuns de desenhos artísticos no canto na parte da frente da loja. Duas áreas de trabalho para colocar tinta no centro, com uma visão clara do River Street para que as pessoas pudessem olhar de dentro e observar. A única parte escondida era nosso quarto, estava localizado na parte de trás do prédio, subindo as escadas que conduziam ao meu apartamento e de Seth.

No andar de cima está a nossa cozinha, por um pequeno corredor estava a sala, e depois ainda, havia dois banheiros e dois quartos espaçosos. Era um sistema genial, pensei, e tinha uma visão perfeita sobre o Rio Savannah. Preacher tinha me ajudado a conseguir alguns anos atrás.

Cerca de duas horas e dez minutos depois, eu terminei o lagarto Celta de Zac, e estava totalmente encantada com ele. Eu admito, parecia totalmente sexy, o desenho tomava seu ombro direito e omoplata, a cabeça olhava de sua clavícula. Ele e seus amigos pediram para fazer algumas fotos comigo, e claro, concordei. Eu sempre ficava perplexa por quantos clientes me tratavam como uma celebridade, sou uma artista que amo totalmente meu trabalho, nada mais. Nem sequer tinha um espetáculo, já pensei em tê-lo. Nyx disse que eu era uma lenda na indústria da tatuagem, simplesmente adoro o meu trabalho artístico. Zac prometeu enviar uma cópia da foto, e eles partiram. De alguma forma, eu não sabia se era porque eram tão jovens e cheios de vida, ou porque sabia que eles eventualmente seriam lançados para o centro da batalha, a sua inocência se perderia para sempre, e com esse adeus, me senti triste. Normalmente, não era muito sentimental, mas definitivamente estava no modo sentimental hoje.

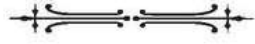
Era quase cinco horas da tarde antes que pensasse outra vez em meu irmão.

A loja estava cheia desde que abrimos, o tempo tinha voado, e só agora acabei o crânio de um gato horrível na costela de um sujeito, quando o fato de que Seth não tinha vindo para a loja o dia todo de repente me bateu. Corri escadas acima e entrei no quarto, ele não tinha se movido. O medo agarrou minha garganta, e por um segundo pensei que ele estava morto. Memórias antigas deixaram muitas

cicatrizes, e a maneira que encontrei a minha mãe? Continuará estampada no meu cérebro para sempre. Quase tropecei para ir à cama, e peguei a mão de Seth. Ele ainda estava quente, e na parte de trás da minha cabeça, sabia que estaria. Eu só estava alucinando.

— Seth? — Eu disse, e o sacudi. Nenhuma resposta. — Seth!

PARTE 3



MUDANÇAS

BLOOD IS THICKER THAN WATER



Pouco a pouco, se abriram as pesadas pálpebras de Seth, e a confusão se refletia em seus vidrados olhos verdes enquanto tentava se concentrar em mim.

— O quê?

Um suspiro de alívio me escapou, junto com a sensação de que estava me comportando como uma mãe exagerada. Com a palma de minha mão, senti as bochechas de meu irmão, sua testa, e ele simplesmente me olhou como se tivesse crescido um chifre girando no meio da minha cabeça. Olhei seu rosto.

— Você está bem?

Seth tentou levantar-se, mas caiu contra o lençol.

— Sim, Bem. Simplesmente...cansado.

Retirei o cabelo de seu rosto.

— Graças ao seu divertido passeio a Bonaventure, provavelmente você pegou alguma coisa. — Não estava segura de que fora por isso, especialmente nos dias quentes do verão no sul, como mamãe sempre dizia, e parecia que tinha razão. — Só fique quieto na cama e descanse. Quer algo para beber? Comer?

Os olhos de Seth já estavam se fechando de novo.

— Não, obrigado. — Ele se virou de barriga para baixo. — Você não está fumando escondido, está? — murmurou no seu travesseiro.

Nesse momento, sorri.

— Não, mamãe. Se você continuar me preocupando, eu posso fumar. Agora, durma. — Preocupar-me com meu irmãozinho era algo estranho para mim, ele nunca antes tinha ficado doente, e como disse antes, nunca teve problemas. Acho que me fez sentir um pouco satisfeita comigo mesma. Agora? Me preocupava. Seth por outro lado, se preocupava por mim constantemente. — Muito bem, voltarei para te ver daqui um tempo. — o beijei na testa. — Eu te amo.

— Te amo, também. — Seth murmurou e adormeceu antes de eu sair do quarto.

Inksomnia me manteve ocupada o dia todo. Eu tinha compromissos até sete horas da tarde, e Nyx geralmente não marcava horário aos sábados para todos, ela mantinha este dia para os clientes que não marcavam e era corrido o dia todo. Em todo o dia, eu não conseguia parar de pensar em duas coisas: meu irmão cansado demais e o cara da janela. Não sei, algo me chamou a atenção totalmente sobre ele.

Tudo que eu podia recordar dele era sua camisa preta, seu cabelo castanho escuro que era meio bagunçado e franja para o lado, e a pele pálida. Estava muito longe para eu ver com todos os detalhes, exceto um par de perfeitos lábios carnudos. Então por que me afetou tanto? Em segredo, fiquei esperando que ele voltasse a aparecer, estava segura que o faria, e aposto que olhei para a porta umas cem vezes. Ele não entrou, e realmente não foi uma surpresa depois de tudo.

Certamente chamou minha atenção, normalmente os homens que me atraíam não eram exatamente parecidos como ele. Sejam os realistas. Um homem tinha que ser muito seguro e de mente aberta para que se interessasse por uma mulher com tatuagem de dragões nas costas e nos braços. Eu mencionei que tenho uma asa de anjo negro tatuado no canto do meu olho esquerdo?

Isto foi um feito em minha angustiante adolescência como minha primeira tatoo. E para ser absolutamente verdadeira, nem me recordo como consegui. Estava na festa, e acordei na tarde seguinte, e bam! Ali estava, a delicada pele ao redor tão roxa como uma beterraba, em completo contraste com que sou, eu era qualquer coisa menos um anjo. Devia estar muito mal por nem senti-la. Tremendamente patética. Porém, agora estou ligada a isso e só tenho que seguir com a corrente. Além disso, se existe uma coisa que exijo em um homem é a confiança. Em forma, com uma mente aberta, e lá estava provavelmente a principal razão para que eu não tenha um namorado. Duas características difíceis de encontrar juntos. Não é como se eu estivesse procurando ativamente.

— O que está olhando? — perguntou Nyx. Ela olhou para mim sobre o dorso de um avião que estava tatuando. Inclinou a cabeça para a janela da frente. — Eu perdi alguma coisa interessante?

Neguei com a cabeça.

— Dificilmente.

— Mentirosa.

Sorri, agitando minha cabeça de novo e continuei com meu trabalho. Nyx inspecionou Seth duas vezes, corri escada acima antes que meu último cliente chegasse, para ver como estava. Ainda estava dormindo profundamente. Isso era fodidamente muito sono, eu culpava... qualquer coisa. Adolescência, talvez? Corri pela rua, e comprei um par de churros, e fui para dentro. Nyx e eu comemos

enquanto estava quente, a cobertura de açúcar com a pegajosa cauda era delicioso. Não havia nada melhor.

Foi só depois das sete da noite, quando Nyx e eu estávamos tatuando clientes que finalmente Seth apareceu na loja. No momento que entrou, a cabeça de Chaz levantou de suas patas e rosnou.

— Chaz, pare! — ordenei. — O que está acontecendo com você? — Nunca tinha rosnado a Seth, a qualquer de nós, antes.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Seth, olhando ao cachorro. Parecia que tinha tomado banho, seu cabelo estava molhado e não cheirava como antes, graças a Deus. Porém, ainda não parecia o mesmo, inclusive depois de ter dormido tanto.

— Eu não sei. — disse. — Talvez ele saiba que você não está bem.

— Talvez. — falou, caminhando perto e olhando meu desenho. — Parece muito bom, irmã.

Limpei as manchas de meu cliente de novo com uma gaze, olhei rapidamente para Seth e continuei com a agulha.

— Obrigada. — lhe disse e voltei a me concentrar em meu trabalho, o zumbido baixo continuava enquanto arrastava a tinta negra na área. — O Preacher quer que você o ajude a colocar um pouco de papel de jornal, se estiver bem. — Terminei a sessão que estava trabalhando, limpei-o, então soltei o pedal. — Eu não disse sobre ontem à noite ainda. Você sabe que ele ficará louco, então me deixe fazê-lo. Eu estarei lá assim que terminar aqui. Estou com o meu último cliente.

Seth acenou com a cabeça, em seguida, empurrou sua longa franja fora do seu rosto.

— Tudo bem. Sim, eu me sinto melhor. Nós nos vemos. — Ele tirou os óculos de sol do bolso de trás, deslizou em seu rosto, e caminhou para a frente. — Hey, Nyx — disse.

— Oi, irmãozinho. — ela falou. — Bonito óculos.

— Obrigado. — Sem olhar para trás, Seth foi para a porta e seguiu para o Da Plat Eye. Nyx me deu um olhar interrogativo. Não era normal que Seth passasse tão rápido. Adorava a Nyx e nunca passou um dia sem abraçá-la e mexer com ela. Era um cara tão legal. E hoje não fez nada.

— Realmente, ele deve se sentir como uma merda. — disse Nyx. — Pobre homenzinho.

— Sim. — assenti, e continuei com meu trabalho. As nove e quinze, terminei meu último cliente, e Nyx estava no último minuto sem ninguém mais marcado. Eu estava limpando meu lugar de trabalho quando Gene (o nome de Gene Simmons, é claro) nos alertou de outro cliente. Gene era um corvo, um articulado corvo negro como tinta, logo acima da entrada, e quando alguém entrava ou saía, grassnava em voz alta. Era a coisa mais malditamente engraçada que eu já tinha visto.

Nyx tinha me dado quando abri Inksomnia pela primeira vez. Olhei por cima do ombro a tempo de ver uma mulher de meia idade com o cabelo curto, calças caqui ajustados, e uma camisa azul de botões caminhando através da porta. Ela sorriu, colocou um folheto na mesa de café e saiu a toda pressa. Nyx me deu um olhar e me sorriu enquanto eu caminhava à frente.

— Cumprimentos de Saint James — eu li no folheto. Olhei para Nyx e levantei uma sobrancelha. — Você me deve um jantar, irmã.

— Essa mulher definitivamente não era uma religiosa. — disse Nyx com um sorriso falso.

— Uma freira totalmente. — Eu meti o folheto na minha gaveta. — Elas não usam hábito, boba. — Fui para a porta da frente — Vou verificar Seth. Já volto, certo?

— Claro. — Nyx disse, e sai pela segunda vez neste dia. Por agora, a multidão de mais cedo estava diminuindo, uma nova multidão surgia, com um tipo diferente de festejo. A multidão da noite. Os responsáveis pelo cheiro de urina e de álcool nas ruas. Muitas coisas interessantes acontecem à noite no River Street. Eu testemunhei em primeira mão. Eu mesma estive envolvida em muitas delas, lá nos meus dias.

Enquanto caminhava para Da plat Eyes, eu respirei a pesada salmoura do rio Savannah, e uma banda tocava na rua abaixo. Engraçado, podia ouvir o saxofone de Capote das centenas de pessoas no centro da cidade, e sua melodia pairava no ar tão espessa como o cheiro de chocolate flutuando a favor do vento a partir de River Street Sweets.

Porra, essas coisas eram viciantes. Puro açúcar e creme. Bastava pensar neles para fazer o meu estômago rosnar.

Eu entrei pela porta da loja de Preacher e senti o cheiro de ervas e poções desconhecidos que nunca deixou de me intrigar. As paredes estavam forradas com prateleiras de madeira de carvalho escuro e cada espaço estava preenchido com uma jarra ou garrafa de alguma coisa. Olho de salamandra? Claro. Pó de cemitério? Com certeza. Unhas de mortos? Tem isso. Penas desfiadas? Sim. Garrafas e frascos de misturas desconhecidas, poções maravilhosas estavam em toda parte, incluindo latas de chá.

As cestas de ervas aromáticas tecidas a mão de todas as formas e tamanhos, suspensas em ganchos nas paredes e as vigas de madeira eram absolutamente magníficas, bem como as faixas de comprimento acolchoado. Os Gullah eram reconhecidos por preservar o seu patrimônio através da linguagem, assim como a arte, as habilidades, e a gastronomia única. Eu tenho várias cestas, colchas e frascos de especiarias que Estelle e suas irmãs haviam feito e tinham me dado.

Tudo feito à mão pelos Gullah, e único em sua espécie.

Estelle saiu de trás da cortina.

— Oh querida, Preacher teve que sair. Seu irmão está lá em cima, empapelando as paredes. Essa criança não parece muito bem. Está doente?

— Sim, senhora. — eu respondi, e fui para a parte de trás. — Pelo menos está tentando fazer alguma coisa. Provavelmente é apenas um resfriado. Onde está Preacher?

— Ele foi chamado para a ilha para alguma coisa. — disse ela. — Ele não me disse por quê. Provavelmente para remover alguns mau-olhados. Não vai estar de volta por alguns dias, este velho homem louco.

Dei uns tapinhas no seu braço ao passar.

— Eu estou indo para cima para ver Seth. Já voltarei.

— Tudo bem, querida. — disse ela. — Acabo de vê-lo recentemente. Deve estar prestes a acabar.

Eu desci a estreita escada de madeira, igual a minha e de Seth, e por algum motivo, meu estômago se sentiu estranho. Você sabe, é o tipo de estranho onde você sente que algo está errado? Levantei-me e fui para o corredor. Depois de procurar em três quartos, eu o encontrei.

Ao entrar, notei o papel de parede fresco pregado contra a parede, e Seth, amontoado no chão perto da janela. Meu coração saltou de novo, como antes, e apressei-me até ele. Mais uma vez, toquei a sua mão, então o seu rosto, e notei o ligeiro aumento e queda de seu peito. Dormindo. O pirralho estava dormindo. Novamente. Desta vez com seus óculos escuros.

— Seth — eu disse, e puxei seu braço. — vamos, mano, acorde. Eu vou levar você para o hospital e conseguir para você uma checada.

— Não, eu estou bem. — ele murmurou, e se afastou de minha mão. — Sinceramente, Ri, eu estou bem. Eu me sinto bem, apenas...cansado. Eu não preciso de um médico. — Ele bocejou. — Eu só quero ir para casa.

— Desculpe — ele disse, e se inclinou para mim enquanto nós estávamos a caminho das escadas. — só muito cansado.

Nós passamos lentamente os degraus e passamos através da cortina.

— Você já comeu alguma coisa hoje?

— Não — ele disse, grogue. — sem fome.

— Porcaria teimoso. — eu respondi, e tirei seus óculos escuros. Ele apertou os olhos e olhou para longe. — Você tem que comer alguma coisa. — eu insisti.

— Oh, isso é certo, menino — disse Estelle, e se apressou para lá. — Eu tenho algo para ele. — disse ela, e correu para a cozinha, ainda falando. — Eu disse mais cedo, esse menino precisava descansar. Perguntei a ele se queria um sanduíche, mas ele disse que não. Ele sempre quer comida, você sabe, então isso não estava bem. — Ela saiu de trás da cortina segurando um recipiente com tampa de encaixar. — Você dê a esse menino um pouco dessa sopa, Riley Poe. Eu a fiz essa manhã. Frango. — Ela inclinou a cabeça para o lado e estudou-o. — Ele parece horivelmente pálido, menina.

— Eu sei. Vou colocá-lo direto na cama depois de eu forçar um pouco disso na sua garganta... não que precise forçar. Eu tenho certeza de que é ótima. Obrigada, Estelle. — eu disse, e aceitei a sopa enquanto minha avó Gullah franzia a testa e balançava a cabeça. — Ligue para mim se precisar de alguma coisa, enquanto Preacher está fora, ok? — Eu dei-lhe um sorriso. — Vejo você de manhã.

— Sim, sim, vou ter seu chá pronto, menina. — disse Estelle. — Você cuide desse menino, agora.

Nós fomos pela parte de trás do Inksomnia, apenas no caso de Seth decidir vomitar em todo lugar.

— Nyx, vou levar Seth para cima, estarei de volta logo. — eu falei.

— Precisa de alguma ajuda?

— Não... eu consigo. Obrigada. — eu respondi, e conduzi para o andar de cima, meu irmão arrastando os pés. Nossa cozinha é logo no topo das escadas, então paramos ali, e eu derramei um pouco da sopa de Estelle em uma xícara de café, coei os pedaços de frango e legumes. Eu empurrei o copo na mão de Seth. — Aqui, tolo — eu disse. — Beba. Pelo menos um pouco.

Seth fez uma careta, mas esvaziou a xícara. Ele limpou a boca com as costas da mão e colocou a caneca no balcão — Feliz?

Eu fiz uma careta.

— Dificilmente, mas isso vai servir por agora. Eu sabia que você estava passando mal com alguma coisa. Só vá para cama e descanse. Eu tenho certeza que é apenas um resfriado de verão.

Seth saiu da cozinha e começou a descer o corredor, então parou, voltou e me surpreendeu com um abraço apertado.

— Obrigado por cuidar de mim, Ri. — disse ele, seus longos braços magros em volta de mim como um torno, e ele empurrou seu rosto no meu cabelo, perto do meu ouvido. — Te amo.

Droga, o garoto sabia absolutamente aliviar meu coração, e eu o abracei ferozmente de volta.

— Eu também te amo, irmãozinho. Se precisar de mim durante a noite, venha até mim, ok?

Seth já estava andando pelo corredor, de costas para mim.

— Claro. — respondeu ele, então desapareceu em seu quarto.

Eu o olhei por mais um minuto antes de voltar a descer as escadas para terminar com Nyx. Na parte de trás da minha mente, porém, eu me preocupava — sobre Seth, sobre porque Preacher teve que sair com tanta pressa, especialmente antes que eu tivesse a chance de falar com ele. Preacher estava ficando um pouco velho demais para estar conduzindo para qualquer lugar, muito menos pulando em um barco para ilha Da. Qualquer coisa poderia acontecer tão longe do sul, mas ele não ouviria.

E, claro, não importava o quanto eu tentasse, não poderia me livrar da imagem daquele cara, olhando para mim através da vitrine, e me irritava que eu me torturava com isso. Quer dizer, dezenas de caras olham, e dezenas entram na loja, e mais uma dúzia me paqueram — um monte deles são muito bonitos, também. Então, o que havia sobre esse cara? Foi porque ele não me paquerou? O pensamento quase me fez rir. Não era assim que um cara pensava?

Surpreendentemente, a noite passou sem intercorrências, e isso foi realmente um milagre para uma noite de sábado. Tivemos um bando de punks que vieram um pouco antes de nós fecharmos, barulhentos e desagradáveis (e totalmente me lembrando de mim nessa idade), e um cometeu um grave erro. Um dos rapazes se aproximou por trás de mim e me pegou de surpresa, quando ele colocou a mão no meu braço. Antes que ele pudesse dizer uma palavra, eu tinha seu braço preso para trás e levantado alto o suficiente para que ele ficasse na ponta dos pés do seu All Stars, gritando.

— Ei! — Sua voz em transição típica da puberdade. Ele era uma criança grande, também, pelo menos um metro e oitenta de altura. Eu levantei seu braço mais alto nas suas costas. — Ok, ok!

— Oh, sim — disse Nyx se desculpando — Vocês não querem fazer isso, nunca. — Ela sorriu, sua trança ruiva balançando enquanto ela balançava a cabeça. — Ela não gosta de ser tocada.

— Vocês voltem quando encontrarem seus modos. — eu disse, e dei ao garoto um pequeno empurrão. Ele olhou para mim, e seus amigos riram. Eu levantei uma sobrancelha. — E quando essas identidades forem legítimas, grandão.

— Porra, ela é sexy! — Disse um deles enquanto todos corriam da loja e se dirigiam até a calçada. Eu só balancei a cabeça e olhei para Nyx, que sorriu. Era tão tarde que a liberei de sua obrigação de jantar no Garibaldi's — por enquanto, pelo menos. Eu não queria deixar Seth em casa sozinho. Em vez disso, pedi do Chen (frango com laranja, macarrão com vegetais, e dois rolinhos primavera de camarão) e fiquei pela noite. Eu malhei (eu tenho um saco de kickboxing pendurado no meu banheiro que chuto o inferno da vida diária) e tomei um longo banho. Seth ainda estava dormindo profundamente quando eu levei Chaz para caminhar por volta das onze e quarenta e cinco.

Eu caminhei ao longo da Factor's Walk até o Emmet Park. Não havia ninguém por perto, embora ao longe, vi pessoas atravessando a Bay Street, e abaixo à beira do rio, podia ouvir o riso e música derramando dos bares. A luz da lâmpada emitia um tênue brilho contra as pedras do calçamento, fazendo com que as sombras lançassem ao longo do canhão e cruz. A menor das brisas flutuava perto, e foi no mesmo momento em que Chaz parou e cheirou o ar que o cabelo no meu pescoço levantou. Virei rápido para trás, mas não encontrei ninguém.

— Vamos lá, garoto. — disse a Chaz, e apesar de continuar a farejar o chão, ele parou, também, e olhou cautelosamente ao redor.

Nós percorremos todo o caminho até o fim do Emmet Park e descemos a curva de paralelepípedos na River Street, a Waving Girl Statue em vista, quando a sensação atacou novamente. Eu empurrei um olhar atrás de mim, esquadrinhei as sombras, mas não notei nada incomum. Um grunhido baixo emanou da garganta de Chaz, e eu puxei a coleira.

— Vamos, rapaz.

— Não, não vá ainda. — disse uma voz do recanto da escuridão. — A festa está apenas começando, querida.

Quatro caras surgiram na luz da lâmpada, e eu imediatamente reconheci dois deles como os punks que tinham vindo ao Inksomnia mais cedo. O que estava falando era o garoto que eu tinha dado uma lição. Figuras. Eu tinha ferido seu orgulho, e agora ele queria me pegar de volta. Chaz rosnou.

— Sim, eu acho que não. — eu disse, e me virei para ir embora.

— Ah, cara, você só deu um golpe. — disse um deles, e todos riram. O garoto que eu tinha repreendido moveu-se para minha frente, e eu parei. Os outros, que pareciam um pouco mais velhos, aglomeraram-se em torno de mim, mas fora do alcance de Chaz, cujo rosnar se aprofundou. Eu puxei sua coleira.

— Calma, rapaz. — Ótimo. Aqui vamos nós. Eu odiava ter que chutar o traseiro de adolescentes, mas faria isso se forçada. E parecia que eu estava sendo forçada. — Não me faça dar o comando a ele. — eu disse.

Eu levantei uma sobrancelha. — Sic Balls. — eu sussurrei. Uma das minhas citações de cinema favoritas, de Stand by Me. Amei loucamente esse filme.

— Eu posso fazê-la mudar de ideia, você sabe — disse o garoto, ignorando o meu humor. Metade de seu rosto estava encapuzado na sombra, mas a outra metade era todo sorriso arrogante e presunção adolescente.

— Sobre o que? — Eu disse, mal conseguindo conter o riso.

— Ser tocada — respondeu ele, e deu um passo em minha direção. Ele esfregou a mão sobre seus cabelos. — Sua amiga disse que você não gosta disso, mas acho que posso mudar sua mente.

Larguei a coleira de Chaz e olhei para o meio círculo de caras.

— Fique, Chaz — ordenei. — Então, deixe-me ver se entendi. Vocês o que? Vão me segurar, enquanto o seu amiguinho aqui toca em mim? Sério?

— Você está no meu território agora — ele disse, dando de ombros. — Ninguém ao redor, além de nós, querida.

Eu ri, aproximei-me e dei-lhe um olhar sedutor. Seus olhos se arregalaram com o que parecia ser antecipação.

— Você realmente disse território? Por favor. — E assim, eu rapidamente dei uma joelhada em sua virilha. Ele gritou e se dobrou no meio, e ergui o meu joelho com força e conectei com o seu queixo.

— Porra! — ele gritou, e caiu no chão em agonia.

— E não me chame de querida — eu acrescentei, e olhei para os outros. Todos eles tinha olhares em branco em seus rostos enquanto olhavam para seu amigo no chão.

Algo moveu-se entre as sombras, tão rápido que meus olhos não podiam acompanhar. Eu fiquei congelada no lugar, sem tempo para reagir. Todos os três rapazes foram levantados fora de seus pés e atirados em direções opostas, suas maldições abafadas rachando o ar da noite, seguido de batidas pesadas conforme eles caíam no chão. Eu torci e virei, procurando em todas as direções.

— Hey! — eu gritei. *Mas que diabos?*

Em seguida, da esquina do edifício, uma figura moveu-se, mas não apareceu. Pela altura e forma física eu poderia dizer que era um cara. Eu me aproximei.

— Não. — ele disse, e eu parei. Sua voz suave e um leve sotaque cruzaram a escuridão até os meus ouvidos, um comando firme. Os gemidos dos punks caídos foram levados pelo ar da noite. Chaz, sentado ainda, rosnou baixo em sua garganta.

Minhas entranhas tremeram. Não por medo, mas por adrenalina. O que eu tinha acabado de ver? Pelo contrário, não vi? E por que ele estava se escondendo?

— Você é muito rápido. Obrigada

— Você é estúpida? — Ele perguntou, seu tom firme, com raiva, quando ele me interrompeu. — Por que você viria aqui tão tarde? Sozinha? — Ele xingou baixinho.

Eu pisquei surpresa.

— Uh, meu cachorro tinha que fazer xixi. Obrigada pela ajuda. — Voltei-me, agarrei a coleira de Chaz e virei-me para a curva de paralelepípedos para casa. Quem era esse cara? Um cidadão vigilante? Ele não tinha que saber que eu não precisava de ajuda, mas porra. Por que ele estava com raiva? Nem todas as mulheres eram impotentes.

Eu balancei a cabeça e atravessei o parque, e fiz todo o caminho para a porta traseira do Inksomnia antes de sua voz me sacudir. Um segundo, estou empurrando a chave na fechadura e Chaz corre para dentro, e no segundo seguinte, ele está de pé junto a mim. Meus reflexos entraram em ação, e meu punho voou até a mandíbula dele, mas ele facilmente a pegou em uma mão. Seu aperto era como aço, e eu não podia mover meu braço.

Levantei meu joelho, mas antes que eu pudesse enfiá-lo em sua virilha (no caso de você não ter notado, um dos meus movimentos favoritos), ele me tinha completamente presa contra a parede de tijolos da minha loja. Com a rua iluminada atrás dele, seu rosto não era mais que uma sombra escura. Com uma mão, ele fechou a porta. Meu coração bateu rápido. Esta não era uma situação que eu queria estar. Eu olhei para seu rosto escuro, esperando.

— Você é muito descuidada. — alertou. — Os punks estavam em maior número que você. Eles poderiam tê-la machucado. — Ele aproximou mais a cabeça, e eu mal podia ver o contorno de uma mandíbula forte, o cabelo desgrenhado. Ele parecia... familiar. — Eu poderia te machucar. — ele disse, sua voz mortalmente calma.

Eu sabia que ele podia ver cada centímetro do meu rosto, eu podia sentir seu olhar buscando cada característica que eu tinha. A luz do poste despejada diretamente sobre mim. Eu sobressai meu queixo e estreitei os olhos.

— Bem, ou me machuque ou caia fora — Disse eu tranquila — Agora. — Um grito teria feito algum dos meus vizinhos correr para fora, mas esperei. Ele parecia pesar a situação, enquanto olhava para mim. Eu me senti ameaçada, mas não assustada. Estranho.

Foram vários segundos antes de ele me soltar da parede.

— Não seja tão imprudente — disse ele. — Você não é tão forte quanto pensa.

Eu não era estúpida. Mesmo pensando que eu não sentia medo, não queria exatamente esse cara forçando seu caminho para dentro do meu apartamento, embora eu acho que ele poderia ter feito isso mais cedo, se ele quisesse. Eu mantive meus olhos treinados em sua sombria face e movi lentamente minha mão atrás de mim, para a maçaneta.

— Eu vou manter isso em mente. — Eu gentilmente virei a maçaneta. O som atrás do meu Jeep me fez pular — uma lata rolando, alguma coisa. Eu olhei, e quando meu olhar voltou-se para o meu quase-atacante, eu pisquei. Ele tinha *ido*. Yeah, rápido assim. Dei uma rápida olhada de cima à baixo na rua do comércio, mas ele não estava em nenhum lugar. *Nenhum-maldito-lugar*.

Eu não esperei por um reaparecimento. Corri para dentro e tranquei a porta. Enquanto me arrumava para a cama e verificava Seth, que — surpresa — ainda estava dormindo, eu tentei colocar todo o incidente estranho fora da minha cabeça. Quem era esse cara? E por que ele dava a mínima se eu era imprudente ou não? Finalmente, eu adormeci.

Alguns tempos depois, um barulho me tirou o sono, e me sentei na cama. Minha respiração era rápida, e eu podia sentir meu coração bater através da minha camiseta. Chaz, em sua cama no canto, manteve-se em silêncio. O poste de luz brilhava direto para o meu quarto, contra a parede de tijolo branca envelhecida, e por um segundo, eu pensei que alguém estava nas sombras, observando-me.

Meu coração quase parou, pensando que meu vigilante pessoal tinha retornado. Então, eu pensei melhor.

— Seth? — eu disse, pensando que ele entrou e precisava de mim. — É você? — Estendi a mão e acendi a lâmpada. Quando olhei de novo, ninguém estava lá. As cortinas de gaze branca penduradas nas portas da sacada francesa ondulavam para fora na brisa.

Eu não lembrava de deixar as portas abertas. Eu escutei por alguns segundos, minha cabeça grogue tentando clarear. Percebi, então, a televisão ligada na sala de estar. Tropeçando para fora da cama, fechei as portas francesas e segui os sons para encontrar Seth, sentado no sofá, assistindo MTV. Com seus óculos escuros. Parei no umbral, bocejando.

— E aí? Você se sente melhor?

— Sim — Seth respondeu sem se virar para mim. — Acho que eu dormi o suficiente.

— Bom — eu olhei ao redor da sala. — Você comeu?

— Não — ele disse. — Sem fome.

O quarto estava todo sombrio e escuro, como se esperaria às duas da manhã, e a TV jogava lampejos de luz contra a parede. — Qual é a dos óculos escuros?

— A luz está machucando meus olhos.

Eu olhei para ele, todos os músculos magros, e sem camisa em seus gastos jeans furados, esparramado no sofá, e balancei a cabeça.

— Tudo bem. Há mais da sopa de Estelle na geladeira se você ficar com fome, e algumas sobras do Chen's. Vejo você pela manhã.

— Sim. — ele respondeu, e eu não podia dizer se ele tinha ao menos olhado para mim uma vez.

Domingo chegou como um domingo comum. Eu liguei a TV e ouvi nas notícias da manhã que um corpo de uma mulher foi encontrado em Daffin Park por uma equipe de garis. Nenhum detalhe estava dando a causa da sua morte, mas o repórter descreveu a mulher estando perto dos quarenta, e aparentemente ela tinha sido roubada. Eu tinha assumido assassinato. Polícia estava no caso. Por alguma razão, ela ficou na minha mente pelo resto da manhã. Ela, junto com o cara misterioso da noite anterior. Eu ouvi a voz dele de novo e de novo em minha mente, e por alguma estranha razão, eu gostei disso. Não me pergunte o porquê.

Domingo era o único dia da semana que eu fechava o Inksomnia, e epassei o resto da manhã com Estelle. Seth pareceu ter seus dias e noites trocados, e passou a maioria do dia dormindo. Ele não teve febre, então não corri com ele para o hospital. Mas o observei, e ele apenas não era ele mesmo. Não doente, apenas não ele. Quando estava acordado, ele colocava seus óculos escuros, e ficava quieto, distante, e... não Seth Poe.

Geralmente, meu irmão é um doce garoto charmoso, com um grande senso de humor. Eu sei que as coisas mudam quando a puberdade chega, mas isso era ridículo. A mudança tinha acontecido da noite para o dia. Agora, quando ele dormia, ele dormia como a morte, literalmente. Eu mal podia acordá-lo. E o comportamento de Chaz com Seth não fazia nenhum sentido. Ele grunhia toda vez que Seth entrava no mesmo cômodo.

Chaz nunca tinha sido nada além de amor e lealdade para com todos nós, especialmente com Seth, e o cachorro geralmente dormia nos pés da cama dele. Isso era bizarro, e para ser totalmente honesta, isso estava começando a me assustar. Eu desejei que Preacher estivesse aqui para checá-lo de novo, mas ele não voltaria de *Da Island* até Terça. Até lá, eu cuidaria da peculiar sensação incomodando a boca do meu estômago.

E para o registro, nunca mais vi aquele cara da frente da loja. Sim, vergonhosamente, eu me encontrei procurando por ele, e sim, isso tinha sido apenas um dia. Mas ele não parou aqui de novo, e admiti apenas para mim que eu estava desapontada. Eu acho que isso doeu um pouco, também. Eu não tinha ideia porque, mas isso doeu.

Domingo a tarde, eu pedi a Estelle para manter um olho em Seth enquanto eu pegava algumas coisas no mercado. Eu vesti uma calça jeans de botões e uma camiseta branca do Inksomnia. (Ok, eu me auto-promovia. Você pode me culpar? Além disso, o logotipo é malditamente legal.) Eu coloquei minhas botas pretas e sai. Food Lion estava lotado, e eu me apressei com minha lista. No momento em que eu sai da loja, eu me senti... vigiada. Pessoas empurravam seus carrinhos de supermercado em volta de mim, o estacionamento estava cheio, mas de todos os olhos que me cercavam, eu senti apenas um par afiado em mim. Com meus óculos escuros cobrindo meus olhos, eu olhei em volta. Não vi ninguém prestando atenção especial em mim. Eu não poderia deixar de pensar se o vigilante observava de seu carro, ou de outra loja.

Quando cheguei em casa, Seth ainda estava dormindo. Certifiquei-me de que ele estava bem — ainda sem febre, ainda respirando — e caminhei do lado de fora com Chaz para a beira do rio. Capote estava a poucos metros, na calçada tocando, então eu encontrei um banco por perto; ele me deu um aceno de reconhecimento, e eu ouvi enquanto mordiscava um pralinê da loja de doces.

A calçada continuava enchendo de pessoas, por isso, acabei compartilhando o banco com um casal de idosos, Chaz aos meus pés. Na minha visão periférica, notei ambos espiando sorrateiramente a mim, e o sorriso na cara do Capote deixou-me saber que ele percebeu, também. Acho que meus dragões entretiam todas as faixas etárias.

Eu decidi caminhar ao longo da beira do rio por um tempo, só para esticar as pernas e dar a Chaz um pouco de exercício, então joguei uma nota de vinte no estojo do sax de Capote. Ele tirou o chapéu, eu acenei, e Chaz e eu nos afastamos. Havia uma ligeira brisa soprando, o sol estava começando a cair, e parecia como uma noite perfeita de agosto. O Savannah River Queen estava passando em uma excursão pelo rio, e os passageiros alinhados na grade. Acenando.

O Shrimp Factory's grill despejava o cheiro apetitoso de carne temperada grelhada. No entanto, toda vez que eu andava, eu sentia como se alguém me observasse, me seguia. Eu tinha algumas peculiaridades quando se tratava de crenças hoodoo (eu admito carregar um pequeno recipiente de pó de cemitério na minha mochila que Preacher me deu, e e um frasco especial de ervas de proteção), mas pessoas não me assustavam.

Eu era forte e muito capaz, com uma barriga tanquinho que fazia a maioria dos caras ter inveja... Eu mais uma vez me perguntei se era o cara sombrio da outra noite me seguindo. Uma vez, eu até virei completamente e parei, as pernas apoiadas, com as mãos nos quadris e, provavelmente, parecendo muito com uma versão bizarra de as Panteras, mas ainda... eu não vi ninguém. Finalmente, quando o sol se pôs, a multidão diluiu, voltei para casa. Passei uma hora encomendando suprimentos on-line, enviei alguns e-mails, concordei em fazer uma exposição em uma convenção de tatuagens na Califórnia, em novembro, e parei.

Nyx veio mais tarde e nós passamos o tempo desenhando novos projetos e comendo pizza. Seth ficou em seu quarto até por volta de oito e meia, quando ele entrou na sala de estar. Sim, com seus óculos escuros. Chaz rosnou, olhando para meu irmão.

— Fique quieto, Chaz. — ordenei. Levantei-me de onde eu estava sentada de pernas cruzadas no chão, folhas de rascunhos espalhadas diante de mim, e corri para onde Seth se sentou no sofá. Senti sua bochecha e testa. Na verdade, em vez de sentir quente, ele estava um pouco frio.

— Uau. — Nyx disse, seu sorriso largo, aparentemente atingindo cada orelha.
— Eu não tinha visto esse lado maternal de você, Poe. Isso é meio que doce.

Eu atirei um olhar a Nyx e me virei para o meu irmão. Movi-me para puxar seus óculos e ele virou a cabeça para longe. A abrupta mudança não era qualquer coisa como o comportamento habitual de Seth.

— Sai fora, Riley. — ele retrucou. — Jesus, eu estou bem.

Desta vez, Chaz ficou de pé, cabeça baixa, e se moveu em direção a Seth, rosnando.

— Para trás. — eu respondi. Chaz congelou em seu caminho, e voltei a olhar para o meu irmão.

Ninguém, repito, *ninguém*, tinha o poder de ferir meus sentimentos. Jamais. Eu só não tinha mais essa fraqueza em mim — exceto com Seth, e talvez Preacher. E essa pequena afronta realmente me feriu.

— Sim, bem — eu disse, e me afastei. — Eu estou preocupada com você, Seth.

— Não fique — disse ele tão rapidamente. Ele ficou de pé. — E mantenha esse maldito cão longe de mim. — Ele saiu da sala, e não pude fazer nada mais do que olhar as costas dele, chocada.

— Hey — Nyx disse gentilmente. — Pegue leve com o menino, Riley. Ele tem 15 anos. Hormônios, lembra? Basta deixá-lo sozinho por um tempo. — Ela deu um tapinha no chão. — Aqui, prgue outra fatia de espinafre e cogumelos e venha terminar este desenho. Parece muito fabuloso até agora. — Ela levantou uma grande fatia da caixa no chão e deu uma grande mordida. O apetite de Nyx era lendário, e com sorte isso a manteria ocupada por enquanto, porque eu não podia apenas deixar meu irmão sair.

— Eu já volto. — eu disse, e segui Seth. Sua porta estava entreaberta, então eu gentilmente a empurrei e enfiei a cabeça dentro. Seth estava perto da janela, de costas para mim, enquanto olhava para fora sobre a River Street.

— Podemos conversar? — Perguntei. Quando ele não respondeu, pressionei. — O que está acontecendo Seth? Fale comigo. — Mesmo assim, ele manteve-se de costas para mim, não respondendo, e me movi para dentro do quarto parando ao lado dele. Eu podia sentir o ar entre nós esfriar, e sua postura rígida, como se ele não pudesse ficar perto de mim. Doeu como o inferno. — Por favor?

— Nada para falar. — disse ele calmamente. — Só preciso de espaço.

Eu me aproximei.

— Seth, tire seus óculos e olhe para mim.

Por um momento, ele simplesmente ficou parado, rígido, debatendo se fazia ou não o que eu pedi, supus. Então, com um suspiro, ele fez, mas ele olhou para o chão, para a parede, para fora da janela e para qualquer lugar menos para mim. Por agora, eu aceitei.

— Olha... eu não sei o que você está acontecendo agora, mas...apenas me ouça, ok? — eu pedi. — Eu costumava ter sua idade, também, você sabe, e não faz muito tempo. Algumas coisas eu entendo. Eu estou aqui para você, não importa o que, ok? Se houver algo te incomodando, me diga. Ou se Riggs e os caras...

— Não há nada me incomodando, Riley. — disse ele bruscamente, e desta vez, ele olhou para mim, e seu olhar era frio, irritado, um ou dois tons de verde mais claros, e ele deslizou seus óculos de volta e retornou seu olhar para a janela. Um momento perdido.

Olhei para o perfil de meu irmão por alguns segundos — notei as ondas castanhas despenteadas, seu nariz reto e queixo firme — e de repente, eu não conseguia ver meu irmãozinho mais. Eu vi um cara jovem. Um jovem rapaz com raiva.

— Ok — eu disse, e coloquei minha mão em seu ombro. — Mas eu estou aqui de qualquer maneira. — Eu não demorei ou esperei por uma resposta, mas simplesmente sai do quarto. Dentro, meu coração doeu, literalmente doeu, pela frieza de Seth, mas eu sabia que ficar e tentar tirar fora essas coisas deste novo Seth não faria nenhum bem, então eu deixei o comportamento do meu irmão para trás pela noite. Isso não foi fácil. Eu tinha ido de street punk para adulta muito rápido, e tenho sido responsável por Seth desde que tinha dezenove anos. Eu o amava mais do que a vida, e agora eu sabia o que minha mãe provavelmente passou quando fez a mesma coisa com ela.

Quando voltei para a sala, eu vi imediatamente o rosto pálido de Nyx olhando para a TV, uma expressão chocada esticando sua boca. — Oh, meu Deus. — ela murmurou, e eu olhei para a tela plana para ver o que era.

O noticiário local estava ligado, e o repórter de pé em frente ao edifício Cotton Exchange, parecia sério enquanto ele relatava o brutal assassinato de um jovem

recruta fuzileiro naval. Um carro de polícia brilhava luzes azuis nas proximidades, e o flash rápido recuou fora do saco de plástico preto que cobre o corpo amarrado na maca.

Em seguida, a imagem de um recruta fuzileiro naval bonito atravessou a tela, juntamente com um nome: Zachary Murphy, dezenove anos de idade.

— Zac. — eu murmurei. Meu coração parou quando reconheci o rapaz que tinha vindo fazer a tatuagem do lagarto celta no sábado, e uma onda de tristeza tomou conta de mim. — Droga, Nyx, — eu disse, e olhei para ele. — São dois assassinatos em um dia. Eu me pergunto o que aconteceu com ele. — Deus, seus pobres pais. Eu sabia exatamente o que ele estavam passando.

Ao longo dos próximos dias, a condição de Seth mudou. Eu não estava certa que piorou, apenas... evoluiu. O que tornou as coisas ainda piores é que Preacher tinha ampliado sua viagem para *Da Island*, então eu não tinha seu conselho para seguir. O sono excessivo de Seth aliviou um pouco, mas ele usava seus óculos escuros o tempo todo, dentro de casa e ao ar livre, luz solar ou nenhuma luz do sol.

Ele quase não falava uma palavra comigo, ou Nyx, e tão logo anoitecia, ele estava fora, dizendo que queria sair com os amigos antes do início das aulas. Eu nunca tinha o deixado apenas correr pelas ruas, eu sabia onde isso poderia levar, e de forma alguma, eu estava prestes a deixar o meu irmão se ferrar como eu tinha. De *jeito nenhum*. Então, quando Riggs e os outros meninos apareceram na Inksomnia ao pôr do sol, todos usando óculos escuros e parecendo um bando de bandidos, eu bati o pé no chão. Deus, eu parecia uma velha estraga-prazeres. Mas este era Seth, e eu não estava prestes a deixá-lo ter nem ao menos um tênis tamanho quarenta na direção errada, se eu pudesse evitar.

— Hey, baby, onde está seu irmão? — Perguntou Riggs. Ele inclinou o quadril contra a minha mesa de tatuar vazia, os braços cruzados sobre o peito, tentando muito parecer legal.

Chaz se levantou de seu tapete, o pêlo ao longo das costas levantaram, com a cabeça para baixo, o agora familiar rosnado baixo profundo em sua garganta. Desta vez, eu deixei. Virei-me para Riggs.

— Baby? Sim, eu não penso assim, porco-espinho. Tente novamente. E tire esses óculos estúpidos. — Eu disse, totalmente irritada.

A expressão de Riggs mudou...eu não sei, para ódio, e congelou no lugar como pedra. Lentamente, ele deslizou os óculos para fora, e se o olhar em seu rosto parecia surpreendente, o brilho em seus olhos era ainda pior. Eles pareciam gelo, seus olhos, sem sentimento, nem nada, realmente. Eles ainda pareciam mais claros do que antes.

Como pode ser isso? Interiormente, eu vacilei, e isso me chocou. O garoto pode ser um adolescente idiota agora, mas eu conhecia Riggs Parker desde que ele era pequeno, e até hoje eu sabia que ele era inofensivo. Agora? Ele me estudou com a intensidade de um predador, e aquilo me fez querer bater nele na parte de trás da cabeça.

— Onde está Seth, Srta. Poe? — Seu sorriso era tão gelado quanto seus olhos. — Melhor?

— Dificilmente.

— Bem aqui — meu irmão disse atrás de mim. — Pronto?

Eu continuei a examinar Riggs.

— Onde vocês estão indo?

Um pequeno sorriso inclinou na boca do garoto.

— Mellow Mushroom. Vê? — ele puxou um maço de notas. — Minha mãe me deu dinheiro. — Ele deslizou os óculos de volta e olhou para mim. — Não se preocupe, baby — ele disse sarcasticamente. — Nós vamos estar em casa cedo.

Os outros riram — incluindo Seth — e Chaz ficou mais agitado. Ele começou a latir ameaçadoramente.

— Chaz, para trás. — eu disse, e meu olhar estalou para Seth enquanto eu engolia a dor. — Às onze, mano. Não me faça te procurar. Eu estou falando sério.

— Que seja. — ele murmurou, o qual mais uma vez me irritou porque nós todos sabíamos o que realmente significava. *Foda-se*. Os meninos saíram da loja. Lá fora, Riggs olhou para mim através da vitrine e sorriu, e juro por Deus, que me deu calafrios. Chaz percebeu e pulou para a janela, latindo como louco. Eu

conhecia o sentimento. Eu queria ir bater nele, e se ele fosse maior de idade, eu teria.

— O que está havendo com Chaz ultimamente? — Perguntou Nyx, esfregando o pelo entre suas orelhas, falando calmamente com ele. — Não se preocupe Riley. — disse ela confortavelmente. — Ele vai ficar bem. — ela sorriu. — Ele está apenas tentando se mostrar na frente dos amigos. Eu aposto que você era exatamente da mesma forma, aos quinze anos.

Eu continuei a encarar a frente da loja.

— Muito, muito pior, Nyxinnia. Isso é o que me preocupa. — E isso era o exatamente o que eu fiz durante o resto da noite, preocupei-me.

Bati muito no saco, naquela noite, com esperança de liberar um pouco a tensão, e pelo tempo que tinha me desgastado, meus dedos, pés e canelas doíam como o inferno. Eu estava na cozinha bebendo uma garrafa de água quando Seth veio marchando pelas escadas exatamente às onze horas. Ele nem mesmo me cumprimentou e ao invés disso, foi direto para o seu quarto e fechou a porta. Eu quase o segui. Mas as palavras de Nyx soaram na minha cabeça, então eu dei-lhe uma folga — especialmente desde que ele tinha chegado em casa a tempo — e decidi falar com ele pela manhã. Obviamente, algo o estava incomodando, e eu odiava que ele não confiava em mim para ajudá-lo.

Tomei banho e me preparei para dormir, mas o sono me escapou. Em vez de me manter inquieta, saí para a pequena varanda fora do meu quarto. Havia espaço apenas o suficiente para ficar de pé, com um corrimão preto de ferro forjado para me impedir de cair.

Eu parei ali, e olhei para a noite, observando o pedaço de brilho da lua sobre o rio. A noite estava calma, e eu me sentia vulnerável, e esse não era um sentimento que eu particularmente gostava. Meus pensamentos se voltaram para Zac, um cara que eu nem mesmo conhecia, e como ele era tão jovem, e tinha morrido tão jovem. O que tinha acontecido? Eu não podia evitar de me perguntar quem tinha feito isso, e pensar em como o assassino agora andava pelas ruas que eu e meu irmão vivíamos. Quer dizer, o edifício Cotton Exchange ficava a dois segundos do Inksomnia. Eu podia vê-lo da minha porta dos fundos.

Virei-me para sair, mas antes de voltar para dentro, aquele sentimento atroz tomou conta de mim mais uma vez, o que me fez olhar por cima do ombro. Eu olhei

para a noite, para o *entardecer*, buscando a escuridão. Eu senti, com toda a certeza, que um par de olhos me observava das sombras. Juro por Deus, eu não poderia aguentar muito mais. Estava acontecendo com muita frequência e francamente, estava me irritando. Especialmente se ele era aquele cara da outra noite. Eu fechei e tranquei a porta da varanda. Eu não dormi bem depois.

Algun tempo depois, acordei em um salto com um suspiro e sentei-me ereta. Ao mesmo tempo, ouvi o rosnado baixo de Chaz. Minha visão turva, grogue de sono, examinei os cantos escuros do meu quarto, esforçando-se para ver. Minhas entranhas congelaram. Alguém estava no meu quarto.

Enfiei minha mão lentamente em direção à cabeceira da cama do lado esquerdo, onde eu guardava um taco de beisebol. Meus dedos seguraram o cabo. Eu deslizei meus pés lentamente para o chão e levantei o bastão por cima do meu ombro. Um carro perambulava pela calçada na rua abaixo, e os faróis lançaram um arco iluminado em toda a minha parede do quarto e em meu irmão. Mais uma vez, eu engasguei, tomada pela surpresa.

— Seth? O que você está fazendo? — Baixei o bastão.

Seth não falou ou se moveu, ele ficou completamente imóvel. Eu não poderia ver sua expressão agora, mas tive mais um segundo fugaz enquanto o carro passou. Ele tinha um olhar... vago, irritado. Eu não vou mentir, ele me assustou extremamente. O que me assustou mais ainda foi que eu não tinha afrouxado o meu domínio sobre o bastão.

— Seth? — eu disse, não muito alto, mas definitivamente assertiva. — O que há, mano? Você está doente?

Chaz agora se levantou e tinha dado alguns passos em direção à minha cama. Seu rosnar ficou mais alto. Seth permaneceu em silêncio.

— Hey — eu disse e caminhei para ele. — Quer que eu...

— Não. — Seth disse finalmente. Sua voz soou... diferente. Tensa. Mais profunda.

— Ok, ok — eu disse, forçando-me a manter a calma. — Eu vou ligar a luz...

— Não — Seth gritou, e investiu contra mim. Chaz investiu contra Seth, o derrubou e se fixou em seu braço. Seth gritou de dor, lutando para soltar o aperto de Chaz. — Saia de mim. — ele gritou e empurrou Chaz forte com a mão livre. O

cão voou pelo quarto e caiu contra a parede com um grito estridente. Ele imediatamente pulou e atacou Seth.

— Chaz, não! — eu gritei, e corri para agarrá-lo pela coleira. Seth correu para fora do meu quarto, e segundos depois a porta lá embaixo bateu contra a parede.

Vestindo o short que eu tinha usado antes, deslizei em meus chinelos e corri atrás de meu irmão. O que havia de errado com ele? Corri para fora, o ar matinal pesado, grosso e pastoso quando uma névoa rolou do rio; fechei a porta de trás e procurei por ambos os lados da rua, mas não encontrei sinais de Seth em nenhum lugar. Com o coração na garganta, subi a calçada, mergulhei para o beco estreito que levava à River Street, e corri para a linha de vitrines na frente do rio. Eu encontrei-me sozinha, e continuei a caminhada pelo rio em uma corrida.

— Seth? — Eu chamei. — Seth! — Sem resposta.

Eu ainda me encontrava sozinha no extremo oeste, passando pela Hyatt, então, caminhei até o Factor's Walk e procurei na Bay Street. O nevoeiro de início da manhã pairava como uma nuvem, e deslizava dentro e fora dos carvalhos como dedos avançando. O ar estava parado, nem mesmo a mais leve das brisas se movia através dos musgos. Fiquei parada, vi e ouvi. Nada. Não havia absolutamente nenhum sinal do meu irmão.

Foi nesse momento que eu percebi que alguém estava por perto, e desta vez não era apenas a sensação louca de que alguém me observava. Eu sabia. Eu tinha certeza que não era Seth. Minha adrenalina subiu enquanto meu olhar percorria a área.

Sombras caíram e estenderam-se desde os postes de luz, os parquímetros do meio-fio, os toldos das vitrines, e as árvores, era impossível procurar todos os cantos. Virei-me e caminhei até a calçada, e assim que passei pelo beco ao lado do Inksomnia, fui empurrada com força contra a parede e minha respiração saiu de meus pulmões.

Com a minha frente pressionada contra os tijolos e um corpo pressionado contra minhas costas, eu não tinha ideia de quem me segurava, até que ele falou. Não havia dúvidas dessa voz suave e tom único de sotaque.

— Você tem um desejo de morrer? — Disse ele, em voz baixa e irritada, a boca roçando meu cabelo, perto do meu ouvido. — Ou você é apenas muito louca?

Eu tentei empurrar contra ele, mas ele me segurou firme.

— Você está ralando meu rosto neste tijolo, idiota. Saia de mim. — eu disse.

— Seu rosto é a última coisa que você precisa se preocupar. — Ele alivou um pouco, o suficiente para a minha pele se separar da argamassa. Senti sua boca contra a minha orelha, e, juro por Deus, ele cheirou meu cabelo. — Não é seguro aqui.

— Sim, estou começando a entender isso. — disse eu, tentando olhar atrás de mim, empurrando contra seu peso de aço. — Qual é o seu problema? Por que você está na minha cola? — Pior era o fato de que havia alguma coisa que eu achava interessante sobre ele. Eu não tinha ideia do que era, ele tinha me ameaçado duas vezes agora.

— Entre e fique lá. Entendeu?

Eu não gostava de ser intimada ou que me digam o que fazer.

— Você não me conhece, e você definitivamente não me assusta — disse, irritada. — E não estou aqui fora por ser louca, então porque você não cai fora! — Eu rosnei e empurrei com força contra ele. Era como tentar mover um freezer cheio. Nem um único centímetro moveu.

De repente, meu corpo se moveu da parede e subia os degraus.

— Mas que p...?

— Mova-se. — disse ele, e as mãos desse cara se envolveram em volta da minha cintura para me impedir de fugir. Ele praticamente me empurrava.

— Que diabos? — Eu disse, lutando contra ele, mas achando que era inútil.

— Cale a boca e venha — ele disse. — Você precisa ver algo.

Eu continuei a me debater, apesar da inutilidade disso. Agora, isso era um início. Não ia somente obedecer ao seu comando. Pela primeira em muito, muito tempo, me senti vulnerável, mas eu mastigaria meu próprio braço antes de deixá-lo saber.

No topo da escada, ele me guiou através da calçada, e subiu a rua do comércio, então desceu para o estreito beco úmido entre o Inksomnia e a Boho Boutique, onde ele me deu um empurrão. Eu tropecei, fui de encontro à parede irregular (feita de conchas de ostra e argamassa de areia), então suspirei.

O forte cheiro de urina e metal preencheu minhas narinas, e os meus reflexos rápidos me fizeram recuar tão rápido que eu caí contra ele, seu aperto de aço me segurou em pé. O poste atrás da Boho derramava um brilho âmbar nebuloso no

beco e na figura esparramada no chão, estranhamente posicionada como se todos os ossos estivessem quebrados.

Eu encarei, incapaz de olhar para longe, minha voz presa dentro da minha garganta, para o corpo de um jovem rapaz, peito e garganta literalmente cortado abertos. A substância escura espirrou contra a parede dourada atrás dele, e espalhanda ao redor de seu corpo. Sangue. Grandes olhos vidrados olhando sem vida à luz da lâmpada, e minha mão voou para minha boca quando eu empurrava contra ele para fugir.

— Ele está morto — eu disse em voz alta, e olhei para o rosto ainda escondido por sombras, para quem tinha me forçado para este lugar. — Você — eu sussurrei. Eu arfei, virei-me e lutei com os punhos contra ele. — Deixe-me ir! — Eu disse, arfando, e no instante seguinte, meu corpo moveu-se, e mais uma vez, me encontrei pressionada contra a porta de entrada dos fundos do Inksomnia.

Ele me balançou. Forte.

— Isso não foi eu. — disse ele. Minha cabeça se virou, e mais uma vez, peguei apenas lampejos de seu perfil. Ele era jovem. Minha idade, talvez. — Você entende agora? — Disse ele, sua voz caindo para um tom mais baixo, a boca movendo-se ao meu ouvido. — Não é mais seguro. E não é o que você pensa. — Ele me deu um empurrão. — Vá. Eu vou encontrar seu irmão.

Pela primeira vez desde sempre, medo me agarrou pela garganta.

— Deixe meu irmão em paz. — eu avisei, minha voz trêmula. — Juro por Deus, é melhor deixá-lo em paz.

Só então ele se moveu, ainda que levemente, para o lado e eu peguei um vislumbre sutil de suas feições. Nariz reto, queixo quadrado, e seus olhos... eles brilhavam estranhamente. A visão deles me fez estremecer.

— Entre. Tranque a porta. — ele grunhiu como se em dor. Ele estendeu a mão por trás de mim, torceu a maçaneta, abriu a porta e me empurrou para dentro.

Caí contra as escadas que levavam até o apartamento meu e de Seth, agarrei o corrimão e me segurei. Quando minha visão focou na porta, ele tinha ido. Bati a porta e a tranquei, meu coração batendo contra minhas costelas enquanto eu recuava. Eu rapidamente subi as escadas, minha mente correndo, lutando para entender o que tinha acontecido, o que tinha acabado de ver, e nada disso fazia sentido. Quem era aquele cara? O que ele queria comigo, e como ele conhecia Seth?

Uma sensação estranha me pegou, pânico. Corri para dentro do apartamento, Chaz lamentou uma saudação enquanto eu corria por ele e direto para o telefone sem fio. A polícia. Eu precisava chamar a polícia. Um rapaz havia sido assassinado a nem quinhentos metros da minha loja. Merda! Peguei o telefone sem fio da parede, e assim que meu dedo pousou no botão iluminado “9”, o telefone foi derrubado do meu lado, Chaz latiu, e um par de dedos agarraram apertado meu pescoço. Minha mente não teve tempo para reagir. Minha visão turvou, e no segundo seguinte, a escuridão tomou conta de mim.

Quando eu acordei, a luz solar brilhante entrava pela janela e no meu rosto. Eu estava deitada no sofá, a manta puxada até o meu queixo. Demorou um pouco, mas depois tudo voltou para mim, e pulei e corri até o quarto de Seth, abri a porta. Uma onda de alívio caiu sobre mim.

Seth estava esparramado em sua cama, dormindo, sua janela escancarada. Eu o encarei, chocada. Como ele tinha chegado lá dentro? Corri até ele, apertei a parte de trás de meus dedos em seu rosto, sua pele estava fria contra a minha. Meu olhar passou sobre o corpo de Seth, seu rosto parecia mais pálido, as sobrancelhas e cabelos escuros gritantes contra sua pele. Eu empurrei a franja de seus olhos e suspirei.

A única explicação era drogas. Como eu pude permitido que meu irmão entrasse nesse fodido inferno? Era a única razão que poderia explicar o seu comportamento estranho. Eu tinha estado em torno de usuários antes. Eu conhecia os sinais. Fechando sua janela, puxei o lençol sobre ele. Eu tinha que falar com Preacher.

Então, o resto da noite passada voltou para mim. O cara morto. O sangue. Eu saí correndo, descendo as escadas e sai pela porta dos fundos. Eu não parei até chegar ao beco ao lado do Boho. Quando eu cheguei, parei tão duramente que quase caí. Meus olhos procuraram a área vazia. Não havia nada. Absolutamente nada. Nenhum corpo. Sem sangue. Minha cabeça girou em confusão quando eu me agachei ao lado da parede de textura áspera e passei a palma da mão sobre a superfície de conchas de ostras quebradas. Nada.

— Perdeu alguma coisa, Riley? — Uma voz disse, assustando-me. Olhei por cima do meu ombro quando Bhing, dona do Boho, andava com uma pilha de caixas vazias para o lixo.

Levantei-me e sorri.

— Eu pensei que tinha — eu disse, encolhendo os ombros, — mas devo ter me enganado. Até mais. — Eu fui embora, e Bhing acenou um adeus. Bhing era Filipina, talvez tivesse um metro e sessenta, e seu cabelo preto cortado na altura dos ombros balançava a cada passo que ela dava enquanto puxava as caixas. Certamente, ela teria mencionado um rapaz assassinado em seu beco, se tivesse havido um. Eu saí mais confusa do que nunca.

Depois que levei Chaz para uma caminhada, eu corri para a Estelle.

— Você sabe de Preacher? — Perguntei. Preacher era o tomador de ação, e eu precisava dele. Muito.

— Ah, sim, — disse Estelle em sua voz melodiosa, esmagando as ervas em cima de um bloco de uma mesa de açougueiro no centro de sua cozinha. — Ele chegará em alguma hora hoje. — Ela fez uma careta. — Eles têm algo acontecendo por lá, e você sabe como esses conjuradores são. O que há de errado com você, menina? Seu irmão está melhor?

— Eu não tenho certeza, na verdade — eu disse, não querendo preocupá-la. — Ele apenas não é mais ele ultimamente. Talvez esteja passando por alguma mudança de adolescente? Eu achei que Preacher sendo homem, você sabe, ele seria capaz de falar com ele? — Eu não ousei mencionar como Seth reagiu ontem à noite, ou sobre o suposto morto no beco. Definitivamente não sobre o cara misterioso nas sombras que parecia estar por trás de tudo isso.

— Oh, agora, esses homens da família são criaturas engraçadas, você sabe. Não importa a idade eles têm. — Ela riu. — Sempre jovens. Sempre passando por essas mudanças.

Eu sorri, levantei, levei meu copo para a pia, e dei um abraço em Estelle. Ela sempre me fazia sentir melhor.

— Você está bem aqui sozinha? Você precisa de alguma coisa? Eu posso correr para a loja, se quiser.

— Não, querida — ela disse, e me deu um tapinha no braço. — Eu estou bem assim. Você deixe-me saber como aquele rapaz está, ok?

Eu concordei, disse adeus e voltei para casa para me preparar para o trabalho. A magnitude do que realmente estava acontecendo com meu irmão me atingiu mais tarde naquela noite. Atingiu-me como um raio.

Nyx e eu revezamos a verificação de Seth, e desta vez era o turno de Nyx — ela insistiu. Eu estava terminando com um cliente, repassando as instruções de cuidados para tatuagem, então agradei a Nyx e ela desapareceu no fundo da loja. Não foi nem um minuto depois quando eu ouvi ela trêmula, sua voz surtada gritando descendo as escadas.

— *Ri-ley! Suba aqui agora* — ela gritou. — *Depressa!*

— Aqui — eu disse para o cliente, entregando-lhe o resto de sua papelada. — A banda parece incrível, mas eu tenho que ir... desculpe! — Quando ele riu e disse — Não tem problema — eu já estava a meio caminho do meu apartamento, meu coração na minha garganta. Eu imaginava cada cenário horrível que eu poderia imaginar, a partir de overdose de drogas até a morte, ambos completamente fora do caráter (jeito) de Seth, mas ele não tinha sido exatamente Seth Poe recentemente.

Eu me bati umas cem vezes antes de chegar ao topo da escada, por não tê-lo levado a um médico mais cedo. Mas no momento que eu vi Nyx, de pé na porta do quarto de Seth, com um olhar de descrença e terror no rosto, juro por Deus, eu quase parei de respirar. Eu senti como se um buraco tivesse sido derrubado no meu peito, e corri rápido para a porta e empurrei passando por Nyx. Uma vez lá dentro, eu sacudi até parar.

— Uau! — Eu gritei, e congelei, meus olhos grudados no que viam.

O ar preso em meus pulmões e a compreensão do momento me bateu. Eu não conseguia respirar, gritar ou chorar. Eu apenas estava bamba, olhando totalmente incrédula como o corpo do meu irmão mais novo pairava três metros acima de sua cama, virado para cima, o corpo para o teto, e totalmente, completamente adormecido.

— Seth! — Nyx chorou. — Acorde! Oh, Riley... o que...

— Vá buscar Preacher. — eu disse, meus olhos permanecendo presos no meu irmão flutuante e rezando para que o Gullah tivesse voltado para casa.

— Mas Seth! O que está acontecendo? — Ela disse, com voz de choro, e ela estava literalmente pulando no lugar. Ela estava começando a entrar em pânico, e eu estava pirando próximo a isso. — Isso apenas não é real! Não...

— Droga, Nyx, agora! — Eu disse rapidamente. Ela já tinha ido embora e descido os degraus antes que eu percebesse que Preacher poderia não estar em

casa ainda. Estelle tinha acabado de ligar mais cedo para dizer que ele estava a caminho de *Da Island*. Decidindo não esperar ninguém, arrastei uma cadeira, subi sobre ela, alcancei as botas de Seth e puxei.

Seu corpo, sem peso, moveu-se com muita pouca pressão, por isso desci da cadeira e puxei Seth comigo. Tão fodido e estranho como isso parecia, eu posicionei o corpo paralelo com sua cama, em seguida, puxei-o para baixo no colchão. No momento em que o soltei, ele começou a flutuar de volta para o teto.

— Merda! Seth! — Eu segurei o tornozelo novamente quando o pânico passou por mim.

Que diabos? O que eu deveria fazer? Isso não estava acontecendo! Olhei para o quarto, esperando que encontrar algo que me daria uma pista sobre o que fazer com Seth. Ele estava possuído? Drogado? Pessoas não flutuavam. Oh, Jesus, ele tinha que estar possuído. Eu deveria ter prestado mais atenção nos meus estudos católicos quando criança.

Eu me agarrei a ele agora, completamente fora da minha mente, e finalmente, eu fiz a única coisa que eu conseguia pensar: sentei nele para mantê-lo para baixo. Seth não mostrou sinais de acordar, ele realmente parecia tão calmo quanto já estive durante o sono, e eu queria que ele malditamente ficasse muito bem assim até Preacher chegar.

Dentro de minutos, talvez até mesmo segundos, eu realmente perdi a noção do tempo, uma corrida de passos pesados encontrou meus ouvidos, e, felizmente, era mais do que um par de pés em movimento.

— Rápido! — Eu gritei.

Então tudo aconteceu ao mesmo tempo. Preacher entrou na sala, Chaz correu latindo; Seth acordou; Nyx gritou. E em um movimento fluido — tão rápido que eu nem sequer o vi mover-se — meu irmão me empurrou para longe dele com uma força brutal, eu voei por todo o quarto e cai contra a parede, e Seth desapareceu para fora da janela já aberta. No momento que meu corpo caiu, eu me ergui e corri para a janela.

— Seth! — Chamei freneticamente, e vasculhei a área de paralelepípedos abaixo de sua janela. Vazio. Chaz se levantou, suas patas no parapeito e continuava a latir como um cachorro louco, e eu procurando de cima a baixo na River Street à luz minguante. — Seth! — Eu chamei novamente. Não adiantava.

Ele se foi. E eu estava em choque. Eu não pensei além disso; eu saí para fora da soleira e corri para a porta, gritando o nome do meu irmão. — Seth! — De jeito nenhum ele poderia ter feito essa queda e apenas... fugir. A menos que ele estivesse usando. Droga! Eu dei dez passos antes de Preacher me pegar pela cintura e me puxar para parar.

— Deixe-me ir! — Eu disse, sem pensar, e puxei com força contra ele. Ele segurou firme, e eu fui a lugar nenhum. Tomada pela aflição, eu caí contra ele. Meu cérebro não conseguia entender nada. — O que está acontecendo, Preacher?

— Garota — Preacher disse gentilmente. — Shhh agora — Em algum lugar atrás de mim, Nyx chorava baixinho. Ele tocou meu queixo, e eu me virei e procurei seus olhos escuros. Ele não me perguntou nada, apenas me ordenou com gentil urgência. Obviamente, ele sabia de alguma coisa, uma vez que nada disso parecia estar o enlouquecendo. — Você vem comigo agora. — ele disse, e dirigiu-se para fora da porta.

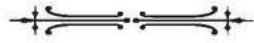
Nada que eu olhasse era o mesmo de antes. Nada, nem ninguém. Eu não sei porque eu senti isso tão rápido, mas eu fiz, tudo a partir de apenas cinco palavras ditas da boca de um sábio médico de raiz Gullah. Sentimentos de medo, pânico, ansiedade, invadiram-me. Isso e o fato de que meu irmão levitador, usuário de droga tinha voado para fora de um prédio de dois andares e desapareceu.

Sabendo qual seria sua resposta, eu olhei para Nyx.

— Você fecha para mim e espera aqui, no caso de ele voltar? — Eu perguntei.

— Ele não volta essa noite — Preacher disse do corredor, e meu estômago caiu. — Está na hora agora. Vamos. — ele comandou. Eu respirei fundo e, atordoada, segui Preacher para fora, arrastando-me atrás dele no entardecer.

PARTE 4



INTRODUÇÕES



Eu não tinha ideia de para onde estávamos indo, mas segui Preacher com silêncio e fé cega, no úmido crepúsculo de Savannah. Eu quase me senti como se estivesse fora do meu corpo, invisível para todos a minha volta. Eu só conseguia pensar no meu irmão; tudo que eu realmente queria ouvir era que Seth ficaria bem. Eu duvido seriamente que vá ouvir isso nesse momento. Preacher moveu-se em silêncio, ele falaria quando estivesse pronto. Enquanto isso, eu estava morrendo por dentro: brigando com lágrimas e pânico. Tinha vontade de gritar com todo o meu pulmão. Mantive a boca fechada, mas o silêncio queimou minha garganta.

Ao nos apressarmos pelo caminho, sabia que não me faria nem um pouquinho bem, perguntar ao velho feiticeiro para onde estávamos indo; ele iria me ignorar ou dizer *acalme-se e espere chegarmos lá*, então simplesmente acompanhei. Um número significativo de pessoas estava saindo e se movimentando enquanto atravessávamos a rua Bay; passamos apressados por um tour de fantasmas em direção a casa Kehoe. As pessoas estavam sentadas nos bancos do parque ou dando voltas em torno da praça, nenhuma delas ciente de que algo muito não natural tinha acabado de ocorrer.

A ameaça de chuva se pendurava pesada no ar, e eu podia sentir o gosto da sempre presente salmoura na língua; o pensamento mal me ocorreu e um trovão estourou no céu. Sombras se espalharam ao longo da praça enquanto as luzes dos postes caíram sobre monumentos e bancos, fazendo tudo parecer distorcido, aberrante. Mesmo os carvalhos imponentes pareciam ameaçadores, com longos e estendidos braços tentando me alcançar enquanto passava por baixo, e musgo parecendo mais pegajoso como cabelo de bruxa do que um dos ícones de Savannah. O mundo a minha volta parecia indistinto e fora de lugar, como se estivesse segurando uma concha junto ao ouvido. Espantei a estranheza o melhor que pude e me apressei ao lado de Preacher.

Caminhamos sem parar e em silêncio todo o caminho até a rua Taylor, onde o velho Gullah virou à direita. Quando chegamos a praça Monterey, ele atravessou a rua e parou no grande e branco prédio histórico de três andares na esquina. Pretas varandas de ferro forjado no segundo e terceiro andar encaravam a praça; a casa estava coberta por um dossel de gigantes carvalhos drapeados por musgos, típico do distrito. No portão da frente pendurava-se uma placa de bronze a qual se lia CASA DO DUPRÉ, 1851. Claro, a Casa Dupré.

Eu a vi um milhão de vezes na infância; eu nunca soube nada sobre ela ou seus habitantes, e não conseguia entender porquê ou como eles poderiam ser capazes de ajudar meu irmão, a menos que fossem algum tipo de ricos e radicais intervencionistas. Preacher, no entanto, tinha conexões, e eu confiava em tudo — e quero dizer *tudo* — o que ele considerava necessário. Talvez os Duprés estivessem envolvidos em algo da mesma magia negra africana? Infernos, esperava que sim.

Como se Preacher tivesse lido meus pensamentos, ele parou um passo a frente e se virou para mim. Já era escuro suficiente lá fora para que eu pudesse ver só o branco de seus olhos, seu cabelo prata contra sua pele de ébano, mas eu sabia que ele estava me estudando meticulosamente. Ele sempre o fazia.

— Tomou seu chá essa manhã, certo? — ele perguntou.

A pergunta estranha me surpreendeu, mas respondi.

— Sim, senhor.

— Você não deixou de tomar nenhuma manhã desde que eu estive ausente, certo?

Eu sabia melhor do que questionar neste momento. Quando Preacher estava sério sobre algo, ele não enrolava, e neste momento ele estava sério, sem importar o quão bizarro era a pergunta.

— Não, senhor, eu não pulei nenhuma manhã. Eu sempre o tomo. — Por dentro, no entanto, eu estava gritando *Para que diabos você precisa saber disso?* Sabiamente mantive o comentário para mim.

— Eu conheço você, garota — Preacher disse em voz macia — a está matando deixar essa boca esperta fechada. Você quer saber o que estamos fazendo aqui e como esse pessoal pode ajudar seu irmão... esse tanto eu sei. Você quer saber como seu irmão esteve flutuando, e como ele saltou e fugiu. Mas te digo agora, não saia atirando palavras dessa boca esperta lá dentro, mesmo que você queira. Mantenha esses lábios selados e a boca bem fechada, e não faça muitos movimentos, e pelo amor de Deus, não bata em ninguém se eles puserem as mãos em você.

O que você vai ver e ouvir lá dentro? Não se encaixará no seu cérebro ou no seu coração de imediato, e estou te pedindo que simplesmente aceite. — Ele colocou uma mão em meu ombro, e estava forte, calorosa. — Me prometa isto, Riley Poe.

Se antes eu não estava abalada, agora eu estava. Eu não acho que ouvi meu avô substituto usar tantas palavras em toda minha vida. Mas Preacher faria qualquer coisa por mim e Seth, e tudo isso era somente sobre uma coisa, Seth.

— Sim, senhor — respondi rapidamente. Só o fato de Preacher estar me alertando que alguém poderia pôr as mãos em mim colocou minha guarda instantaneamente em alta. Ele sabia que eu tinha uma coisa com pessoas “estranhas” me tocando. Tinha reflexos que não podia evitar. Além do mais, por que alguém na casa Dupré iria *me tocar*? Eu inalei profundamente e expirei devagar.

— Eu prometo — disse, e esperava muito que pudesse cumprir.

Preacher assentiu uma vez e se virou para a porta; ele não teve que bater ou tocar a campainha. No momento em que entrei na luz da varanda ao seu lado, as portas duplas de carvalho e bronze se abriram, e um homem de idade avançada em seu perfeito e imaculado terno cinza surgiu na entrada. Alto e rijo, com cabelos cinzas cortados rente, ele me deu uma dupla checada, depois se dirigiu a Preacher.

— Eles estão o aguardando na biblioteca, *monsieur* — disse o homem com vago sotaque francês. Ele não me cumprimentou verbalmente, mas checou meus dragões, asa de anjo, e roupas: uma saia transparente florida que acabava logo acima dos joelhos, uma camiseta branca rasgada, botas pretas de couro até o tornozelo, e uma selvagem gargantilha de veludo preta.

— Por aqui — ele disse, inclinando a cabeça para o caminho. Ele começou pelo saguão, deu a volta em uma arma de fogo em forma de vareta e seguiu reto em direção a uma sala no andar principal, perto da parte de trás. Nós o seguimos, meu salto batendo nitidamente contra o assoalho, quebrando um silêncio desafiador. Vasos antigos, retratos a óleo de outrora, e móveis da virada do século adornavam a porção da casa que eu podia ver. No momento que entrei na sala, endureci. Não menos que quinze pessoas estavam reunidas e todos os pares de olhos se centraram em mim quando entramos. Apenas seis *não eram* Gullah. Uma jovem que aparentava a mesma idade de Seth, estava ao lado de uma elegante e pequena senhora e de um homem mais velho.

Imediatamente meu olhar escaneou a sala; notei duas coisas, jovens rapazes da minha idade, parecia, e o cara gostoso que me encarava através da fachada de Inksomnia da vitrine. Ele ficou na parte de trás, o mais longe de mim, e quatro

caras enormes Gullah — conhecia todos eles — ficaram a sua volta, quase que... servindo como escudo para ele.

Aparentemente sem se importar com isso, ele estava casualmente apoiado contra a parede, braços cruzados por cima do tórax, cabelos castanhos postos de lado e caindo sobre os olhos, que mesmo a distância, eu podia dizer que me estudavam com intensidade inexpressiva. Jeans desgastados caídos nos quadris e desfiados na coxa, um cinto de couro, e uma camisa branca confortável cobriam um magro e bem definido corpo. Então reparei em seu maxilar, seu perfil, e familiaridade surgiu em mim. Encarei de volta, um pouco enlouquecida, enquanto outro perfil, nas sombras que me segurava contra a parede, se apressou para mim. Era *ele*. *Que Diabos?*

Mas antes que pudesse exigir que *infernus* estava acontecendo, a voz de um homem atraiu minha atenção sem esforços, como se eu tivesse controle zero. Era suave, francesa e hipnotizante.

— *Bonsoir, me chère* — disse um homem mais velho, enquanto se levantava de uma poltrona estofada cor de vinho perto da lareira.

Seu olhar prendeu o meu enquanto ele se aproximava e achei difícil pensar em outra pessoa ou outra coisa que não ele e a sua voz. Ele se moveu com tanta graça, que parecia que tinha deslizado pela enorme sala. Parando a poucos passos de mim, me deu uma pequena e sofisticada saudação e um sorriso caloroso. — *Accueillir à la maison de Duprè*.

Eu encarei o homem, inexpressiva, e logo no momento em que ia dizer que não fazia ideia do que *infernus* ele estava falando, senti as mãos de Preacher se mover para abaixo das minhas costas. Encarei aquilo como um sinal para ficar de boca fechada.

— Oh, Gilles — disse uma mulher pequenina, com um leve sotaque francês — em inglês, amor. — Ela me olhou de relance.

— Ah, *oui... pardon* — o homem, aparentemente Gilles, me disse, mudando para o inglês. — Minhas desculpas, senhorita. Esse é um hábito antigo difícil de quebrar, receio. — Ele assentiu brevemente. — Bem-vinda a casa Duprè. — Um afiado olhar azul cor do céu encontrou o meu e o segurou. — Nós estávamos esperando você.

O que eu queria dizer era, *isso é ótimo, realmente, mas como pode ajudar meu irmão? E quanto ao cara ali que está me perseguindo?* Fiquei firmemente de costas para Preacher, que havia deixado o assunto sob controle. Com meus olhos, no entanto, eu gritei *O que está acontecendo? Por que você tem esperado por mim?*

No momento seguinte, Preacher começou a falar com Gilles Dupré num francês perfeito. Eu aguardei, abismada, e peguei apenas uma palavra na rápida tradução: *Seth*. Estava cada vez mais difícil manter a boca fechada, e eu já tinha aguentado mais do que a minha cota de olhares silenciosos e rigoroso escrutínio. Mas no momento em que estava à beira do colapso, Gilles voltou-se para mim. Ele pegou com ambas as mãos as minhas, e eu endureci. O corpo de Preacher se tornou rígido ao meu lado, mas eu permaneci calma. Bom, calma ao meu ver, de qualquer maneira. Pelo menos não torci as mãos do velho até deixá-lo de costas.

Gilles olhou de relance para nossas mãos e eu vi seu olhar seguir o rabo da minha tatuagem de dragão pelo meu braço antes do seu olhar encontrar o meu. Novamente, a sensação de fascinação veio até mim quando ele falou.

— Riley Poe. A tatuada. — Disse, quase que com admiração. — Você é amada pelos seus camaradas de escuridão, assim como seu irmão. Você é... família. — Ele soltou minhas mãos e assentiu. — Eu entendo sobre família, *ma chère*. — Com uma longa e elegante curva de mãos olhou de relance aos outros. — Esta é minha família, Srta. Poe. Ali senta minha amada Elise, minha doce filha, Josephine, e meus garotos — ele gesticulou para o outro lado — Séraphin, Jean-Luc, e ali no canto, pensativo, está o meu mais velho, Eligius.

Eu encarei sem palavras a família Dupré. Elise, pequena, com um cabelo preto perfeitamente arrumado em um rabo de cavalo, era pelo menos quinze anos mais nova que seu marido. Ela sorriu calorosamente para mim e assentiu curta e elegantemente para mim. Sua filha, Josephine, estava ao lado da cadeira da mãe, e me olhava de forma inquisitiva, parecia que ela queria falar tanto quanto eu. Cabelos castanhos claros se penduravam em cachos até a cintura onde se dividiam, longas franjas puxadas para trás dando um estilo hippie, e selvagens olhos azuis da cor do céu assim como seus pais, me encaravam fixamente e descaradamente. Com um par de jeans escuro e apertado, tênis rosa brilhante de cano alto, e blusa preta com um símbolo rosa choque na frente, ela parecia como qualquer outra adolescente. Ela olhou de relance para meus pés e então encontrou meu olhar.

— Eu gosto das suas botas. E é Josie. — Ela deu um sorriso travesso.

Preacher novamente pressionou minhas costas, silenciosamente me dizendo para ficar quieta. Eu encarei Josie sem dizer nada e ela deu um pequeno sorriso, quase como se pudesse ler meus pensamentos.

Séraphin e Jean-Luc me estudaram, sem dizer uma palavra, e eles se pareciam tanto que facilmente poderiam ser gêmeos. Ambos com físico atlético e cabelos loiros escuro, Séraphin tinha o cabelo curto e rente enquanto Jean-Luc os tinha longos e revoltos. Eles me contemplaram em silêncio, no entanto tinham expressões de curiosidade e algo a mais que eu ainda não conseguia definir o que era. Então Jean-Luc gesticulou o símbolo da paz e sorriu. Tudo que eu sabia era que, não importavam quantas pessoas me encaravam, Eligius era o que mais me afetava. E aquilo me irritava totalmente.

Eu olhei brevemente de relance para *ele*. Eligius Dupré. Claramente, eu estava familiarizada com a sua boa aparência e olhares duros, e estava começando a ficar puta com ele e com toda essa situação. Que infernos era tudo isso? Por que Eligius estava me seguindo, o que tinha acontecido com o garoto morto e... *Droga!* Eu estava confusa. Por que Preacher havia me trazido aqui? Como essas pessoas poderiam ajudar Seth? E por que eu não podia *falar* nada? Eu olhei pra Preacher que também não disse nada, mas eu conhecia aquele olhar. Dizia, *Faça o que eu disse, garota*. Finalmente, retornei a olhar Gilles, que sorria calorosamente. Não podia fazer nada mais que esperar.

— Agora que você observou *ma famille, chère*, nos conhece bem. Assim como a conhecemos bem; nós todos nos tornaremos um tanto quanto... próximos. — Ele roçou meu queixo com longos e elegantes dedos, e eu lutei para não o afastar. Ele sorriu. — Ah, *oui*. O seu Preacher nos disse pelo seu desgosto pelo toque humano. — Ele deu um risinho e deslizou os dedos pela minha mandíbula uma vez mais. — Posso lhe assegurar... isto não é o que você pensa.

O resto dos Dupré também deram risinhos, todos exceto Eligius, e apesar da minha promessa anterior, simplesmente não consegui me conter. Estreitei os olhos.

— Você não tem ideia do que eu penso.

Preacher silvou ao meu lado e murmurou palavras africanas cujo significado desconhecia, mas imaginava o que pudessem significar. Dei a ele um olhar curioso.

— O que? — perguntei quase em um sussurro, embora eu soubesse exatamente *o que*.

— Venha, minha feroz tatuada — disse Gilles. Ele pegou meu cotovelo e gentilmente me direcionou à cadeira da qual tinha se levantado antes, e por alguma razão, permiti. — Sente. Temos muito que discutir.

Eu sentei, jogando a Preacher um olhar curioso, que simplesmente me encarou inexpressivo. Eu não tive que esperar muito.

Gilles estava na lareira, cotovelo apoiado contra um longo, antigo manto polido, e começou.

— Os seus camaradas Gullah e minha família se conhecem por muitos anos. — ele disse, o sotaque leve, delicado. — E com arrependimento, confesso que todos nos tornamos complacentes. — Ele suspirou, fechou os olhos brevemente e olhou pra mim. — Nós nunca deveríamos ter baixado a guarda, nem por um momento. Isto foi...

— Gilles — sua esposa, Elise, disse suavemente. — Por favor.

— *Oui*, você tem toda razão, amor — ele disse. — Melhor dizer diretamente. — Ele suspirou. — Um contrato foi feito, séculos atrás, entre os ancestrais de Preacher e a *famille* Dupré — ele disse. — Eles iriam se encarregar das nossas... necessidades. E em retorno daríamos proteção total a cidade e as ilhas ao redor. Uma guarda, se preferir.

Gilles me observou, esperando por um entendimento que eu não podia lhe dar; eu não tinha a mínima idéia do que ele estava falando. Eu queria perguntar como um homem velho, uma mulher de meia idade, uma adolescente e três jovens poderiam ainda carregar um antigo contrato para proteger toda cidade — e *do que* — fiquei em silêncio. Uma maratona para mim, na verdade, mas se a grave expressão de Preacher indicava alguma coisa, eu sabia que isso era algo que eu precisava aceitar e ouvir, por agora, pelo menos. De alguma maneira, isso tinha que estar ligado ao que tinha acontecido com meu irmãozinho. E estranhamente, eu senti uma força bizarra radiando de Gilles Dupré. Eu não podia explicar, mas eu acho que ajudava a manter minha boca fechada e meu traseiro firmemente aderido a cadeira.

Gilles continuou.

— Veja só, tatuada, seu irmão e seus jovens amigos quebraram uma tumba e inadvertidamente liberaram almas vis, dois irmãos. Valerian e Victorian Arcos. — Ele se aproximou de mim e inclinou a cabeça. — Eles, assim como nós, são descendentes de uma poderosa e rara linhagem de sangue dos *strigoi* da Romania. Eles não pararão por nada, *chère*, para conseguir o que querem, e confie em mim — ele sorriu — eles de fato *querem*. Eles não serão tão fáceis de subjugar novamente.

Strigoi? Que infernos? O olhar vago em meus olhos tinha que ser evidente; então, entendi, e eu não podia acreditar. Olhei em volta da sala toda, apesar de Preacher ter me dito para me manter quieta e pouco me movimentar. Apenas não podia evitar. Os Gullah fixaram olhares sombrios em mim; os Dupré, observaram em silêncio, aguardando por minha resposta, suponho. Devagar, levantei da cadeira, balancei a cabeça, e dei uma curta risada de descrença. Eu ainda não podia acreditar. Me virei pra Preacher.

— Zumbis, Preacher? Sério? Você acha que Seth e seus amigos liberaram zumbis da pedra do inferno? Sem desrespeito... você sabe que eu dei atenção aos seus avisos... mas zumbis? Você sabe que eu não acredito em coisas como essa e eu não tenho tempo para isso — eu disse, e fui em direção a porta. Olhei de relance por sobre os ombros. — Eu tenho que procurar meu irmão...

— Fique.

A voz familiar fez minha cabeça virar, e arquejei — então amaldiçoei — em choque completo. Eligius Dupré bloqueou a porta parando tão perto, que eu podia sentir qualquer que fosse o cheiro de terra e sedutora essência que ele estava usando. Como diabos ele se moveu tão rápido? Cada Gullah na sala, inclusive Preacher, se moveu em minha direção, a sala se encheu de uma mistura frenética das línguas africana e francesa. De repente, uma vontade enorme de gritar, chorar e correr como o inferno me dominou, e eu empurrei Eligius Dupré, em um esforço para tentar passar.

— Mova-se, garçon. — eu disse sarcasticamente quando um soluço ficou preso na minha garganta e minha voz falhou, dois comportamentos muito improváveis para mim. O hall de entrada estava vazio, e eu corri todo o caminho até a porta da frente, e depois fora dela. Lá fora, na parte inferior da escada, Eligius estava de pé, esperando.

— Merda! — Amaldiçoei baixinho e parei. Novamente, como ele se moveu tão *rápido*? Duas vezes! Era... impossível, e meu cérebro não conseguiria, não poderia, encarar aquilo. Nem sequer tentaria. Eu juro por Deus que não conseguia pensar em nada melhor para dizer, e estava novamente em choque completo. — O que diabos você está fazendo aqui? — Eu perguntei, sem fôlego, com descrença.

— Tentando impedir você de se fazer de ridícula — ele disse baixinho, com a voz suave aparentemente dentro da minha cabeça. — Agora, vamos voltar para dentro, se você quiser encontrar seu irmão. — Ele deu dois passos em direção a mim, sua figura parcialmente escondida pelas sombras. — Por favor.

O olhar de desconfiança no meu rosto deve ter sido mais perceptível do que eu pensava, porque Eligius deu um leve sorriso. — Sim, havia um homem morto no beco ontem a noite. Eu não o matei. E nós não somos zumbis. — Ele inclinou a cabeça. — Podemos ir agora?

Quando outra pessoa disse *zumbis*, soou ainda mais estúpido do que quando eu disse. O que eu estava pensando? Mas ao que concernia Preacher, nada — incluindo zumbis — poderia ser descartado. Preacher e Estelle acreditavam firmemente neles, entre outras coisas.

— Criança, volte aqui agora, — disse Preacher atrás de mim. — O tempo está passando, e seu irmão está lá fora.

Compelida por experiências anteriores a ouvir Preacher, eu dei um olhar duro a Eligius, subi os degraus, e passei por meu avô substituto no saguão sem palavras, mas eu não perdi o olhar que ele deu a Eligius antes de me seguir. Eu vi aquele olhar milhares de vezes antes. Era um olhar de *advertência*, com ameaça de retaliação em seus olhos escuros. E aquilo apenas não fazia sentido para mim, mesmo fazendo o que ele me pediu. Entrei na sala, esperando que fosse pela última *maldita* vez, e fiquei surpresa ao ver todos exatamente onde os havia deixado.

Gilles veio à frente.

— Minhas desculpas, *chère*. Eu sei que isto é muito para digerir. Mas, por favor — ele gesticulou para a cadeira — Sente. Há coisas que você deve saber.

Olhei para Preacher, que deu um aceno curto. Atravessei a sala e sentei na cadeira. Josie permaneceu perto, me olhando com um olhar divertido. Procurei os outros dois garotos Dupré, e suas expressões eram muito semelhantes à da irmã.

— Como você pode ver, nós não somos o que você pode chamar de... comuns. — disse Gilles, andando devagar agora diante de mim. Eu cruzei as pernas, dobrei os braços sobre o peito, e mantive meu olhar treinado no homem mais velho: seu terno caro, as unhas bem cuidadas, seu perfil aristocrático. Na minha periférica notei Eligius perto da porta, provavelmente para bloquear quaisquer futuros escapes meus. Minha mente estava uma bagunça confusa de dúvidas e pânico; eu faria qualquer coisa para ajudar a encontrar Seth. Mas isto era seriamente uma loucura perversa.

— Qualquer coisa? — perguntou Gilles. Ele parou e me olhou nos olhos. — Sinceramente, *chère*?

Minha pele ficou gelada; parecia como se o velho tivesse lido minha mente, ou eu disse isso em voz alta?

— Sim — eu respondi com voz firme, e confiante, cancelando todos os acordos anteriores que tinha feito com Preacher para me manter de boca fechada. E eu estava um pouco irritada.

— Qualquer coisa.

Gilles assentiu.

— *Bon*. Muito bom ouvir isso. — Ele se aproximou, parou e inclinou a cabeça. — Mas para que você possa ajudar seu irmão, deve permanecer e ouvir com mente e coração abertos.

— Ouvirei. — respondi, recordando que Preacher tinha dito quase estas mesmas exatas palavras.

— Crianças? — ele disse à sua família.

Tudo o que aconteceu em seguida aconteceu tão bizarramente rápido que eu mal pude acompanhar. Virei minha cabeça para olhar de relance para Preacher, e quando olhei para Gilles novamente, ele não estava mais lá. Jean-Luc estava em seu lugar. Eu procurei por Josie, e enquanto ela tinha estado em pé ao lado da mãe a poucos segundos, ela estava agora onde Eligius tinha estado, e ele estava agora de pé perto da lareira. Fiquei de pé, girei em torno, confusa, apenas para perceber que Gilles e Elise tinham trocado de lugar. Ninguém ficou onde eles estiveram, e eles mudaram bem diante dos meus olhos. Olhei em volta, incerta, e me senti começar a tremer nervosamente.

— O que está... acontecendo? — perguntei rapidamente. O que foi isso, algum tipo de bizarra e amaldiçoada família Cirque du Soleil? Ilusionistas franceses? Eu estava perdendo a cabeça?

No tempo em que eu levei para piscar, Gilles parou em frente a mim novamente. Seu sorriso caloroso, seus olhos brilhavam... outra coisa completamente diferente. Em seguida, alguém pigarreou, e eu olhei de relance para cima para ver Séraphin empoleirado no topo de uma estante de livros em um canto. Ele pulou com facilidade e estava ao meu lado em menos de — juro por Deus — um segundo. Eu gritei esmagadoramente.

— Nós somos criaturas da Entardecer — disse Gilles calmamente. Ele estendeu a mão, segurando as minhas, e continuou a falar enquanto me levava pela sala. Eu não tenho bem certeza do por que, mas fui voluntariamente enquanto minha mente girava selvagem, tentando descobrir exatamente o que era uma criatura do Entardecer. — Quase dois séculos atrás, fui levado uma noite por um outro, um Arcos, e até hoje eu não sei por quê. — Ele fechou os olhos e balançou a cabeça. — Parti durante a transformação, mas uma vez que tinha me transformado, percebi que não poderia suportar ficar sem minha amada família, então eu egoisticamente transformei-os, um por um, enquanto dormiam em suas camas. Os obriguei a beber o meu sangue contaminado, e eles também se tornaram como eu. Foi um mês infernal de transformação que se seguiu.

— Gilles, *non* — disse Elise baixinho, e num piscar de olhos, ela estava a seu lado, com o braço entrelaçado ao dele. Ela repousou a cabeça em seu ombro. — Não egoísta, *mon Bienaimé*.

Agora eu balancei *minha* cabeça, numa confusão total e absoluta.

— Os levou... criaturas do Entardecer? Transformação? O que tudo isso significa? — Eu perguntei. — E o que isso tem a ver com o meu irmão e eu? — Entardecer, o que os Gullah chamam de crepúsculo, saquei; Mas os irmãos Arcos, assassinos *cruéis*, criaturas do entardecer? Nada disso fazia sentido.

Eligius estava imediatamente ao meu lado, seus olhos duros perfurando os meus.

— O Arcoses são descendentes *vampíricos* dos *Strigoi* — ele disse, sua voz aparentemente dentro da minha cabeça mais uma vez.

Foi estranho finalmente combinar o rosto a voz, e eu senti como se meu olhar estivesse fixo ao dele. Seus lábios se moveram, e eu quase não conseguia tirar os olhos *deles*, então ele devia estar falando em voz alta. Ele agarrou meu braço, e de repente, meus reflexos entraram em ação. Só que eles não funcionaram. Seu agarre era como aço, e eu não consegui movê-lo. Ele se aproximou e, com o canto do olho eu vi os homens Gullah dar um passo a frente.

— Raramente se ouve falar de uma linhagem fora dos contos e dos folclores *romanos*. Todos somos membros de famílias com mesmo parentesco, todos com uma veia de sangue *strigoi*, mas há diferenças. Somos imortais que anseiam por sangue humano, mas nossa fome foi satisfeita de outras formas... formas humanitárias... por Preacher, e seus ancestrais antes dele. Os Arcoses foram sepultados há mais de cento e cinquenta anos, e agora eles estão livres, e eles não são humanos. Eles estão caçando. — Seu rosto estava tão perto do meu que eu podia ver manchas coloridas em seus olhos raivosos. — Eles não têm piedade, nem remorso; eles não podem ser saciados. E eles não vão parar.

Meus pensamentos saltaram para o homem morto no beco, a maneira distorcida de seu corpo sem vida, a forma como a sua carne tinha sido rasgada, o sangue, e Eligius não soltou meu braço. Ele segurou, firme, seu olhar nem uma vez deixando o meu. Meu coração bateu em minhas costelas, e minha pele formigou onde ele tocou. De uma vez, o quarto todo não existia, só nós. Ele havia sido o único a me dar respostas diretas, então eu perguntei, uma vez mais diretamente.

— O que é você? — Eu disse, minha voz forte, mas trêmula. Eu corajosamente mantive meus olhos treinados nos dele enquanto esperava por uma resposta, e vagamente notei o vacilar em sua expressão à palavra *o que*.

— Somos vampiros, mas não como *eles* — ele disse com veemência, baixinho, e foi a primeira vez que percebi o mais leve traço de sotaque francês. Os músculos de sua mandíbula estavam tensos e, novamente, meus olhos foram atraídos para seus lábios. — Como disse meu pai, fizemos um pacto com seus companheiros. Eles sustentam as nossas vidas, e nós protegemos a cidade dos vampiros renegados. — Com a cabeça baixa, seus olhos procuraram os meus, e sua voz baixou. — Mas os Arcoses foram libertados, e agora temos um grande e fodido problema, *ma chère*.

— Filho, é o suficiente — disse Elise, sua voz doce e forte ao mesmo tempo. Uma ligeira mudança no ar roçou no meu rosto e me fez estremecer, e quando abri os olhos, Eligius estava do outro lado da sala, encostado na parede, como se ele nunca tivesse se movido.

Olhei diretamente para Gilles.

— Como é que isto ajuda meu irmão? — Eu perguntei, então procurei Preacher, que estava em silêncio contra a porta. — Como? — De repente, o peso do que possivelmente estava acontecendo me atingiu com força total no peito, e eu me inclinei onde estava, incapaz de respirar. — Seth — eu engasguei com o nome do meu irmão, e minha garganta queimou.

Preacher foi imediatamente para o meu lado, e enquanto ele não disse nada, suas mãos tranquilizadoras sobre meus ombros me acalmaram tanto quanto eu poderia me acalmar.

— Seu irmão está em transformação — disse Gilles, e eu não perdi a nota simpática em sua voz. — E é preciso um ciclo completo da lua para transformação ser concluída. Nós achamos que ele e seus amigos, por causa de sua ajuda involuntária ao Arcoses, estão seguros por agora. Se os irmãos quisessem matá-los, eles já estariam mortos, te garanto.

Era demais, mesmo para mim, assimilar isso tudo. Minha mente girava em torno de tudo o que haviam me dito, nas coisas que eu vi, e não importa o quanto eu tentasse, não importa o que eu soubesse de Preacher e suas crenças, eu tinha uma dificuldade dos infernos em acreditar que eu estava de pé em um dos edifícios históricos mais proeminentes de Savannah com uma família amorosa alegando ser descendentes vampiros da França e da Romênia; que haviam dois perigosos e sanguinários vampiros renegados soltos na cidade; e que meu irmãozinho estava envolvido com eles.

Que ele iria se tornar um *deles*. Eu me sentia doente.

Tudo o que tinha acontecido naquela noite em Bonaventure me varreu como uma pesada e sufocante onda: o sentimento de inquietação, a ausência das cigarras, e a lenta transformação de Seth em irmão doce e amável para o rapaz frio e desapegado que eu mal conhecia. Chaz havia notado, também, e de repente todos os sintomas faziam sentido. Seth dormia o tempo todo, tinha hipersensibilidade à luz e falta de apetite. Na primeira febre, ele se tornou... frio. Não gelado, mas

notavelmente com uma temperatura mais fria. Ele quase me atacou. Ele jogou Chaz através da sala. Fechei os olhos com força e tentei respirar.

— Oh, Deus — eu murmurei, e uma dor tão feroz alojando-se no fundo da boca do meu estômago quase me fez dobrar. Eu passei os braços em volta de mim mesma. — Como pode ser verdade? — Eu me virei para Preacher. — Como?

— Há muitas coisas neste mundo que a maioria dos mortais não tem a menor ideia que existe — disse Gilles, posicionando-se ao meu lado agora. — Até que é tarde demais, claro.

Virei meu olhar para ele, incapaz de fazer mais do que isso. Então absorvi a sala, a família Dupré, meus amigos Gullah. Meu cérebro estava transbordando e não poderia aguentar um segundo a mais. Eu me virei para Preacher.

— Eu tenho que sair daqui. — Ele simplesmente manteve seu olhar treinado em mim, em silêncio.

— Nós achamos que pode ser muito para absorver de uma vez — disse Gilles, as mãos cruzadas atrás das costas. A expressão pesada em seu rosto não se assentou tão bem comigo. — Mas há mais uma coisa que você deve saber.

Eu olhei para ele.

— E o que é?

— Você tem um tipo raro de sangue, Riley Poe. Apenas o segundo mortal que eu já encontrei com este tipo de sangue em toda a minha existência.

— Eu sou O positivo — eu repliquei. — Isso não é raro.

Ele inclinou a cabeça.

— Você já considerou os motivos do porquê tantos dos seus irmãos estão conosco aqui hoje?

Olhando rapidamente ao redor da sala, dei de ombros.

— Não, realmente.

Ele colocou a mão no meu ombro, e cada Gullah no local deu um passo a frente. Gilles sorriu.

— Eles estão aqui para proteger você, criança. Seu tipo de sangue é especialmente raro... para nós.

— Gilles, pare de assustar a menina — disse Elise, de repente, ao lado dele. Ela olhou para mim e falou abertamente pela primeira vez. — Preacher tem mascarado a potência do seu sangue há anos — ela disse suavemente. — Você não

está em perigo real aqui, *chère*, e seus companheiros estão aqui porque eles amam e estimam você. Eles estão apenas sendo cautelosos, e é essa lealdade feroz que tem mantido as nossas famílias e o contrato ligados por séculos. E assim deverá permanecer.

Preacher colocou a mão contra as minhas costas.

— O chá que você bebe a cada manhã? Mantém o seu sangue mascarado.

Olhei para ele com os olhos arregalados.

— Você tem me drogado?

O canto de sua boca se elevou, ainda que levemente, em um sorriso único que só eu reconheci.

— Para o seu próprio bem — disse ele suavemente. — Nós sabemos do poder do seu sangue desde que era um bebê, certo. Agora, ouça-o — disse ele, inclinando a cabeça para Gilles. — Há algo que temos que fazer por agora.

Eu assenti e voltei toda a minha atenção para Gilles.

— Estou escutando. — Embora tivesse dificuldade em aceitar que eu era como filé mignon para esses caras.

Gilles bateu as mãos na testa dele.

— Os Arcoses não serão detidos facilmente. Eles serão difíceis de encontrar... assim como o seu irmão e os amigos deles. Eles se escondem durante o dia e se movem por sombras na escuridão.

Eu não tinha pensado nisso. Não é de admirar que Riggs estivesse agindo estranho na loja.

— E eu sinto que eles estão em mais do que uma caçada. Retaliação, no fim, sem dúvida. — Ele se virou para mim e me estudou com intensidade. — Veja só, Victorian e Valerian são jovens, com 21 e 22 anos, embora extremamente astutos e mortais. As aparências deles irão enganá-la, nunca confie neles. Seus rostos são lindos e inocentes; suas almas estão condenadas. Nós faremos tudo em nosso poder para atraí-los para fora do esconderijo, e vamos precisar da sua ajuda.

Novamente, eu assenti, mesmo que as coisas que Gilles estava dizendo parecessem destinadas a outra pessoa, não para mim.

— O que eu posso fazer?

— Eles estão construindo um exército — Gilles disse em tom grave. — Da juventude da nossa cidade... incluindo seu irmão. Era o que eles pretendiam há

mais de cento e cinquenta anos atrás, e é por isso que eles foram sepultados. Eles irão recrutar suas tropas de vítimas da escória da cidade. Hoje, os tempos são mais perigosos, e dessa vez eles devem ser destruídos. — Ele inclinou a cabeça. — Você conhece o submundo, *oui*?

— Submundo como... o que, exatamente? — Eu perguntei embora imaginasse o que ele queria dizer. Eu não gostei.

— Lugares sombrios, drogas — Preacher esclareceu. — Aqueles clubes e boates que você costumava frequentar, e aquela galera mal-encarada que você costumava andar quando era uma garota.

Por dentro, eu me encolhi. Eu jurei — *fiz um voto* — que nunca iria voltar para aquela vida de novo. Eu a coloquei no passado, sem olhar para trás. Mas era o meu irmão que estava sendo arrastado para coisas que eu nunca *sonhei* em fazer. Olhei Gilles Dupré no olho.

— Eu disse que faria qualquer coisa.

Por breves segundos, Gilles fechou os olhos, e um leve sorriso se insinuou em sua boca.

— *Bon*. Por agora, devemos vigiar, esperar, e tentar proteger o maior número possível. A cidade cresceu, não será tão fácil como antes. E Eligius permanecerá ao seu lado todo o tempo.

— Papa?

— Não. — eu disse, ao mesmo tempo que Eligius argumentou. Nós nos entreolhamos; então me virei para Gilles. — Eu aprecio sua preocupação, de verdade, mas não preciso de ninguém para mim proteger. Preacher mora ao lado. Eu posso cuidar de mim mesma.

Com uma rápida olhada em Preacher, que assentiu, uma única e curta vez, Gilles, numa fração de segundos, segurou meus braços com força e inclinou sua cabeça para perto. Eu pisquei em surpresa, e rápido assim seu rosto ficou muito perto e desagradavelmente distorcido, sua mandíbula desengonçada, e todos os dentes na sua boca cresceram muito, afiados, pontudos, os olhos já não mais azuis e sim puro branco, com apenas um pontinho de sangue na pupila. Eu literalmente tremi onde eu estava, minha respiração presa na garganta; eu não poderia respirar, mover ou gritar.

No piscar seguinte, o rosto de Gilles voltou ao normal, o que eu via como normal, de qualquer maneira. Ele era um bonito e distinto homem de idade. Pesar, agora, estampado em seus olhos azuis claros.

— Desculpe-me, *chère* — disse ele calmamente. — Mas você vê agora por que deve permitir que Eligius a ajude?

— Por que não Phin ou Luc? — Eligius questionou baixinho. — Eu não sou uma sábia escolha.

Eu não podia tirar meus olhos de Gilles. O que tinha acontecido *realmente* aconteceu? Era naquilo que Seth iria se tornar? Eu resisti à vontade de alcançar e tocar seu rosto.

— *Oui* — disse Gilles. — Isso é o que será de seu irmão. Pior, receio. Ele não vai ter... nenhum controle. Um recém-criado, impulsionado pelo desespero e pela fome dolorosa.

Eu soube então que Gilles poderia ler meus pensamentos, e eu não podia dizer se ele lia de forma aleatória, ou apenas quando ele pensava que era pertinente à situação. Isso foi, ainda mais, uma coisa insana para o meu cérebro para tentar fazer sentido. Eu aventurei um olhar para ele, e ele deu um leve sorriso.

— E você — disse Gilles a Eligius — é a escolha que eu fiz, *mon fils*. Você é o mais forte de nós, e o que melhor pode protegê-la. Ela deve levar sua proteção como de costume, e começar a entrar na vida do submundo. Nós não podemos permitir que os Arcoses suspeitem o contrário, *oui*? — Gilles voltou seu olhar para mim. — Você estará perfeitamente segura com Eligius. Apenas... certifique-se de beber o seu chá. — Jean-Luc, Séraphin, ou melhor, Luc e Phin e Josie deram risinhos.

Após uma olhada rápida a Eligius, eu direcionei minha pergunta a Gilles.

— Ele faz o que você acabou de fazer?

Gilles assentiu.

— *Oui*.

Uma risada cínica me escapou.

— E você quer que ele fique na minha casa? Comigo? Enquanto estou indefesa e dormindo?

Gilles não respondeu.

Eu inclinei a cabeça.

— De quem supostamente Eligius deveria estar me protegendo?

A expressão dura e arrependida de Gilles fez meu coração ir parar no estômago.

— Do seu irmão.

— Também dos Arcoses — disse Elise. — Eles são letais, querida. Mais do que você imagina. Por causa da linhagem *strigoi* eles podem se manifestar fora do corpo. Eles podem aparecer em seus sonhos, se assim desejarem. E seu irmão, mesmo que ainda em fase de transformação, tem fortes tendências mortais que vai o atrair para o que é mais familiar para ele, você. Infelizmente, ele também tem tendências vampíricas, e estas de fato podem dominar seus fracos desejos de mortal, incluindo o amor dele por você. — Seu olhar era de pena. — Ele não seria capaz de se conter.

Eu me senti enojada com a ideia do meu irmão me machucar, mas agora eu sabia que ele poderia. Ele já tinha tentado. Eu não tinha escolha a não ser confiar nos Duprés; Preacher confiou. E eu confiava totalmente em Preacher e sua família com a minha vida e a de Seth.

Uma vez mais, Gilles tomou minhas mãos nas suas.

— O suficiente por um dia, *oui*? Estou seguro que Eligius pode lhe contar a história familiar Dupré e responder quaisquer perguntas que você possa ter. — O sorriso que surgiu em sua boca era perceptível apenas para mim, eu tinha certeza. — Vocês estarão passando muito tempo juntos, sem dúvida. — Então ele lançou um olhar severo a Eligius. — Ela não vai a lugar algum sem você, *oui*?

Os músculos no maxilar de Eligius contraíram-se.

— *Oui*, papa.

— Quando você começar suas pesquisas no submundo, Séraphin, Jean-Luc, e Josephine vão estar lá, também.

Lancei um olhar a Josie, que apenas sorriu diabolicamente.

— Mas ela tem o que? Dezesseis anos?

— Quinze em anos de mortais — Luc respondeu. Então, ele sorriu maliciosamente e jogou um olhar a sua irmã. — Ela é mais letal que Phin e eu juntos. Ela pode cuidar de si mesma.

Eu soltei uma lenta respiração.

— Sim, ok — eu murmurei, e lancei um olhar a Preacher. — Então, não há nada que nós possamos fazer para ajudar Seth agora? Hoje à noite? Eu realmente deveria apenas... continuar como se nada disso tivesse acontecido?

— Não, garota — disse Preacher, e eu podia ver em seus olhos o quanto ele odiava dizer isto para mim. — Por enquanto você não faz nada. Ele está seguro por agora. Nós tiramos esses vudus do caminho, e então tiramos Seth da Ilha. — Ele colocou os braços em volta de mim. — Agora, vamos. Nós faremos o certo. Eu prometo. — Ele olhou para Gilles; eles tiveram uma pequena conversa em francês na qual eu não reconheci uma palavra, apertaram as mãos, e nós partimos da casa Dupré.

— Eu realmente gostei das suas tatuagens — disse Josie, de repente ao meu lado. Ela estudou meus dragões, checkou minhas asas, e assentiu em aprovação. — Legal. — Se eu não soubesse melhor, pensaria que ela era qualquer outra adolescente normal e impressionável.

Eu dei a ela um sorriso hesitante.

— Obrigada.

— Te vejo por aí. — Josie disse com um leve sorriso.

Eu assenti, e junto com Preacher, o outro Gullah, e Eligius, que carregava uma mochila de lona sob o ombro, nós deixamos a praça Monterey.

O caminho inteiro para a Factor Walk, eu estava agudamente ciente da presença de Eligius Dupré, mesmo que por vezes ele ficasse meia quadra atrás. Eu estaria mentindo se dissesse que não era afetada por ele; eu estive afetada desde o momento que o peguei me vendo através da janela da Inksomnia. Mesmo agora, quando penso a respeito dos incidentes nos quais o via nas sombras, eu era afetada por ele.

E não importa o quanto eu repasse a visita a casa Dupré, eu me descobri ainda mais surpresa com o que eu testemunhei do que com o que primeiro vi e ouvi. As feições tremidas, distorcidas e força mortal de Gilles cruzaram minha mente, eu tremi involuntariamente a visão vívida daqueles dentes arrancando a minha garganta. Então imediatamente tentei imaginar o lindo rosto de Eligius fazendo a mesma coisa. Não pense por um segundo que eu sou boba, eu sabia muito bem que ele era tão perigoso, se não mais, do que Gilles e os outros, apesar da sua aparência jovem e charmosa. Era só... bizarro ver isso na minha cabeça.

E Seth, Deus, de jeito nenhum eu podia imaginar. Eu ainda não podia acreditar que tudo isso era real: transformação, strigoi, folclore romano, parentesco. Isto estava realmente acontecendo? E apesar de que de alguma maneira Eligius fosse o mais letal, era também o mais controlado. Não fazia sentido. Nada disso, e o caminho inteiro de volta eu tentei racionalizar o que aconteceu.

Abaixo da lâmpada que separa minha loja da Da Plat Eye, Preacher parou e pegou minhas mãos. Ele era a única pessoa que podia fazer isso sem que eu reagisse.

— Você fez bem lá atrás, garota. Abriu essa boca apenas um punhado de vez. — Ele suspirou. — Eu sei que é muita coisa para você absorver no seu coração, mas você tem que fazê-lo. Você tem que fazer tudo que eles disserem para você fazer.

— E quanto a ele? — Eu disse, inclinando minha cabeça em direção a Eligius, que estava a poucos passos de nós. — O que supostamente eu devo fazer? — Eu já tinha decidido dormir no meu pesado cachecol de lã. Atrás de mim, Eligius arfou — pelo menos eu achei que ele arfou. Eu olhei de relance para ele por sobre os ombros, e parecia que ele não prestava nenhuma atenção a nós.

— Você faça o que esse rapaz diz para você fazer, Riley Poe. Ele vai fazer certo por você. E os irmãos dele irão ficar de olho em Nyxinnia.

— O que supostamente eu devo dizer a ela? — Eu perguntei, e de novo, o silêncio mortal me assombrou.

— Você diz a ela que esse seu irmão se meteu em uma magia do mal, e os Gullah, eles vão consertá-lo. Isso é tudo que você tem que dizer. — Ele olhou em direção ao céu escuro, e então para mim. — Há algo errado aqui, Riley Poe. Entre e fique lá. E seja simpática com o garoto Dupré. Eu não o deixaria na sua casa se eu pensasse que ele poderia fazer algo de ruim. Ele não fará.

Emoções tomaram conta de mim, e eu joguei meus braços em volta do pescoço dele e o abracei apertado. — Isso realmente está acontecendo? — Eu murmurei contra a gola dele enquanto inalava a estranha e doce mistura de macias ervas e emoções. — Isso é real? O meu irmãozinho irá se tornar um *deles*? — Eu lutei contra um soluço que se formava na minha já ardente garganta. Eu não

chorava frequentemente, mas quando chorava, era torrencial, e ninguém via, porque eu fazia em privado. Eu sentia um torrencial vindo.

As mãos grandes de Preacher deram tapinhas nas minhas costas.

— Oh, bebê, faremos a coisa certa no final das contas, para que isso não aconteça. Você vai ver.

Eu me afastei do toque e *respirei*.

— E quanto a você e Estelle?

Preacher riu.

— Aquela mulher louca e velha e eu, nós estamos bem, Riley Poe. Lidamos com coisas piores que vampiros, isso com certeza. Mas os Duprés não são assim, ok? — Ele me virou para porta e empurrou gentilmente. — Agora, vá descansar um pouco. Mas venha tomar seu chá pela manhã; não se esqueça disso.

— Não se preocupe, eu não vou. — Eu fiquei lá, embaixo das luzes na varanda, e vi Preacher caminhar de volta até a entrada do Da Plat Eye, entrar pela porta, e fechá-la atrás dele, me deixando sozinha com Eligius. Eu olhei para ele parado lá, mochila sobre um ombro, seu cabelo preto caindo descuidadamente sobre os olhos enquanto ele me observava das sombras. Me emocionou e assustou ao mesmo tempo.

— Entra — eu convidei, então virei, coloquei a chave na fechadura e abri a porta. No momento em que toquei o interruptor, ele estava ao meu lado, e embora estivesse uma extenuada e doente de preocupação pelo meu irmão, minha pele se aqueceu à sua aproximação. Imediatamente fiquei na defensiva.

— Se afaste. — eu disse. Eu dei a ele um olhar de aviso e fui para as escadas. Ele me seguiu, fechou a porta e trancou-a. E foi nesse momento que Chaz veio apressado, da frente da loja até a sala de estar, latindo a plenos pulmões com o pelo todo arrepiado.

— Whoa, Chaz, pare! — eu disse nitidamente, e ele parou, permanecendo rígido, cabeça baixa, um baixo rosnado retumbando fundo na garganta enquanto ele encarava duramente Eligius. Me lembrou de sua reação a Seth na semana que passou. — Ele não gosta... de estranhos — eu disse, embora quisesse dizer vampiro. Eu não estava pronta para ver a palavra sair da minha boca ainda; parecia quase tão estúpido como *zumbis*, apesar de que estava começando a acreditar que eles também existiam. — Chaz, senta! — Eu comandeí, apontando para o chão.

Eligius se virou para os lados do estreito vestíbulo e se apertou perto de mim, nossos corpos a centímetros de distância, mantendo seu olhar misterioso enfocado em mim.

— Ele também vai se acostumar comigo. — ele disse e se aproximou do meu cachorro. Gentilmente, ele deslizou a mochila ao chão, e se agachou diante de Chaz, falando suave em francês. Em segundos, os pelos de Chaz se assentaram, seu rabo balançou e ele levantou uma pata para descansar no joelho de Eligius. Pela primeira vez eu estava impressionada... e traída. Eu peguei a coleira de Chaz da parede e bati na perna.

— Vem aqui, garoto; vamos dar um passeio. — Chaz correu para mim e lambeu meu joelho. — Assim é melhor, seu traidor — eu disse, e esfreguei o espaço entre as suas orelhas. Olhei para Eligius que ainda estava agachado. — Volto já.

Ele imediatamente levantou e estava na porta ao meu lado.

— Você vai, eu vou.

— Você que sabe — eu murmurei. Destranquei a porta e voltei para a noite. Eu mantive um olhar de cautela em Eligius enquanto Chaz inspecionava a grama, e finalmente, desabei. — Então, o que você disse para ele? — Do rio, um rebocador buzinou, alguém espirrou na calçada e eu vagamente ouvia a música do Boar's Head.

Eligius deu de ombros e encontrou meu olhar.

— Eu prometi não te matar.

— Uau, obrigada. — Eu tive dificuldade ao engolir contra o caroço em minha garganta, mas não deixei ele ver que aquilo me incomodou. — Contando que eu continue bebendo a poção anti-me-matem de Preacher, certo?

— Seria uma boa ideia. — ele disse, e as palavras me causaram arrepios.

Dentro de casa, soltei Chaz, pendurei a coleira na parede e tranquei a porta. Enquanto falava com Nyx no celular, explicando a ela sobre Seth exatamente como Preacher tinha me aconselhado, eu observei Eligius se mover em volta do apartamento; ele parecia saber onde todas as coisas estavam. Ele foi direto para o quarto de Seth sem parar, jogou sua mochila no chão, e ficou lá, encarando... alguma coisa. Foi estranho tê-lo em casa, completamente incomum e diferente.

Ele parecia tão... normal, em sua camisa branca e jeans desgastados, não o que se pensaria que um vampiro se parecesse de forma alguma. Sem capa preta,

sem caixão. Sua aparência era perfeita, exceto por um pequeno sinal em sua mandíbula logo abaixo da orelha esquerda. Recém barbeado, até, apesar de que tinha uma pequena barba por fazer. Vampiros se barbeavam? Era um pensamento absurdo. Eu quase me fiz acreditar que ele era algo diferente do que ele realmente era. Eu só tinha a palavra de Preacher que estaria ok ter uma criatura do entardecer livremente rondando pelo meu apartamento... comigo nele.

Deveria ser Seth aqui, e uma dor de saudade pelo meu irmão caiu profunda em meu estômago. Ele estava em algum lugar, andando pelas ruas com pessoas muito piores do que eu jamais andei: *monstros*. Contra vontade, tentei imaginar seu rosto se desfigurando como de Gilles; eu não podia. Sem minha permissão, a imagem de Seth atacando um ser humano inocente e sugando todo o sangue invadiu minha mente. Eu rapidamente empurrei para fora. Não parecia certo. Tudo o que eu podia ver eram seus doces e expressivos olhos verdes divulgando cada emoção que ele possuía. Lágrimas penduraram na minha garganta e olhos, e eu corri para a cozinha, abri a geladeira, e peguei uma garrafa de Guinness. Eu tinha tomado um terço quando me virei. Eligius estava a menos de centímetros de distância, me contemplando de perto. Eu não pulei, eu me forcei a não fazê-lo. Limpei minha boca com as mãos, e seus olhos seguiram meus movimentos com intensa curiosidade.

— E se eu não tomar as ervas de Preacher? — Eu perguntei, sua proximidade esquentando minha pele. — E se eu de repente parasse de tomá-las?

Os olhos de Eligius caíram para o pulso em meu pescoço, e juro por Deus, seus olhos brilharam.

— Você estaria morta antes de levar essa garrafa aos lábios.

PARTE 5



TENTAÇÕES



Até que o dia se quebre e as sombras voem para longe.

— Epitáfio anônimo, cemitério Bonaventure

A noite se arrastou dolorosamente lenta, e me encontrei constantemente olhando sobre os meus ombros. Eu sabia que se ele quisesse, Eligius poderia me matar; parte de mim sinceramente acreditava que ele queria. Aquele ceticismo régio me tirava do sério. Eu não gostava da minha vida invadida, especialmente por um cara tão deliciosamente gostoso e letal ao mesmo tempo, ele me deixava quente toda vez que se aproximava de mim.

Sem mentira. Eu o quis desde o momento que o vi em frente a loja. Eu sempre fui atraída por bad boys, mas isso era ridículo. Eu supus que ele tivesse algum tipo de controle da mente; era a única razão que eu podia pensar para explicar porque ele me fazia sentir como se tivesse pegando fogo. De novo, aquilo me tirava do sério. Eu não gostava de estar fora de controle, especialmente quando se tratava de garotos. Aquilo aconteceu uma vez na minha vida, nunca mais de novo.

Meu apartamento é espaçoso para uma estrutura histórica de distrito, mas quando abarrotado por um vampiro, eu me sentia em uma casa de boneca. Ele sentou espalhado pelo sofá, igual qualquer outro cara normal com um controle na mão, mudando de canais, incluindo todos aqueles de interesse masculino; MTV, Motor Sports, Extreme Surfing, CSI. E mesmo assim ele ainda me observava, cada movimento meu, e era *ruidoso* ao fazê-lo.

Eu já tinha bebido uma cerveja e comido sobras do Lo Mein, e por volta da meia noite minhas entranhas estavam rastejando com energia nervosa. Eu queria sair para uma corrida, mas sabia que mesmo sem mencionar, que se eu quisesse fazer isso, teria um acompanhante. Então, ao invés de uma corrida pelo distrito histórico, optei por exercícios extras no saco de box. Tinha vontade de bater em algo, vontade de bater muito em algo, e usar tanta força para isso que meus pulmões pegariam fogo. Talvez, então, eu pudesse dormir e me livrar das horríveis imagens de Seth na minha cabeça.

Eu peguei a caixa vazia do Lo Mein no balcão, joguei no lixo, e fui em direção ao meu quarto, os olhos de Eligius me seguiram por todo caminho. O ignorei e fechei a porta do quarto para bloquear seu olhar penetrante. Arrancando as botas,

puxei a blusa pela cabeça e tirei a saia, jogando-as junto com as meias no cesto de roupas sujas no canto.

Um arrepio me chocou, e eu nem precisei me virar para saber que Eligius estava atrás de mim, parado na porta do quarto. Eu o olhei de relance pelos ombros, e sim... ali estava ele, inclinado contra a porta de maneira relaxada como os homens fazem, braços cruzados no tórax, cabeça inclinada, seus olhos presos em mim, e sem evidência de vergonha. Eu usava sutiã de renda preto e boxer da mesma cor. Não era como se estivesse nua, não que me importasse com isso. Eu me virei.

— Eu passei por revista de roupas três vezes antes do meu aniversário de treze anos, então não pense nem por um segundo que me intimida — eu disse sem olhar para ele. Eu puxei uma calça preta justas de yoga que caía sob meus quadris, e um top branco que mal cobria meus seios. — Você pode olhar se é isso que te excita. — Eu abri minhas pernas ao alongá-las e olhei para ele entre elas. — Mas sem tocar — Eu puxei meus tornozelos, esticando os músculos da coxa, braços e dorso. Voltando a ficar de pé, me estiquei para cima, e então fiquei reta. Olhei de relance para ele. — Eu não sou parte do contrato. Entendido?

No fundo eu sabia que essa arrogância era um movimento ousado; eu estava testando um maldito vampiro, pelo amor de Deus. Mas de alguma maneira, não podia evitar. Eligius me provocava, e me tirava do sério que ele estava na minha casa. Eu me movi para a área onde estava o meu iPod, escolhi Breaking Benjamin's Dear Agony, e selecionei "I Will Not Bow", e aumentei o volume.

— Eli. Apenas meus pais me chamam de Eligius. — ele disse, e eu ouvi dentro da minha cabeça.

Eu peguei minhas luvas, observando-o com olhos cautelosos e não respondi. Seu olhar era qualquer coisa, menos cauteloso. Eu senti o quarto diminuir e se encher cem por cento de intensa sexualidade masculina, e mesmo sendo difícil, dei de costas e comecei a bater no saco. Depois de alguns minutos, estava de cabeça nos meus exercícios; a música pulsava enquanto eu batia duro e me movia rápido. Eu não esqueci por um segundo que Eli estava atrás de mim ou que meu irmãzinho não ia voltar para casa.

Eu bati duro no saco, como se ele fosse o responsável por tudo, e senti o choque do golpe vibrar por todo meu braço. Desespero tomou conta de mim, e não

sei por quanto tempo exercitei, mas no momento que meus pulmões paralisaram e meus músculos pegavam fogo, lágrimas caíram furiosamente dos meus olhos. Zangada... comigo, Eli, os Arcoses, e todo mundo que eu podia culpar pela ausência de Seth... eu tirei minhas luvas com os dentes e as joguei com força pelo quarto.

Sem uma palavra ou olhar, eu xinguei, abri as portas duplas da pequena sacada, e sai pela noite. Eu lutei para literalmente não perder o controle e soluçar. Com as mãos, eu agarrei o gelado e áspero ferro até que meus dedos ficassem tensos, e apertei meus olhos com força, fechando-os.

— Droga. — eu disse entre dentes cerrados, assustada pela raiva que se construía dentro de mim. Eu queria gritar, arrancar o corrimão e jogá-lo no rio. Eu abaixei minha cabeça e enxuguei as lágrimas da bochecha.

— É melhor recuperar o controle, Riley. Você não pode perdê-lo neste jogo e esperar ganhar. — Eli disse baixinho, tão perto que ele parecia me confinar como uma multidão na minha varanda. Ao mesmo tempo seu corpo pressionou minhas costas; ele colocou um braço de cada lado em mim, suas mãos perto das minhas no corrimão, ancorando-o.

Eu reagi, meus reflexos saltaram, e eu peguei seus braços com ambas as mãos. Se ele não tivesse força de vampiro, eu teria facilmente jogado ele através da varanda. Eu o soltei, coração disparado. Ele simplesmente ficou lá, pressionado contra mim, me mantendo prisioneira; ele estava duro, e eu senti isso também. Me enfureceu e excitou ao mesmo tempo.

— O monstro em mim continua aqui, abaixo da superfície — ele continuou, como se a minha reação não tivesse o perturbado em nada, e seus lábios roçaram a pele do lado do meu pescoço. Eu arrepiei, e sei que ele sentiu isso. — Nunca se esqueça disso, mesmo com a magia Gullah dentro de você, eu posso cheirar o seu sangue raro — ele disse, seus lábios perto da minha orelha. Ele inalou longo e profundo. — Você não tem ideia da tentação que é para mim, Riley Poe — ele disse, o menor sotaque francês fazendo sua voz erótica. — Não tem ideia... do tamanho do controle que eu tenho que ter para simplesmente não provar o que corre por suas veias, com pouco mais de uma camada fina de pele para me impedir. — Eu tremi ao seu hálito no meu pescoço.

— Isso é uma porra de um contrato — eu murmurei, e com a força que eu tinha, empurrei contra ele para escapar; ele me virou facilmente, e agora estávamos

frente a frente, corpo a corpo, e pânico se registrou em meu cérebro. Exercendo uma leve pressão, ele me inclinou para trás até que eu senti o ferro frio do corrimão contra minhas costas. Eu senti cada músculo rígido que Eli possuía pressionado contra mim. Eu quero dizer *cada um*. Seus olhos buscaram os meus, então caíram para minha boca, onde se demoraram.

— Desejos vampíricos não são os únicos que eu possuo, mas são os únicos que eu até certo ponto consigo controlar — ele disse. — Eu ainda tenho o desejo sexual de um cara saudável e ardente de vinte e cinco anos, multiplicado por cem pelo *o que* eu sou. — Ele aproximou seu rosto, seus lábios a uma respiração de distância. — Não me provoque novamente, Riley, a não ser que você possa encarar a provocação. Eu não posso prometer *aquele* tipo de controle. — Ele levantou a cabeça e me encarou, seus olhos escuros enquanto procuravam os meus. — Eu não acho que você poderia lidar comigo.

Desejo e fúria me assolaram, tão letal combinação que eu pensei que gozaria se ele pressionasse seus testículos contra mim só um pouquinho mais forte, se eu ficasse ali por só um pouquinho mais de tempo. Eu *o queria*, e me odiava por isso, especialmente sabendo que ele estava tendo contato sexual comigo.

— Sai de cima de mim — eu disse calmamente. — Agora. *Imbecil*.

O canto da boca dele levantou ligeiramente, e ele se afastou de mim. Eu o empurrei com pernas trêmulas e esperei ele sair da varanda; então fechei e tranquei as portas. Eu comecei a ir para o banheiro, mas as palavras seguintes dele me pararam. Eu não olhei para ele.

— Nós temos três semanas, e apesar do que seu irmão está se tornando, o desejo de retornar para o que é familiar para ele é forte. Sua transformação cresce a cada dia enquanto ele muda... entende? Uma vez que o ciclo esteja completo e ele realize sua primeira matança.

Eu quase engasguei com a sua honestidade direta, olhei para ele sob os ombros e interrompi suas palavras assustadoras.

— Ok, entendi. E eu te prometo: todas as habilidades que eu possuo para lutar e salvar meu irmão, eu usarei, sem hesitar. Eu posso não ser uma vampira, mas sou muito forte, e não me assusto fácil. Eu o quero em casa, aqui, comigo. Eu quero Seth *de volta*, não importa o que eu precise fazer. — Minha voz falhou, e eu levantei o queixo. — E eu malditamente irei tê-lo de volta.

Eli me observou por vários segundos, como se estivesse determinando se eu era conversa fiada ou era para valer. Ele decidiu.

— Eu acredito em você. — ele disse, e podia jurar que ouvi admiração em sua voz.

— Bom. Agora, eu posso mijar e tomar banho sem você me olhando? — eu disse.

Com os dedos, ele afastou sua longa franja dos olhos.

— Sim, eu suponho. — Ele deu um pequeno sorriso. Eu assenti.

— Bom. Fique longe dos meus pertences pessoais. Quando eu terminar, nós precisamos conversar. Tem coisas que eu preciso saber, e regras que precisam ser estabelecidas. Combinado?

Ele assentiu, mas não se moveu da onde estava.

— Combinado.

Revirando os olhos, em parte por frustração porque parecia que ele ficaria parado no meu quarto até eu terminar, fui para o banheiro e fechei a porta. A água estava congelada, mas eu precisava disso... droga, eu nunca antes reagi a um cara como eu reagi a Eli. Para pensar com a cabeça clara, e poder olhá-lo nos olhos durante uma conversa séria para estabelecer regras sem querer esmigalhar seus miolos na minha cabeça... era isso que *tinha* que acontecer.

Era isso que *aconteceria*. Como eu poderia ter tal reação a um cara que não tinha nem um maldito pulso? Eu nem tinha certeza se sobreviveria à noite. Com os meus dentes tremendo, eu apressei meu banho e estava seriamente agradecida que gastei meu dinheiro em depilação a laser nas pernas, axilas e virilha. Eu não poderia raspar um pelo nesse momento.

Ao terminar, enrolei os cabelos em uma toalha e coloquei outra em volta de mim. Quando sai do banheiro, eu vi que Eli tinha deixado o quarto. Eu estava levemente desapontada. Após procurar no guarda roupa, peguei calças de algodão e uma camisa preta sem manga e fui achar meu guardião. Eu o achei trocando de canal, mais uma vez espalhado pelo sofá. Eu mantive uma distância segura, sentando na cadeira estofada no canto do sofá.

A tela da TV mostrava o noticiário, e eu parei enquanto a outro assassinato era televisionado. Uma mulher, perto dos trinta, tendo sido vista pela última vez ao deixar o campus da SCAD às onze horas da noite do dia anterior. Seu corpo

tinha sido encontrado entre dois parquímetros em East Bay. Eu assisti enquanto outro saco preto era carregado na van do legista. A tela ficou preta, e Eli jogou o controle na almofada ao lado. Ele me observou tão atenciosamente quanto eu o observei. Finalmente, ele esfregou a mandíbula.

— Regras básicas? — ele perguntou.

Eu inclinei minha cabeça para a TV.

— Esses assassinatos — eu comecei. — Eles não são... normais.

— Não.

Eu tentei tirar as visões de corpos sem vida da cabeça, puxei meus joelhos contra o tórax e passei meus braços por eles. Hora de mudar de assunto, porque se eu insistisse nesse, minha mente nunca se acalmaria.

— Ok. Regras básicas, — eu disse, e encarei Eli. — Eu faço xixi e tomo banho sozinha. Algumas coisas têm que permanecer um mistério, e essas são duas coisas que eu firmemente acredito cair nessa categoria.

Eli parecia divertido, mas assentiu.

— Combinado. Próxima?

— Não interferir nos meus negócios na Inksomnia, não importando o quão rudes ou grosseiros possam parecer alguns dos meus clientes. Confie em mim, eu posso me cuidar, e tenho feito isso por algum tempo sem a sua ajuda. É o meu ganha pão, como eu planejo pagar pela educação de Seth.

Dessa vez ele não parecia tão divertido, se eu estava lendo o seu olhar corretamente.

— Farei meu melhor. — ele disse.

Eu assenti.

— Bom. — Eu troquei de posição, e admito — estava cansada. Drenada. Mas voltei minha total atenção a Eli. — Tem coisas que preciso saber. — eu disse.

Seus olhos nunca deixaram os meus.

— E tem coisas que eu *quero* saber.

— Eu primeiro. — eu reivindiquei, e refleti. Eu sabia que não descobriria tudo em uma noite... eu teria que dormir eventualmente. Eli assentiu em acordo, e eu refleti por vários segundos. — Sobre o contrato — eu comecei. — Seu pai disse que os Gullah cuidavam de necessidades em troca de proteção. Que... necessidades?

Eli levantou e foi a janela para ver o beira-mar. Ele ficou lá encarando a noite.

— Assim que minha família e eu chegamos de Paris, nós éramos... selvagens, recém nascidos, totalmente fora de controle. — Ele se virou para mim. — Frescos e jovens vampiros, e nós éramos vorazes. Nós matamos... muitos. — Ele manteve seus olhos treinados em mim. — Muitas das vítimas da febre amarela, não eram exatamente vítimas da febre amarela, se você entende o que quero dizer. Até o contrato com os Gullah. Não todos os Gullah, para você saber — só os parentes de Preacher. Aqueles dias foram primitivos; eles forneceram doadores voluntários, e nós pegamos somente o que necessitávamos para permanecer vivos.

Arrepios correram pelo meu corpo ao pensamento de Eli e sua família sugando sangue de pescoços de *doadores voluntários*. Eu o encarei de volta.

— Então, o que... eles faziam uma fila, como em fast food?

— Algo assim.

— E nenhum dos Gullah se transformou? — Eu perguntei.

Eli afastou as cortinas e olhou pela janela.

— Não. Eles teriam que beber *nosso* sangue para se transformar.

Eu congelei.

— Você quer dizer que Seth bebeu sangue de um desses malucos?

— Sim.

Meu estômago se revirou ao pensamento.

— Como fizeram ele fazer isso? E quando?

Algo lá fora deve ter capturado a atenção de Eli; ele continuou a encarar a noite enquanto explicava.

— No túmulo, Seth e seus amigos corromperam um vaso contendo magia Gullah que mantinha os Arcoses na tumba, mumificados. Como eu disse, cem anos atrás as coisas eram um inferno mais primitivas e não tão efetivas como os nossos métodos hoje. Antigamente, uma vez que a magia fosse lacrada, permanecia *lacrada*... pelo tempo que durasse. Não tem como mudar. — Ele olhou para mim. — Eu só posso imaginar que Valerian e Victorian se alimentaram assim que tiveram força o suficiente, então chamaram seus salvadores.

— A mulher encontrada morta no parque? — eu comecei, já sabendo a resposta.

— Sim.

Minhas entranhas se tornaram gelo com o pensamento da mulher encontrada no parque Daffin, e eu levantei devagar.

— O cara no beco?

Eli assentiu.

— Sim.

Respirei profundamente. Eu também recordava aquela manhã, quando achei Seth dormindo e sua janela escancarada.

— Por que eles não mataram Seth?

Eli deu de ombros.

— Os Arcoses estão fracos. Eles precisam de ajuda para subjugar suas vítimas até que suas forças estejam completamente restauradas.

Eu o encarei, sem palavras enquanto a informação fazia sentido.

— Você quer dizer que o meu irmãozinho está atraindo pessoas inocentes para a morte? — Arrancando a toalha da cabeça, eu desembaracei o emaranhado molhado com os dedos até que ele caiu macio sobre a cintura. Eu joguei a toalha do chão. — Não acredito nisso.

— É melhor você acreditar — Eli disse asperamente, e se aproximou. — Um vampiro, mesmo em sua forma mais fraca, pode manipular a mente de um humano para fazer tudo o que ele desejar.

Nós estávamos agora cara-a-cara, e sim... eu sabia o quão fácil Eli poderia me manipular. Mas isso não era sobre mim.

— Por que não estamos lá fora procurando por eles? Por que nós não os pegamos e os levamos para algum lugar seguro? Por que nós apenas não matamos os Arcoses? — Pânico e desespero começaram a tomar conta de mim novamente, e eu não sabia como controlá-los. — Por que nós temos que esperar?

As mãos de Eli apertaram forte os meus ombros, e pela primeira vez eu notei que sua pele era surpreendentemente calorosa.

— Eu vou falar isso pela última vez, e é melhor que você coloque isso dentro dessa cabeça dura. Enquanto o físico dos Arcoses é fraco, a mente é tão forte quanto sempre foi. Eles não podem saber que procuramos por eles, ou Seth e seus amigos. Eles poderiam comandá-los a fazer coisas que você não gostaria de imaginar... e somente com um único pensamento. Eles nem precisariam estar no mesmo espaço que eles. — Seus olhos encontraram os meus. — Eles fariam uma

bagunça de merda, e fariam só porque os Arcoses disseram para fazer. Provavelmente já tenham feito.

Minha mente cambaleou com cada horrível possibilidade que um ser humano pode fazer ao outro, e eu fiquei doente com as imagens.

— Então que inferno nós fazemos? — Eu perguntei, olhando para os olhos azuis mais claros que eu já vi. — O que?

— Nós observamos e esperamos. Nesse momento, Valerian e Victorian estão muito fracos para se mover furtivamente pela cidade. É por isso que eles têm Seth e seus amigos.

Eu endureci, ficando mais puta a cada segundo.

— A gente espera e não faz nada?

A expressão de Eli se encheu de irritação.

— Não. Nós esperamos; observamos. Tentamos desarmar o maior número de situações possíveis. Eles não podem ser destruídos enquanto seus corpos físicos não forem totalmente restaurados. — Ele me olhou duro. — É assim que funciona.

— Eles sabem que você está aqui? — Eu peruntei, e me afastei enquanto milhares de preocupações e perguntas invadiam a minha cabeça. — Eles sabem do contrato?

Eli cruzou os braços no peito.

— O contrato foi feito depois do sepultamento, e a magia Gullah está em nossos sistemas por quase dois séculos. Eles podem suspeitar que estamos aqui, mas não podem detectar. Nosso cheiro está mascarado... assim como o seu.

— Eles podem te reconhecer? Eles sabem como você parece fisicamente? — Eu perguntei.

Pela primeira vez, na nossa conversa séria e esquentada, a expressão de Eli se suavizou.

— Eles sabem como nos parecemos em 1848. Juntos, como família, eles provavelmente nos reconhecem como os Dupré. Talvez. Minha mãe e meu pai parecem praticamente os mesmos. Mas cada um de nós em uma multidão ou andando da rua? — Ele esfregou o queixo e balançou a cabeça. — Não. Eu, meus irmãos e irmã, evoluímos com o tempo.

— Dado que provavelmente você usava... calça esporte de veludo, renda, saltos altos e rabo de cavalo, é... eu acho que você mudou um pouco. — eu disse,

e dei um pequeno sorriso na tentativa de aliviar o clima depressivo. Ele devia estar colocando algum vudu de mente em mim; eu estava começando a me sentir melhor de alguma maneira.

Eli na verdade sorriu.

— Esse look era sedutor na época. — Ele estendeu os braços. — Casaco de veludo com cauda correspondente. Sim, babados também. Eu era foda.

Eu ri, apesar de não sentir a alegria passar do meu rosto.

— Sim, que seja. Perversamente sexy, tenho certeza.

— Você não tem ideia.

Eu estudei Eligius Dupré e, de novo, tive dificuldades em ver qualquer coisa além do que estava em frente a mim: um cara sexye com um temperamento esquentado. Uma visão da expressão assustadora do pai dele passou por mim, e eu tentei colocar o mesmo horror em Eli. Não funcionou. Eu sabia que eventualmente teria que ver por mim mesma para acreditar. Agora? Inferno, não. Mesmo porque eu só poderia lidar com uma certa quantia de cada vez. Apesar das palavras dele, não conseguia imaginá-lo matando. No fundo, eu sabia o quão errada era aquela suposição.

Eu olhei para ele.

— E agora?

Ele me encarou.

— E agora o que?

— E você consegue suas necessidades de que maneira? — Eu tinha que perguntar; de jeito nenhum os Gullah ainda faziam fila como nos fast foods para doar sangue.

Um sorriso surgiu, mostrando os lindo, retos e brancos dentes dele.

— Os membros da comunidade de Preacher ainda são nossos doadores, Riley, mas como nós, seus métodos mudaram com o tempo. Eles têm sua própria Cruz Vermelha, se você sabe o que eu quero dizer. O sangue vem ensacado, e misturado com magia vudu. — Seu sorriso se alargou. — E só Deus sabe o que mais. E sim — ele disse, encontrando meu olhar — nós servimos em taças e bebemos.

Eu fiz um pequeno lembrete mental para pensar em V8 se alguma vez o visse bebendo. Outras milhares de perguntas surgiram na minha cabeça, e, no entanto

meu corpo gritava por um pouco de sono. Eu olhei para o relógio acima da lareira, quase duas da manhã. — Estou sobrecarregada, — eu murmurei, então olhei de soslaio para Eli.

— Eu preciso dormir um pouco ou estarei imprestável amanhã. —Abaixando, peguei a toalha do chão. — Você dorme? — Ele parecia revigorado e pronto.

— Sim — ele disse. — Assim como nos filmes, só que não o dia todo. — De novo ele sorriu. — Apenas algumas horas quando o sol está a pino.

Eu assenti.

— É o mesmo para os Arcoses? Seth?

— Não. Nossa genética é diferente, e muito devido a alteração do vudu. Os Arcoses vão dormir do nascer ao pôr do sol, todos os dias. Seth e os outros não estão completamente transformados; eles podem acordar e aparecer aqui.

— Ok. — Eu fui em direção ao quarto. — Você come? — Eu perguntei, olhando por cima dos ombros. — Algo diferente da sua... doação da Cruz Vermelha, eu quero dizer.

— Sim, eu como. Mas é estritamente por prazer. Nós não tiramos nenhum nutriente ou sensação de saciedade da comida.

Reprimindo um bocejo, acenei para cozinha com as mãos e continuei pelo corredor para o quarto. Na porta parei e olhei para ele.

— Tenho que trancar a porta?

O olhar de Eli me prendeu, e mais uma vez eu fui lembrada que eu não via um terço do que ele era.

— De nada iria adiantar.

Eu o encarei por alguns segundos.

— Não me irrite.

Ele riu.

— Eu não sonharia com isso. Durma um pouco. Você vai precisar.

Sem outra palavra, deixei Eli, escovei os dentes, amarrei o cabelo em um rabo de cavalo e fui para cama. Eu deitei ali no escuro, olhos fixos no feixe de luz de um poste na rua River que atravessava as portas francesas da varanda. Apesar da exaustão, sabia que não dormiria facilmente; havia coisas que meu cérebro recusava a aceitar com tão pouca explicação, e vampiros era uma delas. Aquele na minha sala assistindo *NCIS* era inconcebível. Mas ainda sim... verdade. Eu

acreditava. Sem ver provas, bem, a não ser o rosto de Gilles se contorcendo em algo parecido com um pesadelo, seus filhos e esposa se mexendo tão rápido que meus olhos não acompanhavam, e a força impossível de Eli.

Ok, retiro o que eu disse. Eu acho que aquilo tudo era prova o suficiente. Era estranho, e para mim, pensar isso *queria dizer alguma coisa*. Eu passei os últimos sete anos sob a influência de magia negra africana; bizarro e fora do comum não eram estranhos para mim. Mas quando acontecia algo... como o que aconteceu com Seth... tão perto de casa, vira a sua realidade. Meu irmão era... Deus, eu odeio até pensar no que ele poderia estar fazendo neste exato minuto, o que ele está passando... e eu não podia deixar de imaginar se ele *sabia* pelo que estava passando.

Lágrimas brotaram nos meus olhos ao pensar na nossa última conversa, na última vez que nos vimos, menos o incidente no meu quarto. Ele estava tão frio e desarticulado, tão... *não Seth*. Sim, Preacher poderia colocar jornais velhos por toda parede para deixar os *vudus* ocupados, mas ele era um herbalista e mágico em primeiro lugar. Ele me levou a casa Dupré como último recurso.

Ele e Estelle nunca forçaram suas crenças em mim ou Seth; eles simplesmente ofereciam explicações e deixavam para nós acreditar ou não. E você pode apostar o seu doce traseiro que agora, eu acredito em *tudo*. Em três semanas, meu irmãozinho poderia se tornar um assassino perverso.

Eu não deixaria isso acontecer.

Com um suspiro exasperado, virei de lado, amassei o travesseiro, e tentei descansar. Em algum lugar, rua abaixo, dois bocas grande estavam rindo alto e falando besteiras... uma das desvantagens em viver na rua River, eu suponho. Sai da cama, peguei meu iPod e voltei para cama. Cologuei o fone no ouvido e procurei 30 Seconds to Mars. Talvez a música pudesse ajudar abafar não só os bêbados no rio gritando nomes pervertidos um para o outro, mas meus pensamentos constantes, sem parar, sobre o que exatamente estava acontecendo. Embora eu lutasse, finalmente adormeci, e um sono agitado me pegou.

Durante a noite, acordei do que seria o primeiro, de muitos sonhos. No sonho, eu estava *acordando* de um sonho. Mas meu quarto não era meu quarto, meu apartamento não era meu apartamento. *Eu estava em algum lugar completamente diferente e desconhecido, e eu imediatamente sabia que era um lugar*

onde eu definitivamente não era bem-vinda, uma total estranha. Como se eu habitasse algum estranho mundo apocalíptico, eu morava em um armazém abandonado com ratos, pintura descamada e janelas quebradas, e quando olhei para fora, tudo era cinzento, triste e sem vida, exceto por mim.

Então os vi... vampiros. A princípio, eles estavam na rua, talvez oito ou dez deles; jovens, punks. No segundo seguinte, eles pularam na minha varanda, e eu tropecei para trás, em seguida, comecei a correr. Através do armazém, tentei fugir, mas eles estavam todos em volta de mim, pulando da sobrecarga das vigas, brincando comigo, rindo; sabia que nunca iria ultrapassá-los, assim virei-me para lutar. Fiquei surpresa ao encontrar uma lâmina de prata pequena amarrada à coxa, ela não estava lá antes.

Contra a parede, eu virei, saquei a arma e apontei. Um voou em minha direção, o rosto contorcido em sede de sangue e ódio monstruoso, mandíbula hiperestendida. Era Seth. Meus dedos congelaram em minha arma. Eu não poderia fazer isso. Então os outros se juntaram a ele enquanto desciam sobre mim, impiedosos e terríveis, e gritei o nome do meu irmão tão forte que a minha garganta queimou.

No segundo seguinte, um par de mãos de ferro me sacudiram para fora do pesadelo, e quando voltei aos meus sentidos, o rosto de Eli Dupré foi a primeira coisa que eu reconheci. Nas sombras do meu quarto, seus olhos estavam com raiva, iluminados; pelo menos eu pensei que eles estavam. Ele se sentou na minha cama, de frente para mim. Tudo estava confuso para mim agora, e pela segunda vez na minha vida adulta, me senti impotente e fora de controle.

— Eu não consigo parar de tremer — eu murmurei, e foi... bizarro assim. Eu agora estava sentada, as mãos de Eli segurando meus ombros, e eu passei meus braços firmemente em torno de minhas pernas e empurrei minha testa contra os joelhos.

— *Respire, Riley.* — disse Eli, um pouco áspero, então cantarolou em francês, o que mudou totalmente sua voz.

— *Calme-toi.* — Eu não tinha noção do significado, e juro por Deus, não me importava. O som acalmou-me, e em poucos segundos, o tremor parou. Suas mãos ficaram em mim. Eu as queria lá.

— Eu odeio isso. — eu disse calmamente.

Com um aperto apenas um pouco menor do que o aperto de ferro no meu ombro, Eli pegou meu queixo e me fez olhar para ele.

— Não vai ser fácil — ele disse — mas você vai ter que tentar.

Através de olhos turvos, o estudei.

— Esse sonho era horrível e... tão realista. Meu irmão queria me matar; todos eles queriam... como se eu fosse o jantar.

— Você não tem ideia de como seu sangue é potente — disse ele, ainda segurando meu queixo. — Só de saber que está aí, mesmo que mascarado, é uma tentação inebriante.

Pisquei, e para ser franca, foi ficando cada vez mais difícil me concentrar com as mãos dele em mim.

— E Gilles te enviou para me proteger porque...? — Eu deixei a questão em aberto, esperando ansiosamente por uma resposta decente.

Eli riu suavemente.

— Porque enquanto eu provavelmente sou o mais letal dos meus irmãos, eu também tenho mais controle. E seu Preacher não aceitaria menos.

Eu balancei a cabeça, e ele soltou sua mão, e eu estava totalmente ciente de como seu corpo estava próximo ao meu. Eu respirei e corajosamente encontrei seu olhar firme.

— Eu aprendi há muito tempo a não depender do ombro de ninguém para chorar, então tudo isso... consolo é muito estranho para mim.

Os olhos de Eli deixaram os meus e se mudaram para o meu ombro. Sem permissão, ele levantou meu braço esquerdo, inclinou-se sobre ele, e traçou agilmente o corpo do meu dragão, da minha clavícula ao meu dedo indicador, inspecionando-o de perto. Minha pele aqueceu imediatamente.

— Eu acho que você se esconde atrás da sua arte — disse ele de maneira uniforme, em seguida, soltou o braço e olhou para mim. — Só porque você xinga, luta como um cara, e tatua sua pele — ele levantou o dedo indicador e traçou a asa em meus olhos — não significa que você não precisa de um ombro. — Ele se levantou. — Todo mundo precisa de um desses, Riley. Mesmo... nós. — Ele deu um leve sorriso. — Eu acho que você está cheia de besteira. Sob o exterior durão você realmente quer alguém para salvá-la. — Cruzando o quarto, ele parou na porta, enquanto eu permanecia muda. — Sorte sua que eu não estou exatamente ocupado

no momento. — Com um olhar final de vitória, que eu queria arrancar dele, ele saiu do quarto.

O travesseiro que joguei aterrissou tarde demais; bateu na parede ao lado da porta, e a risada suave soou da sala de estar. Frustrada, pulei da cama, recuperei o travesseiro, e voltei para a cama. *Bastardo arrogante.*

— O que isso significa, afinal? — Eu gritei para a sala. — Essa coisa francesa?

— Fique quietinha, tatuada.

De alguma forma, essas três palavras me afetaram. Eli pode pensar, talvez totalmente acreditar nisto. Mas eu nunca — *nunca* — admitiria que ele meio que tinha razão. Não completamente, mas sim... tinha certa razão. Colocando os fones de ouvido, eu dei play no "Heads Will Roll" do Yeah Yeah Yeahs e cai em um sono pesado.

Quando acordei, o sol da manhã estava radiante pela porta da varanda. Meu primeiro pensamento foi *Seth*. E não é mentira, meu segundo pensamento foi *Oh, merda... eu tenho sangue do tipo raro de dar água na boca*. Terceiro pensamento? *Eu tenho um inferno de uma ressaca*. Rastejando da cama, entrei na sala e parei. Encontrei Eli no sofá, ao lado dele, Chaz com a grande cabeça peluda descansando no colo de Eli. Chaz me viu e não se moveu; simplesmente abanou o toco (ele não tem rabo).

— Conseguiu dormir? — Eli disse, parecendo como se tivesse tomado banho e trocado de roupas, duas coisas que eu pensei que um vampiro não fosse se preocupar. Ele estava esfregando Chaz entre as orelhas.

Cruzando os braços sobre o peito, eu franzi o cenho.

— O que você fez com o meu cachorro?

Eli deu de ombros.

— Nós somos amigos agora.

— Certo. — Eu olhei para o relógio. — Algum corpo surgiu hoje de manhã?

Eli olhou para mim com os olhos solenes.

— Ainda não. Mas nem todos eles irão aparecer, Riley.

Eu balancei a cabeça.

— Vou ali no vizinho e volto em 40 minutos. Meu primeiro cliente é às 11 horas hoje.

Apressei-me pela sala, escovei os dentes, e coloquei calça preta com um pequeno crânio e ossos cruzados, um moletom leve, chinelos, e caminhei até a porta. Bati na coxa.

— Vamos, rapaz. Quer passear?

Chaz olhou para Eli, como se pedisse permissão. Eli inclinou a cabeça.

— Você ouviu. Vamos lá.

Meu cachorro traidor saltou do sofá, latindo. Eu olhei para Eli enquanto íamos lá embaixo. Depois de um passeio super-rápido, eu coloquei Chaz para dentro, alimentei-o e corremos para Preacher. No momento em que entramos, a saudação de Estelle me chocou.

— Oh, aí está meu garoto! — Disse ela, me ignorando completamente e correndo para o lado de Eli. Ela colocou os braços ao redor dele e o abraçou com força. Ele a abraçou de volta. — Onde você estava, menino? Eu estive morrendo de vontade de te ver. — Ela se afastou e olhou para ele. — Quanto tempo faz? Por que você sumiu por tanto tempo? — Ela balançou a cabeça e golpeou-lhe na parte traseira. — Você deveria ter voltado para casa há muito tempo atrás, Eligius Dupré.

Eu assisti com fascínio a estranha e amorosa troca de carinho por alguns momentos. Eli esteve sumido? E todo esse tempo, ele esteve perto de Preacher e Estelle? Estranho como eu nunca notei. Dirigi-me à cozinha para sentar com Preacher, e ele estava, fiel como sempre, me esperando à mesa com o chá pronto. Nós nos olhamos enquanto eu sentava, ele deu um leve aceno de cabeça, e eu beberiquei minha primeira xícara de chá. Servi o chá da panela fumegante em uma caneca e olhei para Preacher através da fumaça.

— Eu olho para este chá um pouco diferente do que antes, caro Preacher.

— Você está viva por causa disso. — ele simplesmente respondeu, e eu sabia que era a verdade absoluta.

— Por que eu não o conheci antes? — Eu perguntei, inclinando a cabeça para o primeiro andar, onde a voz estridente de Estelle ainda podia ser ouvida jorrando sobre Eli. — Ou qualquer um deles, por assim dizer. Quer dizer, é meio difícil de não saber de uma família inteira de vampiros em Savannah, você não acha?

— Os outros você encontrou antes; eles só não têm o hábito de vir ao Da Eye Plat, certo?

O som de Estelle e Eli subindo as escadas soou, e Preacher olhou para mim.

— Aquele garoto esteve fora por alguns anos — disse ele, dando uma mordida no bacon. — Doze. Mas você tem que perguntar a ele o porquê. Essa é uma história para ele contar.

— Bem, não é de admirar que nunca o tenha visto antes — eu disse. — Eu era apenas uma punk na reabilitação pela centésima vez, quando ele esteve aqui pela última vez. — Eu não podia imaginar o que tinha afastado Eli de sua família por tanto tempo, a não ser que quando se é imortal, 12 anos passam em um flash de segundo. Talvez ele queria viajar pelo mundo, conhecer novos lugares. Mas então, como ele conseguiu sua doação de sangue com mistura vudu? Esse pensamento causou um frio involuntário pela minha espinha, e eu não tinha certeza se queria a resposta.

— Você não os vê por aí porque eles sabem que devem ficar longe de você — Preacher disse, olhando-me sobre a sua xícara de chá. — O sangue dentro de você é poderoso para eles, como drogas, mesmo com nossa magia nele. Você não esfrega drogas na cara de um viciado quando ele está tentando se manter limpo, isso é certo.

O chá soltava fumaça enquanto eu servia outro copo.

— Por que nunca me disse, Preacher?

— Não precisava saber até agora.

— Será que Seth tem? Minha mãe? — eu perguntei.

— Não.

— Então, como eu tenho? — eu perguntei, frustrada. Tentar arrancar informações dos lábios de Preacher era como tentar abrir uma ostra teimosa.

Seus olhos me encararam por vários segundos.

— Não sei, Riley. Poderia ser passado de sua avó ou avô, ou dos avós ou avôs deles. Não tem como dizer.

Eu suspirei.

— Só podia.

— Oh, Preacher, olhe esse menino agora, sim? Ele não está bonito? — Disse Estelle, empurrando Eli para a cozinha e para cadeira ao meu lado. — Não se preocupe, garota... ele não vai te morder. Você vai, Eligius Dupré? — Ela disse, então riu e entregou a Eli um prato de biscoitos e bacon.

— Não, senhora. — Eli disse educadamente. Ele olhou para mim e levantou uma sobrancelha, em seguida, enfiou um pedaço de bacon na boca.

— Bom... porque isso seria ruim, certo — disse Estelle e olhou para mim. — Já era hora de você saber das coisas, Riley Poe. Eu sempre dizia a Preacher, aquela menina precisa saber das coisas, especialmente com esse louco sangue dentro de você, isso é certo. — Ela se aproximou e me abraçou com força, e eu quase derramei chá no meu colo. — Não se preocupe, menina. Se tem alguém que pode trazer seu irmão de volta, é esse menino sentado ao seu lado. — Ela agarrou meu rosto com as duas mãos e apertou minhas bochechas juntas. — Você pode confiar nele, Riley Poe. E, menina, é melhor comer. Seu traseiro está ficando puro osso.

— Não posso, Estelle. Sem fome. — Meu olhar deslizou para Eli, em seguida, para Preacher, e de volta para minha avó substituta, que franziu a testa. — Sim, senhora — eu disse, repetindo as palavras de Eli. — Eu vou tentar.

Ela me deixou ir.

— Ótimo. Agora, coma.

Eu consegui comer um pedaço de torrada com geleia, e assim que terminamos, Preacher virou-se para nós dois. — Aqueles meninos têm ido para o submundo, e Riley aqui conhece esses lugares melhor que ninguém. Ela vai levá-lo, mas só depois de um dia ou dois. — Ele olhou para mim. — Eu sei que você está ansiosa para fazer alguma coisa e está se coçando para lutar. Mas você tem que esperar menina. Seu irmão não vai te reconhecer como irmã mais, certo? Ele pode saber que algo é familiar, mas não a sua pessoa. Se você for muito cedo, ele vai reconhecer você, e isso poderia bagunçar as coisas. Vocês cuidam um do outro, você e esse menino aqui, e não vão ficar lá por muito tempo. Apenas o suficiente para serem notados e para que eles os deixem entrar. É lá que aqueles meninos estarão, naqueles lugares ruins. Mais fácil trazer as vítimas se elas estão metidas com drogas. Certo?

Eu balancei a cabeça.

— Sim, senhor, tudo bem — eu disse, sabendo que *bagunçar* realmente significava *foder as coisas*. O pensamento de voltar ao submundo, andar com uma galera que há muito tempo deixei para trás, me deixou doente. Mas eu faria, e ninguém além de mim saberia como ia me matar voltar para o lugar que eu trabalhei tão duro para escapar. E não só dos clubes; raramente eram os próprios

clubes. Era apenas certos grupos, e eu sabia que Preacher se referia *àquelas* pessoas. E foi nesses grupos que eu me misturei com o cara errado. Terminou muito pior do que apenas um coração partido ou uma viagem de um dia inteiro no sanitário. Eu empurrei a memória dolorosa de lado e olhei para o relógio.

— Oh, tenho que correr. A loja abre já já. — Eu beije Preacher e Estelle em despedida, e fomos embora.

— Nós vamos passar os próximos dias vendo as possibilidades — disse Eli quando cruzamos os paralelepípedos para a entrada de trás da Inksomnia. — Há coisas que você precisará saber e supor. Eu não quero que machuquem você.

— E quanto a você? — Eu perguntei.

— Não se preocupe comigo.

Do nada e de repente, um pensamento me atingiu, e bateu tão forte que eu quase engasguei. Eu me virei e olhei Eli nos olhos.

— Um jovem foi encontrado morto alguns dias atrás. Dezenove anos, prestes a sair para Parris Island. Eu o tatuei no dia anterior. — Eu sabia a resposta no meu coração, mas eu perguntei mesmo assim. — Seth e seus amigos fizeram isso?

Meu estômago embrulhou com o pensamento. Tudo o que eu podia pensar era em Zac, e quão doce e respeitoso ele tinha sido. Tão pronto para se juntar aos fuzileiros. Eli ficou me olhando com cautela, e eu não podia tirar meus olhos dele. Olhos azuis me olharam debaixo de longos, escuros e grossos cílios, e notei a ligeira presença sombria e desleixada de sua mandíbula e lábio superior. Pele tão macia e cremosa que qualquer menina teria inveja dele. Ele mal parecia um assassino, mas soube que certa vez ele certamente o foi. E agora, meu irmão era um também.

— Eu quero que você me diga que tudo vai ser resolvido. — disse com veemência. Eu agarrei seus braços e o balancei forte, pedindo-lhe para me dar a resposta que eu queria ouvir. Precisava ouvir. — Me. Diga.

— Nós vamos corrigi-lo. — ele respondeu, e de alguma forma, eu acreditava nele. Ainda havia tanta coisa que eu queria saber sobre ele, e tantas perguntas que me atormentavam. Felizmente, hoje aprenderia mais.

Deixando Eli na sala de estar com Chaz, corri para o chuveiro, sequei o cabelo, puxei minhas franjas com listras vermelhas em pequenos grampos, e deixei o resto cair nas minhas costas. Desgastadas calças de brim combinadas com um colete de couro marrom, que deixou meus braços tatuados expostos, e terminei

meu look para o dia, juntamente com um par de botas de couro de salto alto marrons. Peguei uma gargantilha de veludo vermelho vinho de minha cômoda, amarrei-a ao redor do pescoço, e sai da sala, onde congelei. Phin, Luc, e Josie Dupré se juntaram a seu irmão na sala de estar, e agora todos os quatro estavam me encarando.

— E aí? — Eu perguntei e caminhei até a geladeira para pegar um Yoo-hoo⁵, e arquejei no momento em que abri a porta. A prateleira de cima inteira da minha geladeira estava cheia de pequenos sacos amarelos de plástico, e eu sabia sem perguntar o que eles eram. Eu não estava nauseada nem nada, mas... *maldição*, isso era bizarro. Peguei minha bebida e rapidamente fechei a porta.

Eu não posso expressar o que era saber que quatro vampiros sentavam casualmente na minha sala, revezando ao acariciar meu cachorro e assistir TV. Era apenas... bizarro. E eu não estava certa se alguma vez meu cérebro aceitaria a coisa toda.

— Bom dia. — disseram Luc e Phin quase ao mesmo tempo.

— Suas tatuagens são iradas — disse Josie, olhando para os meus braços tatuados. Ela olhou para Eli. — Posso fazer uma?

— Mais tarde, Josie — disse Eli, e me deu um olhar casual. — Você os intriga.

Eu não tinha certeza do que exatamente os intrigava. A coisa única e vermelha correndo pelas minhas veias?

— Ótimo. Ok, bem... Eu tenho um cliente em quinze minutos, então eu tenho que ir. Vocês podem se servir de qualquer coisa. — Eu realmente não tinha nada que um vampiro fosse querer, eu suponho... exceto o meu sangue, mas eu não sabia mais o que oferecer.

— Obrigado — Phin disse com um sorriso. — Mas nós só passamos para trazer para Eli... seu café da manhã. — Ele sorriu. — Nós vamos aceitar a oferta, mais tarde, no entanto.

— Posso ficar com você? — Josie perguntou a Eli, e me lançou um olhar rápido. — Eu quero vê-la.

— Não hoje, Josie — disse Eli. Eles pareciam tão normais, assim como outros irmãos e irmãs, que parecia estranho pensar neles como vampiros. Imagino que

⁵ Tipo todinho

apesar de tudo, eles ainda eram irmãos. — Talvez outro dia. E você vai ter que pedir a Riley. — Ele inclinou a cabeça para mim. — Ela é a chefe.

Josie olhou para mim com grandes olhos azuis.

— Eu poderia? — Ela perguntou. — Por favor? Não ficarei no caminho, eu juro. — Ela quase se contorcia onde estava, vestida com camiseta Go-Go, jeans justos.

Dei de ombros.

— Sim, claro. — Eu sorri. — Camiseta legal.

Josie sorriu.

— Banda legal.

— Pode apostar — eu concordei. — Ok, eu realmente tenho que ir agora.

Luc olhou para mim e sorriu.

— *La paix hors.*

No momento seguinte, eles se foram, e eu literalmente ouvi as risadinhas de Josie, assim que a porta de baixo fechou. Eu *nunca* iria me acostumar com isso. Eli ficou ali, me olhando divertido.

— Ele disse: Fique em paz.

— Oh — eu respondi. — Ok, vamos lá. — Correndo contra o relógio, corri para baixo, Eli e Chaz em meus calcanhares. Na parte inferior da escada virei-me, e Eli estava no degrau acima de mim, não mais que um pé de distância.

— Olha — eu disse, agarrando o corrimão de madeira e olhando para ele. — Você está prestes a conhecer uma das minhas pessoas favoritas no mundo inteiro. Ela é muito alegre, otimista, e doce... e minha melhor amiga. Ela já está assustada sobre Seth, então não torne pior encarando-a o dia todo, ok?

O sorriso de Eli foi sutil, mas eficaz.

— Por que você acha que eu iria encarar? — Ele perguntou.

— Porque você me olha constantemente. — eu respondi.

Ele se aproximou.

— Você está assustada?

Eu lutei contra a vontade cada vez maior de tocá-lo e, em vez disso, o olhei.

— Não.

Mais uma vez, ele sorriu.

— Ótimo. Então, o que vamos dizer a ela?

Eu inclinei minha cabeça e o encarei, mantendo minha voz baixa.

— Uma grande e gorda mentira, isso é o que diremos. — Eu cutuquei seu peito. — Eu não posso contar a ela sobre... sua herança. *Eu* acredito porque seu pai provou isso para mim... na minha mente, isso é indiscutível. Difícil de entender, mas eu posso lidar com isso. Mas não tenho certeza se Nyx seria capaz. Por enquanto, você é só um aprendiz que está aqui por um pouco de experiência. É isso. Nenhuma conexão com o que ela testemunhou com meu irmão. Ele foi para a reabilitação na Da Ilha. Entendeu?

— Entendido — disse Eli, então, com o dedo indicador, roçou a asa do meu anjo. — Você parece — seu olhar passou por cima de mim com apreço — incrível.

Por que esse elogio me afetou, eu não tinha ideia. Mas me deixou um pouco sem fôlego, um pouco instável, e, estranhamente, querendo muito mais.

— Obrigada — eu respondi, e tentei fingir que não era grande coisa, mas o sorriso de Eli provou o contrário. Revirei os olhos, virei, e em seguida, parei de novo. O observei. — Você não vai ser tentado pela Nyx, não é? Porque se você ferir um só fio de cabelo da cabeça dela...

— Ela esta segura — Eli interrompeu. — Eu tenho sangue Gullah em mim, também, não esqueça.

— Só mais uma coisa — acrescentei. — Nyx é das que abraça. Ela me abraça cada vez que me vê. Ela vai te abraçar. É o que ela faz. Então, só... lide com isso.

Os olhos azuis de Eli brilharam.

— Sim, senhora.

No momento que abri a porta, Nyx estava invertendo o sinal para ABERTO na loja e se virou. No estilo Nyx, seus enormes olhos azuis revestidos com máscara preta pesada arregalaram.

— Riley! Oh meu Deus, eu estive tão preocupada! Como está Seth? — Perguntou ela, correndo pela sala e lançando-se em mim. Eu a abracei de volta tão forte quanto ela; em seguida, ela se afastou e me estudou, em busca de respostas. — Será que ele vai ficar bem? Você já falou com ele hoje?

Apenas perguntas com preocupação, fizeram meu coração afundar; saber a verdade do que estava acontecendo com o meu irmão, e não dizer a Nyx, *machucou*. Doeu como o maldito inferno.

— Não estarei em contato com ele por um tempo — eu disse, não exatamente mentindo. Odiava mentir, especialmente para minha melhor amiga. Mas nestas circunstâncias, eu não tinha escolha. Ela não precisava saber o quanto de perigo corria meu irmão, e ela nunca iria compreender a verdade. — Não enquanto ele estiver na desintoxicação.

As lágrimas vieram aos olhos de Nyx.

— Oh, Riley — disse ela, e me deu outro abraço. Nyx gostava mesmo de abraçar, e eu não... exceto por ela, Preacher e Estelle. E Seth. — Tudo vai ficar bem; eu sei disso. Não... oh, olá. — ela disse, e se afastou.

Olhei para Eli, que estava de pé no vestíbulo, à espera de uma apresentação.

— Oh, Nyx, este é Eli. Ele é aprendiz e vai estar conosco por um tempo. — Eu dei de ombros. — Meio que uma coisa de última hora.

Os lábios vermelhos brilhantes de Nyx se ampliaram em um sorriso acolhedor que só Nyxinnia poderia dar. Ela imediatamente abraçou Eli.

— Oi, Eli! Bem-vindo a Inksomnia! Você vai adorar isso aqui. Riley é a melhor artista que com quem você irá trabalhar.

Eli riu e abraçou Nyx de volta.

— Assim ouvi falar — disse ele, e me deu um olhar rápido, divertido sobre o ombro dela, em seguida, afastou e olhou para ela. — Prazer em conhecê-la. Riley fez muitos elogios a você.

Nyx sorriu e olhou para mim.

— Oh, ela fez? Ela é tão doce! — Então ela pronunciou a palavra *gostoso*, sem som com boca, e embora eu não tenha ouvido Eli fazer um som, eu poderia apenas dizer que ele tinha visto. — Bem, venha dar uma olhada. — Ela virou e se dirigiu para a frente da loja. Como sempre, ela usava o cabelo em dois rabos de cavalo alto, e hoje ela usava seu colar favorito com spikes. Ela sorriu para ele. — Eu vou lhe mostrar como nos arrumamos. Primeiro, balançamos a casa. Não posso trabalhar sem música. Que tal um pouco de Metric?

Com um sorriso, Eli seguiu, e eu o deixei com Nyx, enquanto me preparava para meu primeiro cliente, e imprimia a transferência criada para ela. Ela apareceu bem as onze, e depois de uma breve conversa sobre design, um par de farpadas asas escuras, uma em cada escápula, eu comecei a trabalhar. O projeto em si incluía um intrincado detalhamento de cor nas pontas das asas, então eu sabia

que iria levar um par de horas para ser concluído. O que era bom. Eu precisava de algo para tirar minha mente do meu irmão, e do vampiro que foi dar uma de aprendiz com a minha melhor amiga. Muse Sick do Metric's soou alto, e me puxou direito para a área.

O início da tarde passou sem problemas, e por volta das uma e trinta enviei Eli para realizar alguns afazeres um par de horas. Eu não disse a Nyx que sua missão incluiu ir lá em cima, sugar o sangue de sacos na minha geladeira como se fosse um Capri Sun⁶, mas eu sabia que ele precisava. Ele me viu trabalhar nas asas por quase duas horas, completamente intrigado ou assim parecia. Nyx tinha falado com entusiasmo através de cada passo da libélula que ela tatuou na parte inferior das costas de uma menina, e mais de uma vez, olhei para cabeça de Eli inclinada para o trabalho de Nyx. Finalmente, ele foi para cima. Eu nunca o chequei; percebi que ele fazia suas coisas por quase dois séculos e não precisava da minha ajuda. Fiel à sua palavra, depois de algumas horas ele voltou à loja, renovado e pronto. Boa coisa que os Arcoses estavam fora até o sol baixar.

O resto da tarde passou voando; eu tinha feito duas braçadeiras do mal, uma das quais era uma corrente de bicicleta, que eu achava que era muito legal, e estava terminando uma Phoenix no tórax de um fuzileiro quando o telefone tocou na loja. Nyx atendeu.

— Ei, Riley, é para você. — disse ela.

— Ok, você poderia dizer para esperar um segundo? — eu perguntei. Tatuar o lado do tanquinho do fuzileiro era desafiador, com grandes quantidades de elevações, era difícil de trabalhar, eu inclinei, limpei, e inspecionei o meu trabalho. O fuzileiro, deitado de lado com o braço acima da cabeça, olhou para mim e sorriu. — Como está?

Acenei a cabeça.

— Impressionante. Já volto. — Tirei minhas luvas e fui para a recepção atender o telefone. — Inksomnia. Riley.

— Eu... desculpe incomodá-la, Srta. Poe — disse uma voz feminina perturbada. — Sou Karen Parker, mãe de Riggs Parker. — Ela fez uma pausa. —

⁶ Suco em saquinho

Você o viu? Ele deveria estar com Todd Sawyer, e bem... eu não consigo encontrá-lo. Já tem alguns dias. — Ela fez uma pausa. — Ele normalmente dá notícias.

— Sra. Parker, oi — eu disse. Minhas entranhas congelaram, e eu petrifiquei. Meus olhos imediatamente procuraram Eli, e eu o achei me observando. Ele moveu-se instantaneamente em minha direção, e eu cobri o bocal e falei baixinho. — É a Sra. Parker, mãe do amigo de Seth. Ele estava com Seth naquela noite.

— Dê-me o telefone — disse ele calmamente, e eu fiz. Com uma voz tão fraca que eu mal podia detectar, Eli falou com a Sra. Parker em francês. Eu não tenho nenhuma ideia do que ele disse. Em seguida, ele desligou. Enquanto ele se afastava, se inclinou para perto do meu ouvido. — Eu tranquilei sua mente. Ela vai ficar bem por agora.

Eu olhei para ele e entendi completamente, embora não tinha ideia de como ele fez. Eu não me importava, contanto que ele tivesse. Eu sabia que Seth estava com Riggs, e por mais idiota que ele tivesse sido antes, eu queria que ele retornasse com segurança ao normal, de volta à sua mãe e com um merecido chute na bunda. Deus, eu sabia ao ouvir a angústia em sua voz que ela estava passando por um inferno.

— Obrigada. — eu disse a Eli, e voltei para o fuzileiro que estava esperando por mim. Em menos de 20 minutos eu tinha acabado, a Phoenix completa e irada, se a modéstia me permite. Ele orgulhosamente examinou sua nova tatuagem, a pele em torno do projeto vermelho flamejante. Eu dei a ele um tubo de amostra de pomada e instruções para a tatuagem, e ele se foi.

Nyx terminou cedo, e ela finalmente confessou ter um encontro às cegas. Eli a ajudou a limpar, e enquanto eu via minha melhor amiga prestar atenção a um vampiro, eu sabia que meu mundo era diferente de qualquer outra pessoa. Nyx pegou sua grande bolsa preta com crânio e ossos cruzados rosa, me deu um abraço, abraçou Eli, e disse adeus.

A única razão que eu não estava apreensiva sobre Nyx andando sozinha pelas ruas depois do anoitecer, foi porque eu sabia que um dos Duprés estava às suas costas. Eu me senti um pouco culpada por não dizer a verdade a ela, mas era a melhor escolha. Não faria nenhum bem, Nyx se preocupar com coisas fora de nosso controle, e ela amava Seth como um irmão. Eu a observei pela janela da loja até

que ela desapareceu na rua de paralelepípedos e para a luz fraca, os castanhos rabos de cavalo balançando a cada passo.

— Ela é uma boa pessoa — disse Eli, de repente, ao meu lado. — Ela tem uma alma boa.

Eu balancei a cabeça.

— Ela é. — Com o canto do olho, olhei para ele, e as lembranças da noite anterior, quando ele me pegou na varanda, seu corpo pressionado contra o meu, brilhou na minha mente. Tentei pensar o quão perigoso Eligius Dupré era realmente, e não consegui. Parte de mim estava aterrorizada com ele. A outra parte de mim queria transar com ele até que ele desmaiasse. Ou eu desmaiasse.

Eli riu.

E então, quase vinte e quatro horas depois, eu me dei conta. Eu franzi o cenho e virei totalmente para encará-lo.

— Todos vocês podem ler mentes? — Eu perguntei, e observei a reação dele cautelosamente.

A expressão presunçosa e indiferente cruzou os traços perfeitos dele, e ele deu de ombros.

— Sim, com certeza. E podemos reprimir, também. — Ele esfregou o queixo. — Eu não tenho certeza ainda qual traz mais vantagem. — Ele levantou uma sobrancelha e encarou. — Neste momento, eu estou pensando que é ler mentes.

— Regra número três: Fique fora da minha cabeça. — eu disse, e me senti vagamente mortificada com meus pensamentos pornográficos sobre ele.

Eli simplesmente sorriu.

— Tanto faz. — Ele enfiou a mão na franja e colocou de lado, então enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans. — Amanhã à noite nós começamos. — Ele me olhou. — Você está pronta?

Virando-me para ele, eu corajosamente inspecionei desde as botas até o topo de sua cabeça. Eu balancei minha cabeça e sai para arrumar minha área de trabalho e começar uma lista de materiais necessários.

— O que? — Perguntou ele, desanimado.

— Eu não vou a lugar nenhum com você — eu virei e apontei para ele — vestido assim.

Eli olhou para si mesmo.

— O que você quer dizer? O que há de errado comigo?

Com um olhar crítico, estudei-o.

— Você sabe onde estamos indo para procurar o meu irmão? São os tipos de locais onde o menino bonito que parece que saiu das páginas da GQ ou... *Men's Health* ou algo que sobressai. Você parece perversamente ridículo e chama a atenção indesejada. Você tem que se misturar, cara.

Um sorriso lento surgiu em seu rosto.

— Então você acha que eu sou sexy? GQ sexy?

Eu ignorei sua pergunta, arrogante e direta e tranquei a porta da frente, ligando o alarme.

— Vamos. — eu disse, passando por ele.

Ele estava na porta de trás à minha frente, e eu parei por pouco. Tudo o que eu podia fazer era tentar não olhar tão surpresa quanto estava.

— Para onde vamos? — Perguntou ele, inclinando e bloqueando a porta.

— Walgreens. Casa de um amigo. Armazém de bebidas. Mellow Mushroom. Nessa ordem. — eu respondi.

Eli deu uma risada totalmente de homem e me olhou.

— Ok, eu não vou perguntar. Vamos.

Depois de rapidamente levar Chaz para passear, nós pulamos no jipe, e dirigimo-nos primeiro para a rua Bay, em seguida, fomos a Abercorn. O tráfego ao anoitecer se arrastou até que passamos a interseção na Vitória Drive; e, depois, o ritmo acelerou quando nos movemos ao longo das ruas de carvalho alinhados. A salmoura pesada e ar quente abafado nos acertava enquanto dirigíamos, e eu sabia que ele me olhava... podia sentir seu olhar em cada centímetro do meu corpo quando passamos por baixo de cada poste.

No próximo semáforo vermelho, eu pisei na embreagem, a marcha reduzida em segunda, então a primeira, e parei. Olhei para ele, e haviam sombras sobre sua mandíbula forte, maçãs do rosto, pomo de Adão. Eu notei que ele tinha os lábios absolutamente perfeitos, e a maneira como seus olhos me estudavam com tal intensidade fez uma emoção disparar através de minhas entranhas. Ele era o tipo de cara que nunca teria me dado bola na escola, mas eu não me importava.

Nos sentamos, olhando um para o outro sem dizer nada sob as luzes da rua e com carros ao redor de nós, e eu sabia então, naquele momento, que nós teríamos

sexo alucinante num próximo... muito próximo... futuro. Era inevitável, e eu senti isso nos ossos. A tensão entre nós era palpável, e eu não poderia evitar de me perguntar o quanto de controle vampiro ele seria capaz de manter. Será que ele perderia o controle e me mataria? Na hora, eu me importaria?

A luz deve ter ficado verde, porque o motorista do caminhão atrás de nós tocou a buzina, e eu pulei. Eli sorriu; franzi o cenho, embora não tenha sido realmente uma carranca sincera, e iniciei a primeira e pisei na embreagem. Logo estávamos cruzando Derenne, e Eli olhou à sua direita quando passamos o grande globo.

— Você sabe — ele disse — meus irmãos e eu tivemos um concurso de quem mijava mais longe uma vez. Isso era novo na época, também, e papai estava furioso com a gente. — Ele riu de novo. — Nós gostávamos de pensar que mijamos do topo do mundo.

Eu olhei no espelho retrovisor e mudei de faixa, em seguida, dei-lhe um olhar rápido e confuso.

— Vampiros *fazem xixi*?

— Só se bebermos um monte de cerveja — disse ele com um sorriso, o vento soprando seu cabelo, o fazendo parecer mais como um cara jovem e despreocupado do que com um vampiro antigo. Por que eu sempre questionava isso, eu não sei, mas eu fazia.

Enquanto fazia a longa viagem até Abercorn, empurrei o cabelo do rosto e olhei para Eli.

— Preacher disse que você esteve fora por 12 anos. Por quê?

O músculo na mandíbula de Eli endureceu, e ele olhou para a frente.

— Isso não é da sua conta.

A raiva me empurrou.

— Supostamente você deveria estar me protegendo, certo? Um vampiro capaz de me matar, ficando na minha casa enquanto eu durmo. Eu tenho o direito de saber.

— Não, você não tem.

Eu olhei para ele, mas antes que pudesse dizer uma palavra, seu rosto ficou alarmanamente estático.

— Esquece, Riley.

Eu fiz, por enquanto. Depois de vários semáforos, entramos em Walgreens e estacionei. Soltei o cinto de segurança, pulei fora, e Eli fez o mesmo. Não disse uma palavra quando entrei na loja, e fui para o corredor de cosméticos, peguei uma caixa de L'Oréal preto, e paguei. Eli olhou apenas vagamente intrigado; eu ia lhe pedir para ficar de fora da minha cabeça, mas eu não sabia se isso era algo que ele podia fazer voluntariamente, então ele pode ter tido conhecimento do meu plano. Se eu tivesse o poder de ler os pensamentos das pessoas, não tenho certeza se poderia desligá-lo. Tantas tentações. Tão pouco tempo.

Para o nosso próximo destino. Parei em uma casa de tijolos de um andar em Savannah, muito enganadora no exterior, uma vez que o interior era decorado com uma aprência única. Eu puxei o freio de mão, coloquei o jipe em primeira, e olhei para o meu passageiro de olhar perplexo. Eu ainda estava chateada portanto fui curta com as formalidades.

— Casa do Mullet Morrison. Fiz ensino médio com ele. Ele é legal — eu disse. — E um alfaiate fodão. Ele projeta e vende um tipo exclusivo de Gótico urbano e o vende online fazendo um maldito dinheiro nisso. A marca é Gnaw Bone. Vamos lá.

Na porta, Mullet me acolheu como ele sempre fez; com entusiasmo. Apesar do nome, ele usava uma cabeça totalmente raspada, um cavanhaque, shorts largos, uma camisa de camuflagem rasgada e botas de combate, seu traje habitual. Ele era um príncipe.

— Whoa, cara... minha gostosa tatuada favorita — Mullet disse, e olhou brevemente Eli. — E aí, prima? — Ele perguntou, e me cumprimentou com um 'bate aqui'. — Bem-vinda ao reino do Gnaw Bone. — Ele analisou Eli. — O que eu posso fazer por você?

— Estamos procurando por alguma coisa decente — eu disse, e inclinei a cabeça para Eli. — Para ele.

— Excelente, excelente — disse Mullet. — Sem ofensa, cara, mas você poderia usar um pouco de escuridão. Preto? Rasgado? Estilo drogado?

— Sim, para os três — respondi. Eu dei uma olhada de soslaio a Eli, então seguimos Mullet pra dentro. — Oh meu Deus, Mullet... quantas vezes mais você pode assistir *Jackass*? — Eu disse, olhando para a sua tela plana monstruosa na parede.

Mullet riu.

— *Jackass* é demais, sempre digo. — Ele olhou para Eli. — Por aqui, cara. — Ele olhou para mim. — Esteve no Panic Room⁷ ultimamente?

— Nah, não por um tempo. Ocupada no trabalho. Mas pensando em ir. — eu respondi, e ele acenou a cabeça.

— Legal — disse ele. — Talvez eu te veja lá.

Nós não passamos muito tempo no Mullet, não tivemos que passar. Mullet tinha um mostruário repleto de roupas nas prateleiras, e botas que ele comprou no atacado. Havia tanto para escolher que não tivemos problema separando o equipamento apropriado para Eli. Ele ficou em silêncio durante a maior parte do tempo, e tenho certeza que ele pensou que enoqueci. Dois pares de calças urbanas pós apocalipse, um par preto de jeans justos com laços laterais, duas camisas de mangas compridas em decomposição, uma camisa cinza rasgada e um par de botas de combate pretas com fivelas, e nós partimos. Também escolhi duas bandanas de couro de duas polegadas com uma caveira prata no centro. Perversamente legal.

Liguei para Mellow Mushroom no caminho e pedi uma pizza com salsicha, pepperoni e cogumelos com queijo extra, e parei no Armazém de Bebidas e peguei um pacote com seis latinhas de Yuengling Lager, em seguida, busquei a pizza. Finalmente, voltamos para Inksomnia. No andar de cima, a gente jogou tudo em cima da mesa da cozinha, e eu virei para Eli.

— Pronto para uma transformação?

Ele deu de ombros.

— Você é a chefe.

Recolhi algumas coisas do banheiro... pente, tesouras, toalhas... percebi mais do que nunca como eu me sentia sufocada no mesmo apartamento com Eligius Dupré. Tentei ignorar isso, tentei ignorá-lo enquanto ele me olhava com tal escrutínio. Rapidamente, me troquei para um par de calças de cintura baixa e uma blusa preta e velha de algodão, e procurando no iPod escolhi Chevelle, puxei um banquinho do bar para a cozinha, e inclinei a cabeça para ele.

— Sente-se. — eu disse.

Ele fez isso em silêncio.

— Tira a camisa — ordenei, — a menos que você a queira manchada.

⁷ Achei melhor manter o original. Traduzindo: Quarto do Pânico

Sem um som ele agarrou a gola atrás do pescoço e puxou a camiseta branca sobre a cabeça, deixando um peito perfeitamente esculpido, nu e sem falhas. Reflexos rápidos sempre me ajudaram, e deixei cair a toalha em seu colo.

— Sobre os ombros. — eu disse, e com uma risada arrogante, assim ele o fez. Comecei a sua transformação gótica.

Com ‘Don’t Fake This’ da Chevelle tocando pelo apartamento, foquei na minha tarefa. Tingir o cabelo de Eli se provou ser uma experiência erótica. Sua respiração roçou a pele nua do meu estômago exposto quando levantei meus braços para aplicar a tintura, e arrepios seguiram. Eu tinha certeza que ele havia notado, e também sabia que me afetou. Seu cabelo estava liso e molhado e caía por entre meus dedos enquanto aplicava a cor, e enquanto eu me movimentava em torno dele percebi como a sua mão descansava casualmente em sua virilha, e como minha coxa roçou a sua, ou como eu me apoiei nele para chegar a um determinado ponto. Sim, fiz isso de propósito. Juro por Deus, eu não podia evitar. Ele estava totalmente sexy; minha mente e corpo cantarolaram com sensações, e eu sabia que brincava com fogo. *Sabia disso*, e ainda o fazia.

Enquanto esperávamos para tirar a tinta, peguei para cada um de nós uma Yuengling, entreguei uma a Eli, peguei para cada um uma fatia de pizza, em seguida, joguei em cima do balcão na frente dele. Com tinta preta sobre a cabeça, o observava enquanto bebia a cerveja. Silenciosamente, ele ficou me olhando enquanto ele engolia, seus olhos se movendo sobre o meu corpo. Nenhum de nós disse nada por vários minutos, o que pode ter sido até mais erótico do que a coloração.

— Por que não tem um homem? — Perguntou ele, olhos azuis avaliando minha resposta quando ele mordeu a pizza ao meio. Eu vi seu flash de dentes e me perguntei o que mais eles morderam em tempos passados.

Ótima maneira de quebrar o clima. Eu imediatamente levantei a guarda.

— Se eu precisar de um, eu encontrarei um. — eu disse, dando uma mordida, mastigando, e dando outro gole.

— Um permanente. — ele recomeçou. Eu sabia o que ele queria dizer. Eu só queria provocá-lo.

Coloquei a garrafa e pizza no balcão ao meu lado e limpei a boca com a mão. Eu levantei a barra da minha camisa para expor minhas costelas, e toquei uma irregular cicatriz de três centímetros.

— Motivo número um — eu disse, e os olhos de Eli seguiram meu dedo. Antes que eu percebesse, sua mão disparou e, agarrando meu lado, ele usou o polegar para traçar a velha ferida.

— O que aconteceu? — Ele perguntou, sua voz estranha, quase... tensa. Ele baixou a mão.

Eu dei de ombros.

— Pensei que estava apaixonada por um psicopata — eu respondi. — Esse foi o meu primeiro aviso para nunca deixá-lo. — Eu encontrei o olhar duro de Eli. — Eu deveria ter ouvido então.

— Por quê?

Embora fosse uma memória antiga, ainda era tão doloroso como o inferno, e minha garganta queimou com o pensamento. Eu fixei meus olhos nos dele.

— Porque o segundo aviso veio quando eu encontrei minha mãe estrangulada e afogada em sua própria banheira — eu disse, e balancei a cabeça, visões dolorosas enchendo minha mente. — Minha mãe me avisou sobre ele e tentou de tudo para me fazer romper com ele. Eu nunca sonhei que ele faria... o que fez com ela. — Eu olhei para Eli, que permaneceu em impassível silêncio.

— Eu tinha dezessete anos e era uma criança confusa. Seth tinha apenas sete anos. — Eu respirei profundamente. — Minha mãe trabalhava para Preacher e Estelle, ela tinha os deixado como guardiões para Seth e eu. Sempre me perguntei se ela sabia que sua vida estava em perigo; ela se certificou de que nunca estivéssemos separados ou em um orfanato. — Terminei o resto da garrafa e joguei no lixo reciclável.

— Eu dei a ela um inferno, uma bagunça, fiz tudo de ruim que um adolescente poderia fazer. Fumava como um trem desgovernado, usava um pouco de Mary Jane, bebida, drogas, fugia de casa, sexo... diga qualquer coisa e eu fiz. — Eu estudei duramente Eli. — Eu mudei depois daquela noite, no entanto. Ver a minha mãe daquele jeito? — Eu balancei a cabeça. — Algo em mim explodiu. Preacher salvou a minha vida, me fez passar pela desintoxicação na Da Ilha, à maneira Gullah. Então fui para a faculdade e comecei a criar Seth aqui. Devo tudo

a Preacher e sua família. — Quando eu me virei, seu olhar ainda permanecia fixo em mim. — Você sabe?

— Sim — ele respondeu calmamente. — Eu sei.

Eu dei um aceno de entendimento. Eu supunha que ele sabia. Os Gullah ajudaram Eli e sua família, também... de uma enorme maneira. Tinha os moldado em algo completamente diferente do que o destino havia tentado determinar. Eu comi o resto da minha pizza e mais outra fatia, Eli comeu três, até o temporizador do forno tocar.

— Bem — eu disse, sem saber o que dizer. — É hora de enxaguar. — Eu acenei a pia para Eli e liguei a água quente.

Com o cabelo em pé e agora totalmente negro, ele foi para a pia e inclinou, apoiando os antebraços no balcão. Movendo-se sobre ele, lavei o cabelo com a pistola, movendo os dedos através da sua sedosidade molhada, meus seios roçaram seus ombros, até que, finalmente, a água correu clara. Eu apliquei o condicionador e lavei novamente. Minha pele corou apenas de estar em pé perto dele. Parte de mim odiava minha reação fácil de sua sexualidade crua; parte de mim se perguntava se a ameaça subjacente de perigo misterioso era o que me excitava. Se for assim, eu era de fato uma aberração à enésima potência. Uma coisa era indiscutível: Eu era incrivelmente, inegavelmente atraída por ele. E ele sabia disso.

Eu me esforcei para parecer calma e serena.

— Ok — eu disse, passando minhas mãos por seus cabelos para espremer o excesso de água. Agarrando a toalha que estava meio caída sobre os ombros dele, eu coloquei em sua cabeça e esfreguei. — Feito. Vamos dar uma olhada.

Eli se ergueu, agarrou a toalha, e secou o cabelo, e eu não podia evitar ver os músculos ao se mover e flexionar com o movimento, pele suave e cremosa esticada ao longo dos cumes duros de seu estômago e no peito, seus bíceps rijos como rochas, ombros largos. Veias longas serpentearam os braços e mãos largas se movendo sobre sua cabeça em uma maneira descuidada, de homem. Quando ele deixou cair a toalha e olhou para mim, estávamos muito perto; eu sabia e não fiz nada a respeito.

O novo cabelo preto de Eli pendurou-se em fios molhados, caídos sobre os olhos azuis que ficaram escuros e perigosos enquanto ele me olhava, e eu não conseguia me mover. Ele inclinou um quadril no balcão, apoiou o peso com um

braço atrás de mim, e se aproximou. Meu coração começou a bater acelerado e de forma irregular, e me movi um pouco mais perto. Eu senti como se tivesse sob um feitiço, sabendo no fundo que o que eu fiz foi uma má jogada, mas incapaz de me conter, ao mesmo tempo.

— Você joga um jogo perigoso, Riley Poe — disse ele com restrição de aço, e seu olhar caiu para meu decote exposto, então subiu para a minha boca, onde congelou. Um músculo palpitou em sua mandíbula. — Suponho que uma parte é culpa minha. — Ele olhou para mim e se aproximou, sua boca no meu ouvido, sua voz ainda mais baixa. — Desde que eu ouvi você dizer que queria foder comigo, não tenho sido capaz de te afastar.

Eli moveu seu corpo inteiro para frente do meu, todo peito nu e abdômen marcado prendendo-me contra o balcão, seus braços agora bloqueando cada lado meu. Com facilidade, ele agarrou meu cabelo por trás e puxou com pressão suficiente para forçar meu rosto para cima para encontrar seu olhar, então segurou lá. Ele respirou profundamente, a polegadas do meu.

— Eu senti desde o primeiro dia em que te vi pela janela, e cresceu mais forte a cada encontro. — Ele procurou meus olhos, sua voz letalmente calma. — Você quer saber por que eu me fui por 12 anos, Riley?

Eu mal podia respirar, falar muito menos. Eu nunca tinha sido pega sob tal restrição como o olhar penetrante de Eli.

— Sim — eu finalmente disse, forçando a minha voz para ser forte e me perguntando por que diabos ele estava me torturando. Ele estava tão perto que seu hálito quente roçou meu pescoço, meu peito, fazendo-me excitada e trêmula ao mesmo tempo.

— Porque eu perdi o controle — alertou, enfatizando cada palavra como um grunhido baixo, doloroso, sua respiração se tornando mais irregular. Eu podia sentir a pressão do ar entre nós com uma mistura de tensão sexual e raiva enquanto ele lutava. — Então pare de contorcer seu traseiro na minha frente — disse ele, e deixou cair o olhar para os meus seios mais uma vez. Seu olhar levantou e perfurou o meu. — Você é uma maior tentação para mim do que a sua mente mortal poderia entender. — Ele soltou meu cabelo. — E eu não sei se seria capaz de parar com você. — Ele se afastou do balcão, mas manteve os olhos fixos nos meus. — Há muito em jogo aqui para correr esse risco.

Meu coração estava batendo tão forte e rápido que doeu; minha respiração queimou meus pulmões. Por dentro, eu tremia, e tudo que pude fazer foi olhar para ele como a porra de um mudo e passar por ele. Rejeição de qualquer forma era uma droga; rejeição tingida com medo era uma droga maior ainda, e eu queria escapar da sala de estar, escapar do exame minucioso de Eli. Com dor por dentro, eu podia ouvir meu próprio coração, sentia-o sob o algodão fino da minha camisa e corri para o quarto. Escapei da mortificação do momento; amanhã de manhã estaria melhor; sua transformação poderia continuar então. Eu ainda precisava fazer algo com seu cabelo, e eu não podia exatamente confiar em mim mesma com um par de tesouras agora.

Senti seus olhos em mim enquanto desaparecia da sala, mas mesmo em quartos separados, eu podia sentir que ele ainda estava em mim, sua voz dentro de mim, a respiração dele roçando minha pele, e eu queria gritar, até que desaparecesse. Eu queria que tudo sumisse... os Arcoses, os Dupré, tudo.

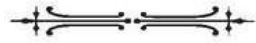
No momento em que entrei no quarto, eu sabia que nada *voltaria a ser o mesmo*. Eu tropecei em uma parada abrupta quando coloquei os olhos em meu irmão, de pé nas portas duplas, agora abertas, da minha varanda. Reação à ação assumiu, e me movi para ele.

— Seth! — Disse, minha voz rachada e irregular com emoções.

O olhar nos olhos do meu irmão me congelou, eles eram selvagens, frígidos, vagos, e terríveis ao mesmo tempo. Ele parecia o mesmo, e no entanto, não era; ele parecia... *esfomeado*. Antes que eu pudesse me mover ou dizer outra palavra, uma rajada de ar passou a minha frente, e Seth se lançou ferozmente para mim, fora de controle e tão rápido como um relâmpago. Eu não tinha sequer visto Eli se mover, mas ele já tinha Seth pelo pescoço em um aperto duro, suspendendo-o sobre a borda da sacada.

Meu grito ecoou fora dos tijolos com séculos de idade do meu quarto.

PARTE 6



SUBMUNDO

BLOOD IS THICKER THAN WATER



Ver o corpo do meu irmão se contorcendo em um frenesi para escapar do aperto de Eli... em uma tentativa de chegar até mim... rasgou o meu coração e me aterrorizou ao mesmo tempo. Isso também impulsionou minha adrenalina, e eu reagi. Tão assustada quanto estava, eu arremessei-me em Eli e agarrei seu braço.

— Não machuque ele! — eu gritei, e puxei com força. — Eli, pare com isso!

Como se em câmera lenta, Eli se virou para mim, e seu belo rosto tinha grosseiramente distorcido na mesma alongada, desequilibrada mandíbula, com as presas da criatura que Gilles tinha se transformado, apenas mais assustador. Eu fisicamente vacilei, minhas entranhas ficaram frígidas, e congelei no choque de ver Eli transformado, mas algo quebrou dentro de mim, e eu não liberei seu braço. Olhos todo-brancos com pequenas pupilas entediadas em mim, quase me desafiando, talvez até um pouco envergonhado. E foi nesse instante que tudo se tornou claro. Se Seth e eu sobrevivêssemos, nossas vidas jamais seriam as mesmas.

Sobre o ombro de Eli, vislumbrei meu irmão. Seth não parecia se importar que um vampiro o tinha pela garganta, tudo que ele queria era chegar a mim, e meu sangue único, que agora o tentava. Os olhos de Seth estavam selvagens e com fome, e enquanto seu rosto não estava contorcido, ele arranhava e chutava o ar conforme lutava contra a retenção de Eli. No fundo de sua garganta, Seth fez um ruído que... não soou humano. Definitivamente não Seth. Eu só posso explicar isso como desespero. Se eu não soubesse melhor, teria pensado que ele estava usando drogas, e confie em mim... eu conhecia o aspecto todo muito bem; sua longa, agitada franja estava suada, sua pele pastosa, seus olhos raivosos. Se isso fosse apenas drogas.

— Você tem certeza que quer que eu o deixe ir? — Eli perguntou, e sua voz também estava de alguma forma diferente. Mais sombria. Mais ousada. Seth resmungou e lutou mais.

— Não — eu respondi com raiva, e odiei dizer aquela palavra mais do que qualquer coisa. Eu sabia que isso não era culpa de Eli, que Seth estava em transição, mas o culpava de tudo mesmo assim, e ele, obviamente, leu minha mente, porque ele estreitou os olhos.

— Deixe-nos.

Eu encarei primeiro a Eli, então Seth, e meu coração doeu para abraçá-lo, bater nele para caramba, e agitar seu corpo magro adolescente até que ele saísse disso. Mas eu sabia que isso não aconteceria, e sacudi-lo não mudaria nada. Matou-me obedecer Eli, mas eu fiz.

— Não o machuque. — eu disse, e olhei fixamente para Eli. Ele não concordou, ou mesmo reconheceu meu pedido, mas eu sabia pelo jeito que ele olhou para mim que não iria machucar meu irmão. Eu me virei e fui para a porta, e tão rapidamente que uma rajada de ar salgado roçou do lado do meu rosto. Quando olhei por cima do meu ombro, ambos foram embora.

Incerteza e uma dor agonizante que eu não poderia definir tomou conta de mim e sugou cada grama de energia do meu corpo, e meus joelhos desabaram. Sentei-me ali mesmo, no chão. Eu queria correr para a janela, para ver onde Eli e Seth tinham ido, como eles tinham ido e eu não podia. Minhas entranhas estavam travadas, e um sentimento de impotência inevitável me dominou. Então, as lágrimas. As malditas lágrimas.

Eu as odiei, odiei a fraqueza que elas representavam, e não tinha me permitido ao luxo delas desde o dia que eu encontrei a minha mãe morta em uma banheira. No momento em que nós tivemos o seu funeral, eu estava com raiva e as lágrimas haviam secado, e eu não tinha derramado uma lágrima mais até a noite passada. Foda-se. Puxando meus joelhos até meu peito, travei meus braços firmemente em torno deles, abaixei minha cabeça e chorei.

Quanto tempo decorreu, eu não poderia dizer, devo ter estado seriamente em uma névoa, porque quando pouco depois estive consciente do meu redor, eu estava na minha cama. Eu não poderia chegar a nenhuma outra conclusão além de que Eli tinha me colocado lá, porque eu não lembro de atravessar o chão e subir debaixo das cobertas eu mesma.

As luzes estavam apagadas, o quarto sombrio, e minha mente estava confusa com teias de aranha. Ergui-me, me apoiando nos cotovelos, olhei em volta, notei o fluxo familiar de luz que veio pelas portas francesas, e me lembrei de tudo que eu desejei muito que não estivesse realmente acontecendo. Sentei-me e esfreguei meus olhos inchados.

— Volte a dormir, Riley. — a voz firme de Eli veio de um canto escuro do quarto. — É cedo.

— Eu acho que você me confundiu com alguém que você pode mandar. — eu respondi firme. — Seth?

Houve uma longa pausa, e meu coração disparou. Mas então Eli respondeu.

— Seguro por agora.

Meu corpo aliviou com suas palavras, e passei meus dedos pelo meu cabelo e o procurei na escuridão.

— Por que você está se escondendo? — eu perguntei.

No tempo que me levou para piscar, ele estava em cima de mim. A luz das portas francesas transformou sua figura em uma silhueta, seu rosto nada mais do que um recorte preto.

— Isso é chamado de vigia, espertinha. Estou cuidando de você.

Cuidadosamente, analisei seu perfil escuro.

— Obrigada por não ferir meu irmão. — eu disse, e consegui dizer com algum senso de força.

Mais uma vez, outra pausa, esta mais longa do que a última.

— Se ele te machucasse, ele não teria tido tanta sorte.

Minhas entranhas se agitaram pelas palavras de Eli. Eu sabia que ele estava falando sério, e enquanto isso me irritava, isso também me intrigava, e eu não poderia conter a pergunta.

— Por que?

— Isso não importa. — ele disse, sem rodeios, e eu sabia que ele nunca me diria suas razões. — Agora, vá dormir. — Ainda assim, ele estava em cima de mim, ao lado da cama.

Eu sentei lá por um tempo, rebelde e determinada que a auto-prescrita supremacia de Eli Dupré sobre mim não iria tirar o melhor de mim. Por que diabos ele queria tanto que eu fosse dormir? Aparentemente, eu sentei lá por muito tempo. Com a minha próxima respiração, ele me empurrou de volta para o meu travesseiro, com os braços apoiados em ambos os lados da minha cabeça. Embora, ele não tivesse sangue tao quente como eu, a eletricidade permaneceu, e todo o meu corpo ficou rígido pela sua proximidade e pela tensão que isso causou. Você poderia sentir isso no pouco de ar que havia entre nós.

— Você não tem medo de mim? — Ele perguntou com a voz de aço, quase com raiva.

— Não — eu disse tal como aço. — Eu não tenho.

Ele moveu sua boca perto do meu ouvido, e a sensação de sua respiração roçando meu pescoço me fez estremecer.

— Você realmente deveria ter. — disse ele, e embora quisesse dizer isso como um aviso, no lugar disso, me provocou. Liberando uma de suas mãos, ele a moveu para o meu peito, e com o dedo indicador atingiu de raspão a carne exposta acima do meu coração. — Eu posso ouvir o seu coração batendo a um quilômetro de distância. — disse ele, sua voz rouca, grossa.

Ele colocou sua palma plana contra o meu peito, seus dedos roçando o volume do meu peito.

— Quando ele bate mais forte, ou mais rápido, eu posso sentir isso dentro de mim. É como se você estivesse me fodendo em toda parte: dentro da minha cabeça, meu corpo. — sua mão permaneceu contra mim, pesada, erótica. — e isso está realmente começando a me irritar. — Com um safanão, ele me empurrou, o impacto causando que ar em meus pulmões saísse com um whoosh como se o ar tivesse sido batido fora de mim.

Engoli em seco, olhando para ele até que sua silhueta havia recuado para os recessos sombrios que ele tinha emergido. Nós dois ficamos em silêncio por alguns momentos, eu não poderia mesmo dizer quanto tempo havia passado. Fiquei chocada e ainda me recuperava de seu contato íntimo, admissão sedutora e ação rude.

— O corpo que você viu, por trás do beco? Sua garganta e peito foram rasgados porque um vampiro strigoi deseja sangue diretamente do coração. Então, tenha medo de mim, Riley — disse ele calmamente da escuridão. — Isso vai manter ambos vivos.

Sentei-me sem fôlego, e me tornei tão consciente da minha respiração e dos batimentos cardíacos batendo forte que tentei muito forçar a abrandar. Eu nunca tinha sido conhecida pela minha timidez, ou a habilidade de manter a calma, então eu inalei algumas respirações mais calmas e falei.

— Eu não me assusto fácil. — eu disse, e ouvi Eli bufar, ou algo assim. — Mas por que nós dois?

Eli gemeu, a frustração espessa em sua voz.

— Porque, se eu perder o controle e algo acontecer com você ao meu lado, o contrato será quebrado, e Preacher e seus parentes vão me destruir. — Ele deu uma risada suave. — E o meu pai vai deixá-los.

— Consideravelmente doente esse contrato. — eu disse, e quando Eli não respondeu, decidi manter minha boca fechada por agora.

Já era difícil o suficiente tentar dormir com ele no quarto, o atual ar entre nós estalou como se estivesse vivo, e juro por Deus, apesar das suas ameaças dos strigoi, eu não poderia tirar os pensamentos pervertidos que invadiram meu cérebro pela memória da mão de Eli no meu corpo, sua boca tão perto da minha pele. Quando ele estava perto de mim assim? Um implacável, sedutor, selvagem desejo surgia através de mim, que eu não podia controlar, e visões de suas mãos me tocando em todos os lugares invadiram minha mente.

Eu queria sua boca e língua em mim, sua dureza dentro de mim, nós dois nus e escorregadios com suor, Eli em pé e segurando minhas pernas em volta de sua cintura enquanto ele me batia contra a parede de tijolos do meu quarto, e por meio segundo, pensei que eu ia morrer onde estava se conseguisse isso bem agora, então. Havia algo mais, algo muito mais profundo, algo mais íntimo do que alucinante sexo selvagem, e isso foi *a única coisa* que fez meu cérebro mudar para marcha ré e para. Eu não poderia nem mesmo nomear isso, mas me assustou muito.

Nas sombras, ouvi o gemido abafado de Eli... pelo menos eu pensei que era um gemido. Em seguida, um outro som rompeu a escuridão, dificilmente de lá, quieto, mas eu ouvi a mesma coisa. Era pele contra pele, e a única conclusão que eu poderia chegar era que Eli tinha lido meus pensamento sujos e tinha decidido cuidar dos negócios ele mesmo ao invés de colocar nós dois em risco por me pegar. Eu poderia ter estado enganada, mas eu provavelmente não estava, e isso totalmente me excitou.

Tudo o que eu podia fazer era ficar ali na escuridão e pensar sobre Eli. Minha mente cheia de imagens vívidas de suas mãos se movendo lentamente e dolorosamente sobre a minha carne nua, sua língua e lábios provando minha garganta, meus seios, descendo no meu abdômen, e estabelecendo-se entre as minhas pernas em um longo e erótico beijo que me faria contorcer com necessidade.

Minha mão se moveu sem comando, e no momento em que toquei a mim mesma, gozei. Eu não estava tão chocada comigo mesma como eu pensei que estaria, eu tinha feito isso nesse mesmo quarto com o mesmo assunto por trás do ato. Nas sombras, eu o senti, eu não o ouvi, mas ele estava em toda parte.

Irritava-me que aqueles pensamentos sexuais de Eli poderiam empurrar seu caminho para frente da minha mente, mesmo no meio do caos que se tornou a minha vida. Eventualmente, voltei a dormir, mas foi um inquieto e agitado sono que eu caí em rebeldia.

O amanhecer caiu sobre mim na manhã seguinte, e abri meus olhos e imediatamente procurei o canto onde Eli esteve. Ele não estava mais lá, e eu realmente não estava surpresa. Sentando-me, esfreguei os olhos com meus dedos e tentei ignorar o sentimento da manhã seguinte, especialmente frustração, uma vez que nós não tínhamos realmente feito sexo.

De alguma forma, porém, isso tinha sido bastante real. Eu afastei isso da minha mente, levantei, e comecei o primeiro dia da minha nova vida como uma caçadora de recompensas de vampiros desonestos. Isso era o que eu me considerava agora. Em meio a agitados e turbulentos pensamentos sexuais sobre Eli, eu tinha chegado a uma conclusão chocante: já não podia lamentar e chorar sobre o que estava acontecendo com o meu irmão e eu. Não era hora de ser uma covarde.

Eu tinha sido uma cabeça dura desde os nove anos de idade e havia ficado apenas mais dura enquanto tinha envelhecido. Eu era uma lutadora, e agora era definitivamente a hora de lutar. Eu queria meu irmão de volta, e o pegaria, juro por Deus. Não importa o sacrifício. Isso valeria a pena. A única coisa que eu teria que aprender a controlar era o meu desejo crescente por Eli. Qualquer pessoa com uma mente racional que realmente acreditasse que havia vampiros entre os mortais, provavelmente, iria repelir a ideia de sexo com um. Eles não eram naturais. Eles não estavam vivos. Eles não tinham alma, e eles estavam condenados ao inferno. Supostamente. Para ser franca, eu achava isso nada mais do que um monte de merda. Mas isso é só eu.

Como aqueles pensamentos se fortalecendo em mente, eu pulei, vesti um jeans esfarrapado e uma camiseta, deslizei em meus chinelos, escovei os dentes, e descí as escadas. Eli estava parado na vitrine da loja olhando para River Street,

Chaz ao seu lado, e ambos se viraram quando entrei na sala. Chaz latiu e abanou o rabo uma volta inteira, mas ficou diretamente ao lado de Eli. Eu ignorei o frio esquivar do meu cão e refleti sobre minhas revelações.

Eu derramei todas as ansiedades da noite anterior, eu estava pronta para chutar o traseiro do vampiro, e não o de Eli, mas o dos Arcoses, os pequenos imbecis. Pareceu que Eli não tinha deixado isso tão facilmente como eu fiz. Seu olhar penetrante me fez estremecer e eu sabia... *sabia*... ele ainda estava pensando no que ele tinha visto em minha mente na noite anterior. Ele pode ser um vampiro, mas na raiz daquela monstruosidade tinha um cara. Um jovem, de sangue quente e excitado cara.

Eu dei a Eli um sorriso.

— Primeiro, tenho que deixar Chaz sair, então correr para Preacher, depois voltar aqui para terminar sua transformação. — Dirigi-me para a porta. — Você vem? — Eu olhei para trás, mas ele não estava lá.

Quando me virei, Eli estava na porta esperando, as mãos enfiadas nos bolsos de um par de 501s⁸ desbotadas.

— Eu levei Chaz para fora mais cedo.

Eu levantei uma sobrancelha, franzi a testa para meu cão, depois assenti.

— Bem, bom para você. Vamos, então. — Estendi a mão para porta, mas ele bloqueou. — O que? — eu disse, tentando afastar a irritação da minha voz.

Silenciosamente, ele mudou de lado, e saiu para o ar abafado. A primeira coisa que notei foi uma chopper customizada, estacionada ao lado do meu jipe. Eu sabia que tinha que ser de Eli, e eu inspecionei. Uma Martin Brothers Silverback, era platinada de titânio com alguns contagiantes arabescos pretos no taque e pára-lamas, um largo, gordo pneu traseiro, e um mais estreito na frente.

— Moto malvada. — Eu ofereci, e fui sincera. Eu sempre quis ter uma.

— Conduzir é delicioso. — disse ele. — Vamos conduzi-lo hoje à noite.

Eu admiti apenas para mim mesma que o pensamento disso me emocionou. No Preacher, Estelle apressou-se em fazer café da manhã, mas meu avô substituto manteve os olhos fixos em Eli e eu. Eu poderia dizer que ele sabia que algo estava acontecendo. Não que alguma coisa tenha acontecido, mas que havia algo no ar

⁸ Um tipo de calça da Levi's.

entre nós, algo perigoso e palpável. Ele ignorou, porém, e nós terminamos o nosso café da manhã e saímos.

Eu não podia deixar de pensar o tempo todo, *que tipo de aberração que ele estava colocando no meu chá?* Beber isso apenas não era mais o mesmo, o que era um pouco deprimente. Eu tinha amado o chá, quando pensei que era apenas chá. Talvez um dia, me aconstumasse com a ideia de que isso era agora pelo bem da minha vida.

Fiz um rápido trabalho de acabamento na transformação de Eli, eu cortei sua franja para torná-la irregular e cair em sua testa, parcialmente suspensa sobre seus olhos, e o vesti com um par de jeans preto, uma camisa cinza rasgada, fivelas e botas de combate. Eu o ajudei a prender a algema de couro no dedo e punho e percebi que ele já usava um cinto de couro em volta do pescoço com um medalhão de prata. Então fui ao seu redor, examinando-o cuidadosamente, e estava bastante satisfeita com os resultados. Quase.

Olhei rígida para ele.

— Você precisa de um piercing. — Eli levantou uma sobrancelha.

— Onde? — Estudando seu rosto e seguindo a sobrancelha levantada, apontei para ela. — Bem ali. Aro de prata pequeno.

Surpreendentemente, Eli deu de ombros.

— Tudo bem. — Ele olhou para a porta e inclinou a cabeça. — Meus irmãos e irmãs então lá embaixo.

— Eu acho que eu poderia muito bem lhes fazer uma chave. — eu murmurei enquanto corria pelas escada. Abri a porta, e Phin, Luc e Josie estavam de pé, esperando.

— Venham. — eu disse e abri o caminho para cima. — Confirmam seu irmão.

— Uau — disse Phin, andando ao redor de Eli e bagunçando seu cabelo. — Ficando sombrio, hein, Eligius? — Disse ele, e Luc se juntou, dando tapinhas na bunda de Eli.

— Belas roupas. — acrescentou.

— Se vocês estão indo para onde nós estamos indo, eu sugiro que vocês consigam algo do mesmo. — eu disse.

— Eu vou tentar as roupas, mas ninguém vai tocar meu cabelo — disse Luc, enfiando os dedos por seus cachos loiros escuros descuidados. — Inferno de um não.

— Mocinha — riu Phin, então, virou-se para mim. — Meu cabelo é muito curto, mas vamos usar as roupas.

— Piercings, também. — eu acrescentei, em seguida, abri uma gaveta na cozinha e peguei um bloco de notas. — Aqui, é o nome de outra loja de tatuagem que faz piercings. — disse eu, escrevendo o endereço, rasgando-o do bloco e entregando-o a Eli. — É no lado oeste, não muito longe de Mullet's. Você se lembra como chegar a sua casa?

Eli me deu um sorriso malicioso, e fez sua dança de olhos azuis sob as expostas franjas irregulares.

— Sim, Riley. Eu lembro. — Ele olhou para Josie. — Você fica aqui com ela, Josie. — disse ele. — Tome conta dela.

— Sim! — Josie disse entusiasmada. — Eu trouxe alguns desenhos para mostrar a você — disse-me ela, acariciando a mochila que ela carregava. — Eu os tenho no meu laptop.

Eu escondi meu ceticismo em ter uma vampira de 15 anos de idade me vigiando, e acenei com a cabeça.

— Legal. Eu tenho cerca de uma hora antes da loja abrir. — inclinei minha cabeça. — Vamos dar uma olhada. — Josie ocupou-se configurando seu laptop, e eu encontrei o olhar de Eli. Ele me deu um aceno de aprovação.

— Estaremos de volta daqui a pouco — disse ele. Em menos de um piscar de olhos, os irmãos Dupré tinha desaparecido escada abaixo. Um rugido acompanhado de três motores de motocicleta ecoou no beco atrás de Inksomnia de uma vez, e eu olhei para Josie.

— Os meninos e seus brinquedos. — disse ela muito madura, e eu não tinha outra opção a não ser concordar e rir.

— Não é essa a verdade? — eu disse. Por um segundo, parei e pensei sobre os Duprés. Mesmo que eu tivesse visto o horror que Eli poderia se transformar, eu tive o momento mais difícil de imaginar Phin, Luc e Josie fazendo a mesma coisa. Especialmente Josie. Tudo parecia tão surreal, fantástico e incompreensível de

uma vez, e eu não estava certa que meu cérebro jamais compreenderia totalmente e abraçaria isso.

Eu virei minha cabeça, arquejei um grito abafado, e cambaleei para trás. Josie estava não mais do que setenta centímetros de distância, seu rosto doce e jovem se contorceu no mesmo terror de mandíbula desengonçada, dentes pontudos que eu tinha visto em Eli e Gilles. Seus olhos brancos olharam com curiosidade para minha reação, e uma vez que ela tinha visto isso, seu rosto imediatamente reformou de volta para a jovem Josie que eu conhecia.

— Muito bem — ela disse a questão com naturalidade, um pouco arrogante, e com um sorriso perverso. — Agora você não tem que perguntar mais. — Ela inclinou a cabeça para o laptop aberto sobre o balcão. — Quer ver minhas fotos? — Disse ela, como se não tivesse acabado completamente de se transformar na minha frente.

— Uau — eu murmurei, e tentei forçar meu coração acelerado a diminuir seu ritmo. — Tudo bem. Vamos ver. — eu passei através dos arquivos e inspecionei a arte de Josie — incríveis, altamente detalhados os esboços, desde símbolos dos Pictish para lagartos e aranhas até rostos refletidos na janela de vidro no infame de Notre Dame. Eles literalmente explodiram minha mente.

— Uau... este é o seu irmão? — Josie disse da sala de estar.

Olhei para cima e percebi que ela estava olhando para a foto que eu tirei de Seth do alto do Tybee Lighthouse em junho.

— Sim, esse é Seth. — eu respondi, e só de ouvir o nome dele em voz alta fez meu coração pesar.

— Deus, *ele é tão bonito*. — Josie murmurou e continuou a olhar para ele.

Eu não podia deixar de sorrir.

— Estes são seriamente fantásticos — eu disse a ela, percorrendo mais desenhos. — Apesar do fato de que você tem mais de cento e cinquenta anos de idade, você é muito jovem para eu te contratar. — eu disse — mas eu adoraria comissionar algumas das suas artes. Elas fariam ótimas tattoos.

— Sério? — Josie disse entusiasmada. — Isso seria loucamente incrível.

— Ótimo. Ok com sua mãe e pai primeiro. — eu disse, então pensei o quão engraçado era que sua mãe e seu pai eram do vampiros do século XIX. — Ouça, eu

tenho que ficar pronta. Sirva-se... do que quer que seja — eu disse a ela, e me dirigi para o meu quarto. — Eu vou estar de volta.

— Tudo bem — respondeu Josie.

Depois de um banho rápido, me vesti com um par de jeans skinny preto rendado no lado, uma camisa sem manga cinza com Inksomnia nas costas, e botas preta Mary Janes, e acrescentei uma gargantilha de renda preta. Puxando meu cabelo para trás, mas deixando minha franja com mecha vermelha livre, eu adicionei maquiagem e estava pronta para ir.

Nyx se deu bem com Josie, e vice-versa... apenas como eu imaginei. Não havia uma alma por perto que pudesse recusar Nyx, mesmo se essa alma fosse condenada. Eu tinha simplesmente dito a Nyx que Josie era a irmã mais nova de Eli, e depois de eu ter mostrado a ela a arte incrível de Josie, elas se deram bem.

Foi só depois do meio-dia quando Eli, Phin e Luc entraram no Inksomniam e tão atordoada que eu estava pelas suas mudanças que eu fiz um pausa em meio ao desenho para olhar em apreciação. Não me entenda mal, eles eram totalmente lindos antes. Todo os três tinha a aparência de bad-boy, imprudentes, calça jeans desbotada, camiseta, botas. Mas agora? Agora eles passariam direto pelo Panic Room e ninguém saberia, eles pensariam que os Duprés eram verdadeiramente góticos do cenário urbano. Eu sorri.

— Parece que Mullet fez bem com vocês — eu disse, e inspecionei todos os três. — Garotos propaganda do Gnaw Bone Brand Urban Wear.

— Muito bom. — disse Nyx com aprovação, e os apresentei ao redor da sala. Nyx abraçou todos.

Já Phin, seu corte de cabelo curto se encaixou perfeitamente com o cinza escuro das calças rasgadas urbanas, camiseta preta e botas de fivelas grossas. Ele andou até mim, sorriu e mostrou a língua.

— Ouch — eu disse conforme verificava a nova bola de prata em sua língua. — Como se sente?

— Eu te digo mais tarde — disse ele sorrindo.

Luc, que fiel à sua palavra, não tinha mudado um único fio de cabelo na cabeça, estava com os braços cruzados sobre o peito, calça jeans pós-apocalíptica e camisa cinza rasgada, fazendo-o parecer um Panic Room comum. Olhei mais perto e observei o aro de prata pequeno perfurado através de seu lábio inferior e as

bolas de prata adornando o lóbulo de sua orelha. Eu sorri e dei um aceno de aprovação.

— Legal.

Eli ficou para trás, olhando-me com intensidade enquanto eu inspecionava seus irmãos, até que eu virei minha atenção para ele

— Venha aqui — eu disse, e ele se aproximou. Um aro de prata pequeno perfurava sua sobrancelha esquerda, e eu admito que estava muito sexy. Eu balancei a cabeça. — Bom trabalho. — eu abaixei a minha cabeça de volta para a serpente tribal que eu tinha tatuado sobre o ombro de um cara do exército, e vagamente ouvia enquanto Nyx continuou, mostrando aos Duprés os prós e contras de Inksomnia. Ela carregou um dos desenhos de Josie para o nosso computador, em seguida, o imprimiu como uma transferência de tatuagem. Josie gritou e declarou que era totalmente legal.

Depois de um tempo, todos os quatro Duprés saíram e subiram as escadas para o seu cochilo de vampiro de duas horas. Nyx terminou cedo e saiu, enquanto eu tatuava alguns clientes mais. Eli passeava enquanto eu estava terminando uma braçadeira farpada em uma jovem mulher que ensinava inglês para alunos da sétima série. Por alguma razão, achei aquilo loucamente hilário. Enquanto eu lhe dava amostras de pomada e a papelada, vi Eli me observando de perto.

Quando o corvo Gene granou enquanto a mulher saía de Inksomnia, eu tranquei a porta e virei o sinal de FECHADO. Eu estava olhando para a tarde caindo enquanto turistas vestindo bermudas, camisetas, e capris movimentavam-se perto, e notei as nuvens escuras serpenteando em cima e se movendo mais à frente à margem do rio. Mesmo dentro de casa, eu podia sentir a mudança como se algo escuro, sinistro, caísse sobre a cidade.

Talvez fosse porque eu estava a par disso, talvez isso era porque eu antecipei isso. De qualquer maneira, a minha adrenalina percorreu meu corpo com o pensamento de enfrentar inimigos inimagináveis, aqueles que tinha meu irmão preso, e eu não poderia evitar além de imaginar o que Seth estava fazendo naquele exato momento. Ou mesmo se ele sabia que ele era Seth. Eli estava subitamente para o meu lado, sua presença aquecendo a minha pele.

— Esta noite será o começo — disse ele com voz segura. — Se você tem quaser hesitação, é melhor falar. — Olhei para cima e, ao mesmo tempo, ele olhou para

baixo. — Quando começarmos, não há como voltar atrás, e as coisas só se tornaram difíceis. Se eles sentirem você, eles vão te caçar. E confie em mim, eles não vão parar até que tenham você.

— A hesitação não está na minha composição genética. — eu respondi com força, sem medo, mesmo que eu tivesse certeza que com *eles*, Eli quis dizer *Seth e seus amigos*. — Enquanto esses idiotas tiverem o meu irmão, eu estou dentro.

Eli me virou e me empurrou contra a parede, com as mãos apoiadas em ambos os lados da minha cabeça. Ele apareceu mais... ameaçador com seu cabelo preto, pele pálida, testa perfurada, e olhar mais sombrio.

— Se eles alguma vez sentirem o cheiro do sangue correndo em suas veias, você não seria capaz de detê-los. — Ele levantou a cabeça e me estudou. — Eles desceriam sobre você como um bando de hienas. A força e agilidade de seu irmão crescem a cada dia. Só que, o seu estômago não está preparado para sangue humano ainda... e isso que salvou você na outra noite. Eles tem a vontade, o desejo, mas não sabem como agir sobre isso. — Ele franziu a testa. — Ainda.

— Então me ensine como me proteger. — disse eu, sensações ondulando através de mim enquanto Eli me pressionava contra a parede de tijolos da loja. Eu sabia que meus desejos tinham se tornado os seus. Sabia isso. Isso tinha se tornado poderoso e consumido tudo, forçando as bordas do espaçoso estúdio de tatuagem a bater em torno de mim. — Se eu não posso vencê-los, ou fugir deles, me ensine como matá-los.

Um olhar de incredulidade cruzou as feições de Eli.

— Você seria capaz de golpear um punhal através do coração de seu irmão se ele vier atrás de você? — ele perguntou.

Náusea repugnante rastejou até a minha garganta com esse pensamento, e eu sabia que morreria antes mesmo esfaquear Seth.

— Não. — eu disse. Eu levantei meu queixo e encontrei seu olhar. — Mas os Arcoses, eu mataria. Sem problemas.

Eli me estudou por vários segundos, e esperei tão pacientemente quanto eu poderia. Paciência não era exatamente um traço que eu já reivindiquei, e a falta disso estava agora se esgotando enquanto o corpo de Eli pairava tão perto do meu, silencioso, potente, exótico. Lentamente, ele se afastou de mim.

— Eu vou falar com o meu pai — disse ele. — E ele vai falar com Preacher. — Embora ele tivesse se afastado de mim, ainda estava perto, e engoli a vontade de agarrá-lo pelo colarinho de sua camisa já rasgada e puxar sua boca até a minha. — Há muitas maneiras de um mortal matar um vampiro, mas elas são maneiras antigas, primitivas, e não para os mais sensíveis. — Ele arrastou os dedos sobre meu queixo, e eu o analisava enquanto seu olhar passava por cima de mim. — Você é sensível, Poe?

Meu corpo reagiu sem a permissão do meu cérebro, e meti meu joelho bruscamente na virilha de Eli. Embora eu não recebesse a mesma reação que eu tinha recebido dezenas de vezes antes com os mortais, fiquei fascinada em ver como os olhos de Eli dilataram apenas um pouco, e ele sufocou o mais curto dos suspiros. Bolas eram bolas, eu imaginei. Ainda assim, ele estava em cima de mim, e um pequeno sorriso perverso levantou no canto da sua boca. Eu sorri de volta.

— De jeito nenhum sensível.

Ele acenou com a cabeça.

— Sua luta suja de rua vai comprar o mínimo de tempo com um vampiro — disse ele, de fato. — Mais do que qualquer coisa, eles vão ficar intrigados. Mas isso não vai impedi-los.

Dei de ombros e cruzei os braços sobre o peito. — Então, quando você diz primitivo, você quer dizer estaca de madeira através do coração?

Seus olhos nunca deixaram os meus.

— Não. Isso só funciona em Hollywood. Na vida real, é prata, e não pode apenas furar o coração. Tem que ir todo o caminho através dele. Em última análise, é melhor se rasgado pela parede torácica, impulsionado com a prata, e queimado.

Eu considerei isso.

— Parece perversamente nojento, mas eu poderia fazer isso.

Eli olhou para longe e deu uma arrogante risada... um movimento totalmente mortal, e parecia ainda mais sexy em um vampiro. Ele olhou para mim, depois fora para o entardecer e inclinou a cabeça. — Vá ficar pronta. Saímos em uma hora.

— Uma hora? Por que tão cedo? — eu perguntei. — Nós apenas apareceremos no Panic Room às sete horas. Temos tempo para matar. — Eu olhei em volta. — Nunca pensou sobre ter uma tattoo? — eu perguntei, e inspecionei ele. Eu admito. Eu quis tatuá-lo no momento em que coloquei meus olhos sobre ele.

Olhos azuis fixados em mim, estudou-me atentamente por vários momentos.

— Sêrio? E por que isso?

Eu fiz uma carranca.

— Fique. Fora. Da. Minha. Cabeça.

Com um sorriso leve, Eli desviou o olhar e encolheu os ombros.

— Sim, já pensei nisso. — Ele pegou um livro de desenho e folheou as páginas. — Se eu decidir fazer, você vai ser a primeira a saber. Agora, vamos.

Com os olhos apertados, eu fiz uma careta.

— De novo, você tem me confundido com alguém que aceita ordens. — Eu me virei para ir embora. — Além disso, é muito cedo para ir no Panic Room. Aprenda algumas maneiras, Dupré.

O silêncio de Eli me seguiu até o meu quarto, onde eu rapidamente tirei minhas roupas e pulei para o chuveiro. Com vapor de água que caía nas minhas costas, eu medi exatamente o que estava fazendo, e o que estava prestes a acontecer, e eu estaria mentindo se dissesse que isso não me deixou um pouco apreensiva. Antes, quando eu estava festejando violentamente e fodendo, as coisas simplesmente não me importavam. Eu achava que era invencível, que nada e ninguém poderia me machucar. Eu poderia chutar traseiros e tinha orgulho disso. Mas eu tinha deixado essa vida. Agora? Eu estava prestes a mergulhar de cabeça de volta para isso. E o pensamento de Seth envolvido nessas coisas escuras que aconteciam nos bastidores dos clubes que eu costumava sair? Isso fez meu estômago doer.

O tempo todo que tomei banho, senti uma presença, como se alguém me observasse, e pensamentos de Eli lotaram minha mente. Eu olhei através das portas de vidro transparente do meu chuveiro, para a porta do banheiro que eu tinha deixado entreaberta, mas não o vi. Eu não gostei de como eu era atraída para Eli, ele era mortal, como segurar uma arma para minha têmpera com o gatilho meio armado, esperando as chances que impediriam isso de disparar. Ele, claro, também sabia disso. Embora eu tivesse pedido para não ler minha mente, ele faz isso o tempo todo.

Ações, em sua maioria, eu poderia controlar, pensamentos privados eu totalmente não podia. Então, tinha certeza que ele sabia agora que eu queria ele no chuveiro comigo, liso, molhado, e totalmente fora de controle. Embora meu bom

senso me chutou, e eu desliguei o chuveiro, enrolei uma toalha em torno do meu corpo e sai. Eu não poderia evitar um último pensamento. *Quanto tempo podemos resistir um ao outro?* Talvez Eli pudesse levar mais tempo que eu, ele era, afinal, imortal. Eu não era, e não tinha nem de perto a quantidade de resistência ou controle que ele tinha.

Sequei meu cabelo e o deixei solto, puxando vários fios em pequenos grampos negros. Eu deixei minha franja solta, e eles ficaram exatamente pelo meu queixo. Era o submundo que enfrentaríamos, então a maquiagem que eu apliquei ficou mais pesada do que o habitual, com delineador escuro e sombra roxa que brilhava quando atingida pela luz. Batom vermelho escuro e blush fez a minha pele parecer mais pálida do que realmente era, mas abaixo das paredes pretas dos clube e luzes estroboscópicas, isso revelaria o efeito perfeito.

Eu adicionei um par de brincos pretos de teias, uma gargantilha de renda preta com uma cruz de prata pendurada no centro, um top rosa choque metálico apenas coberto por um colete de couro pequeno que ficava cerca de dois centímetros acima do meu umbigo, meu par favorito de calças segunda-pele de couro, que atava dos lados, e botas pretas até o tornozelo com salto com ferrão de doze cm completou meu traje Panic Room.

Eu adicionei alguns anéis de algemas de couro preto cravejado de prata, e uma pulseira com ferrões, e estava pronta para ir. Com uma rápida inspeção final no espelho de corpo inteiro no canto do meu quarto, peguei minha mochila de couro preta pequena e deixei o quarto.

— Ok, pronta. — eu disse quando entrei na sala de estar. Eli estava na janela de frente para a River Street, e ele se virou para olhar para mim.

Os sedutores olhos azuis lentamente analisaram minha aparência, demorando-se na onda que meus seios faziam no top e nas pernas com a calça de couro colada. Lentamente, ele se moveu para mim, e eu reparei que com doze centímetros de salto, eu olhava para ele diretamente nos olhos. Me mantive firme enquanto ele percorria cada centímetro do meu corpo. Eu não vou mentir, eu gostei. Isso me fortaleceu, porque eu sabia que o afetou também. Bom. Eu não quero ser a única pegando fogo.

Finalmente, depois de uma prolongada e silenciosa inspeção de mim, Eli encontrou meu olhar, e imediatamente vi o desejo masculino cru misturado nessas profundezas azuis.

— Você — disse ele lentamente, sugestivamente, — está sexy.

Eu dei um pequeno sorriso e um encolher de ombros.

— Obrigada — eu dei a Eli uma avaliação rápida, e ele parecia tão delicioso quanto antes. — Você não está tão ruim. Pronto?

Balançando a cabeça, Eli foi até a mesa da cozinha e pegou uma caixa. Ele entregou-a a mim.

— Para você.

Com a sobancelha levantada, eu dei-lhe um olhar cético e peguei a caixa.

— O que é isso? — Eu disse enquanto eu abria.

— Proteção. — ele respondeu.

Eu balancei a cabeça.

— Esta caixa desse tamanho poderia conter uma grande quantidade de preservativos. — Eu disse, sorrindo e Eli riu. Depois que eu comecei a abrir a aba, olhei para dentro e fiquei surpresa ao ver um capacete preto liso com uma borboleta roxa metálica pintada na lateral. Eu levantei-o e olhei para Eli. — Legal. Obrigada. — Eu sorri e dei um aceno de aprovação. — Motociclista chique.

Ele deu de ombros com indiferença.

— Sem problemas. Eu já levei Chaz para fora. Vamos.

Eu parei por tempo suficiente para esfregar a pele entre as orelhas de Chaz, e saímos para a luz do dia desaparecendo.

— Onde exatamente eu vou caber na moto? — Eu perguntei, sabendo que a Silverback de Eli tinha apenas um único assento. Eu não tinha uma bunda grande, mas isso era definitivamente um lugar feito para apenas um. Então olhei para baixo na rua em sua moto e notei que um assento tinha sido montado na parte de trás, e um conjunto de pedais havia sido colocado diretamente atrás de Eli.

— Eu fiz isso enquanto estávamos colocando os piercings — disse ele. — Não havia lugar para você na moto.

— Sim, eu entendi isso. — eu disse, e caminhei até a moto e inspecionei o assento. Eu dei-lhe um puxão.

Eli colocou um meio capacete preto sólido, eu fiz o mesmo, e uma vez que ele ligou a moto, eu subi atrás dele. O barulho do motor zumbiu através de todo o meu corpo enquanto eu estabeleci minhas botas de salto alto sobre os pedais, passei meus braços ao redor da cintura de Eli, e ele partiu. Quando ele saiu da Factor's Walk, ele virou à esquerda. Inclinei-me para ele.

— Você está indo pelo caminho errado. — eu disse, sabendo que o Panic Room ficava fora da Martin Luther King Boulevard em Williamson.

— Você disse que tínhamos um pouco de tempo para matar, certo? — Eli respondeu, e continuou seu caminho. — Há algo que eu quero checar primeiro.

Enquanto nós andamos ao longo da President Street, então da Highway 80 em direção ao Tybee, eu quase esqueci que estava sentada segurando um vampiro do século XIX e estávamos procurando outros. Os músculos de Eli estremeceram sob minhas mãos, e eu podia sentir o abdômen definido sob sua camiseta. Ele parecia um cara quente normal montado em uma chopper; Eu sabia que ele não era, e me vi desejando muito que as coisas fossem diferentes, e que Eli não fosse um vampiro, e que Seth não estivesse se tornando um. Era inútil desejar e um total desperdício de tempo, e ainda assim, eu encontrei-me constantemente fazendo isso. O que me irritou, realmente.

A Highway 80 tinha seu tráfego engarrafado de costume, assim estava lento em direção à ilha. O ar estava pesado com a chuva pendente, carregava aquele cheiro indiscutível, e mesmo impregnado, ou melhor, a salmoura pesada do pântano. Era maré baixa, eu poderia dizer mesmo sem ver a água. A vida marinha apodrecida era sempre mais densa na maré baixa. Tifas e cardumes de ostras estavam visíveis na lama do rio enquanto nós nos movimentávamos devagar.

Depois que atravessamos a ponte principal para Tybee, Eli virou na primeira subdivisão e para baixo várias ruas antes de parar em uma casa pomposa no final de uma rua sem saída. Um Caddilac velho e branco estava estacionado na garagem. Desci, e Eli desligou o motor, jogou a perna por cima do tanque, sentou-se, tirou os óculos escuros, e olhou para mim.

— O que? — Eu perguntei, e olhei em volta. — O que estamos fazendo aqui?

— Há algo que você precisa saber. — disse ele, e sob a luz da rua, vi seus olhos me estudando.

Eu não tinha ideia do que esperar.

— Ok. — eu disse e esperei.

— Lembra quando você perguntou se alguma das pessoas de Preacher havia mudado, em algum momento? — Perguntou ele. — E eu disse a você que um mortal não poderia se transformar a menos que eles bebessem o sangue de um vampiro?

— Sim — eu disse lentamente, não gostando de onde isso estava indo. — Então?

— Bem — disse ele muito lentamente. — Isso não é totalmente verdade.

Eu não podia fazer nada mais do que olhar e esperar pelo resto da explicação.

— Mais do que apenas os Gullah foram utilizados, primeiramente. Se um mortal é mordido, e muito sangue é retirado, eles morrem. Puro e simples. Mas se eles são mordidos e ficam vivos, eles ganham... tendências. — Ele avaliou minha reação. — Tendências vampíricas.

Mudei meu peso e inclinei a cabeça.

— E elas incluem...?

Eli deu de ombros.

— Tudo depende de quem mordeu, a constituição da genética. Velocidade excessiva. Capacidade de saltar alto, talvez desafiar a gravidade por um tempo. Ler pensamentos. Desejar carne crua. — Ele deu de ombros novamente. — Eles vivem mais tempo, com um ritmo lento de envelhecimento. Eles também tem a capacidade de curar rapidamente.

— Ok — eu disse, não compreendendo totalmente. — E há muitas dessas pessoas ainda por aí?

— Sim.

Eu balancei a cabeça e considerei essa notícia esclarecedora.

— Tudo bem. Estranho, mas tudo bem. Então, por que estamos aqui? — Inclinei minha cabeça para a casa pomposa.

— Ned Gillespie. Mordido em 1912, quando ele tinha 14 anos de idade.

Eu olhei em descrença.

— Você mordeu uma criança?

Eli balançou a cabeça.

— Josie mordeu. — Ele olhou para mim. — Mas na época, sim... eu teria. Nós estávamos apenas aprendendo a ser humano, Riley. Nós não podíamos evitar.

— Então por que estamos aqui para ver Ned Gillespie? — eu perguntei, olhando para a casa de dois andares situada acima do pântano.

— Ele e Josie eram... próximos, eu acho, até que eles cresceram no conceito um do outro. — ele respondeu. — Ned sabe sobre os Arcoses, pode farejar um vampiro 30 milhas de distância. — Ele desceu da moto. — Eu pensei que talvez ele tenha ouvido algo ou... cheirado algo. — Ele acenou com a cabeça em direção à casa. — Vamos.

Enquanto caminhávamos pela rua inclinada, olhei para Eli.

— Ned vai me assustar? — Eu poderia apenas imaginar quais tendências ele devia ter.

— Sim. — respondeu Eli, e eu respirei fundo e o segui até a porta. Assim que nós andamos sob a luz da varanda, a porta da frente se abriu, lá estava um cara jovem, pelos vinte anos, com cabelo doido castanho e pontas foscas, uma camiseta do Led Zeppelin amarela e preta, e jeans rasgados. Seus olhos enrugaram nos cantos quando ele sorriu e bateu punhos com Eli.

— Cara, como está? Não tenho te visto faz um tempo. — disse a Eli, então, olhou para mim. — Whoa. Quem é a gata? — Ele se inclinou mais perto de Eli. — Ela é uma sugadora de sangue? Isso é doente, cara. — Então seus olhos pousaram nos meus dragões. — Droga... tattoos maneira. — Ele andou em volta de mim, olhando. — Maneira.

Eli balançou a cabeça e riu.

— Não, Ned. Ela é — ele olhou para mim — uma amiga. Uma amiga mortal. — Ele inclinou a cabeça. — Ned Gillespie, Riley Poe.

Ned estendeu a mão para apertar a minha, e eu o permiti, embora eu estivesse em choque ao ver Ned como um jovem em vez de um cara de cento e vinte anos. Estranho.

— Bem, Riley Poe, este é o início da Era de Aquário, não acha? Vamps, pessoas com tendências, e mortais relaxando juntos. Muito legal, né?

Lancei um rápido olhar para Eli.

— Sim, com certeza. — Eu pensei que eu tinha caído através de um túnel do tempo e direto para uma das excelentes aventuras de Bill e Ted.

— Bem, vamos para o meu humilde lar — disse ele. — Entre.

Eli me deu um olhar e um aceno de cabeça, e fui para dentro primeiro. Era um piso plano e aberto, com teto de catedral e um corredor no alto que circundava toda a sala. Nem bem Ned fechou a porta atrás de nós, um telefone tocou, e ele apalpou os bolsos, então amaldiçoou.

— Volto já. — disse ele, e juro por Deus, se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, eu nunca teria acreditado, mesmo sabendo o que sabemos agora sobre vampiros, eu não teria acreditado. Num salto, Ned pulou a grade de madeira do corredor, fácil, seis metros, se não mais. Ele desapareceu em um quarto, e, no segundo seguinte, ele estava pulando novamente. Ele olhou para mim quando pousou.

— Chamada perdida. — disse ele, como se o que ele tinha acabado de fazer fosse absolutamente normal.

Eu não podia fazer nada mais do que levantar minhas sobrancelhas com espanto.

— Ouça, Ned — Eli disse. — Você tem sentido quaisquer outros vampiros ultimamente?

Ned dramaticamente levantou o nariz para o ar e cheirou.

— Sim, cara, eu tenho. Não é forte, embora, não tão fraco, na verdade, eu pensei que estava mais longe da costa. Por que, o que há?

— Os Arcoses — Eli disse. — Você não tem visto ou ouvido alguma coisa?

Ned olhou para Eli, e seriedade substituiu a atitude despreocupada que ele tinha acabado de ter.

— Há um grupo deles. Jovens, não totalmente transformados, mas um monte de problemas, se você sabe o que quero dizer — disse Eli, inclinando a cabeça para mim.

— Um deles é seu irmão.

Ned olhou para mim. — Isso é péssimo.

— Você tem sentido eles por aqui? — Eli perguntou. — Na ilha?

Ned balançou a cabeça.

— Estava em Atlanta em uma convenção de jogos. — Ele olhou para mim e sorriu. — Eu criei Urban Bloodsuckers — ele disse, esperando que eu compreendesse. — O jogo de computador? Você sabe, software? Fodão.

— Parabéns. — eu disse, e ele deu de ombros.

Eli e Ned trocaram algumas palavras mais, e então nós dissemos adeus, com a promessa de Ned que ele entraria em contato conosco se Seth e outros aparecessem na ilha. Senti-me cética, Ned parecia estar em seu próprio pequeno mundo de software, apesar dos superpoderes que um vampiro lhe tinha concedido pela mordida.

— Vida longa e próspera — Ned gritou de sua porta da frente, subimos na moto e fomos embora. Eli explicou sobre seu ombro — Ele é um grande Trekk⁹. — Eu podia ver isso totalmente, especialmente desde que ele tinha estado por aí desde antes que o capitão James Kirk fosse ainda uma faísca no olho do seu pai.

Uma chuva fraca tinha começado assim que nós saímos da President Street e da Baía, e nós fomos para o Panic Room pouco antes de a tempestade cair. Um prédio de tijolos desinteressante, o clube estava completamente vazio de luzes de néon ou sinais, a entrada era um conjunto simples de mal-assombradas portas duplas azuis, e se você não conhecia o Panic Room, você nunca teria o encontrado sozinho.

Era um tipo de lugar boca-a-boca, e somente um seletor grupo poderia entrar. Um monte de merda acontece no Panic Room... drogas, sexo, prostituição... mas o advogado do dono era um pit bull. Eles já processaram a cidade por uma batida sem provável causa e um mandado, e não apenas fez o advogado trabalhar por causa disso, mas o incidente tinha feito o SPD extremamente cauteloso sobre invadir o Panic Room de novo. Nós estacionamos a moto na calçada e corremos para a entrada.

— Quem é o cara grande com a trança? — Eli inclinou-se para a minha orelha e sussurrou.

Eu virei em seu pescoço e fui surpreendida pela emoção que passou por mim pela proximidade íntima.

— Zetty está entre seus 30 e 40 anos, é do Tibete. Ele serve como porteiro do Panic Room. — Zetty, com uma trança negra que atingia sua cintura, sempre vestido com roupas tibetanas tradicionais, com um longo cachecol de lã vermelha e calças pretas largas, escondidas em um par gasto de botas de couro até à canela.

⁹ Grande fã de Star Trek

— Ele era um seguidor do Shiva — eu disse, — Vê o símbolo de um deus tatuado em sua testa?

Eli olhou para mim.

— Sim.

Tatuado na testa de Zetty estavam brilhantes quadrados coloridos de amarelo e vermelho adornados com pontos que se estendiam apenas abaixo da ponte de seu nariz. Ele usava brincos redondos, brilhantemente coloridos de pedra e carregava uma faca tradicional tibetana em uma bainha multicolorida feita à mão assegurada em seu peito.

— Eu já o vi usar a faca, também, então não seja idiota. — Ninguém fode com Zetty.

— Não se preocupe. — disse Eli, e colocou sua mão em minhas costas e pediu-me para seguir em frente.

Zetty sorriu para mim enquanto nos aproximávamos, e reconhecimento brilhou em seus olhos. Era o tipo de olhar que faz suas feições já intimidantes ainda mais assustadoras.

— Riley Poe. O que você está fazendo aqui? — Disse ele em seu sotaque tibetano pesado, e agarrou meu ombro.

Eli imediatamente endureceu e moveu-se um pouco para minha frente, fazendo com que o olhar de Zetty movesse de mim para Eli. Zetty franziu a testa.

— Está tudo bem — eu disse calmamente a Eli, e coloquei minha mão em suas costas. — Zetty é um velho amigo. — eu olhei para o segurança. — Só vamos ficar aqui um pouco. Então, como você tem estado, Zetty? — eu perguntei.

— Não posso reclamar. — ele respondeu, mas sua atenção estava agora em Eli.

— Ótimo. Bom ver você. — eu disse, e puxei o braço de Eli. Zetty voltou seus olhos para mim.

— Fique fora dos quartos de trás, Riley. — disse ele com um tom inexpressivo. — Não existe nada lá mais para você.

Fomos embora, e desviei meu olhar de Zetty.

— O que há com ele? — Eli perguntou quando passamos pelo pequeno hall de entrada, onde a música reverberou através de um outro conjunto de portas duplas que levavam para o clube. — Ele parece muito protetor com você.

— Ele provavelmente pensou a mesma coisa sobre você. — Sorri — Zetty faz o seu trabalho e apenas o trabalho dele. — eu disse, olhando para ele. — Ele sempre odiou eu ter ficado confusa, e ao mesmo tempo ele sabe o que se passa nos fundos do Panic Room, ele não se envolve. — Eu dei de ombros. — Com exceção de uma vez. Ele me tirou de uma situação ruim e quase matou um cara fazendo isso. Caso contrário, ele simplesmente fica na frente e mantém a paz.

— Ele sabe o que eu sou. — disse Eli com naturalidade.

— Eu não duvido. — eu respondi sabendo que ele iria ler a mente de Zetty, e para ser honesta, eu não estava surpresa. Zetty tinha sido uma espécie de homem místico no Tibet, misterioso e mortal. Sempre serei grata por ele gostar de mim, por qualquer motivo.

Enquanto nós fomos para a multidão, as paredes pretas e luzes estroboscópicas nos engoliam, e “The Raven and the Rose” de My Dying Bride batia através do sistema de som e cantarolava através de mim, o corpo de Eli agarrado ao meu, a palma de sua mão e dedos pressionados possessivamente na pele nua das minhas costas enquanto ele me guiava por um mar de fumaça, couro negro, ferrões de prata e maquiagem exótica.

Esta parte do Panic Room era dócil, o clube dividia-se, a dança, a música, as bebidas, e a maioria das pessoas. O que eu sabia estar nos quartos de trás, nos sombrios quartos do pânico era algo completamente diferente. Eu tinha experimentado, e eu seria uma mentirosa se dissesse que não me incomodou estar de volta. E ainda com a mão de Eli contra a minha pele, e a música delimitadora através do meu corpo, isso meio que me emocionou também.

— Eu perguntaria o que está errado, mas eu já sei. — disse Eli, sua boca roçando na minha orelha quando ele se inclinou. Eu me virei e olhei para ele, nossos rostos perto, inebriantes, eróticos. Seus olhos era hipnóticos, e eu estava atraída por eles. Ele. Eu estava atraída por ele.

— Esta é a parte mais fácil — disse eu, e sabia que ele entendeu que eu quis dizer onde estávamos agora. — Kelter Phillips é dono deste lugar. Eu sei como entrar, sei como agir. E sei exatamente o que fazer para ser aceita de volta. — Agora, eu empurrei meus lábios na orelha de Eli. — Você diz que os Arcoses estão nas coisas escuras, certo? É onde eles vão reunir seu louco exército vampírico? — Eu propositadamente pressionei minha boca na mandíbula de Eli. — Então é este

o lugar que eles virão, e juro por Deus, eu não estou saindo daqui esta noite sem encontrar algo sobre o meu irmão ou aqueles idiotas que o tem sob controle. — Eu recuei e segurei o olhar de Eli com o meu olhar muito determinado. — Você vai ter que se afastar, Eli, e confie em mim. Estes não são vampiros. Eles são pessoas.

Eu levantei meu queixo.

— Eu posso muito bem lidar com as pessoas. — Ele olhou fixamente, contemplando provavelmente, então, deu um aceno relutante e seus olhos brilharam aborrecidos para o meu. Eu não poderia dizer se ele estava impressionado ou excitado. Com a mão apoiada no meu quadril, Eli me guiou para o bar. Eu pedi uma dose de uísque, e para minha surpresa Eli fez o mesmo. Enquanto eu erguia o copo e engoli o líquido ardente, Eli observava, seu olhar seguindo o caminho do uísque enquanto ele escorregava pela minha garganta.

Poder masculino cru e deliberada fome sexual iluminou seus olhos, e dizer que a sensação que agitou dentro de mim era erótica era um grande eufemismo. Ele estava me deixando louca, e eu tive que literalmente fazer um esforço consciente para não colocar as mãos nele. Era tão fácil submergir na escuridão sedutora do nosso ambiente, a música, a intimidade forçada, o uísque, eles eram todas as drogas em sua própria maneira. E eu era uma ex-viciada em tudo.

— Alguém está vindo, e eu não gosto dele. — disse Eli perto de mim, e virou-se para o bar. Eu esperei, embora eu soubesse quem seria. Eu estava certa.

— Riley Poe. Porra, é você — uma voz gutural disse atrás de mim. — Toda adulta.

Virei-me e no meio das luzes estroboscópicas olhei para o rosto do meu passado, um que eu não tinha planejado encontrar novamente, mas sabia que eu encontraria hoje à noite. De altura mediana, Kelter Phillis usava seu traje habitual: um conjunto de couro preto, correntes, algemas ferroadas, e colares, e sua cabeça careca e cavanhaque preto pareciam exatamente como eles estavam quando eu costumava sair com ele.

Dez anos mais velho e podre de rico, ele agora ostentava uma grande tattoo que começava na testa e estendia sobre sua cabeça em uma faixa de seis polegadas de largura, estilo moicano. A tattoo era uma lista dos sete pecados capitais, escritas em Inglês Antigo e pintado de preto, com videiras pretas e rosas vermelho-sangue ao lado. Nas palavras acima da sua testa lia-se *Foda-se a Virtude*, seguido por

luxúria, gula, avareza, preguiça, ira, inveja e orgulho em caligrafia intrincada. Droga, ele sempre pensou que era um fodão. Ele podia sentir o cheiro de carne fresca a uma milha de distância, e para ele eu sempre sou carne, só que naquela época, eu não sabia ou me importava. Eu empurrei minha repulsa e dei um sorriso sedutor para Kelter. Eli ficou tenso ao meu lado.

— E aí, Kelter?

Kelter deu um olhar curioso a Eli e um aceno de cabeça.

— É seu amigo? — Perguntou.

— Sim, um amigo. — eu assegurei a ele. Eu não chegaria a lugar nenhum se Kelter pensasse que tinha o escrutínio de um namorado, e eu quase bufei alto quando pensei no que ele pensaria se soubesse que Eli era uma criatura do entardecer. Ao meu lado, Eli sufocou uma risada. *Saia da minha cabeça, idiota*, eu pensei. Eu sabia que Eli tinha ouvido.

— Venha comigo. — Kelter ofereceu, ignorando completamente Eli, e eu tentei não tremer com repulsa quando ele colocou a mão na região baixa das minhas costas nuas.

— Claro. — eu disse, olhando diretamente nos olhos pretos de Kelter. Eu deslizei da banqueta e lhe permiti me guiar para a multidão de pessoas dançando. Antes de eu chegar muito longe, olhei por cima do ombro. Eli estava me olhando com um olhar mortal em seus olhos. *Eu vou ficar bem*, eu disse a ele em minha mente, e permiti que a multidão me engolisse. Eu não estava brincando comigo mesma, eu sabia que Eli podia me ver, ouvir meu coração, e ouviria se eu chamasse por ele.

E Deus ajudasse alguém em seu caminho.

“Bite the Hand” do Megadeth rugiu através do Panic Room, e me movi sedutoramente com a música, corpos estranhos moviam-se comigo. Na minha periférica, vi alguém parado perto de nós, e quando me virei, a pessoa tinha deslizado de volta para a multidão. Encarei na escuridão esfumaçada. Era Eli, e ele estava em todo lugar, movendo-se tão rápido que o olho humano não poderia encontrá-lo. Podia vê-lo, e embora não pudesse vê-lo realmente mudar de local, vislumbrei ele pairando perto, como um falcão. Eu peguei um vislumbre de seu rosto, parecia que ele queria rasgar Kelter em pedaços. *Relaxa, Dupré*, eu disse em minha mente, e voltei minha atenção para o canalha que fui forçada a lidar.

Kelter me observava atentamente enquanto suas mãos deslizavam para meus quadris e me puxavam para mais perto, e eu sabia que ele já estava meio aceso e excitado, o cheiro de uísque, maconha, e cigarros agarrados a ele. De repente, suas mãos estavam na minha bunda, sua virilha roçando contra mim, e sua boca pressionada na minha orelha.

— Você parece boa o bastante para foder bem aqui — disse ele, obviamente, pensando que sua conversa suja e controladora iria me ganhar, e isso me fez sentir doente ao pensar que em um tempo, esse papo tinha feito isso. Agora isso me deixava profusamente doente, e eu tentei não deixar transparecer.

— Essa tattoo é malditamente sexy — disse ele, e traçou os meus dragões por ambos os braços, depois de volta para baixo novamente. — Toda profissional agora, hein? Tem o seu próprio negócio. — disse ele, movendo-se atrás de mim e tateando meus quadris, puxando-me com força contra ele. Seu pau já estava duro, provavelmente ficava assim. Com toda a porcaria que Kelter tomava, não me surpreenderia em saber que ele tinha acrescentado Viagra ao seu repertório de drogas e andava com uma ereção por 24 horas.

— Quer ir para os fundos? — ele disse no meu ouvido, e virou-me de volta para encará-lo. — Velhos tempos, hein, Riley?

— Depende — eu disse em voz alta sobre a música soando. — no que você tem lá.

Sem aviso, Kelter agarrou a minha mão e pressinou-a contra sua virilha, e ele latejou sob as calças de couro com o meu toque. Tentei controlar a minha reação, sério, eu tentei. Mas muita coisa aconteceu desde os meus dias selvagens e imprudentes no Panic Room, e eu reagi. Peguei forte em suas bolas, puxei para cima e para dentro, e torci, os olhos de Kelter se arregalaram, e ele sufocou um suspiro doloroso. Eu poderia dizer que ele estava ficando sem ar se é que o chiado de sua garganta e o olhos alargados significavam alguma coisa. Eu pressionei meus lábios para não rir.

— Ninguém me obriga mais. — eu disse, olhando para o rosto inexpressivo agonizante de Kelter. Apertei mais forte. — Como você disse, eu estou toda adulta, e não vim aqui por uma transa. Eu não negocio merda por isso mais. Eu vou pagar. Dinheiro. — Eu olhei para ele. — Entendeu?

Kelter assentiu, porque ele não conseguia respirar, e o soltei. Ele tossiu e respirou profundo e, finalmente, deu-me um olhar cético.

— Sempre gostou disso difícil, não é, Poe?

Dei de ombros e me virei para sair. Eu sabia que ele me impediria. Ele o fez.

— Tudo bem — disse ele, quase agarrando meu braço, mas pensando melhor.

— Vamos. — Ele inclinou a cabeça, mas não me tocou. — Você lembra do caminho?

— Sim. — eu disse, e o segui. Tecendo através dos corpos suados e neblina de fumaça de cigarro, eu fiz o meu caminho para os quartos do pânico. Atrás do piso principal do clube estava um corredor em forma de ferradura, com luz baixa que mantinham os banheiros. Isso girava em um semi-círculo de volta para o salão principal, e eu sabia que nos fundos estava um conjunto de portas duplas que levavam a seis pequenos quartos, onde as coisas eram loucas e estranhas e sobre: sexo, prostituição, drogas, fetiches, qualquer coisa.

Enquanto nos espremiávamos passando pelas pessoas no corredor, eu estremeci conforme as memórias da minha velha eu ressurgiam. Perto dos fundos, um casal transava contra a parede, a saia de couro curta subindo nos quadris dela enquanto a mão dele desaparecia entre as suas pernas. Ela olhou por cima do ombro enquanto eu passava e me deu o menor dos sorrisos, pouco antes de seus olhos revirarem. Virando minha cabeça, eu a ignorei e continuei. Outro pequeno grupo de pessoas pairavam por perto, e um cara em particular que estava sozinho, realmente não me surpreendeu: Eli.

Sua cabeça estava inclinada, mas quando o passei ele a levantou, e um olhar quente pretrante encontrou os meus, seguido por um olhar de puro ódio ao Kelter. *Eu tenho isso*, eu articulei com os lábios para ele, mas isso não mudou seu olhar. Tudo o que eu queria fazer era voltar para o local, ou pelo menos fazer Kelter achar que eu queria voltar. Estava cheio de imorais de várias idades nos quartos do pânico, mas eles eram principalmente adolescentes muito embriagados cujos pais não tinham a mínima ideia de onde eles estavam, e Kelter, o maluco que era, abastecia não importa o que, nem quando. Recrutados perfeitos para os Arcoses. *Não se eu puder evitar...*

Kelter parou nas portas duplas, retirou uma chave do bolso e abriu a fechadura. Ele inclinou a cabeça para eu entrar, e eu fiz, no momento em que entrei, o cheiro forte de maconha apareceu. Meus olhos ardiam enquanto

descíamos outro corredor curto para o escritório de Kelter. Ele abriu a porta, e em uma corrida, um corpo voou por mim, batendo em mim com tanta força que eu tropecei e caí contra a parede.

— Porra! — Kelter gritou. Na porta, a figura parou e se virou. Usava jeans desgastados escuros e um capuz preto, e um rosto pálido olhou de volta para ele. Minhas entranhas congelaram. Era Riggs Parker. E ele virou diretamente para mim e arregalou os olhos.

PARTE 7



OBSESSÕES

BLOOD IS THICKER THAN WATER



Riggs me olhou por vários segundos, e soube imediatamente que ele não me reconheceu. O olhar feroz em seus olhos me fez lembrar de um viciado, ou pior, um animal faminto, aquele que tinha sido acorrentado em um quintal coberto de sujeira, sem comida, sem água. Ele me causou arrepios na espinha, e quando eu pensei que não poderia aguentar mais, ele desviou o olhar e focou em Kelter. Levou tudo em meu poder para não gritar, *Riggs! Seu cabeça de vento! Sai dessa!* Eu sabia que não faria nenhum bem.

— Val diz que a próxima vez que você me trancar, você está morto — Riggs disse, sorrindo, balançando um galão de tamanho pequeno, cheio de plástico envolto e pacotes do tamanho de salsichas no ar, sua voz pesada, escura, ameaçadora. Um sorriso maníaco contaminou suas feições juvenis. Ele quase não parecia o Riggs que eu conhecia. — Bem, olhe para isso — ele disse, inclinando a cabeça e examinando Kelter. — Parece que você já está morto, homem. — Sem outro olhar no meu caminho, ele se virou e desapareceu pela porta; eu me afastei da parede e corri atrás dele.

No corredor, parei e vislumbrei Riggs quando ele empurrou uma porta de aço. Fui atrás dele. Minha mente estava vazia de tudo; eu não pensava em nada, a não ser encontrar Seth. A barra de metal da porta de aço picou a palma das minhas mãos enquanto eu batia nela ao correr para fora e para o beco escuro e úmido atrás do Panic Room. O cheiro pútrido de urina misturada com chuva e lixo me deu falta de ar, e no final do beco, debaixo de um poste de luz, vi Riggs. Ele e vários outros, eu contei sete ao todo, usavam capuzes escuros, e eles pararam e olharam para mim. Eu sabia que Seth era um deles, respirei fundo e gritei.

— Se...!

Meus olhos se arregalaram, e eu lutei contra o aperto de aço em volta da minha cintura e boca. Eu sabia que era Eli sem sequer olhar. Eu assisti, atordoada, quando Riggs e os outros fizeram algo que, literalmente, explodiu minha mente. Com uma série de gritos estridentes, saltos radicais e movimentos acrobáticos, correndo e balançando os membros em corrimões, bordas de janelas, eles se dispersaram para o prédio do outro lado da rua como uma trupe de circo bizarra.

Um deles pegou algo do chão e esmagou-o na janela de um carro estacionado e o ar da noite encheu com o som estridente de um alarme, seguido por risadas adolescentes. Em poucos segundos, sem mentira, menos de um minuto, todos eles

estavam no telhado. Eu segurei minha respiração, porque eu sabia que um deles era meu irmão, e eles oscilaram perigosamente perto da borda do teto. Por fim, a escuridão da noite os tragou. Se eu não soubesse melhor, teria jurado que eles tinham voado.

— Corrida livre. — A voz de Eli falou baixinho em meu ouvido. Ele liberou minha boca, mas não minha cintura. — Eles estão aprendendo rápido.

— Nós estivemos os observando durante toda a noite — disse Josie emergindo da escuridão. Phin e Luc flanqueando-a.

— Estilo livre urbano radical — Luc disse, acenando com a cabeça. Ele cruzou os braços sobre o peito. — Eles estão ficando muito bons.

— E a sua aceleração cresce rápido — Phin disse, e olhou para Eli. — Assim como o rejuvenescimento dos irmãos. Mais rápido do que pensávamos.

Eu me movi do aperto de Eli e olhei na direção que Seth tinha ido.

— Meu irmão mal consegue andar e mascar chiclete ao mesmo tempo — eu disse, principalmente para mim mesma, e depois olhei para Eli. Suas feições bonitas estavam lançadas em meio às sombras, quando ele encontrou meu olhar. — Eu não entendo por que temos que estar aqui. Por que nós não vamos atrás deles? Levamo-os para longe dos Arcoses, e deixemos Preacher mandar Seth e os outros para *Da Ilha*.

— Você sabe por que — Eli disse calmamente. — Nós já passamos por isso. Eu sei que é tentador apenas agarrá-los, mas isso faria um inferno de muito mais dano, do que bem. Ainda faltam três semanas no ciclo da lua. — Ele colocou a mão no meu ombro. — De jeito nenhum os Arcoses rejuvenescerão mais rápido do que um ciclo. Nós estaremos prontos.

— Sim, e nós não podemos chegar muito perto, Riley — Phin disse, inclinando-se contra a parede. — Vitorian e Valerian são pequenos bastardos inteligentes. Eles podem estar fracos, mas ainda são mortais. Nós esperaremos.

Eu considerei isso.

— No escritório de Kelter, Riggs mencionou Val estar zangado por ele ter sido trancado para fora do escritório. Então ele pegou um saco plástico e saiu correndo. — Olhei para os Dupré. — A forma como foi embalado, parecia pílulas. OxyContin provavelmente. — Esfreguei meus braços. — Você esmaga, derrete, e fuma... te deixa alto como a heroína. — Todos olharam para mim como se eu tivesse perdido

a cabeça, mas eu sabia do que falava. Eu já consegui o mesmo saco de Kelter antes.

— Val é Valerian, não é?

Eli assentiu.

— Sim, ele é tipo o... líder, eu suponho que você possa dizer isso. Ele é o mais velho dos dois. Aparentemente, ele já zerou o Phillips.

— Como ele já estabeleceu um comércio de drogas? — eu perguntei. — Os Arcoses estiveram livres por...

— Controle da mente — Eli disse. — A partir do momento em que o tumulto foi quebrado, os dois irmãos Arcos tiveram controle mental completo. Eles podem obrigar Phillips a fazer o que eles quiserem. Eles não pararão até que o seu exército esteja completo.

— Valerian é mal como o inferno — acrescentou Luc, seu rosto sério. — Sem misericórdia. Ele se excita em torturar...

— Luc, é o suficiente. — disse Eli.

Andar de um lado para o outro parecia ajudar, então eu fiz isso, mas logo o fedor do beco fez meu estômago embrulhar.

— O que eu deveria fazer com o Romeu ali? — Eu disse, inclinando a cabeça para a porta de trás do Panic Room.

— Volte lá — Eli disse. — Deixe-o pensar que você está interessada em comprar, mas não esta noite... não depois do que aconteceu. Deixe-o pensar que você está agitada.

— O que, comprar drogas vai nos ajudar contra os Arcoses? — eu perguntei. — E eu acho que depois de ter suas bolas puxadas e em frangalhos, ele sabe que eu não falo levemente.

Luc e Phin riram, e Eli olhou para mim.

— Ele nos impede de ser expulsos. Melhor para observar quem seu irmão e seus amigos pegam. Basta fazê-lo, Riley. E nós vamos sair pela porta da frente. Você não quer aquele grande tibetano na sua bunda.

— Você quer ter acesso ao seu fornecedor — Phin acrescentou. — E para os quartos. É evidente que Valerian tem o seu irmão e seus amigos usando este lugar. Não apenas para reunir mais crianças para seu exército, mas provavelmente para atrair mais vítimas. — Meu estômago afundou nessa última parte.

— Será que os amigos de Seth reconheceram-na? — perguntou Josie, que tinha estado tranquilamente observando.

— Creio que não — respondi. — Ele olhou para mim por alguns segundos, como se eu fosse uma costeleta de porco, mas isso é tudo.

Luc e Phin riram; Eli não o fez. Ele só olhou para mim, com raiva, e eu não entendia porque ele estava tão chateado comigo.

— Ok, pessoal, vamos embora — disse Josie, e dirigiu-se ao beco em direção à rua. Ela olhou por cima do ombro, depois parou e olhou diretamente para mim. — Tchau, Riley. Não se preocupe... nós vamos ficar de olho em Seth.

— Paz. — disse Luc, seguindo-a, e Phin sorriu e se apressou pelo beco.

Eu assistia com admiração como os irmãos Dupré imitavam os movimentos livres de Seth e Riggs, usando cada borda e superfície plana para saltar facilmente e em um ritmo muito mais rápido do que Seth e os outros. No telhado do prédio do outro lado da rua, Josie parou, virou-se e acenou, e então os três desapareceram na escuridão.

— Vamos lá — disse Eli, sua voz irritada, nervosa. — Vamos acabar com isso e sair daqui. Esse lugar me deixa doente.

Ele abriu a porta e segurou-a para mim, e segurei seu olhar enquanto entrava. Não olhei para trás enquanto caminhava para o escritório de Kelter, e quando cheguei lá e virei-me, Eli tinha ido. Lá dentro, encontrei Kelter em sua mesa, fumando um baseado, que cheirava tão mau como o corredor.

— Aquele pirralho me deve dinheiro — eu disse, inventando algo no calor do momento, para explicar por que eu corri atrás de Riggs. Inclinei um quadril contra a mesa de Kelter. Ele estava branco pastoso e não pareceu realmente ouvir o que eu estava dizendo. É claro que ele estava alto com álcool e maconha, mas sua tolerância era geralmente um pouco mais elevada. — Então, o que você tem para mim? — Perguntei.

Ele me olhou através de um vapor de Mary Jane, mas a arrogância de antes se foi. Ele parecia genuinamente assustado, e eu não senti nenhuma pena dele.

— O que você quer, Riley? — Ele questionou. Seus olhos entrecerraram quando ele puxou mais uma tragada.

— Hoje à noite, nada. Não depois da cena que o garoto fez. Mais tarde? Uma dúzia de Oxys — eu disse, as palavras familiares se sentindo sujas contra minha

língua. — O suficiente para uma festa. Desde que você ainda esteja nas boas graças com seu primo? — O primo de Kelter estava no SPD, e sim... um policial corrupto.

— Hoje a noite é um brinde. — Kelter alcançou sua gaveta e pegou um ziplock semelhante ao que Riggs tinha pego, só que menor um quarto, e rolou como um cigarro. Ele se levantou e deu a volta na mesa, inclinando-se perto de mim, e entregou a droga. Quando peguei o saco, ele agarrou meu braço e segurou com força. Eu resisti à vontade de enfiar meus dedos em sua carótida.

— Sala quatro, bebê — disse ele, e moveu sua outra mão para minha coxa. — Era o nosso antigo quarto, lembra? Quando estiver pronta para os sete pecados capitais, deixe-me saber. Você se lembra das regras, certo? — Ele perguntou, e deslizou os dedos ao longo da costura dentro de minhas calças de couro. — Ou você precisa de um pequeno lembrete?

Por dentro eu gritava; queria tanto dar uma joelhada em suas bolas que doía. Mas em vez disso, fiz bico e assenti.

— É. Eu lembro. Não há nenhuma.

Ele riu.

— Bom — disse, e deu outra tragada no baseado. O cheiro estava me deixando enjoada, e eu queria sair de lá. — E eu que pensava que todo este tempo você se limpou e fez algo de si mesma. — Ele riu, e juro que seu rosto pálido o fazia parecer como um fantasma. — Acho que estava errado, hein? — Ele deixou cair o saco na minha mão. — Uma vez viciado, sempre viciado. Te vejo por aí, Riley.

Eu não respondi; em vez disso, coloquei a droga no bolso, afastei-me dele, e sai do escritório, batendo a porta atrás de mim. O que não abafou seu riso. Que aberração desagradável. Eu estava no meio do caminho para as portas duplas quando Eli saiu das sombras. Imediatamente, uma mão protetora foi para a parte inferior das minhas costas.

Dentro do clube, era como uma boate decadente em um filme; dois rapazes estavam próximos compartilhando um baseado; um outro casal estava se pegando pesado contra a parede a não menos de dois metros de distância, a blusa de couro de amarrar completamente desfeita da menina e as mãos do rapaz por todo o seio dela. Duas garotas tinham demarcado um local escuro perto do banheiro, a perna de uma se esparramando no colo da outra; elas estavam de frente uma para a outra, beijando e apalpando uma a outra. A de cima tinha uma saia colegial curta

xadrez com os joelhos puxados para cima, e sua bunda estava aparecendo. Juro por Deus, as pessoas hoje em dia não tinham nenhuma humildade. Eu não era puritana ou qualquer coisa, mas porra.

— Vão para um quarto. — eu murmurei, mas elas não me ouviram, e mesmo se tivessem ouvido, não se importariam.

A pressão da mão de Eli me guiou passando por todos os amantes do clube e para a sala principal, onde havia uma multidão de pessoas dançando. Nem uma vez sua palma da mão deixou minha pele. Pessoas esbarravam e batiam em mim enquanto se moviam com a música, e cada vez que o faziam, o aperto de Eli contra a minha carne era mais forte. Eu podia sentir seu corpo inteiro pressionado contra mim, enquanto caminhávamos por entre a multidão, e meu corpo cantarolou com a consciência. Eu gostei.

Perto da porta, encontramos Mullet e uma menina com pernas longas, franja, calça preta e um top vermelho com suspensórios. Suas botas góticas a deixavam facilmente uns dois centímetros mais alta que Mullet. Ele fez apresentações rápidas; então partimos. Mullet nunca tinha entrado nas coisas ruins, como o que se passava nas salas de trás. Ele era estritamente um adepto de música e bebida. Um cara muito bom. Às vezes, eu me perguntava como ele ficou meu amigo quando eu tinha me metido em tanta coisa horrível.

Na porta, Zetty me olhou estranho; ele sabia que algo estava acontecendo, e embora eu não estivesse em torno dele por algum tempo, não pareceu bom pra mim que ele assumisse que eu estava envolvida nas merdas do Kelter de novo. Mas eu não podia dizer o contrário. Eu acenei adeus e senti seus olhos tibetanos místicos que tudo sabem sobre mim até que a porta se fechou.

Lá fora, o ar pesado, molhado da chuva recente, ficou pendurado com espessura em torno de nós, o rio Savannah jogando fora um cheiro pesado, e eu respirei profundamente, aliviada por estar fora. Voltei a olhar para o Panic Room e novamente me perguntei como um edifício tão apático poderia conter tanto... pecado. E a facilidade com que eu havia me tornado uma parte disso, desde tempos atrás.

— Suba — disse Eli, raiva de volta à sua voz. Olhei para ele como se ele tivesse perdido a cabeça, me perguntando por que ele estava tão bravo,

especialmente comigo. Ele não disse mais nada, então eu subi e fomos por Martin Luther até chegar a rua Bay.

— Vá para rua do Congresso — disse sobre seu ombro. — Para Molly McPherson.

No semáforo, ele parou e meio que se virou para olhar para mim. Ele não disse nada.

— Porque eu não tenho vontade de ir para casa ainda — eu disse, e não tinha vontade. Casa era o lugar onde Seth não estava, e onde Eligius Dupré estaria, e as paredes do meu apartamento se fechariam sobre mim. — Por favor? — eu perguntei, e realmente não gostava de ter que implorar. Eli não respondeu, mas ele fez a curva à direita, e nós estacionamos em frente ao Congresso e caminhamos para Molly.

Dentro do pub de atmosfera escocesa, eu passei através da pequena multidão reunida ao longo do bar de mogno polido, com Martin, o bartender, em seguida, peguei a mesa de canto perto da janela da frente e pedi um uísque. Eli deslizou para dentro da cabine em frente a mim, a boca apertada, as sobrancelhas se juntaram em uma expressão de raiva. Ele não pediu nada. Seus olhos claros me observavam com tal profundidade e, embora ele normalmente me olhasse de tal maneira, esta noite era diferente. Havia algo diferente brilhando lá, e eu queria saber o que era. Eu esperei, pensando que ele iria me dizer por conta própria. Demais esperar isso de um cara, eu suponho, até mesmo de um cara vampiro.

O uísque chegou, a garçonete saiu, e eu me inclinei para a frente.

— O que diabos há de errado com você? — Eu perguntei, me sentindo com raiva agora. — É o *meu* irmão lá fora. Não o seu.

Eu literalmente fervia por dentro, de repente, e uma vez que não havia mais ninguém por perto que pudesse levar a culpa, coloquei tudo em Eli. Eu coloquei tudo para fora.

— Minha vida inteira é uma bagunça fodida. Um dia eu estou bem; meu irmão é inteligente, seguro e está indo bem na escola; meu negócio está indo muito bem e estamos felizes... apesar de nossa mãe ser assassinada por um maldito psicopata e nosso pai perdedor passar a vida em alguma penitenciária. Hoje? Eu acordo e descubro... que *coisas* inexplicáveis existem, meu irmão está rapidamente se tornando uma delas, eu tenho que beber chá batizado para impedir uma família

inteira de me tornar o prato principal, e eu estou realmente tentando entender tudo, e fazer o que puder para deixar as coisas do jeito que eram. Então, pode perder a atitude de merda. — Sentei-me de volta, olhando-o, meu coração batendo rápido. — Eu não pedi por nada disso.

Eli me olhou por alguns segundos, então se inclinou para a frente.

— Eu não sou uma *coisa* — ele disse, sua voz mortalmente baixa. — E eu não pedi para ser a porra da sua babá. — Ele passou os olhos furiosos sobre mim e murmurou algo em francês. — *Combinado*.

Eu mantive meus olhos fixos nos seus enquanto levantava o uísque, bebi de um só gole, tirei dois dólares do bolso, e deixava-os cair sobre a mesa.

— Que alívio — eu disse, e fui em direção a porta. Eu era a última pessoa que precisava de uma porcaria de babá; passei por muito na minha jovem vida e lidei com problemas que a maioria das pessoas jamais ia encontrar em toda uma existência.

Que se dane. Eu mostrei as mãos a Martin quando ele disse:

— Vá com calma, Riley — e empurrei pela multidão na vida noturna de City Market. Era quase meia-noite; os turistas tinham se diluído, mas os moradores, os alunos da SCAD, ainda estavam ao redor, e ficariam por algumas horas a mais. Não era como se eu me misturasse a multidão, eu me destacava por causa de mais do que minha escolha de roupas. E ainda por cima, eu era alta e sabia que se Eli quisesse vir atrás de mim, ele não teria nenhum problema em me achar. Ainda assim, partir me deu algum tipo de controle de volta; eu havia perdido isso, e caramba, eu queria de volta. Eu não gostava de ter cada movimento meu sendo rastreado. Era... sufocante.

Enquanto eu subia pelo Congresso, movendo-me cada vez mais longe do Molly, o ar ficou um pouco mais calmo, e a música familiar do Capote tingiu o ar; eu fui direto para praça Johnson e encontrei-o entre os carvalhos com musgo. Quando ele me viu, baixou seu sax.

— Agora, aí está uma bela visão — disse ele, sorrindo. — Como você anda nessas coisas? — Ele apontou para minhas botas.

Eu andei para ele e abracei o velho Gullah, e ele acariciou minhas costas.

— Tudo bem agora, bebê. Você não tem que se preocupar com nada, me ouviu? Ouça o velho Preacher e faça o que os Dupré disserem. — Ele riu o riso de

um homem que tinha visto de tudo. — Eu conheço você muito tempo, Riley Poe, para saber que você não está feliz em ter alguém lhe dizendo o que fazer, certo? Mas você continue a manter esse temperamento sob controle. — Ele olhou para mim. — Você importa para eles.

Eu dei a Capote um sorriso e um aceno de cabeça.

— Farei meu melhor. — Inclinei minha cabeça para seu sax. — Não pare de tocar.

— Ha-ha — Capote riu e deu um aceno de cabeça. — Eu nunca paro, baby.

Ele começou de novo, sua música suave e doce ao mesmo tempo. Então, mesmo o velho Capote sabia sobre os vampiros de Savannah. De alguma forma, eu não estava chocada. Uma garoa lenta começou de novo, mas não me importava. Fiquei ali rodeada por carvalhos cobertos de musgo, e assisti os longos galhos cinza se balançarem com a brisa. Os postes lançavam um brilho apagado contra o tijolo liso e as pedras, fazendo-os parecerem vidrados, e eu inalei uma golfada longa e profunda do sensual ar de agosto. Ele quase me acalmou, até que me lembrei das cigarras. Ou melhor, da ausência delas.

Um casal se aproximou, com os braços envoltos um no outro, e ficou perto para ouvir Capote tocar. Eu fiquei lá por mais um momento; depois, com um aceno, eu saí e comecei a caminhar por Whitaker em direção a Bay. Eu deixei meus pensamentos divagarem. Fiquei um pouco chocada que Eli tinha me permitido esse tanto de liberdade; talvez ele sinceramente estivesse cansado de ser babá e tinha voltado a seus pais com a recusa em fazê-lo por mais tempo. Eu não poderia culpá-lo. Eu tinha sido uma cadela. Tinha permitido que a situação ficasse fora de controle, e eu o chamei de... *coisa*. Para mim, claro, não significava que os Dupré fossem *coisas*, mas no momento, tinha soado assim; talvez eu tivesse permitido com que soasse dessa maneira, também.

Uma parte pequena, doente de mim queria ferrear Eli, e eu não sabia por quê. Pensava em Eli como qualquer coisa, menos como *coisa*. Achava-o intrigante, misterioso, e perturbadoramente único. A atração que sentia por ele era real, e não apenas aumentada porque ele era um vampiro.

Inferno, às vezes eu tinha que me lembrar que ele *era realmente* um vampiro. Além de suas capacidades excepcionais, e sua transformação em meu quarto quando Seth se lançou sobre mim, eu não testemunhei nada evidente. Ele e seus

irmãos e sua mãe e seu pai certamente não eram como os vampiros de Hollywood. Eles pareciam uma família, normal e amorosa. Ainda... Eu *sentia* isso. Eu sentia que eles eram qualquer coisa, exceto comuns... isso e muito, muito mais. Circunstâncias precárias mantinham as coisas no lugar. Eu sabia disso. Assim como eu sabia que um dia muito em breve, eu ia vê-los. *Realmente vê-los.*

Assim que cruzei a rua Bryan, os ouvi. Não sei dizer como sabia que era Riggs, Seth, e os outros, mas eu sabia... talvez fosse o distintivo, estridente riso adolescente. Eu procurei na escuridão pela rua Bryan, e lá estavam eles: sete ao todo, vestindo casacos escuros como em um estranho clube da luta, ou culto do capuz, cercando um cara magro na calçada.

Ele estava sozinho, e os meninos estavam perturbando-o, cercando o cara contra um carro estacionado na calçada. Eu não podia dizer qual era Seth; todos eles pareciam iguais do meu ponto de vista. Eles não eram plenamente vampiros, ainda, apenas um bando de garotos estúpidos experimentando a transformação, por isso mudei de direção, abaixei-me nas sombras, e fui para eles. Eu sabia que poderia com pelo menos três daqueles magros e burros traseiros, talvez então eles fugissem e deixassem o cara sozinho. Viciado ou não, eu não ia ficar e assistir enquanto o matavam ou, o atraíam como vítima. Qualquer que fosse a opção.

No momento que cheguei perto, os meninos tinham cercado o cara e estavam empurrando-o, rindo e chamando-lhe de nomes sujos. Eu poderia dizer então que o cara estava tão alto como uma pipa; ele só se debateu entre os meninos, e eles riram, e ele até riu com eles. Me enfureceu. Ele não merecia o que eles tinham para ele, ou a transformação pelo Arcoses, ou terminar como o maldito jantar. Ambos eram inaceitáveis.

Tão logo eu sai das sombras fui empurrada de volta, o corpo de Eli me prendendo contra a parede de tijolos de uma residência histórica vazia que tinha um sinal de VENDE-SE no jardim. Maldição, ele era rápido. *Malditamente* rápido, silencioso e forte. Eu empurrei com toda a minha força e não conseguia mover uma fração de polegada. Eu nem mesmo tinha o ouvido chegar. Nós estávamos frente a frente, nossos corpos pressionados intimamente juntos. Ele olhou para mim enquanto o tijolo marcava a carne nua das minhas costas, e colocou o dedo nos lábios. *Me fazendo sinal para ficar quieta.*

Ele olhou por cima do ombro e, em seguida, baixou a boca ao meu ouvido.

— Não importa o que veja, fique aqui. — avisou ele, e quando ele levantou a cabeça e olhou para mim, eu vi o quanto ele quis dizer isso. Concordei, e apenas rápido assim, ele se afastou de mim. Eu mal senti a mudança de ar, quando ele se mexeu.

No momento seguinte, Eli estava entre os meninos e, em um movimento extremamente rápido empurrou o viciado; ele caiu do outro lado do carro com um baque e um gemido. Agora os meninos tinham cercado Eli, e tornaram-se uma matilha de cães selvagens, correndo para ele, rosnando; no meio de dois postes de luz, uma longa sombra caiu sobre Eli, e enquanto eu observava, o meu intestino deu nós, eu vi sua transformação.

Isso levou dois segundos, e eu vislumbrei o rosto horrível, olhos opacos, mandíbula desequilibrada, e presas pontiagudas, minhas entranhas encolheram com medo. Ainda era uma coisa difícil de compreender. *Não machuque-os!* Gritei dentro da minha cabeça. Eu queria que eles tivessem uma lição, não que fossem mortos. Eram apenas garotos, e um deles era Seth. Eli tinha dois pela garganta; eu não podia dizer quem eram eles, mas seus rostos eram tão pálidos que eu podia ver a pele aparentemente luminescente quase brilhante de onde eu estava pressionada contra o tijolo.

Eli pendia-lhes alto, seus tênis completamente fora do chão; então ele os jogou... jogou *ambos*. Eles pousaram na rua, saltaram para a direita, imperturbáveis, e investiram contra ele novamente. Os outros o seguiram. Em seguida, corpos adolescentes voaram por toda parte enquanto Eli os jogava como bonecos de pano; os meninos davam a volta por cima e iam em direção a ele novamente. Rosnados e maldições enchiam o ar enquanto eles lutavam; eu não sabia o quanto de controle Eli tinha que emitir para mantê-los vivos, mas ele conseguiu. Eu não podia mais aguentar. Talvez com dois, eles não iriam fazer movimentos tão ousados.

No momento que sai das sombras para a rua, um dos meninos raivosos reparou em mim e pulou. Quero dizer realmente *pulou*. Ele estava sobre mim em segundos, e me vi de costas no meio da rua. Sob o capuz olhei em um par de olhos opacos e um rosto pálido; alívio tomou conta de mim quando eu vi que não era Seth. Era seu outro amigo, Todd, e eu agarrei o menino pelo pescoço magro e segurei sua boca longe de mim.

A sensação do seu pomo de Adão balançando para cima e para baixo contra a palma da mão fez querer me livrar dele. Mas o garoto era tão forte como um maldito boi, e usei toda a minha força para empurrá-lo e sacudi-lo de cima de mim. Rolei e agachei, e quando Todd pulou novamente, chutei com a superfície da minha canela e bati nas suas costas. Era quase como se ele não tivesse sentido; levantei-me de novo, e desta vez eu juntei ambas as mãos para fazer um grande punho e balancei para cima, ao tê-lo se aproximando de mim, então dei uma cotovelada em seu plexo solar. Ainda assim, ele me alcançou e, em segundos, tinha-me de volta ao chão.

Tanto quanto eu odiava, eu pesquei a droga do bolso e balancei o saquinho na frente de Todd com minha mão livre; seus olhos desviaram dos meus, e ele agarrou-o. Em seguida, deu um sorriso que fez meu interior gelar mais ainda. Seu punho desceu sobre a minha boca com uma velocidade estonteante; eu não tive tempo para desviar. Líquido quente derramou sobre meus lábios, e os olhos de Todd arregalaram quando ele olhou fixamente para mim, para a minha boca. Para o meu sangue. *Droga.*

Fora da escuridão, os outros Dupré surgiram e desceram sobre os meninos; levou três segundos para os meninos perceberem que foram superados. Todd pulou de cima de mim, e ele e os outros tornaram a descer a rua, rindo, saltando nas bordas, e fazendo saltos loucos, estúpidos que os aterrissava em outra superfície; eles continuaram correndo, se movendo. Eu mal podia acreditar que um deles era Seth. Seth não iria acreditar que ele era Seth. Phin, Luc, e Josie se foram atrás deles da mesma maneira, até que a escuridão engoliu todos eles. Apenas seus ecos ricochetearam nos edifícios da área histórica.

No momento que Eli surgiu ao meu lado, ele se transformara no cara bonito que eu dolorosamente me acostumava cada vez mais; todos os traços do horror anterior desapareceram. Agora ele parecia mais irritado do que antes. Seu olhar iluminando meu lábio sangrando, e sua carranca se aprofundou, narinas dilatadas.

— Que diabos você estava fazendo, Riley? — Eli perguntou, e me puxou com força, quase me atirando do outro lado da rua. — Você consegue ouvir alguém? Algo de errado com seus malditos ouvidos? — questionou. Ele olhou para baixo, balançou a cabeça, e então apertou as mãos atrás do pescoço e olhou para fora

nas sombras. — Limpe o sangue da sua boca. Agora. — ele disse com quase um rosnado.

Puxando minha mochila das minhas costas, abri e procurei algo para tirar o sangue do lábio. Um guardanapo velho da Kreme Krispy enrolado em um chiclete estava no fundo; eu rapidamente o usei.

— Jogue fora. — Eli ordenou.

Sem dúvida, fiz o que ele pediu. Eu sabia que ter sangue fresco no meu rosto era estúpido. Eu ia pressionar Eli. Não agora.

— Um deles poderia facilmente ter matado você — disse ele, sem olhar para mim. Então ele se virou para mim. — Todos eles não teriam deixado nenhuma parte para o médico legista juntar.

— Eu... — eu comecei.

— Se você disser que pode cuidar de si mesma mais uma maldita vez, eu vou explodir — disse cerrando os dentes. Em um piscar de olhos, ele foi para mim, segurando meus ombros, mas não me sacudindo. — Você não pode, Riley. Não com isso. Isto está fora de suas capacidades, não importa o quão fodona você pensa que é. — Ele me sacudiu então. — Você me entende? — Ele chegou tão perto, nossos narizes quase se tocaram, e seus olhos perfuraram duro os meu. — Quando eu lhe disser para ficar parada no lugar, *fique parada na porra do lugar*.

Eu não podia fazer nada mais do que uma carranca para Eli. Eu não gostava de ser castigada, mesmo quando ele estava certo.

Ele me sacudiu com mais força, sua expressão letal.

— Eu não ligo que você não goste de ser castigada. Na próxima vez — seu rosto endureceu — obedeça.

— Me. Solta — disse, enfatizando cada palavra com veneno, tanto quanto eu podia.

Ele fez, e eu me virei em meus calcanhares e comecei a andar, de volta para Whitaker, Eli alguns passos para trás. Eu brinquei com meu lábio cortado com a minha língua e não disse uma palavra, até parar no semáforo na Bay.

— Se os seus irmãos e irmã seguem Seth e Riggs, por que é que nós ainda não sabemos onde os Arcoses estão... se restaurando, rejuvenescendo, ou seja o que for que eles estão fazendo? — eu perguntei, frustrada. — Os meninos não vão levar até eles?

— Não — ele disse sem rodeios, a luz do poste atrás dele jogando todo o seu rosto na escuridão. — Eles vão brincar toda a noite até de madrugada, pulando os telhados e reunindo forças, deleitando-se com a sua liberdade e recém-descobertos poderes; até finalmente dispersar e correr em direções diferentes, e os Arcoses continuarão a mover-se. Mesmo acompanhando os meninos, eles nunca seriam capazes de nos levar aos irmãos. Os Arcoses são demasiado espertos para isso. Fracos como eles estão, eles vão se movimentar também. — Ele abaixou a cabeça e pegou o meu olhar. — Paciência.

Eu olhei para rua de baixo, onde o viciado estava tropeçando na calçada.

— Eles iam matar esse cara. — eu disse, enojada com o pensamento.

— Não — Eli disse. — Eles iam atraí-lo para os Arcoses ou forçá-lo. De qualquer forma, sim... ele teria morrido. Eles se aproveitam de pessoas como ele: sem-teto, viciados, prostitutas, porque eles são facilmente esquecidos aos olhos do público.

— E se os seus pais ajudassem? E Ned? Se nós todos nos reunirmos e serguirmos Seth e os outros, não poderíamos apenas contê-los? — Eu disse com raiva. — Eu só não entendo.

Eli agarrou-me pelo queixo e segurou minha cabeça no lugar quando ele olhou para mim.

— Você está esquecendo a magia Gullah, Riley — disse ele asperamente. — Eles são intocáveis até totalmente regenerados. Pode conseguir o seu irmão e seus amigos mortos se extrapolarmos os limites da magia. Entendeu?

Eu tinha dificuldade em respirar; a face de Eli nas sombras, a reflexão em seus olhos vidrados, mesmo a raiva em sua voz, tudo me embalou para outra zona.

— Não realmente — eu disse, igualmente irritada. — Mas acho que não tenho escolha, a não ser estar de acordo, hein?

Eli deixou cair as mãos e se afastou.

— É. Tornaria as coisas um inferno de muito mais fácil se você fizesse.

Trovão retumbou diretamente de cima, e apenas rápido assim, pesadas gotas de chuva começaram a cair.

— Vamos. — disse ele, e fomos pra casa. Os carros na rua Bay rolavam por sobre o asfalto molhado com um silvo, e o calor do litoral de Savannah misturado com a chuva tinha um cheiro único. Eu inalei profundamente. Parecia o último

pedaço de normalidade para mim, e eu gananciosamente suguei. A chuva caiu mais rápida e mais forte, e antes de chegarmos ao Merchant's Drive, estávamos encharcados. Eu caminhei até os paralelepípedos em minhas botas com as pontas de ferro, meu cabelo como uma pilha de musgo molhado pendurado em plantas, minha pele escorregadia por causa da chuva e do creme que tinha usado anteriormente.

Tudo me atingiu de uma vez: Seth, os Dupré, Eli, os Arcoses, *strigoi*, o parentesco, Kelter, suas mãos sujas... tudo me subjugou, e eu comecei a tremer. Droga, eu odiava ser fraca! Eu puxei minha mochila das costas e freneticamente procurei pela chave de casa.

O corpo de Eli se aproximou do meu.

— O que você está fazendo? — Eu disse.

Meu olhar voou para o seu e emoções tomaram conta de mim. Lembrei-me de suas palavras no Molly's, e isso me irritou mais uma vez.

— Por que você se importa? — Eu disse com veemência. — Você é apenas a *porra de uma babá*, certo? — Eu encontrei a chave e tentei colocá-la na fechadura, mas minhas mãos trêmulas impediram. Frustrada, xinguei baixinho. — O que acontece comigo, com Seth... não importa para você. — Eu olhei para ele novamente através das gotas de chuva destacada pelo brilho da lâmpada. — Nós somos nada para você. Apenas parte de um contrato, certo, Eli?

Em um movimento tão rápido que eu não vi acontecer até que aconteceu, Eli pegou minha bolsa e jogou sobre os paralelepípedos, em seguida, empurrou-me com força contra a porta de trás da Inksomnia. Ele empurrou e me cercou, e eu não tinha para onde ir. Eu senti a presença dele ao meu redor, enquanto a chuva caía contra meu rosto, escorria do seu cabelo, e também no meu rosto e peito; eu podia fazer pouco mais do que olhar para ele incrédula.

— Saia de cima de mim. — eu disse com raiva, minha voz embargada, profunda enquanto eu lutava para não perder o controle.

Eli balançou a cabeça e estudou o meu rosto.

— Não — ele disse, sua voz mais suave, não tão irritada quanto antes. Suas mãos se moveram para os meus quadris e me puxaram contra ele. Ele trouxe seu rosto ainda mais perto. — Você não tem ideia do quanto me contive para manter as mãos longe de você — disse ele, suas mãos deslizando sob meu colete de couro

e ao longo da minha caixa torácica nua. Eu tremi sob seu toque. — Eu quis você a partir do segundo que o pensamento malicioso que você teve se tornaram meus. — Ele se inclinou mais pesadamente contra mim, seu olhar perigoso, feroz. — Eu quase perdi a minha cabeça na noite que você se masturbou pensando em mim — ele sussurrou em meu ouvido. — Eu a aceitei então — ele disse, com o olhar fixo no meu. — Eu quis você a cada segundo desde então. Eu não posso mais me controlar. — Suas mãos deslizavam sob a parte inferior das minhas costas, agarraram a minha bunda, e me puxou contra sua dureza; seu olhar escureceu, e ele baixou a boca ao meu ouvido e sussurrou eroticamente — Tem sido um prazer ser a *porra* da sua babá, Riley Poe. Mas agora, eu quero mais.

De nenhuma forma a palavra *porra* soou tão sensual, mas saindo em um sussurro da boca sexy de Eli, e no contexto que ele usou, sua voz pesada com a necessidade e com a respiração roçando meu pescoço molhado? Uma total excitação, e minha pele esquentou com o calor, apesar da chuva. Eu queria suas mãos por todo meu corpo; eu queria sair do couro. Eu o queria dentro de mim, e qualquer que fossem as consequências que viessem com ele. Desde que fosse Eli, eu não me importava. Perigo e medo do que poderia acontecer foi facilmente esquecido quando as sensações tomaram o controle. Minha mente era de uma miríade de prazeres sexuais que não podia deixar de pensar, e Eli tinha uma pista de cada um deles ao invadir meus pensamentos. Convidei-o, dei boas vindas a ele, e o deixei tomar o controle.

Perfeitos, sensuais lábios curvados pairaram perto dos meus, e seus olhos observavam minha reação quando ele agarrou o zíper da minha jaqueta de couro e lentamente, abaixou, expondo meu abdômen e a parte superior do top rosa sexy que empurrava meus seios para cima; eu sei que ele me ouviu segurando o fôlego ao seu toque, eu podia ver isso em seus olhos. Minhas calças de couro eram de cóis baixo uns bons dois centímetros abaixo do meu umbigo, e com uma mão Eli explorou a pele e músculos do meu estômago; depois com a outra, me puxou livre do colete.

Inclinei-me para ele, estendi a mão e enfiei os dedos pelo cabelo molhado e agarrei a parte de trás do seu pescoço, e por uma fração de segundo, ficamos imóvel, olhando. Ele poderia me matar em menos de dois segundos, o meu sangue uma tentação ardente, e eu não me importava. Enquanto ele mantivesse as mãos

em mim, o medo me escapava. Ele passou a mão pelo meu lado até o peito, e parou-a sobre o meu coração que batia violentamente contra sua mão. Eu não tinha ideia do que passava por sua mente, e eu não tinha muita certeza se queria saber. Mas o desespero e pavor encheram a minha; Eu não podia me lembrar de precisar de alguém tão desesperadamente, meu interior realmente doía de desejo, de querer, e eu não tinha certeza do porquê. Mas tinha que ser agora. E tinha que ser Eli.

Com a chuva caindo em meu rosto, Eli baixou a cabeça e pressionou sua boca contra a minha; parecia um raio me atingido, e eu arfei com o contato. Uma corrente subiu entre nós, palpável e quente, e Eli me empurrou com força contra a parede, enquanto ele me beijava, ambas as mãos deixando meu corpo para segurar meu cabelo e manter minha cabeça no lugar. Sua língua contra a minha me fez lutar por fôlego, por mais, e eu deslizei minhas mãos para a camisa dele para sentir os cumes duros de seu abdômen. Ele gemeu contra minha boca, em seguida, afastou seus lábios para pressionar contra a minha orelha.

— Dentro — disse ele, sua voz escura, perigosa, no limite. — Agora.

Sem esperar por mim, Eli me virou de cara para a porta; eu lutava para encaixar a chave na fechadura. Atrás de mim, Eli pressionou o corpo contra o meu, sua frente com as minhas costas, e conforme seus dedos empurravam meu cabelo de lado, seus lábios procuraram meu pescoço e suas mãos escorregaram na minha cintura, para baixo sobre meus quadris, onde ele me puxou contra ele. Urgência e necessidade crua me rasgaram com o seu toque, tanto que nem me ocorreu que eu tinha um vampiro com a boca em meu pescoço, pele que mal revestia um recipiente carregando um único tipo de sangue. Juro por Deus, não me importava nesse ponto. *Eu não me importava.*

Finalmente, a chave funcionou. Peguei minha mochila do chão e abri a porta, e tropeçamos para dentro. As mãos de Eli nunca deixaram meu corpo, e com a porta fechada, a mochila caiu da minha mão, e fomos de costas contra a porta, seu corpo pressionado no meu, nossas línguas entrelaçadas, degustando, não recebendo o suficiente. Eu o senti em todos os lugares ao mesmo tempo; cada nervo preenchido com o calor, e a forma única que ele saboreava me fez desejar, implorar com minhas mãos enquanto eu escorregava meus dedos impacientes sobre os botões da braguilha. Não havia nada suave sobre qualquer um de nós. Eu o queria para *ontem*.

— Em cima — ele murmurou contra a minha orelha, e antes que eu pudesse dar o primeiro passo ele me puxou contra ele novamente, ambas as mãos no meu rosto quando ele abaixou a boca para a minha; ele me deu um beijo longo, em seguida, foi para trás, e apenas o fluxo de luz que brilhava a partir da loja pegou seus olhos, fazendo-os parecerem escuros, quase pretos. Nunca tinha visto desejo tão intenso em um par de olhos. — Espere — ele disse, sua voz rouca, áspera, e quando eu deslizei minhas mãos ao redor de seu pescoço, ele me levantou, e eu envolvi minhas pernas em volta de sua cintura. Foram 16 passos até o meu quarto, e ele me beijou o caminho todo.

No andar de cima, deslizei de seus braços, e nós tropeçamos em conjunto nas sombras, no corredor e no meu quarto, nossos lábios juntos com fome, e eu me encontrei mais uma vez com força contra a parede de tijolos, meus dedos desesperadamente agarraram a braguilha de Eli e soltaram alguns botões. Eu puxei sua camisa, e ele assumiu, arrancando-a sobre sua cabeça; minhas mãos deslizavam sobre os músculos de seu estômago, seu peito, e eu deslizei minha mão dentro de sua braguilha e sobre o cume duro de seu pau; um gemido doloroso escapou de sua garganta ao meu toque, e eu deslizei minha outra mão em torno da sua bunda e puxei-o mais contra mim. Quando seu olhar encontrou o meu, seus olhos eram escuros, vítreos, perigosos, e perdidos em desejo. Excitou-me ainda mais.

Sem palavras, Eli deslizou as mãos até meu estômago e sobre os meus seios, onde ele abriu agilmente o único fecho que mantinha meu top junto. Ele deslizou dos meus ombros e deixou cair no chão. Ao mesmo tempo, sua boca reclamou a minha uma vez mais, suas mãos agarraram meus seios, e eu empurrei meu corpo contra o dele com cega necessidade. Eu não podia chegar perto o suficiente, rápido o suficiente como se eu só quisesse me afundar em sua pele. O queria em cima de mim, em todos os lugares.

Com dedos hábeis, Eli arrastou as mãos pelo meu abdômen para os botões da minha calça, e enquanto ele abria cada um, eu tremia com antecipação. Eu tirei minhas botas, ele chutou para fora as dele, e finalmente, nós dois estávamos sem roupa e restrições. A única coisa que restou foi uma fina calcinha preta de tiras, que se sentia mais como uma armadura mesmo sem pesar nada, do que a roupa

sedutora que elas foram feitas para ser. Eu queria rasgá-la; Eli leu minha mente, baixou a mão, e fez isso por mim, então jogou o tecido triturado para o chão.

Nós não erámos nada mais do que silhuetas e sombras ao olharmos um para o outro, com somente um fio de luz através das portas francesas. As mãos de Eli deslizaram para os meus quadris, para a minha bunda, seus olhos me observando atentamente.

— Vire-se. — disse ele, sua voz nem um sussurro, nem um grunhido, mas algo entre eles. Parecia mais dentro da minha cabeça do que em meus ouvidos, e eu fiz o que ele pediu, minha frente agora encarando a parede.

As mãos de Eli empurraram meu cabelo pesado de lado; os dedos derivaram para minhas costas em seguida, lentamente em minha espinha; ele estava traçando os meus dragões, e continuou até meus ombros e braços para baixo por cada um, onde ele passou os dedos entre os meus, os seus lábios e língua saboreando meu pescoço, meu ombro. Estremeci com antecipação. Foi a única coisa delicada que ocorreu entre nós depois disso.

Em um movimento cego, ele me virou e me prendeu contra os tijolos velhos da parede do meu quarto e me beijou freneticamente, o desespero em cada chupada, cada lambida, saboreando, e encontrei sua fúria com o mesmo entusiasmo, ofegante. Seu quadril era musculoso e estreito, e eu deslizava minhas mãos em torno dele para sua bunda e puxava-o contra mim. As mãos de Eli estavam por toda parte, tocando cada curva, cada vale, e quando sua dureza pulsava pesada contra a minha coxa, um gemido escapou da minha garganta, eu abaixei as mãos, encontrei-o, e direcionei sua protuberância macia.

Em um movimento sem esforço, ele me levantou, os tijolos granulados raspando minhas costas, e ao envolver minhas pernas em volta de sua cintura, ele empurrou dentro de mim. O gemido profundo que veio de Eli me fez tremer, e ele murmurou algo em francês. Deus, eu estava tão molhada, fora de mim com a necessidade, e Eli me satisfez em três fortes estocadas; luzes explodiram atrás de meus olhos quando o mais feroz orgasmo que eu já experimentei sacudiu o meu corpo, e Eli continuou a me penetrar, sua boca enterrada na fenda do meu pescoço e ombro, seus gemidos abafados, seu orgasmo violento enquanto o seu corpo se contraía contra mim.

Mãos fortes seguraram as minhas, espalhando-as contra a parede, e ele entrelaçou seus dedos nos meus. O beijo que se seguiu quase me desfez mais uma vez; diferente do beijo frenético de antes, esse era lento, erótico, e Eli tomou seu tempo saboreando cada centímetro de minha boca e pescoço. Sem palavras e comigo ainda grudada a ele, ele andou para trás, virou-se e me deitou na cama.

Não havia nada que qualquer um de nós poderia ter dito; tudo ainda estava fresco, tentador, e todo o meu corpo cantarolou com prazer. Por um momento, meus olhos se fecharam, e quando abriram, Eli estava sobre mim, e eu congelei. Seus olhos se transformaram opacos, literalmente luminescente enquanto ele me encarava faminto.

— Eli? — Eu disse cautelosamente, e quando ele não se moveu, repeti, mais forte desta vez.

— Eli! — Nenhuma outra palavra sairia da minha boca. Eu estava com medo. E eu poderia dizer que ele lutava por controle.

Ele rapidamente se virou, pegou suas roupas do chão, e saiu tão rápido que meus olhos não puderam acompanhar. Eu não estava completamente em choque. Agora que minha mente e meu corpo começaram a se recuperar do sexo alucinante que tive com Eli, lembrei-me quantas vezes ele disse como não tinha certeza de como seu controle poderia durar. *Mal* tinha durado. O que me chocou, porém, era que ele não tinha apenas deixado meu quarto. Ele deixou meu apartamento. Deixando-me totalmente sozinha como uma presa fácil para os irmãos Arcoses e seu culto crescente do capuz.

Enquanto deslizava sob os lençóis, estendi a mão, liguei o ventilador de teto baixo, e fechei os olhos, deixando minha mente vagar. Eu era uma menina grande, e eu passei por um inferno de coisas em 25 anos. Tinha sido usada das piores maneiras; rejeição e abandono não eram desconhecidos para mim. Estaria mentindo se dissesse que não tinha sido ruim assistir Eli partir, mas eu entendi. Eu acho que não era como as outras garotas nesse sentido. Ser um bebê chorão não era parte do meu repertório. Aprendi ao longo dos anos não ser gananciosa; tomar os pequenos pedaços de prazer da vida que podia, enquanto você podia. Você poderia não ter outra oferta.

Virei para o lado e estiquei, puxando um dos travesseiros até o meio e embalando-o contra meu corpo nu. Antes de sono me arrastar, repassei a última

hora da minha vida com Eli, e eu sabia que um outro homem nunca seria capaz de me satisfazer como ele tinha. A maneira que respondi ao seu corpo, sua boca, seu toque... ninguém poderia se comparar a isso. *Nunca*. Eu sabia do que falava, se você sabe o que quero dizer.

Eu não tinha certeza se deveria estar chateada, ou grata pela experiência. Parte de mim sabia... senti em minhas entranhas... que algo muito mais profundo do que sexo selvagem tinha acontecido com Eli Dupré, mas não faria nenhum bem me debruçar sobre isso agora, e poderia muito bem ter sido somente da minha parte. Ele quase se transformou, quase perdeu o controle. Quero dizer, sério, ele viveu por quase 200 anos. Ele teve muitas experiências, e eu tenho certeza que não seria o último orgasmo que ele experimentaria.

Por um quente minuto, foi um pensamento agradável. Mas como eu disse, eu não era estúpida. Áspera nas bordas, talvez, definitivamente um pouco pervertida às vezes, mas nunca estúpida. Eu era uma sobrevivente. E infernos, iria muito bem sobreviver a isso.

Finalmente, adormeci. Eu sabia que, mesmo que Eli tivesse deixado o meu apartamento, ele ainda estava por perto. Eu sabia que uma noite de sexo quente e desenfreado certamente não era uma proposta de casamento. Não que eu quisesse uma. Mas se eu conhecesse nem que fosse um pouquinho Eli, eu sabia que ele não iria me deixar desprotegida. Ele estava lá fora, em algum lugar. Eu sabia. Observando. Assim como ele tinha feito quando eu era alheia ao fato dos vampiros existirem.

Em algum momento, durante as horas da manhã, antes do amanhecer, eu acordei com o medo me sufocando, literalmente. Eu estava tossindo como se eu tivesse sido estrangulada; o meu coração bateu com força contra minhas costelas, e adrenalina subiu pelas minhas veias. Sentei-me e tentei recuperar o fôlego, e os fios de um pesadelo tentaram me atrair de volta. Suor grudou minha franja no rosto, e eu a empurrei para atrás da orelha e esfreguei os olhos, tentando lembrar.

No sonho, *eu não poderia dizer onde estava, longas sombras bloqueava os nomes de ruas e sinais de construção, isso estava devastado, quase pós-apocalíptico. Tudo era cinza, e sem cor, exceto eu. Meu cabelo preto com mechas em vermelho e fúcsia, e pele branca estendida como um polegar ferido, vestida com nada além de uma saia curta de couro, botas de couro de salto, e um colete, eu corria*

rápido por uma calçada rachada e quebrada. Poucos carros estacionados ao longo da calçada foram abandonados como os edifícios. Para onde eu corria, não sei, mas eu sabia que algo me perseguia. Talvez mais de um. Eles esgueiraram através da sobrecarga de sombras dos telhados.

Olhei para trás de mim, só por um segundo, quando eu virei, ele estava lá. Jovem, viril, impecavelmente lindo, e muito, muito poderoso; sua proximidade me fez queimar por ele. Sedutoramente, ele lambeu os lábios, e apenas rápido assim, eu imaginava sua boca e língua entre minhas pernas, eroticamente acariciando, até que eu caí de joelhos com os espasmos de um orgasmo atacando o meu corpo. Eu não queria — mas não podia deixar de aceitá-lo. Enfureceu-me, sua sedução e eu sabia que ele iria me assombrar sempre, e nunca deixaria sua busca por mim. Ele tinha poder sobre mim. Ele não era Eli...

Sentei-me com um sobressalto. De alguma forma, havia adormecido novamente, mesmo depois de lembrar a maior parte dos sonhos vívidos. Isso me deixou sentindo suja; me deixou com um desejo intenso. A madrugada estava apenas começando a clarear, eu escorreguei da cama, e notei que as portas francesas estavam bem abertas. *Elas estavam fechadas antes...*

Cruzando o quarto, fechei a porta e tranquei, em seguida, fui para o chuveiro. Ao ter água quente correndo pelo corpo, me senti drenada; minha energia havia se dissipado. Depois que terminei, rapidamente vesti um calção e uma blusa, sequei o cabelo, e assim que entrei na sala, parei. Esparramado no sofá assistindo TV estava Phin Dupré, com a cabeça de Chaz descansando em seu colo. Ambos olharam para cima quando adentrei a sala, e Phin me olhou com os olhos muito iguais aos de Eli.

— Eu acho que você é a nova babá, hein? — Eu perguntei, embora já sabendo a resposta. Eu encontrei o olhar de Phin ao puxar o cabelo em um rabo de cavalo, em seguida, olhei para a TV. Encarei Phin e levantei uma sobrancelha. — *The Lost Boys?* — eu perguntei, observando o filme cult da década de oitenta sobre vampiros enquanto ele passava na minha tela plana.

Phin deu um sorriso arrogante.

— Filme irradamente impressionante — disse ele. — Clássico.

Eu balancei a cabeça e sorri, e me pareceu engraçado que um vampiro desenterrasse um filme cult de vampiros.

— Sim, é. — Eu queria perguntar onde Eli estava, mas eu não fiz. Guardei para mim mesma e percebi que tudo o que estava para acontecer iria acontecer. Como disse antes, não era o tipo de menina de-chorar-sobre-leite-derramado.

— Então, sim, eu sou a nova babá — disse ele, em seguida, esfregou entre as orelhas de Chaz e se levantou. Eu olhei para o meu cão, cuja única resposta para mim foi se esfregar contra a almofada do sofá.

— O que vocês fazem, lavagem cerebral no meu cão? — Eu perguntei, franzindo a testa pra Chaz.

— O quê? Para com isso, cães me amam — disse Phin, e se movendo para mim. Ele inclinou a cabeça e cruzou os braços sobre o peito. — O que fez para irritar Eli? — Antes que eu pudesse responder, compreensão cruzou suas feições. — Ah... deixa para lá. — Ele balançou a cabeça e murmurou alguma coisa em francês que parecia algo como *saco de raios azuis*, esfregou o queixo, e olhou para mim ainda mais de perto. Ele balançou a cabeça de novo. — Droga.

— Olha — eu disse, e me virei diretamente para o irmão de Eli. — Eu não sei o que está acontecendo aqui, mas eu tenho que ter um plano de ação para ter o meu irmão de volta. Se o plano mudou, só me diga..

— Não mudou — Phin disse. — Não exatamente.

Enfiei meus chinelos.

— O que quer dizer exatamente?

— Meu pai e Preacher concordaram com o seu treinamento — disse ele — com o encorajamento de Eli. Principalmente para fins de segurança.

Eu deixei isso se solidificar no meu cérebro, então percebi que era o que eu queria o tempo todo, e Eli sabia.

— Ótimo. Vampiros me treinando para matar vampiros. Quando é que vamos começar?

Ele riu.

— Hoje. Hoje a noite vamos correr nas ruas um pouco, e amanhã à noite vamos para o Panic Room, juntamente com alguns outros, se você estiver disposta. Desta vez, você vai ficar comigo e com Luc.

— Parece bom — respondi, embora o vazio que Eli tinha deixado de repente parecia maior. Fiquei ali, contemplando, em seguida, caminhei até a porta. — Vamos lá, Chaz...

— Eu já o levei pra prassear.

Eu parei e não olhei para trás.

— Meu controle sobre minha própria vida é um fracasso total — disse. — Eu não posso nem mesmo passear com meu maldito cachorro mais. — Eu caminhei até a porta e fui para fora, Phin diretamente em meus calcanhares.

— Desculpe. — ele disse enquanto caminhávamos para Preacher.

— Não é sua culpa. — eu disse, embora eu queria que fosse culpa de alguém.

Enquanto atravessávamos as pedras para Da Eye Plat, Phin se inclinou.

— Então, Riley. — ele começou casualmente. — Qual é a história da sua amiga Nyx? — Ele riu. — Ela é bastante sexy.

Dei a ele um duro olhar.

— Nem mesmo pense sobre isso, porco-espinho.

Phin esfregou o cabelo curto e sorriu.

— Estou apenas falando.

Após o café da manhã, que eu tive que sentar por 45 minutos sob o olhar malvado de Preacher, nós partimos. Eu precisava de um pouco de ar, por isso, levei Chaz para uma caminhada pela beira do rio e para contemplar meus próximos passos. *Sem Eli* era no que eu pensava, e estava feliz como o inferno que ele não estava ao redor para ouvir meus pensamentos.

O dia estava nublado, com um resíduo da última noite de chuva apegado ao ar, enquanto eu andava pelo rio, Chaz ao meu lado. Os tijolos estavam molhados e escuros da chuva, e nem mesmo a mais leve brisa deslocou o ar abafada. O cheiro cozido de açúcar com amêndoas familiar da Doces River Street flutuava perto, mas eu descobri que mesmo esse simples prazer não caía bem comigo.

Algumas pessoas estavam fora de casa, turistas tirando fotos do *Savannah River Queen*, um antigo barco fluvial, e as vitrines. A maioria das lojas eram fechadas aos domingos; as outras abriam no final do dia, as pessoas estavam por aqui e acolá, o que estava bom para mim. Eu estava de mau humor, e eu não tinha vontade de lidar com ninguém, nem mesmo um estranho.

Meus pensamentos se voltaram para mais cedo, no Preacher, onde Phin tinha passado um pouco do que eu aprenderia durante o treinamento. Eu já sabia como lutar; o que era uma vantagem. Ele disse que o resto aprenderia de seu pai

na Casa Dupré. Preacher olhou duro para mim, depois afirmou que dois de seus garotos ficariam na casa comigo em todos os momentos.

Parecia meio que bobagem; se uma casa de vampiros decidisse abater um pequeno e velho mortal, eles fariam, tenho certeza que fariam, e ninguém seria capaz de detê-los. Era uma questão de confiança. Como eu tive confiança em Eli na noite passada, eu confiava nos Dupré agora. Realmente, não tínhamos escolha. Eu não tinha escolha. Minha vida pela de Seth? Infernos que sim, em um segundo.

Voltando para casa, telefonei rapidamente pra Nyx; então, vestindo calça de Lycra preta de yoga, um top branco, e um par de sapatos pretos Adidas de treino, eu amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo, e deixei meu apartamento com Phin, para me dirigir a Casa Dupré. Uma mortal com um tipo de sangue muito raro indo diretamente para uma casa de vampiros. Sim. Eu perdi minha maldita cabeça. De novo.

PARTE 8



MÁRTIR

BLOOD IS THICKER THAN WATER



No momento em que coloquei o pé pela entrada dos fundos da Casa Dupré, eu sabia que Eli não estava lá. De alguma forma, em todos os 4.000 metros quadrados de marco histórico, eu podia sentir que ele se fora. Eu tentei não deixar que sua ausência me incomodasse, mas incomodou.

Gilles, Elise, Luc, e Josie estavam na sala de estar principal, quando Phin e eu entramos, de imediato notei Jack e Tuba, dois sobrinhos de Preacher de terceira geração, ali por perto. Ambos eram caras grandes, e ambos carregavam vários malotes familiares ligados a seus cintos. Eu apostaria que pelo menos um deles continha pó de cemitério. Eu dei-lhes um aceno de cabeça e cumprimentei os Dupré.

— Bem-vinda novamente, *chère*. — disse Gilles. Ele parecia tão aristocrático como tinha sido anteriormente, o que foi estranho. Ele parecia tão genuíno. Um sorriso tocou seus lábios, e eu desejei muito que eu pudesse comandar meus pensamentos em vez de divagar. Ele era igual a Eli em relação a leitura de mentes.

— Eu gostaria de falar com você em particular, se me permite? — Gilles perguntou.

— Claro — eu disse, e quando ele me dirigiu para o corredor, o segui... assim como fez Jack e Tuba. Eu me virei para os dois e levantei uma mão. — Gente, sério.

Nenhum deles parecia feliz, mas eles pararam na porta.

— Você é uma jovem dama muito corajosa, Riley Poe — disse Gilles no vestíbulo. — Meu filho mais velho estava certo sobre você afinal de contas.

Aquilo chamou minha atenção, mas eu reduzi a minha reação. Reduzi pra caramba.

— Oh? E por que isso?

Gilles deu um suave, onisciente riso.

— Minha querida, você não tem que esconder nada de mim. — Ele coçou o queixo e olhou para mim. — Não que você poderia. Ainda assim — disse ele sorrindo. — Eu aplaudo sua tentativa. — Ele passeou diante de mim, sua pisada tocando no piso de madeira do vestíbulo. — Ele me confessou suas ações na noite passada.

É preciso muito para me mortificar por estes dias. Como eu disse antes — experimentei um milhão de indecências e humilhações em minha juventude, e

pensei que toda a modéstia tinha voado pela janela. Mas quando Gilles Dupré me disse que seu filho havia confessado suas ações comigo? *Eesh!*

— Espero que ele não tenha lhe dito tudo. — eu disse.

Os olhos azuis de Gilles brilhavam.

— A mente dele é tão fácil para eu ler quanto a sua, *chère*. — Ele inclinou a cabeça. — Ele está na ilha com seus companheiros sombrios. Ele sentiu necessidade de... rejuvenescimento, se posso chamar assim, suponho.

Olhei incrédula.

— Você quer dizer, ele precisava de algumas ervas vudus extra em seu sangue?

— *Oui*. E posso ser franco com você? — Gilles perguntou educadamente.

Eu dei uma risada curta.

— Claro — respondi, como se ele pudesse ser mais franco.

— Eligius quase tirou a sua vida na noite passada, Riley Poe. Ele exerceu um controle maior do que você poderia compreender por se acasalar com você e... deixá-la viva. Que é o motivo dele ter ido, e o porquê de Phin estar em seu lugar. — Ele levantou a cabeça e parecia me estudar, além de meus olhos e profundamente em minha alma. — Eligius se importa com você. E eu sei que você se importa com ele. — Ele se aproximou e acariciou minha bochecha com um dedo longo. — Mas quando um vampiro se importa com outra pessoa é... diferente. Mais profundo. E irá acabar mal, *chère* — ele disse em voz baixa, com remorso em seus olhos. — Entre a nossa espécie e mortais, sempre acaba. — Com isso, ele se virou e me deixou sozinha no vestibulo.

Obriguei-me a engolir o caroço duro na minha garganta, e realmente não sabia o que fazer a seguir. Eu suponho que Gilles estava certo. Como poderia funcionar entre Eli e eu? Era a razão mais velha encontrada em cada romance de vampiros, cada filme de vampiro: O vampiro nunca envelhece, e a mulher mortal iria envelhecer e morrer. O mesmo de sempre, o mesmo de sempre. Era tão clichê, mas tão malditamente *verdade*.

— Está pronta para as suas primeiras lições? — Phin disse, surpreendendo-me e me tirando dos meus pensamentos sombrios.

— Absolutamente — eu retruquei, e quando ele inclinou a cabeça para eu segui-lo, respirei fundo e o segui, assim também fizeram Jack e Tuba.

O piso superior da Casa Dupré era uma sala enorme, com um tapete de artes marciais, saco de kickboxing, saco de boxe, e outros aparelhos que eu não podia identificar. Luc e Josie estavam arrumando três bonecos de tamanho real sobre o tapete em uma extremidade do quarto. Lâminas prata de arremesso de vários tamanhos e formas encontravam-se sobre uma longa mesa na outra extremidade.

Eu dei a Phin um olhar curioso.

— Então, meu treino vai realmente ser sobre me tornar uma especialista em atirar facas? — Eu perguntei.

Ele riu.

— Algo do tipo. — Ele olhou para mim. — Você vai ter que aprender a mirar, atirar, e acertar enquanto corre, salta, rola, e se atira ao ar. — Ele sorriu. — O que acha?

Eu dei de ombros.

— Quase tão louco como uma família de vampiros ensinando uma mortal como matar vampiros.

Seu sorriso aumentou.

— Nós não somos vampiros. Nós somos criaturas do entardecer. Nós somos... especiais.

Portanto, nas próximas horas, fiz um monte de observações e um monte de lançamento de lâminas de aço inoxidável para prática. As lâminas de prata pura, artesanais fabricadas na França e enviadas para a Casa Dupré, eram para ser usadas com o único propósito de matar outros vampiros, e elas estavam trancadas.

— Ok. Sua meta para o dia é simplesmente tentar acertar a marca... o coração, é claro, dos bonecos, ou seja, os Arcoses. — Luc aproximou-se ao meu lado, colocou uma lâmina de aço na minha mão, fechou os dedos sobre os meus de modo que eu pudesse agarrar o cabo curto, e então levantou o braço para que a minha mão repousasse diretamente atrás da minha orelha. — Assim — ele disse. — Não deixe a lâmina solta até que seu braço esteja totalmente estendido e apontando para a sua marca.

— Entendi — eu disse, e fiz como ele havia instruído. A lâmina voou pela sala e pousou no meio da testa do boneco.

— Coração, Riley — Phin disse. — Aponte para o coração.

— Eu estava — disse, e todo mundo riu. Uma hora mais tarde, eu finalmente atingi a marca. Eu pensei que meu braço ia cair, estava tão dolorido.

Então Phin e Luc me colocaram por uma série de testes para avaliar minhas capacidades de combate existentes. Essa foi uma categoria onde eu me provei eficiente. Claro, Phin e Luc eram muito mais fortes e mais rápido do que eu jamais seria.

— Você não está nem malditamente sem fôlego. — eu disse, respirando com dificuldade, mantendo meus olhos fixos em Luc enquanto ele me circulava, e esperando pelo ataque.

— Legal, hein? — Ele disse, sorrindo, o rosto bonito determinantemente fixo nos meus. — Benefícios de Vamp.

Eu levantei uma sobrancelha e inclinei a cabeça.

— Onde você arrumou essa bandana? — perguntei, observando a que evitava sua longa franja de cair em seu rosto. — Nos anos oitenta?

A expressão de Luc escureceu, e ele levantou a mão para sua bandana.

— Ei, eu...

Com um chute circular, tirei Luc de seus pés e o coloquei de bunda no chão. Cai por cima bem no meio dele. Enquanto seus irmãos riam, Luc graciosamente aceitou o fato de que eu tinha o melhor dele, e deitou, esparramado, braços abertos em submissão.

— Movimento legal, mortal — disse ele, em seguida, em um abrir e fechar de olhos, saltou, me virou de costas enquanto ele caía em cima de *mim*. Ele sorriu. — Não odeie a bandana.

Ele levantou, se inclinou e ofereceu a mão. Peguei-a, em seguida, arborei suas pernas com um chute sólido e novamente tive Luc no chão.

— Cara, você pode muito bem desistir. — Phin disse.

Luc olhou para mim e sorriu.

— Você sabe que eu estou apenas brincando com você, certo? — Disse. — Construindo sua estima.

Eu ri.

— Sim, que seja.

Ele rolou e levantou-se, e desta vez eu deixei ele me ajudar a levantar. Limpei o suor da minha testa.

— Você é uma lutadora irada — Luc disse, cruzando os braços sobre o peitoral nu. — Mas vamos adicionar alguns obstáculos.

Eu dei de ombros.

— Ok, o que você quiser.

Luc sorriu, e isso me fez estremecer. *Isso fez ele e Phin rirem.*

Quando chegou a hora de adicionar saltos e piruetas e arremesso de lâminas durante a corrida? Deus, eu precisava de prática. Pelo menos iria me manter ocupada, e parte do meu cérebro pensava que era sobre isso que era essa coisa toda de qualquer maneira: manter minha mente longe de Seth. *E Eli.*

O choque real veio no final da tarde.

— Ei, Luc, por que você e Phin não viram alvos móveis? — Josie disse, sorrindo. — Eu acho que seria perversamente irado.

Eu não tenho certeza porque isso me pegou de surpresa, mas fez, e eu suponho que o alarme era evidente no meu rosto.

— Não, sério, está tudo bem — disse Luc, e atirou uma lâmina de prática diretamente no Phin. Eu a assisti afundar em sua carne, todo o caminho até o fim.

— Uau! — Eu gritei quando Phin puxou-a de seu peito, virou e arremessou de volta para Luc. Luc pegou-a no ar. Sem sangue em qualquer lugar, mas então vampiros não sangravam o próprio sangue, não é?

— Não são prata de verdade, não esqueça — disse Josie, que se sentou empoleirada no parapeito da janela, balançando suas pernas vestidas com jeans apertados e All Stars. — As lâminas de prática são afiadas, mas falsas, de aço. É por isso que elas são lâminas de prática.

Eu olhei para ela, depois para os irmãos de Eli.

— Isso me faz sentir muito melhor.

Todos riram.

Durante as próximas horas trabalhei com alvos em movimento, e eu estava feliz por não ter um estômago sensível. Demorou um pouco para me acostumar, arremessar lâminas afiadas em um ser vivo, embora, tecnicamente, Luc e Phin não fossem vivos. Eu errei, muito.

Quando Phin riu de uma lâmina que foi parar na parede, me virei para ele.

— É um inferno de muito mais fácil bater em manequins parados do que em manequins em movimento. — Ele simplesmente riu novamente.

A prática foi cansativa. Eu tinha boa pontaria, porém, e uma mão firme, assim foi o que disse Gilles quando ele e Elise vieram assistir, e eventualmente eu acertei o alvo — Luc e Phin — algumas vezes. Jack e Tuba estavam perto da porta, como um par de seguranças e mantiveram seus olhares fixos em mim. Grandes e silenciosos, eles eram de fato assustadores. Eu não estava convencida de que seriam páreo para os Dupré, embora nunca fosse confessar isso a Preacher. Talvez houvesse muito mais na magia Gullah do que eu pensava inicialmente. Ou melhor, no tipo de magia de Preacher. Ele e sua família eram definitivamente, Gullah não convencionais.

A última coisa para encerrar meu primeiro dia de treinamento consistia em Luc e Phin unindo-se contra mim, enquanto eu praticava os arremessos. Um seria o alvo em movimento; o outro viria atrás de mim.

Eu comecei a correr a partir do fundo da sala, Luc e Phin me flanqueando. Eu aponteí minha lâmina de prática em Luc e joguei, então mantive meus olhos treinados em Phin quando ele se lançou em direção a mim. Eu me abaixei, rolei, e comecei a correr, mas ele era muito rápido. O impacto integral do seu corpo me atingiu, e eu caí no tapete com um baque pesado. Seus olhos brilharam para mim com a vitória.

— Esta é a maior diversão que tive em séculos. — disse ele com um sorriso.

— Saia de cima de mim. — eu disse, lutando para respirar.

— Mais uma vez. — disse Luc.

Eu gemi.

Eu bati no tapete tantas vezes, que perdi a conta. Foi um treino difícil para mim, e sem esforço para os Dupré. Eles comprimiram todas as aulas em um dia. Aparentemente, eu faria a mesma coisa todos os dias de agora em diante. Mal podia esperar.

Eu corri de Monterey Square para casa, Phin ao meu lado, o anoitecer se aproximava. Uma leve brisa movia o musgo pendurado nos carvalhos, e me esquivei de turistas que estavam de olho nas vitrines da miríade de lojas especializadas que formam o bairro histórico. Nós passamos por um tour fantasma em andamento, o guia vestido com roupa Colonial e balançando uma lanterna, flashes das câmeras digitais dos turistas iluminavam a escuridão enquanto eles se destinavam a várias estruturas.

Enquanto eu corria por uma, notei uma carruagem puxada por cavalos com um casal aconchegado juntos, e a mulher no carro olhou para baixo e sorriu para mim. O primeiro pensamento que passou pela minha cabeça foi: *Você não tem uma maldita ideia do que está realmente lá fora, não é?* Quão cínica me tornei. Phin riu.

Depois de um banho rápido, eu rapidamente comi um cup noodle e coloquei algo que Phin havia sugerido: roupas confortáveis e folgadas. Eu não sabia exatamente o que isso significava, mas eu não me arriscaria: um par de calças jeans largas na altura dos quadris, uma regata preta, e um par de All Star. Fiz um rabo de cavalo alto, botei um cinto para evitar minhas calças largas de cair em torno dos joelhos, e estava pronta para ir. Pelo menos, eu achava que estava. Eu estava aprendendo muito rápido a sempre esperar o inesperado. Eu ingeri quatro comprimidos de ibuprofeno para afastar a dor que eu sabia que meu corpo estaria experimentando... já estava começando a sentir...do treino dos Dupré. Foi bem depois de escurecer que saímos, e Luc, assim como Josie se juntaram a nós.

Durante a primeira hora, nós simplesmente nos misturamos nas ruas com os turistas. Noites de domingo eram geralmente mais lentas do que o resto da semana, mas ainda havia muita gente pelo bairro histórico a fim de aproveitar a atmosfera de Savannah. Eu encontrei-me obsessivamente à procura de uma multidão de delinquentes de capuz escuro, mas não havia sinal deles. Nós percorremos todas as principais praças, andamos pela rua Broughton de leste a oeste, e até mesmo demos uma volta através da Starbucks. Mullet estava lá com sua namorada, e eu falei com eles por apenas alguns segundos antes de sair.

Era quase meia-noite quando fomos parar perto de um beco a duas quadras do Panic Room, onde tive o primeiro vislumbre deles. Amontoados, eles estavam ajoelhados na calçada ao lado de um poste, completamente absortos em... algo no chão. Phin agarrou meu braço enquanto eu me movia para frente.

— De jeito nenhum, Riley — Phin disse, e todos nós fomos para a sombra. — Observação, não aproximação, ou você não se lembra da outra noite?

Eu olhei para ele.

— Sim, eu me lembro. — Todd poderia ter me matado.

— Eles ficam mais fortes a cada dia — disse Josie ao meu lado. — E Seth não te conhece mais.

Eu sabia daquilo — Eli tinha me dito a mesma coisa. Mas, de alguma forma, aquelas palavras bateram mais forte agora, e isso machucou. Uma dor se espalhou no meu peito com o pensamento do meu irmão não me conhecer. Estudei cada um dos meninos e não conseguia determinar qual deles era Seth.

Só então, um dos rapazes se mexeu, e vi muito claramente porque eles estavam tão intrigados: *um corpo*. Pelo tamanho das botas pretas estimei que fosse um homem, não dava para dizer se ele estava morto. Meu estômago embrulhou com o pensamento, e eu queria reagir. De jeito nenhum, eu ia sentar e ver como meu irmão sugava o sangue de um cara deitado em uma calçada suja. Eu me movi, e uma mão abruptamente me parou.

— Nós não podemos beber sangue dos mortos — Phin disse, agarrando-me com um aperto de aço. — É letal para nós. Que é o motivo deles usarem drogas.

— Para sedar e subjugar — Josie disse categoricamente.

Eu senti meu rosto perder o pouco de cor que tinha.

— Será que eles vão matá-lo? — eu perguntei, com medo da resposta.

— Não — disse Luc. — Eles não podem realizar a primeira morte até que a transformação esteja completa.

— Eles vão levá-lo de volta para os Arcoses, que são os que vão matá-lo. — ofereceu Josie.

No instante seguinte, eu me mexi... mal foi um movimento, apenas trocando o peso de um pé para o outro... e um dos rapazes ouviu. Vários capuzes olharam na minha direção, mas uma em especial teve bastante iluminação do poste de luz para eu dar uma boa olhada em seu rosto. O rosto pálido de Seth e os olhos extraordinariamente iluminados se fixaram em mim; sangue escorria do lado de sua boca.

Reagi — *me forcei para frente*. E Seth se forçou de volta, nós dois no mesmo instante. Ele estava perto o suficiente agora que eu podia ver a profundidade de seus olhos: louco, estranho, incoerente... não restara nada do irmão amoroso e doce que ele foi. Os outros ficaram lá, olhando; a energia a nossa volta estalando, e eu sabia que eles estavam prontos para atacar.

— Merda, tire ela daqui! — Phin gritou, e Josie agarrou-me e puxou com tanta força que pensei que meu braço tinha deslocado. Ela praticamente me arrastou para longe, e atrás de nós, eu podia ouvir a luta que havia iniciado.

Corremos, com força, não tinha escolha, realmente. Era correr ou ser arrastada. Segui a irmã de Eli e rolei debaixo de um arbusto em um quintal vizinho. A grama estava úmida e fria com o orvalho, espinhosa e dura. Nós pulamos, atravessamos a pista, e começamos a correr.

— Você tem que voltar e ajudá-los — eu disse sem fôlego. — Vou direto para casa, prometo. Mas sete contra dois são chances ruins, mesmo para um vampiro.

Josie parou e olhou fixamente para mim.

— Promete? — ela perguntou, então, franziu a testa. — Jure.

Eu assenti.

— Juro. Agora, vai. — eu disse.

Ela me olhou por um segundo a mais, avaliando a sua confiança em mim, sem dúvida ela partiu. Corri na direção oposta, em direção a casa. Enquanto meu instinto me dizia para ficar e lutar, meu cérebro me disse para dar o fora, eu não estava nem perto de ser capaz de lidar sozinha com um novo vampiro, muito menos com um grupo deles. Me corroe que fugir não era da minha natureza. Mas todos os três Dupré juntos poderiam combater Riggs e os outros, e a minha presença poderia ser uma total e possivelmente letal distração, para ambas as partes. Enquanto eu corria forte e rápido sob os postes de luz, meus All Stars batendo na calçada pavimentada, eu rezava para que os Dupré não machucassem acidentalmente meu irmão.

Virei na intersecção de Martin Luther King e corri a rua River, as luzes e atividade no West End não eram tão pesadas como no extremo leste, mas eu chegaria lá em breve. Corri até os paralelepípedos, a empresa velha de papel, Atlântico à minha esquerda, em seguida, passei o Hyatt. Eu atravessassei o caminho do rio, diminuindo agora para uma corrida leve. Olhei por cima do ombro e não vi qualquer capuz, então comecei a andar sem fôlego. Eu não podia deixar de pensar quem era a vítima no chão; estava feliz que eu não tinha visto seu rosto.

Eu sabia que nunca iria me livrar da imagem da pele pálida de Seth, com sangue pingando do queixo; era horrível demais. Tinha vontade de gritar a plenos pulmões; tinha vontade de bater em algo... meu estômago embrulhou. Eu comecei a correr de novo... *correr forte*. Poucas pessoas estavam fora em uma noite de domingo à meia-noite, mesmo na rua River, e eu tinha livre acesso na caminhada. Eu pulei a barreira de mureta e me dirigi para o rio. Na seção em frente a

Inksomnia, eu parei, inclinei sobre o trilho, e vomitei. Nunca, jamais eu iria esquecer o que meu irmão parecia, o que ele tinha feito inconscientemente. Eu odiava isso. Eu odiava *tudo* isso.

Eu fiquei ali segurando o corrimão de metal, respirando com dificuldade. O ar da noite estava estagnado, a maré baixa fazia o cheiro do pântano pungente, e os cardumes de ostras borbulhavam e surgiam através do rio da Ilha Dafuski. Os mosquitos estavam em exércitos, e eu bati no meu pescoço quando um deles me mordeu. Porra, eu odiava mosquitos. Eu me afastei do trilho e me virei para ir para dentro, mas ofeguei e parei bruscamente enquanto eu olhava diretamente para os olhos vagos, opacas de meu irmão.

Eu fiquei congelada no lugar; meus olhos se arregalaram e minhas entranhas estremeceram enquanto eu olhava para Seth. Eu odiava ter medo do meu irmão, mas eu tinha. Ele quase parecia morto, com a pele tão pálida e translúcida, seus olhos um tom completamente diferente de verde, quase brancos agora, e os lábios de um azul-escuro. Sangue seco riscando seu queixo. Suas narinas alargaram quando seu olhar pousou no lado da minha garganta, na minha carótida, e eu dei um passo para trás.

Com um som que emanou de sua garganta que já não parecia humano, ele se moveu lentamente em direção a mim. Mais uma vez, eu congelei, e ele parou. Eu sei que ele não tinha me reconhecido, e tinha certeza que ele tinha me seguido apenas porque ele me viu. Josie e os outros tinham dito mais de uma vez que Seth não iria se lembrar de mim ou de sua vida anterior. Ela estaria errada?

O ar ficou tenso em torno de nós; Seth e eu estávamos ambos no limite de nos lançar um para o outro, eu podia sentir. Eu lentamente recuei mais alguns passos, até roçar o trilho, e minhas mãos seguiram, circulando o metal em um aperto forte.

— Seth — eu disse calmamente, de forma direta, os meus olhos diretamente nos dele; com esperança ele iria se concentrar no meu rosto e não no meu movimento de mãos.

Eu ia saltar no rio se eu tivesse que fazê-lo, apesar dos tubarões touro que patrulhavam as águas, outra coisa não mencionado nas revistas e folhetos turísticos. Eu inalei lentamente, e mesmo esse leve movimento foi notado pelo meu irmão. Ele se encolheu e pulou em mim.

— Seth! — eu disse, mais alto, e ele estremeceu como se tivesse sido atingido. Seu peito subia e descia rapidamente, mais rápido do que um humano, e seu pomo de Adão balançava estranhamente, como se estivesse engolindo algo como fogo rápido, mais e mais.

Então seu rosto ficou tenso e seus olhos se arregalaram, e, no segundo seguinte, ele se lançou para mim. No mesmo fôlego, eu joguei minhas pernas sobre o corrimão, e antes que eu pudesse me jogar, Seth só... parou de vir para mim. Eu apertei minha mão segurando o corrimão, suspensa, até que minhas mãos começaram a suar e os meus dedos ficaram frios e dormentes. Nada aconteceu. Eu não tinha ideia se ele estava ali, esperando, ou... o que? Não mais do que trinta segundos se passaram, e eu decidi que dar um mergulho com os tubarões touro ia ser o meu grande finale da noite. Então o rosto de Phin apareceu sobre o trilho, e ele estendeu uma mão, agarrando uma das minhas, e sem esforço arrastou-me para trás de novo.

— Riley... o que diabos você está fazendo? — Perguntou.

Eu olhei para ele, em seguida, olhei em volta.

— O que você fez com o meu irmão? — Eu perguntei, ignorando sua pergunta, ainda com medo, mas tentando me manter firme.

À luz da rua, o rosto pálido impecável de Phin, com feições cinzas aparecia sob a poeira que se via na luz, e ele quase não brilhava. Mesmo com o cabelo de cor diferente, ele parecia muito com Eli. Ele inclinou a cabeça. — Do que você está falando?

Olhei para o rio, em direção ao extremo oeste. Eu não vi nada.

— Deixei Josie e corri para cá, parei, e vomitei sobre os trilhos. — Eu olhei para Phin. — Quando eu me virei, Seth estava bem atrás de mim. — Eu encontrei seu olhar. — Ele me reconheceu, Phin. Eu podia ver que ele me reconheceu.

O rosto de Phin se tornou rígido.

— Em seus olhos opacos, você quer dizer? Ele não te reconheceu, Riley. Não tão longe em sua transformação. — Ele balançou a cabeça. — De jeito nenhum.

Eu cruzei meus braços sobre o peito, olhei para cima, para a lua que deslizava em semi-círculo dentro e fora de nuvens nebulosas, e suspirei. — Ele fez. Ele investiu contra mim, e quando eu chamei seu nome... eu olhei para ele... ele se retraiu. Ele parou quando ele não tinha que parar.

Phin esfregou o pescoço.

— Então, onde ele foi?

Olhando para o lugar onde Seth tinha acabado de estar, eu dei de ombros.

— Ele se lançou para mim, eu joguei minhas pernas sobre os trilhos, e ele só... desapareceu. — Olhei para ambas as extremidades da rua River. — E quanto ao cara? Do beco lá atrás?

Balançando a cabeça, Phin agarrou meu cotovelo.

— Não se prenda a isso, Riley. Levaram-no, provavelmente para o Arcoses. Vamos, vamos sair daqui — disse ele, em seguida, murmurou algo francês baixinho. — Eli iria chutar a minha bunda, se ele souber que eu a deixei sozinha. — disse ele para si mesmo, mas eu claramente ouvi.

Atravessamos os paralelepípedos e trilhos do bonde, ganhamos a calçada, e caminhamos até o estreito beco ao lado do meu prédio.

— Por que isso? — Eu perguntei. Eu sabia que era falsa modéstia, mas eu não me importava. Eu queria ouvi-lo. Nós subimos os concretos degraus íngremes para o Fator's Walk, e Phin me deu um olhar dissimulado.

— Ele só iria — ele respondeu, e continuou a olhar para mim com curiosidade. — Por que você vomitou? — Eu olhei para ele, e ele levantou uma mão. — Ah... deixa pra lá.

— Certo — eu disse, e tirei a chave fora do meu bolso enquanto subíamos o topo da escada e virávamos abaixo no Merchant's Drive. No momento em que chegamos a porta de trás, imagens de Eli beijando-me com força contra a porta se enfureceram pela minha mente, e assim como tudo que se seguiu: suas mãos, sua boca, seu corpo dentro do meu... aquilo me esmagou.

Eu achei além de estranho pensar que eu só conhecia Eli por um período de tempo tão curto. Parecia que o conhecia a anos. Eu não era virgem; eu tinha feito sexo antes. Naquela noite, com Eli não era sexo. Era outra coisa que para mim não tinha nome, não tinha origem e, obviamente, algo que nunca tinha experimentado antes... provavelmente nunca o faria novamente. Aceitei isso e empurrei tudo o mais fora do meu cérebro.

Chaz latiu tão logo me ouviu empurrar a chave na fechadura; ele tinha que sair. Agarrando sua coleira, passeamos um pouco com ele, então ficamos dentro

de casa o resto da noite. Fiz um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, e Phin sentou-se no balcão, enquanto eu comia.

— Meu pai diz que você vai ter que fechar o seu negócio na última semana da transformação — ele anunciou. — Era para eu lhe dizer antes, mas eu esqueci.

Encarei-o, no meio da mordida.

— De jeito nenhum. — Eu mordi, em seguida, continuei a mastigar. — Eu vou ficar longe, mas Nyx pode administrar a loja. Esta é alta temporada para mim, e ao contrário de você, eu não vim do dinheiro.

Phin sorriu.

— Eu confesso que é um negócio muito doce. Mas Papa fez cada um de nós investir, mesmo Josie. Todos nós temos o nosso próprio dinheiro. — Ele sorriu. — Microsoft.

— Você tem um CPF? Carteira de motorista? — Eu perguntei, e dei outra mordida. Eu acompanhei com um longo gole de leite da caixa e olhei-o. — Seguro para sua moto?

Ele sorriu.

— É claro — disse ele. — Nós pagamos impostos, também.

Eu balancei a cabeça e lavei meu prato para a pia.

— Eu não quero saber como vocês administram isso.

Phin apenas riu, pulou do balcão, e caiu sobre o sofá. Ao olhar para ele, ou Luc, você pensaria que eles eram apenas dois rapazes sexys sem uma preocupação no mundo. Mas eu os tinha visto em ação. Eles eram fodões ao máximo.

— Luta impressionante hoje — disse ele enquanto caminhava pela sala. — Sinceramente.

Virei-me e sorri.

— É? Você também, Dupré. Noite.

Phin deu uma risada totalmente masculina, disse boa noite, e foi para a TV.

Eu tinha que lembrar constantemente que ele sugava sangue de seres humanos inocentes.

Depois de um banho, deixei meu cabelo molhado, enrolado no topo da minha cabeça, e coloquei uma faixa em torno dele para mantê-lo no lugar. Vesti uma camisa e uns shorts preto e suspirei. Eu estava dolorida e exausta; a minha mente

girou ao ver meu irmãozinho em seu estado de transformação, e querendo... precisando... de Eli.

Me chocou saber que ele tinha ido a Da Ilha rejuvenescer, o que quer que isso significasse. Ele tinha que ter tido muito controle para se afastar de mim, e as palavras de Gilles, ou avisos, pesaram na minha cabeça. *"Terminará mal, chère. Entre a nossa espécie e mortais, sempre termina."* Eu me arrastei para a cama, olhei para as portas francesas fechadas, e adormeci com as palavras de Gilles ainda ecoando em meus ouvidos.

Em meu sono, outro sonho alagou a minha consciência, e eu me encontrei em um escuro, subterrâneo e nebuloso clube, eu não o reconheci, nem aos seus clientes. Era um baile de máscaras? Dia das Bruxas? Festa temática? Todos estavam vestidos com trajes modificados da era vitoriana; os vestidos das mulheres era excessivamente baixo, revelando seios e mamilos ofegantes e fendas até a frente e de trás de suas saias fluindo e expondo sua nudez quando elas se moviam. Os rapazes usavam casacos de veludo com cauda e babados, as calças atadas na frente, mas com laços frouxos e principalmente desfeitos; alguns abertamente se acariciavam enquanto eles sugavam um seio exposto.

Uma orgia com temática? Uma estranha mistura de música tocava, um canto gregoriano dos monges e as cordas antigas de uma harpa. Olhei para mim e percebi que eu usava o mesmo que os outros, os meus seios e mamilos também estavam expostos, e eu não tinha calcinha sob minhas saias. Ninguém pareceu notar-me, e eu me afastei do canto onde estava de pé e me movi ao longo das bordas da multidão, em busca de uma saída, cobrindo-me com os braços cruzados sobre o peito. Eu não tinha ideia de por que eu estava lá, só que eu queria fugir.

Então de repente, ele bloqueou meu caminho; eu sabia que o tinha visto antes, mas não sabia o nome dele. Ele não era Eli. Uma mulher de cabelo preto estava ao seu lado, com o rosto escondido em seu ombro, seus dedos entrelaçados nos cordões de seus calções, acariciando. O homem era impecável e lindo; seu olhar passou por cima do meu corpo, e onde quer que ele se demorou olhando, minha pele se sentia queimar, vibrando com o desejo.

Sua mão levantou para a mulher ao lado dele, e ele roçou o polegar sobre o mamilo endurecido; o senti e arquejei com prazer. Um sorriso inclinou na boca sensual, e ele se inclinou para a mulher e sussurrou; eu o ouvi. Ele disse, "Me

acaricie." A mão da mulher escorregou dentro de suas calças e o espalmou, movendo ligeiramente para cima, para baixo, em seguida; senti, também, duro e lustroso na minha mão.

Seu olhar nunca deixou o meu, e eu odiava o quão excitada ele me deixou. Eu queria fugir, mas era incapaz de me mover. Ele sussurrou à mulher: "Prove-me." De costas para mim, ela se ajoelhou diante dele, libertou-o, puxou-o em sua boca; eu o senti na minha, e fiquei molhada entre minhas pernas enquanto observava a cabeça da mulher engoli-lo.

Ele olhou para mim com um olhar tão intenso e poderoso, eu não tinha a capacidade de mover-me, e ele sorriu sedutoramente para mim, e sussurrou: "Você parece boa o suficiente para foder," e depois lambeu os lábios, enviando-me a um orgasmo ofegante; e depois revirou os olhos quando encontrou seu orgasmo. Eu o odiava; eu queria estar mais perto dele.

Foi então que a mulher se moveu, expondo um pedaço das costas à mostra. Ao mesmo tempo que eu reconheci a minha tatuagem de dragão, ela se virou e olhou para mim, sorrindo enquanto delicadamente limpava a boca com a ponta do seu dedo. A mulher era eu. Todos os outros clientes pararam a orgia de vez para olhar para mim. Pisquei, e os seus rostos contorcidos em monstros, os dentes irregulares e ranger de dentes, mandíbulas exageradas, e eles investiram contra mim.

Terror tomou conta de mim, e eu comecei a correr, mais rápido, e tudo se tornou estéril e desolado. E de repente, eu não estava mais em uma orgia vitoriana, mas em uma floresta densamente arborizada cheia de longas sombras e escuridão. Eu estava sendo caçada...

— Riley!

Com meu nome sendo dito em voz alta através das bordas do sonho, eu engasguei e pulei para a frente, e mãos de aço estavam lá para me pegar. Meu coração batia sem dó, e eu estava sem fôlego, agarrando em... alguém. No início, eu pensei que era Eli. Ainda estava escuro, mas logo percebi que era Phin.

— Uouu — Phin disse, tentando me consolar, afagando minhas costas. — Devagar, menina. O que há de errado com você? Você vai ter um maldito ataque cardíaco. — Ele puxou o lençol que eu havia empurrado para encobrir minha metade inferior.

— Sonho ruim. — eu disse, e de repente senti uma lavagem de fraqueza me superar. Eu caí para trás no travesseiro. Foi exatamente como antes, eu não tinha energia.

— Diga-me sobre isso — disse ele. — Sempre ajuda.

— Obrigada — eu disse, meu coração desacelerando, e fechei os olhos. — Mas você não quer saber. — Nem mesmo eu queria saber, mas, infelizmente, eu sabia. Lembrava-me de tudo. E foi muito bizarro. *Quem era esse cara?* Eu não curtia orgias, e nunca tinha participado de uma. Por que diabos eu não apenas sonhei com uma, mas tive um orgasmo com o sonho? Bizarro, Poe. Apenas malditamente bizarro.

— Você precisa dormir com isto fechado e trancado — Phin disse, e quando eu olhei, ele havia se movido e estava fechando as portas francesas.

— Eu fechei e as tranquei antes de dormir — disse a ele, e ele olhou com ceticismo para mim. — Juro por Deus.

Phin trancou as portas e sentou-se ao pé da cama, esfregando o pescoço.

— Isso, — ele disse — não é bom. — Ele ergueu a cabeça. — Qual era o sonho, Riley?

Eu virei os olhos e olhei para ele, a luz sombria.

— Não me faça ir lá e obter a informação por mim mesmo. — disse, apontando para minha cabeça.

Eu suspirei.

— Tudo bem. Mas não diga que não avisei. É bizarro. E não é o primeiro que eu tive. — Quando ele levantou uma sobrancelha, eu continuei. — Eles são apenas... estranhos sonhos sexuais. Aqueles em que um cara incrivelmente quente pode me obrigar... você sabe? — Phin levantou a outra sobrancelha para cima. — Sim, isso. Bem, ele pode fazer isso sem me tocar. — Eu coloquei minhas mãos sobre os olhos. — Deus, Phin... eu realmente tenho que dar mais detalhes? — Eu não era tímida, mas algumas coisas eram pessoais. — Eu não acho que um sonho erótico é algo que você precisa saber.

Ele coçou o queixo.

— Uh, sim. Eu acho que você deveria me dizer todos os detalhes sórdidos dos dois sonhos. Não deixe nada de fora. Sinceramente. — Ele se inclinou para a

frente como um maldito psiquiatra, bloco de notas imaginário e caneta na mão. Ele deu um leve aceno de cabeça. — Você pode começar.

Eu joguei um travesseiro nele.

— Saia daqui seu pervertido. Eu preciso de mais horas de sono.

Ele me olhou, levantou-se e saiu do quarto.

— Estarei aqui se *precisar* de mim. — O ouvi rindo na sala de estar. Um vampiro com um senso de humor. Maravilha.

O resto da noite passou sem incidentes; sem sonhos eróticos estranhos, sem mais abertura de portas trancadas, e assim por diante, e eu continuei minha rotina de segunda-feira de manhã, o habitual. Nyx estava pulando por aí como um cãozinho quando Phin e eu entramos na Inksomnia, e ela queria uma atualização sobre Seth.

Nyx me puxou para um abraço apertado, espremendo-me, em seguida, olhou para mim.

— Riley, quanto mais tempo Seth tem que ficar lá fora? — Perguntou ela, e culpa me corroeu por dizer a minha melhor amiga uma mentira. Ela adorava Seth, e eu sabia que ela estava passando por um momento difícil com a sua suposta reabilitação. Se ela soubesse o que estava realmente acontecendo... não, ela nunca seria capaz de lidar com isso. Não Nyx.

Eu encontrei seu olhar com o que eu esperava que fosse algo tranquilizador.

— Ele vai estar em casa logo, Nyx. Nós não queremos que ele voe pela reabilitação e saia muito cedo, não é? — Eu a abracei de volta. — Confie em mim... quero que isso seja sua última experiência terrível. E é por isso que eu estou indo para Da Ilha para estar com ele.

Os olhos de Nyx se arregalaram.

— Quando?

— Em alguns dias. Eu preciso ligar e remarcar vários compromissos hoje. — Eu olhei para ela e inclinei a cabeça. — Você pode lidar com a loja sozinha? Ah, e você cuidaria de Chaz? Se for um problema, então Estelle e Preacher...

Nyx me deu seu sinal de polegares para cima.

— É claro que vou, em todas as coisas! Sem problema. — Ela sorriu, falando com as mãos como ela faz quando excitada. — Eu estou contente de vê-la indo estar com o seu pequeno homem. Ele precisa de você agora mais do que nunca.

Eu suspirei. Não seria a primeira vez, infelizmente.

— Eu realmente sinto falta dele.

— Eu sei — disse ela, em seguida, sorriu em sua preocupação. — Assim como eu. Você está fazendo a coisa certa. — Ela começou a acalmar-se. — Então, onde está Eli?

Dei de ombros, mas por dentro meu intestino se torceu ao som do seu nome.

— Ele está por perto. Talvez ele apareça por aqui em breve. Até então — eu disse, distraíndo-a de Eli — que tal mostrar ao seu irmão como funciona tudo isso? Eles todos meio que pegaram o interesse.

— Claro! — Ela disse, e acenou para Phin em sua direção. — Vamos lá. Tem muito a aprender sobre... tinta!

O dia progrediu mais lentamente do que qualquer outro que eu havia experimentado ao longo das duas últimas semanas. Fiz toneladas de chamadas para clientes para remarcar compromissos para as duas semanas seguintes, e apenas um em cada vinte e dois decidiu usar outro artista. Passei o resto do dia pedindo material para que Nyx tivesse estoque suficiente para que ela não precisasse lidar com isso e os trabalhos de tatuagem. Além disso, eu fiz alguns poucos trabalhos, e tentei colocar meu inferno pessoal de lado o tempo suficiente para fazer arte de boa qualidade. Não foi fácil, mas eu consegui.

Inksomnia tinha sido minha paixão, minha salvação depois que consegui obter uma vida decente, uma vez que Preacher e sua família afastaram as drogas e idiotice do meu sistema. Agora? Meu coração não estava nisto. Sabendo que Seth estava experimentando algumas vampiricies bizarras, antiga aceleração e se transformando rapidamente em uma espécie de assassino cruel, colocava em pausa o resto da minha vida. Eu amava aquele garoto mais do que qualquer coisa, e eu morreria para fazer as coisas certas novamente.

Às seis horas, Nyx ligou a tela plana na recepção; ela sempre queria saber o que estava acontecendo nos Países Baixos. Eu? Muito deprimente, por isso evitava. Até hoje, quando o apelo desesperado da voz de uma mulher explodiu do outro lado da loja. Atravessei a sala e a observei com Nyx, e meu coração parou.

— Por favor — a mulher chorou e caiu contra um homem, assumo que seja o seu marido. — Se alguém viu Jared, por favor. Eu...só quero meu filho de volta.

A câmera piscou para o repórter, que descreveu como Jared Porter, 16 anos de idade, um metro e setenta e cinco, cerca de 70 kg, com cabelos loiros e olhos castanhos. Uma foto dele atravessou a tela do Crime Stoppers, e minhas entranhas gelaram. Jared estava desaparecido agora por quase uma semana e foi visto pela última vez em torno de onze horas deixando a rua River com seus amigos.

— Essa pobre mãe — Nyx disse, balançando a cabeça. — Deve ser horrível.

Eu não tinha dúvida de que Jared Porter se juntou a Seth e aos outros. O que me deixou com raiva e mais determinada do que nunca para trazer esses bastardos ao chão.

Nyx me ajudou a fechar a loja, em seguida, dirigiu-se para Ilha Wilmington para jantar com os pais dela. Luc e Josie tinham entrado logo após Phin e eu irmos lá para cima. Eu rapidamente tomei banho e me vesti, desta vez com Josie fuçando através do meu armário. Ela me lembrou de uma irmã mais nova, e eu tinha que admitir, ela tinha um senso de moda excelente. Ela tirou um par de jeans rasgados skinny e uma camiseta preta com uma tatuagem de teia de aranha nas costas.

— Maravilha, — ela disse, e entregou-os para mim. — Eu gostaria de ir — continuou, fazendo beicinho. Ela puxou meu cabelo em um balaio meio para cima, meio para baixo, com minha franja longa e livre. — Mas papai disse que eu deveria apenas deixar os meninos irem com você agora. — Ela olhou para mim, suas sobrancelhas se uniram. Ela olhou para o meu peito, em seguida, de volta para mim. — Eu gostaria de ter sido um pouco mais velha, quando papai me mudou. — Ela olhou para si mesma. — Eu nunca vou ter peitos como os seus. Vou ser sempre plana. Uma droga.

Eu sorri. — Eu sei que parece que é uma porcaria — disse, e então corei quando lembrei as palavras de Eli. Inclinei minha cabeça. — Mas peitos são mais problema do que eles valem, de qualquer maneira. Eu tenho momentos difíceis ao caber nas roupas, às vezes. Uma dor na bunda. — Eu sorri. — Te digo mais. Por que não escolhe uma gargantilha? Eu tenho uma centena delas.

— Legal, obrigada! — Ela disse, e mergulhou de volta para o saque. — Qualquer uma delas?

— Claro — eu disse, então peguei meu All Stars azul marinho e dirigi para a sala de estar. — Prontos? — Eu disse para Luc e Phin, que estavam de pé perto da janela olhando para fora. Eles se viraram, e eu tenho que dizer, uma coisa é quando

você provoca uma reação de um cara normal que te acha quente. Outra experiência completamente diferente é quando um par de vampiros um século-mais-velhos estão te cobiçando. Eu confesso descaradamente que gostei do inflar de ego um pouco.

— Porra, Riley. — disse Luc, parecendo mais um lobo do que um vampiro.

— Porra dupla. — disse Phin, e ele sorriu para mim. Ele estava se lembrando de meus sonhos, apesar de eu nunca ter entrado em detalhes. Eu não tive que fazê-lo. Tenho certeza de que ele entrou em meus pensamentos. Eu podia dizê-lo.

Eu balancei a cabeça.

— Perversos. É apenas calça jeans e uma blusa. Vamos. E eu dirijo. — Olhei para os dois de forma apreciativa. Luc tinha um par de jeans desgastados e uma camiseta preta com botas da mesma cor. Phin usava um par de jeans com uma corrente pendurada no bolso, um par de All Stars pretos e uma camisa de malha cinza de mangas compridas. — Vocês também estão muito sexys, a propósito. — eu disse, e dirigi para a porta. Fiz carinho em Chaz na cabeça, Josie tinha levado ele mais cedo para passear, e os Dupré me seguiram.

Nós deixamos Josie na frente da Casa Dupré e fizemos nosso caminho ao longo da Martin Luther King. O plano era ir ao Panic Room, seguido de uma viagem para o clube Morgue, outro clube alternativo do submundo. Se houvesse tempo, ainda iríamos a mais um: o Asylum. Deus, eu não tinha ido para qualquer um desses em um bom tempo. Mas Seth e os outros estariam esperando em torno dos clubes mais barra pesadas para, o que eu odiava dizer, vítimas.

Então, eu tive que colocar meus medos de lado, apesar das minhas reservas. Não tinha sido fácil desistir delas, mas uma vez que eu tinha, estava feito. Percebi que se estava indo para ficar limpa e endireitar a minha vida, e dar Seth uma vida boa, então eu precisava cortar todas as coisas que seriam uma tentação para mim. Agora, algumas pessoas, como Mullet? Eles iam pela mera diversão da música alta, dança e bebida. Eu tinha começado assim, mas eu me tornei outra coisa, uma baladeira das grandes, muito antes de atingir a idade legal, que não tinha auto-controle. Eu não tinha mais o desejo de ir. Estranho.

O ar da noite varreu o meu jipe aberto enquanto cruzávamos a Martin Luther King e a Williamson. Eu estacionei numa rua mais para o lado da rua River, e nós saímos. Para surpresa de ambos Dupré, eu dobrei algumas notas em meu sutiã e

minha chave do Jeep no meu bolso. Eu, então, inclinei a cabeça para Luc e Phin indicando a Zetty.

Pouco antes de chegar à entrada, Phin me parou. Seu olhar era grave.

— Preacher nos contou sobre, você sabe... quando você era jovem. Se isso for muito aqui para você, apenas diga.

Eu dei a Phin um sorriso. Ele realmente era um vampiro atencioso.

— Sem problemas. Esse hábito deixou meu corpo uma vez que o Gullah lavou-o de mim. Mas obrigada pela boa e velha preocupação.

Zetty cumprimentou-me igual a outra noite, e cumprimentou Luc e Phin com a mão apoiada em sua lâmina de confiança tibetana tradicional. Seus olhos seguiram todos nós o caminho para dentro.

Luc e Phin simplesmente se olharam e encolheram os ombros.

No momento em que empurrei as portas, "*Bad Company*" de *Five Finger Death Punch* estava tocando, e o cheiro, nauseante familiar de fumaça tingida de licor com suor do corpo e maconha nos atingiu no rosto. Eu sabia que Kelter iria me encontrar. Era como se ele pudesse sentir meu cheiro, o que realmente me assustou. Luc foi para o bar pedir uma bebida, enquanto Phin e eu nos fundíamos com a multidão de pessoas dançando, ou fazendo o que fosse que estivessem fazendo.

Movi-me com a música, e Phin ficou perto. Inclinei-me para ele.

— Se move muito bem para um velho — eu disse em seu ouvido, e ele riu. Enquanto ele parecia ser um cara jovem de livre-espírito dançando com uma garota louca, eu sabia o quão sério ele estava sobre a questão com os Arcoses. Enquanto ele ria, seu olhar passava pela multidão, procurando por qualquer um dos meninos como Riggs e Seth. De vez em quando, eu peguei um vislumbre de algo escuro em seus olhos que era... além de assustador. Tinha visto nos olhos de Eli, também. Eles não deveriam ser subestimados. Isso eu sabia.

Nós dançamos por alguns minutos mais, então caminhamos para o bar.

— Nós estamos deixando-a sozinha, mas vamos estar perto — Phin disse. — Tudo que você tem a fazer é pensar em mim com você, e eu virei. — Eu balancei a cabeça, e ele e Luc se afastaram.

As paredes pretas e luzes estroboscópicas faziam o interior do Panic Room surreal e onírico, e para mim não foi nenhuma surpresa como tantas pessoas se

perderam. Isso não era culpa do clube, a música abalava, e as pessoas bebiam em clubes todos os dias sem serem sacaneadas. Era culpa de canalhas como Kelter, que acrescentavam algo extra que fazia vidas inocentes irem direto para o inferno, tornando-se completamente submerso nas tenebrosas escórias.

Depois de quase 40 minutos, não houve sinais de Riggs, Seth, ou qualquer um dos outros meninos, e Kelter não tinha aparecido. Eu decidi fazer uma caminhada em volta do clube para ver se notava algo de anormal. Afastei-me do bar e me movi para a multidão.

Se eu ganhasse um dólar para cada mão perdida que senti na minha bunda nos quatro minutos que levou para chegar ao outro extremo do semicírculo, estaria podre de rica. Mas para encontrar o corpo o qual aquelas mãos pertenciam teria levado uma equipe inteira de CSIs. Todo mundo parecia tão culpado como o inferno. Bizarramente culpado, tanto homens como mulheres. Então eu reprimi meu desejo de bater para caramba em cada agarrador de bunda potencial e corri no meio da multidão.

Uma vez do outro lado do semicírculo, eu fiz um caminho mais curto para as portas do escritório, através da fila de mulheres nos banheiros e os casais habituais se pegando contra a parede. Eu tentei as portas, encontrei-as trancadas, e virei para sair, mas parei abruptamente. Uma menina estava diretamente atrás de mim. Quase tão alta como eu, com o cabelo loiro platinado com listras preto e roxo na altura da cintura, e vestida dos pés à cabeça em couro preto, ela olhou para mim com olhos carregados de maquiagem preta. Ela devia ter o que, talvez, dezoito.

— Se você está procurando por Kelter, ele não está aqui. — disse ela bruscamente, me inspecionando criticamente das minhas botas ao topo da minha cabeça. Desgosto atravessou seu rosto. — Eu vi você aqui na outra noite com ele — ela disse, e levou um cigarro aos lábios, tragando-o. Ela soprou a fumaça na minha cara e inclinou-se. — Se afaste, puta — ela sussurrou, e sua respiração cheirava a cerveja velha e cigarros. — Kelter é meu.

Eu quase engasguei. Não com a fumaça, mas porque eu não podia acreditar que alguém propositadamente queria Kelter Phillips. Era bizarramente hilário. Dei-lhe um pequeno sorriso, embora eu realmente sentisse pena dela.

— Não se preocupe. Eu não o quero de maneira nenhuma. — Eu passei por ela e sai, não poderia ter deixado o Panic Room rápido o suficiente. Seus olhos me

atiravam punhais por todo o caminho para fora, eu podia senti-los ricocheteando as minhas costas.

Phin e Luc me encontraram no meio do caminho e me guiaram até a saída. Zetty olhou para mim enquanto saíamos e acenou com a cabeça. Ele segurou a porta enquanto passamos, e fechou-a com firmeza atrás de nós.

— Cara simpático — disse Luc. — Sem ganhos lá hoje à noite. Para o nosso próximo destino.

Lá fora, o ar estava mais pesado que antes, e muito, muito parado. Subimos no jipe em direção a MLK.

— Morgue — Eu forneci, e dentro de 15 minutos estávamos entrando na garagem do Drayton e andando pelo beco estreito da entrada. Mais uma vez, este não era o tipo de lugar que figuram os ‘Vida Nortuna’ nos folhetos de viagem para Savannah.

No interior, o Morgue era o cenário de uma classe mais dura de festeiros; gangues que gostavam de se chamar Vamp-Goths dominaram o clube, tanto homens como mulheres, e apenas os de estômago forte, extremamente confiantes, ou loucos, ousavam entrar. Eu conhecia alguns deles, e eles eram malditamente maneiros, eu provavelmente tinha tatuado a maioria deles.

Outros eram apenas ‘quero ser’, vestindo peças e fazendo muito barulho para chamar a atenção. Eu não podia evitar de me perguntar se algum deles realmente acreditava que vampiros realmente existiam. Ou era apenas a ideia? A imagem? Se acreditavam, eu apostaria minha loja de tatuagem que nenhum deles pensavam que os vampiros eram qualquer coisa como os Dupré.

Ao contrário do Panic Room, o Morgue estava sob nova direção; o que me impediu de ter uma entrada, e parte de mim se sentia agradecida. Um Kelter era tudo que eu poderia suportar. Acho que eu não precisava de uma entrada de qualquer maneira. O clube estava escuro e com o som abafado. Entrei através de um véu de fumaça e atravessei a multidão para um lugar vago perto da parede. Phin me rodeou e abaixou a cabeça ao meu ouvido.

— Nós vamos nos espalhar e ver se detectamos qualquer um dos encapuzados — disse ele. — Vamos dar 40 minutos, no máximo. Então estamos fora daqui. — O olhar que ele me deu era grave. — Se você precisar de mim, só pense nisso.

— Certo — eu disse, e vi os irmãos Dupré se dividirem e desaparecerem na multidão.

Para uma segunda à noite, era uma mistura pesada. As pessoas estavam lotando o Morgue como sardinhas, e quando contornei o perímetro, examinei os clientes e comecei a ir para o centro. O interior escuro e luzes piscando deixou bem difícil ver qualquer sujeito distante, então eu entrava e saía dos bailarinos e lutava contra várias mãos tateando, meus olhos postos no lado oposto do clube. Uma mão na minha virilha, sim, minha *virilha*, me parou abruptamente, e eu reagi.

Eu agarrei o pulso que havia tomado liberdades e puxei para cima, separei o infrator do grupo coeso de pessoas ao meu redor. Um cara jovem, talvez 19 ou 20, com cabelos negros tingidos e uma camisa de malha prata com mangas olhou para mim com olhos frios, quase pretos. O lado de seu pescoço estava coberto com um maço enorme de arame farpado; no centro estava uma mulher nua, agarrada ao fio, um olhar de terror, ou êxtase, eu não poderia dizer qual, em seu rosto. Foi um trabalho de arte de má qualidade, na minha opinião.

O cara veio em direção a mim, com o rosto próximo.

— Eu sei o que você quer. — disse ele no que ele provavelmente pensou que era um tom sedutor, excitante em uma voz gutural.

Deixei cair o braço.

— Eu duvido — eu disse, e me afastei. — Maldito pervertido.

Por trás, ele se encostou em mim e agarrou meus quadris para me segurar no lugar.

— Quero dizer, eu sei *quem* você está procurando. — disse ele em meu ouvido, e depois uma umidade quente se apoderou do meu ouvido enquanto ele o lambia.

Eu parei e olhei para ele por cima do meu ombro.

— É mesmo? — Eu disse, com repulsa, mas escondendo-a. — E o que exatamente você sabe? — Talvez ele tenha visto Seth ou um dos meninos. Valia a pena conferir.

— Por aqui, bebê — disse ele, e me empurrou no meio da multidão a frente; o tempo todo, suas mãos ficaram segurando meus quadris.

— Mãos fora — eu rosnei, e ele riu, mas tirou as mãos. Enquanto nos movíamos, eu continuei a procurar, mas ninguém parecia familiar, nem mesmo Phin ou Luc apareceram.

Finalmente, nos livramos da multidão, e então o cara me pegou totalmente desprevenida e me empurrou contra a porta de saída. No segundo seguinte, ele pressionou contra mim e fomos pela porta, para o beco. Com um pé ele chutou forte a porta que fechou atrás de nós e estava em mim, a minha frente bateu no concreto pintado e acidentado do edifício, e esse cara estava empurrando a virilha contra mim, sua boca enterrada no meu pescoço, uma mão apalpando meu seio, a outra a minha virilha.

— Sou eu que você está procurando, certo? — Disse ele, grunhindo no meu ouvido.

Oh, Poe. Sua idiota.

— Errado — falei entre dentes, e ele apenas riu. Ele me prendeu muito bem, mas eu era uma garota alta, forte e atlética; puxei minhas pernas para cima enquanto ele chupava meu pescoço, preendi a sola dos meus pés contra a parede, e empurrei forte. Nós dois caímos para trás, e eu pulei. Antes que ele pudesse se levantar, chutei sua mandíbula, e sua cabeça caiu para trás; ele cuspir sangue de sua boca.

— Puta — ele rosnou, e cuspiu novamente. — Puta estúpida.

A adrenalina deve ter sido liberada, porque ele pulou como um gato e se lançou para mim. Ele nunca me alcançou. Uma figura se moveu tão rápido das sombras e agarrou-o pela garganta que meu cérebro não teve tempo para processá-lo. Eu assisti o corpo do perverso voar para lixeira com um baque pesado.

No segundo seguinte, Eli emergiu da escuridão, seu rosto uma máscara de fúria, seus olhos iluminados, mas ainda não opaco. Ele se aproximou, mas não me tocou.

— O que diabos você está fazendo, Riley? — Ele disse, sua voz escura, irritada, tremendo de raiva. — O que? — Aqueles olhos claros me olharam, me mantiveram cativa. Eu não podia ter olhado para longe nem se eu tivesse tentado. Felizmente, ele fez. Ele agarrou o pescoço com ambas as mãos e olhou para o céu. — *Tu me fais mourir* — ele murmurou em francês, e é claro que eu não tinha ideia

do que isso significava. — Você está me matando — esclareceu ele, e depois respirou fundo e olhou para mim. — Você. Está. Malditamente. Me. Matando.

Olhei para a lixeira. O perverso não tinha se movido.

— Você não matou ele, não é? — Eu perguntei.

O rosto de Eli tornou-se ainda mais enfurecido.

— Não. Mas eu deveria.

Eu estaria mentindo se eu dissesse que meu coração não estava doido ao ver Eli. Ele tinha ido há apenas dois dias, mas parecia como se fosse para sempre. Muito piegas vindo de mim, e eu posso prometer, levou algum tempo para acostumar. Eu não queria me preocupar com ele. Fazia zero sentido e complicava tudo muito mais, especialmente porque Gilles tinha praticamente me avisado para recuar.

— Ele fez *o que*? — Eli perguntou, aproximando-se.

Virei as costas e me dirigi para a porta.

— Oh meu Deus, Eli... fique fora da minha cabeça. — Nem bem a minha mão agarrou a maçaneta, Eli estava atrás de mim, me parando, e a memória da nossa noite juntos, com seu corpo apertado contra o meu, como ele estava fazendo agora, fez minha cabeça nadar, meus sentidos se aguçarem. Meu coração disparou com o pensamento dele me tocando, e minha respiração acelerou com a forma como ele me *tocou*. Eu não ousei me mover.

— Eu sinto muito ter te deixado, Riley — disse ele, perto do meu ouvido. — Eu não tive escolha.

Eu me fiz respirar, e firmei a voz.

— É. Eu sei.

Só então, Phin entrou no beco da rua; ele lançou um olhar rápido para o cara deitado contra a lixeira amarela e olhou para mim.

— Por que você não me chamou?

Eu dei de ombros.

— Eu lidei com isso. Além de que, ele me levou a acreditar que sabia quem eu estava procurando. Eu achei que valia a pena verificar.

Phin revirou os olhos e levantou as mãos. Sim. Um vampiro *revirou os olhos*.

— Nunca mais faça isso. Além disso, nós vimos três dos garotos. — Phin olhou para Eli. — Eles estavam com um novo garoto, um pouco mais velho, mas

não mais do que 18. Um fodão total. Eles estavam indo para o rio. Muitos armazéns por lá. Luc está na cola deles. — Seu olhar voltou a Eli. — Muitas gangues por lá, também. Ainda bem que você está de volta. — Ele deu um tapa no braço de Eli.

— Bem, vamos, então — eu disse, e virei. Um aperto de aço me parou, e eu me virei para olhar Eli. — O que? — Eu perguntei, escondendo a emoção que atravessou meu braço ao seu toque. Não era possível que ele pudesse ler *cada* pensamento que eu tinha.

— Você fica comigo. — disse ele categoricamente.

Eu podia dizer que não haveria discussão, apesar de que estar perto dele me fez querê-lo ainda mais. Eu teria que superar e lidar com isso.

— Tudo bem — eu respondi. — Então, mova seu traseiro. Quero ver onde meu irmão passa o tempo.

Eli ficou lá, seu rosto ilegível, me encarando. Certamente seria bom ter essa capacidade de leitura da mente, porque ele era como um jogador de pôquer. Eu não tinha ideia sobre o que ele estava pensando. Poderia ser uma coisa boa, agora que eu pensei sobre isso.

— Oh-kay — Phin disse sarcasticamente. — Vamos.

Nos movemos pelas ruas sombrias do bairro histórico, pelos turistas e moradores, em seguida, através de uma cerca de arame em que a escória da frente ribeirinha industrial se localizava. Dois caras mais velhos sentavam perto do rio, as brasas de seus cigarros pontilhando a escuridão com um brilho ocasional de laranja. À medida que nos aproximávamos, eles viravam a cabeça e nos olhavam, mas se mantiveram na deles. Provavelmente desabrigados e inofensivos. Phin desacelerou e enfiou a mão no bolso, pegou seu celular que vibrou, e leu o texto.

— Luc diz que estão três armazéns para baixo a partir daqui. Nove crianças ao todos, incluindo os três que deixaram o Morgue.

— Se todos os nove completarem a transição, vamos ter um problema grande de vampiro em nossas mãos. — sussurrei. — Droga.

— Eles não estão todos na mesma fase — Eli disse. — Mas ainda é um problema. Grande problema. Suas tendências crescem a cada dia, e da última vez que enfrentei seu irmão e amigos, eles eram muito fortes. E rápidos.

Atravessamos um pedaço de gramado, encharcado e fedido que cheirava mais como criaturas do mar apodrecendo do que o pântano, e ficamos perto do

edifício. Sim, um armazém vazio. Assim como nos filmes. Nada de bom jamais veio de um armazém vazio.

— Lá está Luc — Phin disse, e nós caminhamos para onde ele estava. Uma fileira de janelas sujas se estendia desde uma extremidade do edifício de metal para a outra, e um raio de luz veio de um cilindro de metal velho. Quando me aproximei da janela para ver melhor, Eli me puxou de volta e colocou-me atrás dele. Olhei para as costas e sabia que não faria nenhum bem tentar forçar o caminho em torno dele. Só iria causar ruídos desnecessários.

— Eles estão aqui — disse Eli em voz baixa. — Arcoses. Eu posso senti-los.

— Eles não estavam antes — disse Luc. — Eu não os senti, e meu senso de... sentido é melhor que o seu.

— Não importa — Phin disse. — Eli está certo, eles estão aqui agora. Eles estão fracos, mas seu vigor melhorou. Muito.

— Quatorze agora, não nove — disse Luc, olhando para a janela. — Merda. Eli olhou para mim.

— Quantos eram no cemitério aquela noite?

— Quatro, incluindo o meu irmão — Eu forneci. — E tem 14 agora?

— Doze. Dois são os Arcoses — Eli disse. Ele esticou o pescoço e olhou para seus irmãos. — Não é bom.

Um grito de homem quebrou o silêncio.

Eu pulei para janela para ver o que tinha acontecido; era o tipo de grito que espetava a alma; eu podia *sentir* isso dentro de mim. Ele estava apavorado. Eli me puxou de volta.

— Riley, não. — disse ele calmamente. — É tarde demais.

Parte de mim... obviamente, a parte doente... queria ver. Eu queria saber que tipo de inferno estava lidando. Eu tentei soltar dos braços de Eli, mas ele se manteve firme. Ele moveu seu rosto perto do meu, seus olhos prendendo-me com um olhar escuro.

— Eu disse *não*.

Eu novamente lutei.

— Nós temos que fazer *alguma coisa!* — Sibilei.

Os dedos de Eli apertaram meus braços.

— Eu disse que é muito tarde. — Quando eu empurrei de novo, seu rosto ficou irritado. — Você realmente quer ver, Riley? — Ele me sacudiu. — Quer?

— Sim — eu disse furiosamente baixinho. — Eu quero.

Em um movimento que quase fez minha cabeça rodar, Eli me virou. Através do vidro nebuloso e luz do fogo do barril, eu podia vagamente distinguir três caras, maior do que o resto. Dois seguravam o homem que lutava, e um tinha a boca plantada na garganta do homem. As pernas do homem tremeram e ele chutou quando tentou se libertar; os outros... as crianças... assistiam. Então, mesmo de longe eu observava o rosto contorcido do atacante, longas presas saíram de sua boca e ele agarrou o homem que lutava longe do outro que o segurou e rasgou-o como um cão raivoso. Primeiro sua garganta. Em seguida, seu peito. O homem gritava ao morrer em um gorgolejo se afogando, e eu quase engasguei. Minha boca ficou seca; eu não tinha sequer percebido que começara a tremer até Eli me obrigar a ir para longe da janela. *Muito sangue...*

— Vamos sair daqui. — disse Phin.

Toda a força tinha drenado do meu corpo; eu nunca me senti tão fraca e indefesa em toda a minha vida, exceto uma vez, foi o dia em que encontrei minha mãe assassinada. Lembro-me de segurá-la em meus braços, sacudi-la com força, gritar com ela para acordar. Eu não gosto das memórias. Eu as *odeio*. Mas Cristo Todo Poderoso, há sangue por toda parte. Esse cara nunca teve uma chance. *E Seth estava no meio de tudo isso.*

Fiquei em silêncio, enquanto Eli e eu caminhávamos de volta para a garagem. Sem pedir, Eli assumiu o volante e dirigiu. Luc e Phin ficaram para trás para vigiar os meninos, o que me confortou muito pouco. Minha mente corria numa miríade de direções; eu queria estar furiosa, irritada e pronta para matar. Mas eu estava com medo. Cagando de medo. O que eles fizeram para o homem...

Eu inclinei minha cabeça contra o assento enquanto dirigíamos através da cidade, a cidade que eu amava não parecia mais a mesma. Tudo parecia mais escuro, ameaçador, não convidativo. Em vez disso, parecia convidar à morte. O musgo espanhol que eu sempre amei estava pendurado flácido e sem vida; cada alcova sombria e beco, cada peça esculpida em ferro preto forjava o mal, e por trás de minhas pálpebras fechadas eu poderia imaginar isso acontecendo tudo de novo. O rosto de Seth passou diante de mim, e apenas rápido assim ele transformou, e

afundou a boca na garganta de um estranho. Eu empurrei as pontas dos meus dedos nos meus olhos com força, tentando me livrar da visão. Ela não ia embora.

— Riley. — disse Eli, e no momento seguinte a sua mão estava na minha coxa. Eu a queria lá; eu não a quero lá. Eu queria mais; eu não teria nada. Eu era uma perdedora, não importa o quanto eu olhasse para isso. Meu irmão teria... tendências, e apenas se os Arcoses fossem destruídos e os meninos levados para Da Ilha para reabilitação. Minha mente, porém, nunca esqueceria o que vi. *Nunca*.

Eu mal notei quando Eli passou a rua Bay, e não pensei em nada quando ele se virou na Vitória. Eu não tinha ideia de onde ele estava indo, e, francamente, eu não me importava. O vento ameno tomou conta de mim ao dirigirmos, e eu fechei os olhos para tentar bloquear as visões que invadiam meu cérebro. Não ajudou.

Então Eli estendeu a mão, entrelaçou os dedos com os meus, e segurou a minha mão, e o simples gesto me confortou. Abri os olhos e virei a cabeça para encontrá-lo olhando para mim, o que me confortou, também. Quando mudou seu olhar para a estrada, eu continuei a observá-lo. Seu perfil era tão perfeito, seu cabelo soprando sensualmente contra seu queixo, a testa, pegando nos lábios, sensualmente arqueados que trabalharam magicamente contra o meu corpo. De alguma forma, isso me deixou calma.

— Para onde vamos? — Eu perguntei.

Ele não olhou para mim, mas sorriu.

— Já foi ao farol?

Eu ri e balancei a cabeça.

— Eu cresci aqui. É claro que eu já fui. Por quê?

Ele deu uma risada tipo homem total e olhou para mim.

— Você nasceu espertinha, ou essa boa qualidade apenas se desenvolveu ao longo dos anos?

Eu sorri.

— Cala a boca.

Eli riu e continuou dirigindo. Quando chegamos a Tybee, ele parou no estacionamento vago ao lado do farol. Nessa hora da noite, a praia estava vazia, e eu preferia assim. Ele desligou o motor e nós nos sentamos por um momento, as ondas na areia, o toque do vento durante a noite. Estrelas cravejavam o céu negro, e a lua estava um meio círculo, acima da água. Maresia farfalhava na brisa.

Quase uma noite perfeita, sendo a exceção as sanguessugas viciosas tomando conta da cidade.

— Eles não vão tomar a cidade — disse Eli, tomando liberdades com meus pensamentos. Ele virou-se na cadeira para olhar para mim. — E eu não deixarei nada acontecer com você, Riley.

Eu ri baixinho, cinicamente.

— Não é comigo que estou preocupada, Eli, e você sabe disso.

Na quantidade de tempo que me levou para piscar, ele estava fora do jipe e em pé na minha porta. Silenciosamente, ele abriu, tirou o cinto de segurança, e me puxou para fora. Com pouca força me encostou de costas contra o pára-choque e colocou uma mão em cada lado do meu corpo, prendendo-me. Durante vários segundos, ele me olhou, procurando algo em meu rosto.

— Sim, eu sei — ele disse baixinho. — Você se certifica que todos saibam o quão dura você é, o tempo todo. — Com uma mão ele segurou meu queixo e abaixou a cabeça para perto de mim. — Você é um ser humano frágil, Riley — disse ele, sua mão deslizando na minha garganta. — Tão frágil, tão delicada, tão fácil de matar. — Seu aperto ficou mais forte. — Quando é que você vai enfiar isso nessa sua cabeça dura?

Eu olhei para ele, meu olhar firme. Em vez disso, o inevitável aconteceu, algo que eu odiava; algo que parecia acontecer mais e mais desde que eu conheci Eli Dupré. Lágrimas se formaram nos meus olhos e rolaram pelo meu rosto. Eu levantei meu queixo.

— Nunca. — eu disse, minha voz embargada, determinada.

Algo explodiu nos olhos de Eli, e então eles suavizaram. Sua mão soltou e escorregou da minha garganta para cima, enfiando os dedos no meu cabelo, e ele encostou a testa na minha. Eu respirei seu cheiro, único, doce e de terra, e coloquei os braços em volta de sua cintura.

— Eu não posso deixar nada acontecer com você — ele sussurrou em meu ouvido. — Você se tornou muito importante para mim, Riley. — Ele se afastou e olhou para mim, seus olhos uma piscina escura nas sombras. — Entendeu?

— Não realmente — eu sussurrei, e não entendia. — Mas se você acha que eu vou me esconder em algum canto enquanto meu irmão passa pela experiência da transformação, você está louco. Prometo ser cuidadosa.

As feições de Eli ficaram tensas, a mandíbula se encolheu, e ele suspirou, como se estivesse escondendo alguma coisa que não queria discutir. Ele me olhou por alguns segundos, em seguida, inclinou a cabeça em direção ao farol.

— Vamos.

Eu não perguntei como Eli tinha uma chave para o farol; apenas o segui para dentro. Ele agarrou minha mão e me levou por todo o interior sombrio.

— Eu estava perto da costa quando foi instalada a primeira lente Fresnel — disse ele. — Muito legal. Sempre gostei de faróis. Eles me fascinam.

Eu ri.

— Eu sempre esqueço que você é tão velho.

— É, sei — disse ele.

Chegamos às escadas.

— Eu apostaria corrida com você, mas tenho certeza que me enganaria e usaria seus poderes vamp para me vencer. — disse, então estiquei o pescoço e olhei para cima de mim para as escadas em espiral.

— Seth e eu costumávamos apostar o tempo todo. 178 degraus até o topo. — Eu ri, mas foi com tristeza. — Ele sempre se divertiu com isso. — Eu senti o início de pânico se apoderar de mim mais uma vez, e de novo, Eli estava lá para me resgatar.

— Enrole suas pernas em volta da minha cintura, — disse ele, movendo-se perto. — E segure-se.

Eu fiz, e escorreguei meus braços em volta de seu pescoço. Estávamos face-a-face, corpo a corpo, e as sensações emergiram dentro de mim. Eli leu minha mente e abaixou sua boca para a minha e me beijou, um longo, suave, sensual beijo que fez minha cabeça girar. Ele era doce, assim como o cheiro dele, e eu sabia que não era nada como um cheiro mortal. Era um aroma que apenas uma criatura do entardecer poderia possuir. E Eli possuía plenamente.

Com um puxão sensual dos meus lábios em sua boca, e uma varredura de sua língua, Eli terminou o beijo e transformou os 178 degraus até o topo em sete. Sim, sete. Viajar rápido, enquanto pendurado em alguém, em uma escada em espiral? Foi melhor do que qualquer parque de diversões que já fui. Minha cabeça girou, adrenalina bombeou, e de alguma forma, o meu desejo sexual por Eli triplicou. *Quadruplicou.*

No topo, Eli abaixou-me para a plataforma e abriu a porta que dava para a varanda externa. O vento era forte, salgado e... perfeito. Sem uma palavra, ele fechou a porta atrás de nós e elevou-me para o corrimão, onde atrás de mim colocou um braço de cada lado. Eu admito, eu gostei da sensação de estar presa pelo corpo de Eli.

— Bom — ele sussurrou em meu ouvido. — Acostume-se com isso.

Um arrepio percorreu meu corpo, e eu olhei para o Atlântico escuro. Várias luzes piscavam dos barcos de pesca, o som, e o brilho da lua agitavam constantemente sobre a água. Em algum lugar próximo, um cardume de ostras, e o vento carregou a água salgada sempre presente para minhas narinas.

— É estranho pensar que compartilhamos este lugar, — disse Eli, deslizando as mãos pela minha cintura. Sua boca sussurrou na área macia abaixo da minha orelha, algo que deveria me ter em guarda desde que ele era um vampiro, mas não tinha. Ele tinha a capacidade de me fazer esquecer tudo isso. — Nós dois, na mesma cidade, mas em mundos totalmente diferentes — ele sussurrou. Ele me virou, de costas para o corrimão, e olhou para mim. Luar brilhou fora de seus olhos. — Mesmo mundo agora.

Não tive que esperar para a sua boca descer sobre a minha; aconteceu instantaneamente, e o desejo ardente que seu toque criou se sentiu tão novo como a primeira vez que ele sensualmente colocou a mão, ou a sua língua sobre mim. Minha pele aquecida sob seu toque e sensações, como o sabor da sua língua, e seus dentes beliscaram, e ele sugou meu lábio inferior, enquanto suas mãos percorriam minhas costas, segurava minha bunda, e me puxava contra ele. Eu o beijei de volta, perdida na atmosfera e em *Eli*, e ao escorregar minhas mãos sob a camisa e acariciar os cumes rígidos de seu abdômen, ele ofegou contra a minha boca. Com os dedos enterrados no meu cabelo, ele segurou minha cabeça e me olhou.

— Eu pensei que eu poderia te trazer aqui, falar com você, confortá-la, — disse ele, com a voz tensa. Ele se inclinou mais perto. — Mas tudo o que posso pensar é em estar dentro de você. — Ele me beijou, arrastou os lábios em meu queixo, uma e outra vez. — E ficar dentro de você — ele sussurrou contra meus lábios.

— Estou confortada, então continue. — eu disse apressadamente, porque eu queria a mesma coisa.

Com uma risada, Eli me deu um beijo rápido, agarrou a minha mão e me levou de volta para baixo do farol Tybee.

Eu nunca iria olhar para ele da mesma forma.

A viagem de volta para o apartamento foi dolorosamente longa e sensual ao mesmo tempo. Nós não falamos, não com palavras, de qualquer maneira. Eli lia cada pensamento sexual que eu tinha, e eu sabia disso, então deixei minha mente vagar livremente. Era tão fácil, e quase divertido. Eu pensava em como queria correr minha mão ao longo de sua coxa, até a virilha, e antes que o pensamento, na verdade, fosse concluído, Eli tinha a minha mão na sua se movendo para a perna.

Eu fiquei tão próxima dele como o cinto de segurança permitiria, e acariciei seu pescoço, belisquei sua orelha na minha boca e chupei enquanto minha mão percorria sua coxa, segurando sua virilha. Lentamente, desabotoei os botões da calça e deslizei a minha mão dentro, e ao som de seu gemido de dor e meu nome em seus lábios fez um flash de calor se espalhar entre as minhas coxas. Eu estava tão excitada que não acho que nenhum de nós gostaria de retornar a Inksomnia. Fizemos... por pouco.

Nós estacionamos, e Eli me alcançou, tirou o cinto de segurança, e me arrastou para o seu colo, nossas bocas em fusão, ao provar o beijo ofegante. Tropeçando para fora do Jeep, de alguma forma chegamos à porta; alguém... não lembro se eu ou Eli... abriu a porta, e uma vez dentro, fomos contra a parede. Seu beijo foi feroz, desesperado, mas nós não permanecemos lá. Ele me levou até as escadas e direto para o meu quarto.

Com uma batida forte, ele chutou a porta para fechar. Ele atravessou a sala, e caiu sobre a cama comigo, contorcendo-se e arranhando um ao outro até que cada peça de roupa estava no chão. Nossos beijos não eram mais suaves; estavam frenéticos, e cada um de nós lutava pelo controle. Eli me tocou em todos os lugares, enfiou os dedos na carne de meus quadris quando ele me puxou para cima dele, e eu cavalgava tomando seu comprimento duro dentro de mim. Minha cabeça caiu para trás, e eu arquejei com o prazer da sensação que correu através de mim ao

ter Eli me enchendo. Suas mãos deixaram meus quadris e cobriram meus seios, arrastaram-se pelos dragões em meus braços, e roçaram minhas coxas.

No segundo seguinte, ele virou-me, e estava em cima de mim, seu peso descansando em seus braços, enquanto ele começava a se mover dentro de mim, ele abaixou a cabeça e levou a boca à minha. Envolvi as pernas em volta dele e me movi com ele, e sua boca deixou a minha enquanto ele enterrava seu rosto no meu pescoço. Enfiei as mãos pelo seu cabelo, e quando o orgasmo ganhou força, eu gritei o nome de Eli, então fiquei sem fôlego com os tiros de luz disparado por trás de meus olhos.

Eli encontrou sua liberação ao mesmo tempo, intensificando a minha, e ele continuou, nossos corpos se contorcendo de prazer. O resíduo do orgasmo começou a retrair-se, lentamente, e assim, a boca de Eli moveu-se para os meus lábios. Ele me beijou, as mãos enterradas no meu cabelo e embalando minha cabeça suavemente; em seguida, ele se afastou apenas o suficiente para que os nossos olhares se encontrassem.

— Minha — ele sussurrou contra minha boca. Ele me beijou novamente. — Você é *minha*.

Nas sombras, eu olhava para os olhos de um vampiro, e roçei sua boca com meu dedo.

— Não, você é *meu*.

Ao longo dos próximos dias, eu me senti rejuvenescida. Onde eu me sentia catatônica antes, agora me sentia pronta para *chutar alguns traseiros*. Não era tanto por causa do que eu vira no armazém. Tinha sido abminável, absolutamente. Horrível. E, estranhamente, não era meu relacionamento incrível com Eli, embora eu tenha que admitir, era fortalecedor. Mas, mesmo assim não era isso.

Foi a grande responsabilidade que eu sentia pela vida daquele homem, pela vida de todas as crianças naquele maldito armazém, por Zac o quase soldado, a mulher no parque... todos, que tinham sido abatidos apenas para que um par de criaturas mortas-vivas satânicas pudessem revitalizar seus poderes. Aquilo me *irritou*. Ainda mais profunda era a responsabilidade de *acabar com aquilo*. Destruir os monstros. Eu queria fazer algo, não sentar em minha bunda e esperar.

Cada dia que passava, eu tinha mais saudades do meu irmão. Erámos tão próximos; era como se uma parte de mim estivesse faltando, como se tivesse

perdido uma parte do corpo. Doeu. Meu peito, na verdade, fisicamente *se feriu...* especialmente sabendo onde ele estava, o que estava fazendo, e no que ele estava rapidamente se tornando. Toda vez que olhava seu quarto, meu corpo ficava dormente. Seth era a única família de sangue que me restava. Eu queria meu irmãozinho, caramba.

Apesar da fuga de Eli para a Da Ilha para evitar me matar, e a ameaça que esteve sempre presente, eu o queria. Desesperadamente. Quer dizer, eu odiava soar como uma pessoa fraca, que não pode vencer na vida sem um homem, mas porra. Nós encaixamos. Senti isso. E eu o *queria*. Eu queria *ele*. E ele me queria, ele não fez nenhum esforço para esconder isso. Não importava que ele estivesse morto, ou que fosse viver mais que eu.

No entanto, as palavras de Gilles ainda soaram na minha cabeça continuamente, quase como se ele continuasse fazendo isso de propósito para me impedir de ceder aos meus desejos. Na verdade, ele colocou um pensamento na minha cabeça. Ele literalmente me disse que Eli teria sua cabeça melhor no jogo, se ele não tivesse preocupado por mim. Dizer *o quê?* Foi difícil, não me interpretem mal. Eu nunca experimentei tanta dificuldade ao manter as mãos longe de um homem em toda a minha vida.

Pior que isso, eu tinha que fingir que não me incomodava tanto, que eu não ligava. *Caramba*, eu me importava. Demais para o meu próprio bem. E ele me afetou. Whoa. Será que ele...? E quem eu estou enganando? Ele sabia disso. O cara passeava livremente em meus pensamentos.

Eu fiz muito bem, mantendo minha distância naqueles poucos dias, e Eli realmente permitiu isso. Deixei perfeitamente claro que precisávamos nos concentrar na missão e não ser pegos em um caso de luxúria. Eli tinha feito um esforço muito grande também, a pedido de seu pai, ele ficou longe, e Phin continuou a ser minha babá.

Os sonhos continuaram.

Eu tinha mais duas noites no apartamento. Concordei em passar o resto da transformação de Seth na Casa Dupré, principalmente para treinar. Se qualquer coisa, eu era uma viciada em trabalho, e inferno, sim, treinar pra caramba ajudaria a derrubar os Arcoses. Sonhei nas duas noites anteriores; os mantive para mim por causa da natureza dos sonhos. Eram muito intensos, eróticos, por vezes

assustadoramente depravados, e parte de mim pensou que era por causa de que fui para a cama a cada noite pensando: *Eli. A primeira noite, após o armazém, encontrei-me de volta ao Panic Room, em um dos quartos dos fundos, completamente nua, meus membros espalhados e amarrados à cama, algo que nunca foi minha praia. Eu gostava muito do controle, acho.*

Ele estava lá, sempre o mesmo lindo, sem falhas e estranho cara, ele não fez nada mais que olhar para mim. Ele sussurrou palavras sujas na minha cabeça, coisas que ele queria fazer para mim com a língua, quantas posições diferentes ele queria me tomar, e isso era como uma droga. Eu queria me libertar e fugir do Panic Room, e colocar o máximo de distância entre nós quanto possível; eu o queria dentro de mim primeiro. Era insano. Nem uma só vez esse cara do sonho tinha fisicamente me tocado. Depois disso, me senti perversamente culpada.

Na noite seguinte, eu estava sozinha no parque de diversões à beira-mar, da espécie como Coney Island, eu acho. *Ele me perseguiu pelo parque, lentamente, nunca cedendo. Eu me abaixei para casa de espelhos, apenas para encontrá-lo lá, me observando. Quando eu olhei em todos os espelhos, vi nós, nus e entrelaçados. Corri para escapar, e corri tanto que acordei com dor no peito. Estranho. Ambos muito estranho. Eu nunca tinha visto esse cara na minha vida, e tudo que eu sabia dele era que ele era um idiota excitado que tinha algum sério controle sobre o meu cérebro.*

Saí da cama e me arrumei, como de costume. Tinha apenas um cliente, e então estaria dirigindo para os Dupré, juntamente com minha equipe de guarda-costas Gullah. Não sei porque, mas me senti segura com eles. Sei que parece loucura, mas eu acreditava firmemente que os Dupré eram uma raça muito diferente de mortos-vivos que... qualquer outros mortos-vivos lá fora. Além disso, Estelle tinha me dado uma lata cheia do meu fermentado especial.

Mal eu puxei meu jeans, manga longa preta arrastão e regata da Inksomnia branca rasgada, uma batida dura na entrada de trás me fez pular. Quando entrei na sala, Phin me observava; eu dei de ombros, e corri escada abaixo para ver quem era. Quando eu abri a porta, eu fiquei surpresa e com repulsa de ver alguém que eu esperava nunca mais pôr os olhos novamente.

— Bem, Srta. Poe — Detetive Claude Murray disse. Seus olhos avaliando um pouco perto demais para o meu conforto. Como sempre o fez. — Toda crescida, eu vejo.

Inspecionei-o.

— E vejo que você ainda está embalado em um terno como uma sardinha.

Ele sorriu, parecia que ele ainda mastigava tabaco e balançou a cabeça.

— Crescida, mas ainda uma espertinha, hein? Imaginei. — Ele olhou para o relógio. — Você precisa fazer uma pequena viagem até a delegacia para algumas perguntas, senhorita calça apertada.

— Por quê? — Phin disse de cima do meu ombro. Eu podia sentir sua tensão rolando fora dele em ondas. Phin pode parecer inocente, mas ele não era. Eu sabia que ele poderia arrancar os braços de Claude fora em menos de cinco segundos.

Claude ignorando Phin olhou fixamente para mim. — Você vai descobrir logo. Vamos.

Eu dei uma risada curta.

— Se você acha que eu vou em qualquer lugar com você, você deve ter ficado senil em sua velhice, Murray. — Peguei minhas chaves do gancho. — Por que preciso ser interrogada? — perguntei, enganchando minha mochila em minhas costas.

Claude Murray, um homem grisalho nos meados dos 50 anos e ficando mais corpulento a cada segundo, me deu um olhar duro.

— Parece que o seu passado está voltando para morder a sua pequena bunda, Poe — disse ele calmamente. — Seu antigo namorado, Kelter Phillips acabou de aparecer no necrotério da cidade. — Seu olhar passou por cima do meu corpo, e eu literalmente senti que precisava de um banho. — E de acordo com a sua namorada, você foi a última a vê-lo vivo.

PARTE 9



TRANSFORMAÇÃO

BLOOD IS THICKER THAN WATER



Eu tinha certeza que o pervertido do Murray percebeu o choque em meu rosto sobre Kelter, e estava até mais seguro que ele teve o prazer de entregar a informação. Não que houvesse qualquer amor perdido, de jeito nenhum. É sempre um choque quando alguém morre inesperadamente, mesmo um babaca como Kelter. Eu estava realmente surpresa que ele viveu tanto assim.

No caminho para a delegacia, eu dei a Phin a verdade nua sobre minha experiência com o Detetive Claude Murray. Olhei em um semáforo através das minhas sombras e comecei.

— O velho Claude tinha uma coisa por mim naquela época... sim, bruto, eu sei. Mesmo que eu fosse uma criança, eu poderia dizer que ele era uma aberração. Eu tenho certeza de que não era a única jovem que ele tinha alguma coisa.

— O que você quer dizer? — Phin perguntou, sua voz cada vez mais escura, como a de Eli.

Eu dei de ombros.

— Você sabe... seu toque demorava muito tempo quando ele me algemava e desalgemava, e sempre quando estávamos sozinhos ele tocava meu cabelo, roçava contra mim... essas coisas doentes. — Eu ri cinicamente. — Acho que porque eu era uma drogadinha naquele tempo, ele pensou que poderia fugir disso. E ele tinha. Eu tinha estado particularmente assustada com ele naquela época. Agora? Eu vou chutar o seu traseiro, mesmo que isso signifique uma ou duas noites na cadeia.

Phin sentou-se calmamente no banco de passageiro e ouviu, seu rosto mais irritado a cada segundo, e eu sabia que o Detetive Claude Murray estava agora na lista negra dos Duprés por toda a vida.

— Hey — eu disse, e lhe dei um soco no braço. — Eu superei. Não se preocupe. Eu sou uma menina crescida agora, não uma louca adolescente drogadinha. Ok?

Ele olhou para mim, e embora eu não pudesse ver seus olhos através de seus óculos escuros, eu sabia que ele estava carrancudo.

— Certo.

Eu estacionei o jipe e coloquei algumas moedas no parquímetro, e Phin entrou na delegacia comigo. Ele parou contra a parede e esperou, com os braços cruzados sobre o peito, e eu liderei para os fundos. Quando olhei para trás, ele

tinha seu celular, e eu sabia que ele estava ligando para Eli. Oh, cara. Phin encolheu os ombros, e continuei pelo corredor.

Eu conhecia o caminho, é claro, e vi que as coisas realmente não tinham mudado em dez anos. Claude estava esperando mais afastado no corredor, o interior da delegacia me lembrou muito do ensino fundamental, com paredes de concreto brancas sujas e piso de cerâmica, portas de madeira, com pequenas placas de identificação marrons parafusadas sobre elas. E... cheirava engraçado. Engraçado-estranho, e trouxe de volta velhas e indesejadas memórias. Claude sorriu para mim enquanto o policial me levava para a sala de interrogatório, e eu fui em silêncio e sentei-me.

— Então, você está saindo com velhos amigos, Srta. Poe? — Claude perguntou.

— Não. Apenas conhecidos de alguns drinques.

Claude se inclinou sobre o meu ombro.

— Eu tenho uma testemunha que diz que ela viu você entrar nos quartos dos fundos com Kelter Phillips depois de estar com ele no bar. E você sabe que nós sabemos o que se passa lá atrás.

Eu o encarei.

— Vá ao ponto detetive. Sim, eu o vi naquela noite, mas assim como centenas de outros. Quando saí, ele estava muito vivo.

— Álibi? — questionou.

— Claro. Por que você não pergunta ao porteiro, Zetty? Ele me viu sair.

— Você estava com alguém? — Ele deu a volta para me encarar. — Ah, deixe-me esclarecer isso. Você estava com alguém cujo sobrenome você sabia?

Idiota.

— Sim.

Claude piscou e esperou.

— Bem, você vai me dar um nome?

Eu olhei nos olhos dele, embora eu odiava trazer Eli para isso. — Eligius Dupré, e estava com ele a noite toda.

— Nós precisamos falar com ele.

Eu nem sequer pisquei.

— Sem problemas. Posso ir agora? Tenho um compromisso.

O sorriso lento de lábios finos de Claude alargou em dentes manchados pelo tabaco.

— Eu aposto que você tem. — Ele inclinou a cabeça. — Você está livre para ir. Mas talvez precisemos fazer uma visitinha e dar uma olhada.

Levantei-me e dei de ombros.

— Seja meu convidado. Eu não tenho nada a esconder. — Eu dei-lhe um olhar que eu espero que tenha espelhado minha repulsa. — Até mais tarde, Claude. Muito, muito mais tarde.

Saí e deixei a porta bater atrás de mim. Quando cheguei à sala de espera, Eli estava ao lado de Phin e Luc, um furioso olhar em seu rosto. Fui até ele.

— Sinto muito, mas ele queria saber se eu estava com alguém no momento em que nós deixamos o Panic Room. — Eu me senti horrível. — Ele quer falar com você. — Eu baixei minha voz. — Você matou ele? Kelter?

Eli não disse nada, e eu imaginei que não pretendia. Ele caminhou até o balcão e falou com o secretário, e em segundos um outro oficial o escoltou para o interrogatório.

Olhei para Phin.

— Você contou para ele?

— Sim.

— Tudo? — eu perguntei.

— Sim. — ele confirmou.

Deixei escapar um suspiro. Eu sabia que ele faria, mas de jeito nenhum Eli seria capaz de esconder sua raiva de Murray. Surpreendentemente, em poucos minutos, Eli avançou dos fundos com os olhos colados aos meus. Ainda furioso.

— Vamos sair daqui. — disse ele.

A tarde passou relativamente rápida, e eu não ouvi mais nada de Murray. Eli e os caras desapareceram enquanto Nyx e eu estávamos cheias de compromissos. Eu sempre interpretava o meu papel em dias úteis, clientes esparavam isso de mim. Era como uma grande parte da minha reputação como minha obra de arte. Então, eu usava uma roupa fodona: um minivestido de couro cor de vinho, sem mangas e atado da cintura para cima, e um de botas até os joelhos de couro preta. Uma gargantilha de veludo preto liso e algemas de veludo de pulso combinando completam a minha roupa. Os clientes ficavam mais do que satisfeitos. Nyx decidiu

tomar o próximo dia de folga e cuidar de alguns negócios de família com seus pais em Wilmington Island, e ela terminou um pouco antes que eu, isso era quase sete horas. Quando ela pegou sua bolsa de ombro de caveira e ossos cruzados, ela veio e me deu um abraço apertado.

— Eu vou sentir sua falta — ela disse e olhou para mim com aqueles grandes, redondos e sempre abertos olhos azuis. — Não se preocupe com nada. Se a polícia passar por aqui para verificar o lugar, eu vou ter certeza de estar aqui.

— Obrigada — eu disse, e esfreguei os braços. — Eu estarei por perto até amanhã a tarde de qualquer maneira. E eu realmente aprecio a sua ajuda, Nyx. Ligue-me se acontecer alguma coisa.

Nós dissemos adeus, Gene granindo nitidamente enquanto Nyx saía na porta da frente. Tranquei mais cedo do que de costume, mas eu tinha cancelado todos os meus compromissos e ainda precisava lidar com algumas pontas soltas para o negócio. Eu virei a placa FECHADO, puxei as cortinas, e liguei alguma música do Linkin Park. Eu estava no computador, imprimindo alguns dos meus mais recentes projetos no papel de transferência para Nyx, quando senti a presença de Eli e olhei para cima. Ele estava encostado no batente da porta, com os braços cruzados sobre o peito, me olhando.

— Hey — eu disse, casual, como eu tentei manter desde o seu retorno. Eu continuei meu trabalho. Eli saiu do batente e andou para frente, estatelando-se no sofá. Ele pegou um álbum de desenhos e começou a folhear as páginas.

— Eu quis matar aquele detetive hoje.

Olhei para cima.

— Sim, eu tive esse mesmo pensamento antes. — eu disse, tentando aliviar o clima. Juntei as transferências e pendurei-as na lâmpada ultravioleta, semelhante ao que os médicos usam quando visualizam os raios-X. Eu fiquei lá, inspecionando as imperfeições, e de repente senti Eli imediatamente atrás de mim.

— Não — ele disse calmamente. — Você não entende. Eu quis *matá-lo*.

Eu me virei e encontrei o seu olhar enfurecido.

— Por quê? — E foi então que eu vi que aquela raiva tinha sido fermentada em Eli durante todo o dia.

— Por causa da forma como ele tratou você quando criança. — ele disse. — E por seus pensamentos hoje. — Seus olhos se cravaram nos meus. — Teria sido tão fácil.

Eu coloquei a mão no peito de Eli.

— Eu aprecio o seu cavalheirismo. Realmente. Mas ele é apenas um mortal estúpido. Eu posso lidar com ele. — Sorri. — Confie em mim.

O ar em torno de nós se acalmou. O olhar de Eli escureceu.

— O que você sente quando você toca em mim? — Perguntou ele, e deslizou minha mão sobre o seu coração. — Alguma coisa?

Era algo que eu estava evitando, mas não tinha sido fácil. A coisa entre nós era palpável, perigosa, e eu sabia que era mais profunda do que o sexo, no momento em que nos conhecemos. Ele me disse seriamente que eu era dele. Eu disse a ele o mesmo, mas o assunto não tinha sido abordado novamente. O que *meu* realmente significa? Eu abaixei minha mão e me afastei.

— Eu não sei, Eli.

Silêncio agarrou o interior do Inksomnia por vários momentos antes de Eli me surpreender com um pedido.

— Eu quero que você me tatue.

Eu olhei para ele, o avaliei.

— Tattoos são para toda vida.. e a sua é um longo tempo. — Eu inclinei minha cabeça. — Você sabe o que você quer?

Eli manteve o seu olhar no meu.

— Sim. — Ele levantou o medalhão de seu pescoço. — Isso. É o brasão da nossa família.

Dobrando a minha cabeça sobre o medalhão, eu inspecionei o desenho e detalhe. Eu não tinha notado isso antes, e agora eu achei fascinante. Um grifo segurando um par de adagas sentado no centro de uma flor-de-lis, envolto por uma videira espinhosa. Na parte inferior, o nome Dupré. Eu olhei para ele.

— Isso é maravilhoso.

— Você pode fazer isso? — Perguntou ele.

Eu sorri, agarrei-o pela mão, e o empurrei na cadeira.

— Sente-se. — Eu peguei um lápis e um bloco de desenho e em poucos minutos tinha todo o desenho no papel que era quase do tamanho de uma laranja. Eu mostrei a Eli, e ele concordou.

— Perfeito. — ele disse.

Olhei para o desenho, em seguida, imprimir uma transferência e voltei para Eli, cujo olhar permanecia travado em mim.

— Onde? — Eu perguntei.

— Entre meus ombros — ele devolveu. — Tinta preta.

Meu coração bateu mais rápido, e eu assenti.

— Tire a camisa, e vamos começar.

Eli puxou a camisa sobre a cabeça e virou de bruços sobre a mesa de pintura. Eu lentamente limpei a pele com anti-séptico e deixei secar, então, coloquei a transferência impressa voltada para baixo, diretamente entre as omoplatas. Eu liguei a Viúva, vesti as luvas, carreguei de tinta, e me inclinei sobre o ouvido de Eli.

— Isso pode doer um pouco. — Eu sentei em minha cadeira.

Ele riu.

— Sim, ok.

— Sem rir. — eu avisei. Eu tirei a transferência e comecei. Eli nem sequer pestanejou. — Bom — eu disse, e me concentrei em meu desenho. Admito, era um desenho muito legal e gostaria de fazer uma tattoo decente. Com uma mão firme, eu tatuei o brasão Dupré sobre as costas musculosas do filho mais velho. Tatuar Eli em condições tão íntimas estava além do erótico, minha respiração aumentou, meu coração acelerou. Meus seios roçaram seu lado quando debrucei-me sobre ele, e até mesmo através das luvas o contato da minha pele contra a sua despertou-me. Seu aroma irradiava fora dele em ondas, e eu atrai isso para meus pulmões, e isso despertou-me, também. Levou cerca de uma hora e 40 minutos para completar, e juro por Deus, eu não queria que isso acabasse. Finalmente, estava terminado, e parecia muito foda.

Eu entreguei para Eli o espelho de mão, e ele virou-se e checkou meu trabalho.

— Muito bom — disse ele em agradecimento, então se virou para mim. — Você é uma artista soberba.

Eu dei de ombros.

— Obrigada — eu disse, então respirei fundo e tentei afastar os sentimentos sexuais intensos que apenas estando no mesmo quarto com Eli agitaram dentro de mim. Ocupei-me limpando, então desliguei a Viúva. Atravessei o quarto, e o tempo todo eu senti os olhos de Eli em mim.

— Por que você está me evitando? — Disse, seguindo-me. *Sem camisa.* — Isso não é você.

Apaguei as luzes e fui até as escadas na parte de trás.

— Você está certo, Eli. Isso não sou eu. Mas é o que eu sinto que é melhor para nós dois.

Ele agarrou-me quando cheguei na escada.

— Você sente que é melhor, ou você está com medo de mim? Desgostosa com o que eu sou? — Ele me puxou contra ele, e seu olhar quente me atingiu. — A verdade, Riley.

Eu olhei para trás.

— Me. Deixe. Ir. Eu não vou discutir na escada.

Sua mão caiu do meu braço como se tivesse sido queimada.

— Vamos lá, então.

Eu sabia que me aventurei em território muito perigoso andando por aquelas escadas e prendendo-me entre as paredes do meu apartamento com Eli Dupré de novo, especialmente desde que Gilles tinha me avisado para manter distância. Mas no calor do momento, e argumento, parecia a única coisa a fazer. A tensão entre nós ao longo dos últimos dias, desde Tybee tinha sido quase insuportável, e resolver as coisas antes de eu realmente ter que ficar sob o mesmo teto com ele e toda a sua família era a minha intenção.

Eu caminhei na frente dele, sabendo muito bem que seus olhos estavam na minha bunda, eu não me importava. Dentro do apartamento, as longas sombras nebulosas cruzavam o quarto e teto, enquanto os dias de cão de agosto diminuía através da janela. De repente, ocorreu-me que nem meu irmão, nem meu cachorro estavam presentes, tudo que eu amava se fora, e nada jamais seria o mesmo.

Eu virei para Eli.

— O que exatamente você espera de mim? Eu não posso mentir, você regularmente lê minha mente, então eu tenho certeza que você já sabe o quanto eu

quero você o tempo *todo*. É como uma doença maldita, ou um feitiço. Você sabe que não estou com medo de você por causa do que você é. Você *sabe* disso.

Seus olhos e sua voz suavizaram.

— Você deveria estar.

— Deveria ter, poderia ter, teria. — eu disse, soando como uma criança. — Eu acho que seguir regras e realizar boas escolhas não está em minha natureza, tampouco.

Eli se aproximou, seus olhos presos nos meus.

— Eu não consigo parar de pensar em você. Eu não consigo parar de pensar naquela noite. Ambas as noites.

— Oh, eu entendo. — eu disse, e afundei-me na almofada felpuda da cadeira na janela. Parecia que mortal ou vampiro, ambas as espécies do sexo masculino são levados por seus paus. — Então, é com o sexo que você está obcecado?

— É o sexo com você — Eli esclareceu, e se aproximou de mim. — Apenas com você, — Seu corpo cercou o meu quando ele se encostou na parede perto de mim. Ainda assim, ele não me tocou, mas eu senti a minha determinação estourar-se. — É o jeito que você se move, o som da sua voz — disse ele, sua voz escura, sedutora. — A maneira que você pensou em mim naquela noite, sobre o que você queria que eu fizesse para você e como você tocou a si mesma. O seu cheiro... não seu perfume, ou o shampoo que você usa. — disse ele erguendo uma longa mecha do meu cabelo ao seu nariz e inalando. — Você. — Ele colocou as mãos em seu cabelo com frustração. — Eu vi você, Riley, mesmo antes de nos conhecermos. Você... intrigou-me e eu me encontrei na sua janela, dentro do seu quarto. — Seus olhos procuraram os meus. — Isso é sobre você.

— Você me viu de dentro do meu quarto? — Eu perguntei, minha voz trêmula, quieta. O pensamento me emocionou. — Por que?

— Você me intrigou — disse ele, seu corpo roçando o meu. — Porque eu tinha que fazer.

Logo, meu coração estava batendo mais rápido, e eu lutava para respirar novamente. Eu não podia parar de olhar para os músculos de seu peito, o modo como seu abdômen era definido, e seu rosto. As sombras tinham crescido muito, e a sala estava quase lançada na escuridão, ainda havia luz surreal suficiente para perceber suas feições. Seu cabelo escuro como breu caído na testa e luminescentes

olhos azuis, e quando ele falava, seus lábios me fascinavam, eles eram cheios, perfeitamente moldados, e a memória deles contra a minha pele me fez queimar por ele mais uma vez. Sua mandíbula, salpicada com apenas uma sombra crescendo, fazia sua pele pálida impecável e sensual. Meus dedos coçavam para tocá-lo. Meu coração ansiava por ele. Meu cérebro derreteu.

Sem tirar os olhos de cima de mim, Eli se aproximou, agarrou a minha mão e colocou sobre seu coração.

— Mais uma vez, eu pergunto. O que você sente quando toca em mim?

Meus olhos fecham enquanto sua mão cobria a minha e a apertava contra o peito.

— Eu sinto... uma energia sensual que eu não consigo obter o suficiente, que permanece na minha pele, dentro de mim, e me deixa louca. — eu disse baixinho, meu peito subindo e descendo mais rápido com a minha respiração irregular. Eu olhei para ele. — Uma obsessão. Eu sinto *você*.

Eli deslizou ainda mais perto e pressionou a palma da mão sobre a minha.

— Mas sem batimentos cardíacos.

Levantei-me, coloquei as mãos sobre os quadris de Eli, e guiei-o na almofada que eu tinha acabado de desocupar. Agarrando seu pescoço, subi em seu colo, meu vestido de couro subindo enquanto eu deslizava minhas pernas em cada lado dele e as cruzei atrás de suas costas. Ele sentou-se em silêncio, completamente imóvel, e eu sabia que se ele tivesse um coração que batia, ele estaria batendo como louco agora. Suas mãos deslizaram para os meus quadris enquanto seus olhos procuravam os meus.

Eu espalmei seu peito e trouxe meus lábios mais perto dos dele.

— Meu coração bate o suficiente por nós dois. — sussurrei contra sua boca. — Só não... me mate, ok? — Enfiei as mãos em seu cabelo sedoso e o beijei suavemente, e ele sentou quieto enquanto eu explorava sua boca. Eu suguei seu lábio inferior, lentamente, então tracei os dentes com minha língua, e a sua barba por fazer em seu queixo contra minha palma da mão me excitou e me fez deslizar mais perto. Enfiei minha mão em sua garganta, e ele passou as mãos sobre as minhas coxas à mostra, me puxou com força contra ele, e aprofundou o beijo. Minha mente ficou completamente em branco quando sua língua roçou a minha,

e sua boca se moveu eroticamente sobre meus lábios, e em toda parte que suas mãos tocaram me fizeram queimar por ele.

— Você quis dizer isso quando disse que eu era seu? — Ele perguntou.

Olhei em seus olhos.

— Você sabe que eu quis.

Eli parou, e embora, ele se agarrou a mim, eu escorreguei de seu abraço e me virei, enfiei meus dedos através dos seus, e o puxei, encorajando-o para o meu quarto. Ele me seguiu sem palavras, mas ele me puxou para perto, enquanto nós andamos, minhas costas na sua frente, e ele soltou minha mão e deslizou seus dedos sobre meus quadris e me segurou com força contra ele; a sensação de sua dureza pressionada nas minhas costas me deixou quente e molhada, e eu balancei contra ele, estiquei meus braços para cima, e apertei-os ao redor do seu pescoço. Suas mãos escorregaram para cima, deslizaram lentamente sobre a suave maciez escorregadia do meu vestido, e segurou meus seios, e até mesmo através do couro fino isso causou sensações de ondulação através de mim, me excitando ainda mais. Sua boca provocou a pele na minha garganta, e meu coração batia com antecipação. Eu confiava nele completamente. Eu o queria totalmente.

No meu quarto, Eli parou e me manteve pressionada contra ele, nós simplesmente combinávamos juntos. Eu tinha esquecido de desligar o aparelho do iPod na loja, e a música lá de baixo aumentou e deslizou através da ventilação, e a escuridão já tinha reivindicado as sombras. Somente tons e planos de meia-luz jogados contra nossas feições, ocultando detalhes, deixando os outros sentidos como: tato, paladar, olfato. Eu me perdi em Eli, para mim, ele não era um imortal, ele não era um vampiro. Ele era...*necessário*.

— Eli — eu disse, sem saber que eu mesma tinha falado seu nome em voz alta. Eu relaxei contra ele, enquanto suas mãos me exploravam, e com lentidão torturosa ele puxou os cordões soltos no busto do meu vestido, meus seios saltando e as palmas de Eli cobrindo-os. Minha carne ficou quente, mais quente, e suas mãos percorriam os lados do meu quadril, onde ele puxou meu vestido para cima, acariciando minhas coxas e puxando minha bunda contra sua virilha inchada. Ele gemia no meu ouvido e eu quase gozei com o som.

Quando sua mão se moveu para minha coxa, e um pouco mais, eu movi meus quadris, seus dedos deslizaram pela primeira vez no pequeno triângulo de

seda, em seguida, deslizou lentamente para minha umidade. Minha cabeça caiu para trás contra seu peito e meu corpo começou a tremer, mas ele moveu a mão e parou o orgasmo. Eu quase me toquei, eu estava tão frenética de desejo e necessidade. Ele parou minhas mãos, segurando-as firmemente.

— Não — ele disse contra minha orelha. — Ainda não.

Eu desejei parar de latejar, e quase que isso não funcionou. Mas Eli me levantou em um movimento rápido e me deitou na cama. Ele pegou três travesseiros e empilhou-os atrás de mim, empurrou meu vestido sobre meus quadris, e puxou minha calcinha lentamente.

Cada terminação nervosa do meu corpo cantarolou com prazer, suas mãos fortes deslizaram até minhas coxas e as empurrou, e quando sua cabeça abaixou e ele provocou-me com a sua língua, eu explodi, faíscas saíram atrás de meus olhos, e eu empurrei minhas mãos através de seu cabelo e segurei. Seus dedos agarraram meus quadris e provou mais profundo, e meu corpo foi tomado em êxtase. Antes do meu orgasmo ser concluído, ele se afastou, e eu não precisei da deixa. Eu estava morrendo de vontade de tê-lo dentro de mim, e eu o segui para fora da cama.

Desta vez, a minha necessidade era muito poderosa para conter, ele tinha feito isso, ele tinha causado isso. Eu não podia evitar. Trocamos lugares. Empurrei-o para trás em cima da cama, eu me despi do meu vestido e botas e me ajoelhei entre suas pernas enquanto eu habilmente desprendia cada botão em sua braguilha. Eu senti-me selvagem, feroz e nada e ninguém poderia me satisfazer, exceto Eli. Com uma ferocidade que surpreendeu até a ele, tirei a calça jeans, apenas para encontrá-lo nu por baixo. Eu olhei para ele, então, seu olhos eram nada além de orbes negras na escuridão. Eu mantive o meu olhar sobre o seu quando eu deslizei minha mão sobre a sua dureza, pedra dura e lisa ao mesmo tempo, e o atraí em minha boca, ele estremeceu, gemeu, e isso me deixou molhada de novo. Eu não aguentava mais.

Eu me movi para trás, colocando primeiro uma coxa sobre a dele, depois a outra. Eu montei e o agarrei completamente. A sensação de Eli me preenchendo tirou minha respiração, e eu ofeguei primeiro, e então ele agarrou-me e virou-me de costas, e me seguiu. Ele me olhou, abriu caminho com seus dedos por mim, e levantou meus braços sobre a minha cabeça.

— Você confia em mim? — Ele perguntou, sua voz grossa e rouca.

— Sim — eu respondi em um sussurro rouco. — Eu confio.

No movimento mais sensual que já experimentei na minha vida, Eli passou os braços completamente em torno das minhas costas e me segurou quando ele começou a se mover. Cada centímetro de nossos corpos se fundiram juntos, e ele se moveu mais rápido, nós nos movemos juntos, e o orgasmo que eu tinha sido negada duas vezes explodiu totalmente e meu corpo estremeceu com espamos incontroláveis enquanto eu agarrava desesperadamente Eli. Seu corpo se movia com o meu, e eu senti o seu estremecer como se fosse o meu. Ele diminuiu a velocidade e parou. Ele não saiu de mim, seus braços enrolados firmemente ao redor do meu corpo. Ele estava muito, muito quieto.

Tão quieto.

Oh, infernos.

Eu fiquei tão imóvel quanto Eli, eu mal respirava. Depois de quase dois minutos, isso é um longo, longo tempo, eu respirei suavemente.

— Eli? — eu perguntei, apenas um sussurro.

Ele não respondeu.

Oh, merda.

Então, lentamente, ele levantou a cabeça. Dei um suspiro de alívio quando um par de olhos não opacos olharam para mim. Um sorriso leve inclinado no canto de sua boca muito sexy.

— Você é incrível. — Ele me beijou. — *Minha.*

Eu dei um soco nele, e ele riu e enterrou a cabeça no meu ombro. Então, enquanto nós estávamos ainda completamente envolvidos em torno um do outro, Eli Dupré baixou a cabeça e me beijou, gentilmente, suavemente, levando muito tempo para explorar cada centímetro da minha boca que pode ter sido negligenciado durante a nossa paixão. Então, ele levantou um dedo para minha asa de anjo e tocou suavemente, seguindo o desenho espalhando-se por minha têmpora. — Você é tal contradição, Riley Poe — disse ele. — um sinal de sombria pureza tatuado em seu rosto — ele acariciou novamente — e perturbadoramente cuidadosa por dentro. — Ele colocou a mão sobre meu coração. Incrível vagamente descrevia o sexo com Eli Dupré. Eu sabia que eu estava mal acostumada por toda a eternidade.

— Para registro — disse ele, pegando meu lábio inferior entre os dentes. — Meu pau não me conduz.

Eu ri, e ele rapidamente me silenciou com os seus lábios, sua língua, e então ele caiu para o meu lado, puxou-me para perto, e envolveu um braço sobre minha barriga. Ele apoiou o queixo em cima da minha cabeça.

— Vá dormir — disse ele. — Eu vou estar aqui quando você acordar.

Contente, por enquanto, de qualquer maneira, eu fechei os olhos e adormeci.

Pela primeira vez, me senti amada e digna de uma manhã seguinte.

Como um sonho pode me atormentar depois do sexo com Eli, eu não tenho ideia, mas *eu me encontrei em uma carruagem puxada por cavalos, meus olhos voltados para a janela, de onde eu olhava do lado de fora uma densa floresta de árvores enormes, folhagem cinza e pedras. Tudo parecia cinza, sombrio. Os cascos dos cavalos batiam o terreno a galope, e o carro desviou perigosamente perto da borda de um precipício antes de mudar de direção e mergulhar nas sombras, mais profundo na floresta.*

Os cavalos desaceleraram para um trote, e eu recuei contra as almofadas e fechei os olhos. Eu não sei quanto tempo os mantive fechados, mas quando eu os abri novamente, ele se sentava na minha frente. Vestido com calças pretas, botas pretas altas, e um casaco de veludo cor de vinho sangue, com babados brancos no pescoço e punhos, ele me olhou, estudou-me com intensidade como se estivesse tentando me entender.

A mulher ruiva sentou-se ao lado de dele, com o rosto escondido, pressionado contra o peito, a mão possessiva descansando em sua coxa; dormindo, eu supus. Era difícil determinar, como ela estava muito, muito parada. O olhar dele vagou sedutoramente sobre mim, sem vergonha e ousado, então, com os olhos ainda presos ao meu—como se eu fosse incapaz de desviar o olhar—ele inclinou a cabeça para baixo e sussurrou para a mulher, mas eu o ouvi claramente na minha própria cabeça.

— Desate minhas calças. — Somente sua mão se moveu, e ela habilmente afrouxou os laços como se tivesse feito isso muitas vezes antes. Eu não queria ver; eu não conseguia desviar o meu olhar. — Toque-me — ele sussurrou de novo, e mais uma vez, ouvi as palavras em minha cabeça como se ele estivesse falado para mim. A mulher deslizou a mão lentamente em sua calça e acariciou-o; Eu podia sentir sua

dureza na minha palma, e eu me sentei, em transe. Ele estava desfrutando de eu assistindo, e eu queria muito desviar o olhar, mas eu não tinha vontade.

— Cavalgue-me. — A mulher manteve-se de costas quando ela levantou a saia e montou nele. Ele me olhou por cima do ombro enquanto ela cavalgava ele, e eu estremei com a sensação pesada dele entre as minhas pernas. Eu não queria gozar; eu não conseguia evitar aproveitar com o orgasmo. Seu belo rosto tenso de prazer com a minha fraqueza, e então, ele puxou a blusa da mulher para baixo, mostrando suas costas. Enquanto eu olhava com horror, mais uma vez a tatuagem sinuosa familiar em sua coluna e braço, ela olhou por cima do ombro e encarou.

Seu rosto estava pálido, muito pálido e seus lábios estavam vermelho-sangue, com os olhos opacos. Ela era eu. Foi então que percebi o movimento do lado de fora do carro, criaturas aladas desengonçadas com mandíbulas e dentes irregulares passavam, seus rostos distorcidos naquelas criaturas horríveis. Eles olharam para mim. Eles estavam com fome e queriam meu sangue especial. Eu sabia. No entanto, quando me virei para ele, ele sorriu, duas presas longas caíram de sua mandíbula superior, e com um toque suave, empurrou a cabeça da mulher para o lado, cravou os dentes em seu interior, e bebeu.

Eu senti a dor no meu próprio pescoço, senti a vida drenando rápido de mim. As criaturas aladas começaram a bater na lateral do carro, gritando, arranhando para chegar a mim. Eu gritei...

— Riley!

Eu engasguei, meu coração fora de controle, arfando por ar. Meu corpo doía, como se eu tivesse corrido um triatlo, e caí de volta para os travesseiros tão rapidamente. Eu tentei respirar, mas eu estava ofegante. Então, eu vi Eli, inclinando-se sobre mim, preocupação gravada em suas feições perfeitas.

— O que há de errado? — ele perguntou, e passou a mão sobre meu coração. — Relaxe, Riley. Respire. — Ele manteve sua mão em mim, e por alguma razão, isso ajudou.

— Os sonhos — Eu disse, minha respiração diminuindo. — Eles são tão doidos. Eu não gosto deles.

— Que sonhos? — Ele perguntou, e parte de seu rosto estava iluminado pela luz entrando através das portas francesas. Eu olhei para elas... elas estavam fechadas.

Eu balancei minha cabeça e coloquei a palma da mão sobre meus olhos.

— Eu tive, tipo, quatro deles. — eu disse, pensando que eu tinha perdido as contas. — Eles são hediondos, e desagradavelmente eróticos.

A voz de Eli ficou como aço.

— Diga-me.

— Eles são humilhantes — eu disse, e fiquei surpresa com minha própria reação. — Não se ofenda, não tenho nenhum controle sobre os sonhos, e no sonho eu não sou uma participante voluntária — eu comecei — Eu tento o meu melhor para escapar. Mas é estranho, sempre o mesmo cara, muito sexy, e ele... fala obscenidades para outras mulheres, ordena que elas toquem nele. — Eu olhei para ele. — Você sabe? E... ele me assiste ficar excitada por ele.

Eli olhou incrédulo para mim.

— O que mais?

Eu suspirei.

— Algo terrível acontece sempre no final. Morte vampírica. E a mulher que ele fala obscenidades? Quando ela se vira e olha para mim, sou eu. Ela tem minhas tatuagens e tudo.

Passando as mãos pelo seu cabelo, Eli sentou-se e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Descreva-o. — Sua voz estava nervosa.

— Eu... não sei — eu disse, e percebi de repente que eu não sabia muito sobre ele. — Ele é só... deslumbrante. Lindo, na verdade. Longos cabelos escuros. Olhos escuros. — Eu olhei para Eli. — Isso é tudo que eu me lembro.

Eli lentamente se levantou da cama e caminhou, a luz do lado de fora lançou nítidas sombras através de seu corpo nu e perfeito, jogando planos negros contra os músculos sulcados de seu abdômen, e eu não achava que já tinha visto um homem mais bonito em minha vida. Muito mais bonito do que o cara nos meus fedidos sonhos pornográficos.

— Obrigado — disse Eli, lançando-me um sorriso leve. Ele continuava a andar. — Isso não é bom, Riley. — Ele se sentou na beira da cama e colocou meu cabelo atrás da minha orelha. — Precisamos dizer ao meu pai.

Bati na minha própria testa.

— Oh meu Deus, Eli. Você está brincando comigo? Primeiro Gilles descobre que nós temos sexo indecente... você sabia que ele cavou em seu cérebro para encontrar esse pedaço suculento? E agora você está indo dizer-lhe que tenho sonhos pornográficos?

— Sim.

Eu levantei e encarei ele.

— Por que?

O olhar escuro de Eli me olhou com preocupação.

— Porque, isso soa como um dos Arcoses.

Meu estômago torceu com o pensamento.

— Como ele está invadindo meus sonhos? — Eu esfreguei meus olhos. — Eles são tão... reais.

Eli virou sua cabeça e olhou para mim por um longo momento.

— Ele esteve aqui. Porque ele é de uma linhagem direta do *strigoi*. Eles têm o poder de invadir os sonhos dos mortais. — Ele balançou a cabeça. — Ele deve estar muito tomado por você.

— Por quê? — Eu perguntei, minhas entranhas já congeladas.

Eli passou uma junta ao longo de uma mecha de cabelo solto e o afastou do meu rosto.

— Ele poderia ter tão facilmente matado você, ou levado você. Embora em seu estado debilitado, ele mais do que provavelmente, não possa fazer nada mais do que moldar sonhos. — Ele fechou os olhos e suspirou. — Deve ser Victorian. Seu irmão é demasiado cruel para perder tempo com sonhos. Ele teria tido prazer com você, ou não; então teria lhe matado.

— Mas a sua força tem crescido, né? — Eu perguntei, e Eli entrelaçou os dedos nos meus. — Por que ele ainda está me fazendo sonhar? E como ele pode fazer isso com você sentado ao meu lado? Como ele mesmo sabe quem eu sou?

O olhar de Eli procurou meu rosto.

— Eu não sei. Mas ele está conquistado por você. E os *strigoi* são seres poderosos, Riley. — Ele me puxou para o seu peito e escorou-se contra os travesseiros. — Você sonha mais de uma vez à noite?

— Não — eu respondi, envolvendo meu braço sobre seu estômago. — E conquistado não é bem o termo. Mais como obcecado.

— Você está certa. Agora, volte a dormir. Eu vou estar aqui.

Fiquei quieta por um tempo, meus pensamentos divagando e, finalmente, o sono me pegou de novo, e Victorian felizmente me deixou sozinha.

Quando eu acordei, o sol brilhante da manhã entrava pelas portas francesas. Eu estava de bruços, e o gentil toque erótico dos dedos de Eli arrastando através da minha espinha, traçando cada detalhe intrincado do dragão tatuado, me despertou. Nós exploramos um ao outro, tocando, beijando; enquanto começamos contra a maciez da minha cama, nós acabamos no chão de madeira, e terminamos no chuveiro.

Eli lavou meu cabelo comprido, e eu lavei o seu cabelo loucamente sexy preto. Fiz-lhe um moicano de sabão, e nós rimos. Eu não consigo lembrar de já ter um homem que me lavasse com tal... entusiasmo antes. E eu estou bastante certa que não tive um homem que ficasse tempo suficiente para rir comigo na manhã seguinte. Eli era uma anomalia, a pessoa que eu temia ser quem abriu o coração totalmente.

Eu terminei primeiro, e Eli queria aproveitar a água quente um pouco mais. Então eu puxei um par de shorts moderno, uma blusa, e chinelos, e corri até a loja para delisgar o sistema de som e recolher algumas coisas que eu estaria levando para a casa dos Dupré. Eu estava folheando os livros de fornecimento quando uma batida na porta dos fundos me fez pular. Não tanto para minha surpresa, Detetive Claude Murray em toda a sua glória no demasiado apertado terno estava ali, com um sorriso no rosto.

— Posso dar uma olhada? — Ele perguntou. — Você não tem nada a esconder, né?

Eu abri a porta e lancei a mão.

— Seja meu convidado. A Loja é nesse caminho. — Comecei a andar para frente, e senti os olhos de Claude na minha bunda o tempo todo. Eu ouvi a porta se fechar com um clique e os mocassins acentuados de Claude cruzaram o chão atrás de mim. Eu continuei com o que eu estava fazendo, e o detetive lentamente percorreu a Inksomnia.

— Eu sempre soube que você era um pouco esquisita, Srta. Poe — disse ele, olhando através dos livros de arte. Ele olhou para cima e sorriu. — Agora que você

está toda crescida, eu aposto que você ainda é esquisita, né? — Ele moveu-se para a mesa e computador. — Sem livro de clientes?

— Bem vindo ao século XXI, vovô — eu disse. — Está tudo no computador. — Eu não gostava dele em minha loja, e não gostava dele tocando os meus pertences. Eu queria que ele se fosse.

— Você se importa? — Ele disse, inclinando a cabeça careca em direção à tela. — Basta puxar os arquivos de sexta feira passada.

Isso me forçou a aproximar-me dele, e eu engoli minha raiva e assim fiz. Eu loguei, puxei o arquivo das anotações de clientes, embora eu não tivesse ideia do que ele pensou que poderia encontrar lá e virei à tela para ele.

— Divirta-se.

No segundo seguinte, Claude moveu-se atrás de mim e roçou contra minha bunda. Eu pulei, e ele riu.

— Você se lembra quando sua bunda punk estava na minha prisão semanalmente? Toda viciada e chapada? — Eu congelei e ele se inclinou mais perto. — Você foderia qualquer coisa por uma dose naquela época. — Ele deixou cair um pequeno objeto envolto em papel celofane do tamanho de um rolo de moedas de dez centavos na minha mesa, e sua mão se moveu para a minha bunda. — E que tal agora? — Ele disse, sua voz rouca, sua respiração mais grossa. — Pelos velhos tempos?

Eu reagi, eu sabia que ia conseguir minha bunda na cadeia, mas eu não me importava. Dei-lhe uma cotovelada no estômago, e quando ele caiu para trás, eu atei meus dedos em um punho apertado e virei-me, pegando Claude bem no nariz. Ele cambaleou para trás, limpou o sangue escorrendo pelo seu rosto. Ele não estava chocado ou surpreso, mas parecia que eu o tinha excitado ainda mais.

— Putinha agressiva, não é? — Disse ele sorrindo. — Isso vai te custar.

Mas ele me surpreendeu, em um movimento que eu não esperava, ele me bateu bem na boca. Senti meu lábio se cortando novamente, e no momento seguinte, eu dei uma joelhada em suas bolas. Claude não teve tempo para reagir depois disso, ele nem sequer teve tempo para cair de joelhos.

Eli surgiu, estava de repente ali, enfurecido, e vi com horror quando ele agarrou o detetive pelo pescoço e o levantou do chão. O rosto de Eli contorcido, sua mandíbula transtornada e dentes pontiagudos caíram ao longo, seus olhos ficaram

opacos, e urina escorria da perna de Claude Murray até o chão. Eli colocou seu rosto perto do detetive.

— Deixe. Ela. Em. Paz. — Eli rosnou, sua voz diferente, escura, ameaçadora. Claude suspirou, engasgou, e diante dos meus olhos, eu vi a cor drenar completamente de seu rosto. Seu corpo estremeceu, contorceu-se, e depois ficou parado. Muito, muito parado. Olhos sem vida olharam para mim, e as minhas entranhas congelaram. Eli o deixou cair no chão. O detetive tinha acabado de morrer de susto.

Eu fiquei lá, tremendo, como fazia Eli. Seu rosto voltou ao normal, suas presas escorregaram para dentro. Seus olhos permaneceram opacos enquanto sua fúria diminuía lentamente. Eu não disse nada, simplesmente olhei para o corpo de um detetive SPD morto no meu chão.

— Chame os meus irmãos — disse ele, com a voz nervosa, e virou as costas para mim. — Chame Preacher. — Ele pegou a droga e a enfiou no bolso.

Fiz o que ele pediu, mas minha mente estava zumbindo. Chamei Preacher primeiro, depois Phin. Preacher apareceu primeiro.

Meu avô substituto entrou pela parte de trás e veio direto para mim.

— Diga-me o que aconteceu, menina. — ele disse, e estendeu a mão com o polegar e limpou o sangue do meu lábio. Contei-lhe sobre o Panic Room, sobre Kelter, e sobre eu sendo questionada ontem.

— O detetive apareceu enquanto Eli estava tomando banho. Ele... queria ver o lugar. — Eu esfreguei a parte de trás do meu pescoço. — Então, eu não sei... ele começou a falar obscenidades para mim, em seguida, colocou as mãos em mim. — Eu olhei para Preacher, e foi só então que eu percebi que os outros três Dupré, incluindo Gilles, tinham entrado. Olhei para eles e continuei. — Eu reagi... lhe dei uma cotovelada, e então eu dei um soco. — Eu olhei para Eli, cujos olhos estavam quase de volta ao normal, mas ele ainda estava em silêncio, furioso. — Eli não o matou. — eu disse fervorosamente. — Ele não matou. Eu acho... que ele teve um ataque cardíaco depois de ver a mudança de Eli.

Preacher começou a falar em francês com Gilles, eu, claro, não sabia o que ele falou.

— Preacher está contando ao meu pai o que Murray fez a você quando criança. — Phin ofereceu, e eu dei-lhe um aceno de agradecimento.

Olhei para Gilles, e ele olhou para mim.

— Não se preocupe, chère, tudo ficará bem. Em breve você vai aprender que uma criatura do entardecer preza, além da imaginação mortal, o que é seu, e irá proteger ferozmente se desafiado. — Ele olhou para Eli, para baixo para o detetive e de volta para mim. — Não mais rotineiramente matamos, neste caso, não poderia ser evitado. — Gilles e Preacher saíram juntos e continuaram a falar em francês. Eli me agarrou pelo cotovelo.

— Vá lá para cima, Riley — disse ele. — Josie e minha mãe estão a caminho. — Ele olhou para trás, para o detetive. — Temos que cuidar das coisas agora. — Ele passou um dedo contra minha bochecha. — Eu não poderia evitar.

Eu cobri sua mão com a minha.

— Sim, eu sei. — Nossos olhares se demoraram por um momento, e eu nunca tinha sentido o peso do olhar de um homem antes, como eu fazia com Eli. — Diga-me que isso vai ficar bem — eu pedi. Eu queria muito que ele dissesse isso.

— Isso vai — disse ele. — Eu prometo.

Eu parti, então, sem olhar para trás. Eu não queria ver mais do que eu já tinha. Eu não queria pensar em como eles se livrariam do corpo do detetive, seu carro, ou qualquer traço de ele estar e morrer no Inksomnia. Eu tinha que confiar em Eli, e eu encontrei-me surpresa mais uma vez, eu realmente confiava nele. Não foi até que eu estava lá em cima, e Josie, Elise, e Estelle estavam sentados na minha cozinha, que eu senti como minha energia havia drenado. Sentei-me à mesa, Estelle fez-me um bule de chá, e duas vampiras, uma esposa de um médico de uma de raiz Gullah e eu fizemos companhia uma a outra.

Era tão estranho que quase soltei uma gargalhada. E se eu pensei que era estranho, mais tarde, quando todos nós fomos ao Wal-Mart para pegar algumas necessidades para a minha estadia no Duprés? Agora, isso foi vibrante. À medida que entrávamos pelas portas duplas automáticas, uma mulher entre trinta e quarenta anos em pé nos quadros de avisos chamou minha atenção. Sua expressão desanimada quando ela espetou uma foto no quadro de cortiça me fez doer por dentro.

Eu a olhei por alguns instantes enquanto ela olhava para a foto, e meus olhos seguiram os dela para a imagem, um jovem rapaz da idade de Seth, usando um boné de beisebol do Atlanta Braves e sorrindo como se não houvesse nada melhor

na vida. Ela acariciou seu rosto e foi embora, e eu continuei a olhar para a parede. Em três das fotos, eu reconheci os amigos de Seth. Havia muitos mais pendurado.

— Isso vai terminar em breve, chère — Elise disse, colocando a mão no meu ombro. — Vamos levar os meninos para a segurança e corrigir isso. Meu marido, Eli e seus irmãos, seus companheiros escuros, eles nunca falham.

— Isso é certo, bebê — disse Estelle, e ela deu o seu braço escuro através do meu braço branco como neve. — Os rapazes são resistentes como pregos. Eles não vão desistir. Tampouco nosso Preacher, isso é certo.

Josie me observava com curiosidade, ela me surpreendeu com o quanto de seu ambiente ela absorvia por apenas ouvir os outros. Até mesmo ela me deu um sorriso.

— Não se preocupe.

Mais tarde naquele dia, quando eu estava me arrumando no apartamento, chegou a notícia anunciando a morte de um dos melhores de Savannah, detetive Claude Murray, ele tinha sucumbido a um problema cardíaco de longa data. Seu funeral será em dois dias. Eu não perguntei como, nem porquê. Eu simplesmente senti alívio e um pouco de culpa. Eu odiava aquele cara estranho, e lá dentro, eu não estava triste que ele grunhiu, mijou nas calças ao longo da visão da transformação de Eli. Nem um pouco triste.

Ao longo dos próximos dias, os Duprés me colocaram sob os exercícios mais vigorosos que já experimentei. Durante o dia, fiquei na torre no andar superior, e todo mundo tinha uma dica para mim, cada membro da família tinha algo único para oferecer. Josie me ensinou o mais recente em acrobacias, eu agora poderia correr em direção a uma parede, correr para cima um caminho, e virar completamente.

Meu corpo sentia-se forte, vibrante, vivo. Eu me senti como aqueles caras em *The Matrix Reloaded*. Chame-me de Neo. Eu sou o escolhido. Em vez disso, eu fui até Luc, para ele me colocar no chão. Você sabe, há aqueles caras do clube da luta que chutam e socam e ficam loucos quando eles brigam, e então há aqueles, como Luc, que quase podem permanecer absolutamente imóveis e pegá-lo completamente desprevenido enquanto tira-lhe os sentidos. Ele me mostrou alguns movimentos, e eu comecei a praticar. Ele me deixou ganhar um par de vezes.

Phin era um trapaceiro fantástico e jogador. Claro que, mover-se como um relâmpago ajudou, mas a sério, ele era um bom corredor livre em seu próprio estilo. Quando não estávamos na torre, nós estávamos do lado de fora, trabalhando em todos os planos e superfícies planas da casa Dupré, seus anexos, a sua parede. Eu já tinha habilidades naturais e capacidade atlética, mas aperfeiçoar os movimentos de um corredor livre ia levar um pouco de tempo. Ainda assim, quando eu fiz isso no telhado pela primeira vez, eu gritei como uma líder de torcida.

Elise era uma atiradora especialista quando se tratava de lançar uma lâmina, ela tinha sido ensinada pelo melhor: o seu marido. Graças a Deus, eles não participavam das práticas, onde eu usava um alvo em movimento. De jeito nenhum, eu poderia ter jogado uma lâmina naquela pequena doce mulher, não importa que ela poderia rasgar uma garganta em um piscar de olhos.

Claro que, na minha opinião, Eli era o mestre de todos. Sim, todos. Dentro e fora do tatame da torre, eu poderia acrescentar. Ele era muito rápido, poderia correr livre como um filho da puta, e rivalizava com sua mãe com precisão na lâmina. Eu suponho que quando você vive por tanto tempo quanto eles, você tende a apenas ficar bom em outras coisas. Eu não tinha uma formação de pelo menos um século, mas eu tinha um coração cheio de determinação. Eu sabia que essa era a única maneira que eu seria capaz de ajudar o meu irmão.

De jeito nenhum, Eli ira me deixar chegar perto dos meninos, tão perto da conclusão da sua transformação, sem um pouco mais de treinamento. Eu trabalhei duro, todos os dias, todo o dia. Não foi até o quarto dia de treinamento que eu comecei a me sentir cansada. Extremamente cansada, como se estivesse com uma gripe ou algo assim. Meu corpo doía e era mais do que apenas a dor do treinamento, ou das maratonas de sexo com Eli. Eu não queria parecer como uma molenga, assim eu mantive para mim mesma. Eu odiava uma reclamante de qualquer maneira.

O interior da casa Dupré era enorme, você poderia literalmente passar dias dentro sem trombar com alguém, se era isso que você queria. Como vampiros, eles condensavam cerca de duas horas de sono durante o meio do dia, o resto do tempo eles estavam acordados, fora de casa, misturando-se com a sociedade de Savannah. Elise amava lojas de antiguidades. Gilles gostava de ir para o campo de tiro e tinha uma coleção de armas em massa. Era tudo muito esclarecedor.

Eu fiquei com Eli, não havia nenhuma dúvida sobre isso desde o início. No momento em que eu cheguei, ele tinha levado minhas malas e me levou direto para a ala oeste do terceiro andar, a uma câmara enorme. Dentro havia uma grande lareira, uma cama king-size com mensagens esculpida nas cabeceiras, e uma cortina branca transparente. E era... perfeito.

Gilles e Elise estavam no primeiro andar, os outros tinham quartos no segundo andar. Philippe, o mordomo tinha um quarto na parte de trás do primeiro andar, e ficava com os Duprés todos os dias. Ele era um cara bastante legal, e eu sempre o pegava verificando minhas tatuagens. Muito engraçado se você me perguntasse. Aposto que ele queria uma.

Assim, enquanto os meus dias foram preenchidos com treinamento, tipo Parris Island, treinando como caçadora de vampiros maus, minhas noites foram preenchidas com bordas mais sombrias, lugares mais maltrapilhos no distrito histórico, e acompanhar os meninos. Os Arcoses mudavam-se para um lugar diferente a cada noite, tornando-se mais difícil manter um olho neles. Eram lugares crônicos, embora escuros, onde as crianças que procuram problemas certamente encontram alguns. Eles ofereciam drogas, álcool, até mesmo mulheres.

Horrorizada, eu testemunhei duas prostitutas serem mortas; nós tínhamos evitado muitos outros de se tornarem presas. Eu sabia onde a mais escura das almas saía depois do anoitecer, eu costumava ser uma delas. Após a morte de Kelter Phillips, o Panic Room tinha fechado suas portas. Agora, o Morgue e Asylum ambos estavam cheios, explodindo. Raramente Eli deixa-me fora de seu alcance quando dentro, também. Ele sabia que eu poderia lutar, ele tinha me visto chutar a bunda de Luc muitas vezes, embora Luc tivesse atenuado as suas habilidades para combinar com as minhas mortais. Ainda assim, Eli era severamente protetor sobre mim e meu corpo.

Uma mão tateando a bunda e ele espalhava a multidão apenas para descobrir quem fez. Honestamente. Eu tinha lidado com vermes tantas vezes no meu passado que não me ofendia. Esses caras eram patéticos, e não demorou muito para eu empurrar um braço pelas costas de algum porco, ou torcer um conjunto de bolas até o idiota gritar como uma menina. Eli não gostava de outros tocando-me, ele secretamente amava quanto fodona eu era. Eu sabia.

Era a minha terceira noite na Casa Dupré, e Eli tinha deixado-me imersa em um banho para ir falar com o pai.

— Não vai demorar muito — disse ele, seus olhos me acariciando, me fazendo estremecer. — Espere por mim.

Eu sorri.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Eu não era geralmente um tipo de menina banho de espuma, mas droga. Esta não era uma banheira comum. Era uma banheira de cobre, e ela era malditamente enorme.

Quem poderia deixar passar? Então eu fechei os olhos e descansei minha cabeça contra o travesseiro de ar e, honestamente, eu não queria dormir, mas eu fiz.

Eu esperava que estar em covil de outro vampiro iria manter os sonhos longe, e estava tão totalmente errada. O que era pior era que, após o incidente com o detetive, nós tínhamos meio que esquecido de dizer a Gilles. Em vez disso, Eli esqueceu, o que me surpreendeu. Eu não esqueci. Eu só queria ser poupada da humilhação. Eu suponho que Eli deixou passar, uma vez que nós nos estabelecemos juntos, e os sonhos aparentemente pararam. Eles estavam agora de volta.

Eu estava correndo através de um denso bosque escuro. Tudo ao meu redor estava cinzento, desolado, incolor, mas a floresta estava viva. Corri, assustada, com os pés descalços, o meu longo cabelo preto pendurado livre pelas minhas costas, e uma fina e transparente camisola branca com tiras de cetim finas agarrada ao meu corpo pálido.

A chuva começou a cair, e logo a camisola estava completamente encharcada e límpida, e ainda corria, mas eu não sabia se estava correndo para alguma coisa ou de alguma coisa. Eu estava com medo. Enquanto eu passava as árvores, notei-o. Ele usava calças pretas enfiadas em botas pretas altas e uma camisa transparente branca com mangas onduladas e laços no pescoço. Sua pele pálida, impecável estava em contraste com a escuridão de seu cabelo, e olhos castanhos escuros me seguiram enquanto eu corria.

Quando eu pensei que tinha o deixado para trás, ele surgiu a partir de uma outra árvore, depois outra, sem parecer se mover. Desta vez, ele estava sozinho. Nenhuma outra mulher. Apenas ele, eu e a floresta.

Não, eu senti outro, um outro homem. Eu não podia vê-lo, mas sabia que ele estava ali, à espreita. Eu continuei a correr até que tropecei em uma raiz escondida por folhas mortas caídas. De repente ele estava lá, me puxando para cima, e eu arfei com a sua beleza. Foi quando eu ouvi a sobrecarga de gritos, acima do dossel da floresta. Eu sabia que os alados, criaturas com presas, estavam de volta, e eles me queriam. Eu também o conhecia agora: Victorian. Eu não queria que ele soubesse que eu o conhecia.

— Se você quer seu irmão livre, você tem que vir para mim — disse ele, e seus olhos se tornaram opacos. — Eu quero você para mim. Todas essas coisas que eu mostrei são os meus sonhos. Vinde a mim, Riley Poe, mas não diga aos outros. Venha sozinha, e vou deixar o seu irmão livre de sua maldição. Sua vida pela dele. — Ele acariciou meus seios através do material todo molhado, e eu tremi. — Você não vai se arrepender. — Ao meu peito, ele colocou o broto de uma rosa vermelho-sangue...

Meus olhos se abriram, e eu me encontrei ainda sozinha no enorme banheiro. A água tinha virado morna, as bolhas haviam dissipado. Uma brisa entrava pela janela até o chão aberto, e quando olhei para a água, meu coração parou. Flutuando ao meu lado estava o botão de uma rosa cor de sangue. As palavras de Victorian soaram em meus ouvidos. *Sua vida pela dele.* Eu tremia, peguei o botão, e sai da banheira. Como ele tinha estado aqui sem os outros detectá-lo? Assustador. Sinceramente assustador. Por que ele estava tão obcecado por mim?

Seria um último recurso. Eu tentaria o caminho dos Duprés primeiro. Eu queria, na verdade, estar ao redor do meu irmão depois de recuperado. Mas, no final, se resumisse a isso? Sim, diabos, sim, eu trocaria minha vida pela do Seth. Eu tentei com todas as minhas forças vislumbrar os Arcoses no armazém. Tinha sido o suficientemente longe para não ter visto seus rostos em detalhes, e não até que ele tenha se transformado, de qualquer maneira. Mas eu tinha dificuldades em acreditar que o cara bonito no meu sonho, Victorian, era um dos caras no armazém. Eles tinham... o que Gilles tinha dito? Vinte um e vinte dois? Eu estava tendo sonhos pornográficos sobre um cara de vinte e um anos de idade? *Oh, Pai.*

Como eu estava dizendo: Cada dia foi gasto treinando. Embora eu certamente desejasse que nunca tivesse que realmente usar qualquer uma das minhas novas habilidades, eu trabalhei duro, e esperava que se isso virasse uma luta, o meu treinamento iria compensar. À noite nós correríamos nas ruas, vigiávamos os

clubes e os becos fora dos clubes, e procuraríamos em prédios abandonados. Não tínhamos sido capazes de encontrar os Arcoses desde aquela noite no armazém, e o tempo estava se esgotando. Logo eles estariam totalmente restaurados, e a transformação de Seth estaria terminada. Ele mataria. Ele se tornaria um assassino.

Uma vez que tínhamos terminado a corrida pelas ruas, nós íamos para os Duprés, e Eli e eu íamos para nosso pequeno pedaço de céu na terra. Ele era a única coisa que podia aliviar a minha mente dos problemas em mãos, a única alma que podia me confortar. Não havia uma palavra para descrever o sexo com Eli, eu tinha tentado várias, e todas não chegaram perto. O homem literalmente me fazia perder minha mente. Só o seu olhar me excitava. Suas mãos e boca me faziam implorar pela liberação. Não era meramente sexo. Era... algo que eu não conseguia definir. Algo que eu nunca quis ver acabar. Algo que, infelizmente, eu senti que iria.

Quando os sonhos deixaram de ser sonhos e começaram a acontecer quando eu estava bem acordada, foi quando eu soube que a merda estava prestes a bater no ventilador. Eu não sei como ele fazia isso, mas de alguma forma, Victorian colocou pensamentos na minha cabeça... imagens, visões, pedidos. No início, eu tinha virado ao redor para ver quem tinha falado comigo. Eu tinha me encontrado completamente sozinha. As palavras eram sempre sedutoras: *Venha comigo. Eu quero você. Eu preciso de você. Deixe-me tocá-la. Sinta-me dentro de você. Beije-me. Me tome. Ame-me para sempre.*

As palavras me abalavam, eu não sabia o que esperar, ou se ele poderia me ouvir se eu respondesse. Eu nunca fazia, só mantinha isso em segredo. No dia que Preacher apareceu na Casa Dupré com uma dúzia de Gullah, eu sabia que nosso tempo estava acabando. Eu fiz um juramento solene para aprender o francês uma vez que isto estivesse acabado. Sempre que Preacher e Gilles ficavam juntos, isso era tudo que eles falavam.

— A transformação está quase finalizada — disse Josie ao meu lado, ouvindo-os. Nós estávamos nos preparando para sair para a noite, quando eles tinham aparecido. — Preacher diz que os Arcoses estão quase totalmente rejuvenescidos. — Ela olhou para mim. — Ele está certificando-se de que nós protegeremos você.

Eu usava minhas calças de couro e botas e uma camisa sem mangas, preta, de lycra confortável, e debaixo da jaqueta de couro preta eu tinha escondido várias lâminas de prata nos vários bolsos e coldres. Sim, todo aquele couro no auge de Agosto. Eu estava tão quente quanto o inferno, mas era uma boa proteção. Eli tinha me carregado para cima, e quando o buraco não se encaixou perfeitamente à lâmina, ele conseguiu encaixar. Eu tinha duas enfiadas em cada bota. Eu só rezava para não empalar a mim mesma. Era pôr do sol quando saímos.

Nós fizemos nosso caminhos nas motos até Withaker, parando por vários lugares, sem sorte. Nem um sinal de Riggs, Seth ou os Arcoses. Verificamos as docas, nada. Nós ainda verificamos os armazéns no extremo oeste da River Street. Nada. Corremos quase toda a noite, mesmo depois que Eli checou com Ned Gillespie, que alegou atividade vampírica zero na área do Tybee. Já estava quase amanhecendo quando voltamos para casa, e nenhuma vez tínhamos visto um único garoto de capuz. Meu estômago queimou com o pensamento da transformação vindo a ser concretizada. Eu não ia deixar isso acontecer. E foi por isso que eu vim com um plano.

Eu perderia minha cabeça. Novamente. Mas pelo meu irmão eu faria qualquer coisa.

Entramos na pequena área de cozinha, Gilles e Elise, cada um tinha um copo grande de “V8”, e sentei-me e os olhei nos olhos.

— Eu quero parar de usar as ervas, para que meu sangue atraíam Victorian e Valerian fora do esconderijo.

— Não — Eli disse imediatamente, e não para mim. — De jeito nenhum, Papa.

Eu ignorei os argumento de Eli e procurei o olhar azul de Gilles.

— Por favor. Você sabe que isso funcionaria. E não temos mais tempo. — Eu segurei suas mãos com a minha e implorei. — Quero meu irmão de volta. Por favor.

— Eu proíbo isso — Eli disse com raiva. — Riley, infernos, não.

O olhar de Gilles não vacilou, ele não olhou em nenhum outro lugar para aprovar.

— Você é uma guerreira imprudente, ma chère — disse ele, e seu olhar profundo fixo no meu. — Você entende perfeitamente o que isso significaria, você parar de beber suas ervas especiais?

— Sim. — eu disse.

Eli agarrou e puxou-me para fora da cadeira.

— Não, Riley, você não entende! — Disse ele, enfurecido. — Alguma vez você já assistiu uma matilha de cães encurralado, sem comida ou água por duas semanas? Você sabe o que eles fazem para qualquer coisa remotamente comestível? — Ele puxou seu rosto perto do meu. — Isso é o que os Arcoses fariam com você, assim como Seth e os outros recém criados. — Ele me balançou. — Entende isso?

— Filho, deixe-a ir — disse Gilles. — Ele está certo, porém, minha querida. É arriscado. Nós, — ele fez um gesto com as mãos para a sua família — certamente teremos que ser extra-dosados por Preacher.

— Papa, você não está seriamente considerando isso? — Disse Eli.

— É decisão dela, não sua.

Eu nem sequer tinha que pensar sobre isso.

— Sim. Isso é o que eu quero fazer — Eu olhei para Eli. — Eu vou ficar bem. Eu quero acabar com isso, Eli. Quero meu irmão de volta em segurança.

Eli olhou para mim sem acreditar e, em seguida, deu uma risada cínica.

— Oh meu Deus, Riley. — Ele saiu, com as mãos ao redor da parte de trás do seu pescoço. — *Foda-se.*

— Não deixe que o temperamento dele preocupe você, chère — disse Elise. — Ele é muito protetor sobre você, como pode ver.

— Além disso — disse Gilles. — Com as ervas fora de seu sistema por apenas um dia, o seu sangue não vai revelar plena potência. Talvez, porém, apenas o suficiente.

— Isso é um alívio — eu disse e dei-lhe um olhar sincero. — Obrigada.

Meu relógio interno havia retornado para minha agenda adolescente: a noite toda fora, dormir o dia todo. Apenas Eli estava irritado, e ele não estava disposto a deixar-me dormir o dia todo. Ao meio-dia ele me acordou, irritado, desesperado para me fazer mudar de ideia. Ele tentou de tudo, inclusive sexo. Não, tão forte quanto era, minha mente não seria alterada. Ele saiu correndo ainda mais chateado do que tinha estado antes. Nós treinamos na torre. Ele chutou a minha bunda.

Preacher veio com um suprimento para os Duprés, o terceiro naquele dia. Falando em se afundar. Phin segurou sua barriga tanquinho enquanto ele bebia mais um copo.

— Eu estou muito cheio.

Eu achei isso estranho e hilariante ao mesmo tempo.

— Uau. Ficar cheio com ervas desconhecidas apenas para evitar sugar meu sangue. Bom.

Ele sorriu. Luc sorriu. Josie sorriu.

Eli permaneceu inacessível.

Ao cair da noite, estávamos prontos.

— Só uma coisa a fazer, ma chère — disse Gilles. — Você deve esperar para fazer isso. É muito cedo e você vai causar um frenesi que até meus filhos, eu e Elise, e seus companheiros sombrios não serão capazes de controlar.

— Ok — eu disse. — O que é isso?

Ele puxou uma lâmina do meu cinto.

— Você tem que se cortar e expor o seu sangue. Em seu estado diluído pode não ter a potência que normalmente tem.

— Ótimo — eu disse, e acenei com a cabeça. — Tudo bem.

— Espere pelas palavras de Eli. — Ele alertou. — Entendeu?

Eu balancei a cabeça.

— Não se preocupe. — Carregada com prata e um corpo inteiro de tentador O positivo, eu saí com Eli. Ele estava tenso, raiva fervia logo abaixo da superfície, e isso apareceu.

— Você faz exatamente o que eu disser para fazer, Riley. — disse ele, virando-se e olhando para mim na moto. — Juro por Deus, é melhor.

— Não se preocupe — eu garanti-lhe. — Eu prometo que vou esperar por você.

Chegamos no Morgue e no Asylum e o encontramos vazio antes de achar um lugar chamado Decay 11, um conjunto de punk em uma garagem abandonada fora de East Broad. Era novo para mim, não existia em torno dos meus anos adolescentes e eu tive que fazer algumas ligações para conseguir o endereço. Nós o encontramos em um edifício de metal simples que outrora abrigou uma oficina mecânica, o cheiro de óleo de motor velho ainda enchia o ar. Uma vez lá dentro,

não notamos nada de anormal, não no início. Eu aproximei-me do bar e ouvi um cara em um telefone celular falando de uma festa na Bonaventure, uma festa não para frangotes, de acordo com ele.

— Parece uma festa irada — disse ele, olhando para mim e sorrindo. — Sim, eles já foram para lá. Estou bem atrás de você, cara. Este lugar arrasa esta noite. — Ele fechou seu celular, guardou no bolso, e se aproximou de mim. — Hey, baby. Quer ir a uma festa comigo?

Não é um cara feio, com cabelo castanho curto e os olhos um belo tom de azul. Eu balancei minha cabeça.

— Obrigada pela oferta, mas eu estou com alguém.

Ele roçou o polegar sobre o meu queixo.

— É uma pena. Bonaventure, se você mudar de ideia. — Ele sorriu e foi embora. Vi-o passar entre a multidão até que ele se aproximou da porta. Achei que valia a pena conferir, especialmente desde que nós estávamos correndo contra o tempo. Havia apenas um caminho para o Cemitério Bonaventure após o horário, e isso era esgueirar-se dentro. Ao longo da cerca preta de ferro forjado. Fiquei contente desta vez que estava de calças. Sem luar esta noite.

Assim que estava prestes a chamar Eli, ele apareceu. Ele moveu as mãos nas minhas costas e inclinou-se.

— Eu ouvi. Vamos. — Ele olhou para mim. — Para registro, o cara quase perdeu um dedo.

Eu não duvidei nem um pouco. Lá fora, Phin e Luc se encontraram com a gente, Gilles, Elise e Josie iriam nos encontrar no Bonaventure e fomos pela calçada, subimos nas motos, e nos dirigimos para o Rio Wilmington. Estacionamos as motos ao longo da Thirty-sixth Street, pouco antes de virar na Bonaventure Road, e andamos o resto do caminho até o cemitério. A lua cheia, uma grande esfera lunar branca, lançava um brilho nebuloso sobre o cemitério. Pelo menos não estaria quieto e totalmente escuro. Antes mesmo de chegar às portas da frente, um riso veio do rio.

— Eles estão na parte de trás, perto do rio — eu sussurrei, encostada em Eli. — A pedra do inferno é lá atrás. — Eu olhei para ele. — Por que eles fariam isso?

— Sem razão. — Eli disse, agarrando meu braço. — Talvez essa seja a vitória para eles. Algum pequeno golpe estranho. Quem sabe? — Ele olhou para mim, com

o rosto severo. — Eu não gosto dessa sensação, e eu tenho a maldita certeza de que não quero você aqui.

— Há mais de uma dúzia deles — lembrei a ele. — E apenas seis de vocês, além de mim.

— Nós só precisamos matar dois: os Arcoses. — disse Phin. — Além disso, os homens de Preacher estão chegando agora.

Eu olhei, e com certeza, a van de Preacher estacionou logo atrás das motos. Oito grandes caras saíram do veículo e começaram a se mover em nossa direção.

— Bem. Ótimo. — eu disse. — Meu avô Gullah está trazendo um saco de pó para uma guerra de vampiros. Eu me sinto melhor.

— Ele é mais forte do que você pensa — disse Eli. — Confie em mim. Ele pode aguentar mais do que você pensa.

— Espero que você esteja certo — eu respondi. Isso ainda me preocupava. Preacher era velho demais para estar aqui.

Eli me agarrou e me virou para ele.

— Isso poderá ficar... feio, Riley. Muito ruim. — Eli disse — Não esqueça sua promessa para mim.

— Eu sei — eu respondi. — Eu não esquecerei. Eu estou pronta.

O olhar fixo de Eli se prendeu no meu.

— Eu posso sentir o seu nervosismo.

— Mas você pode sentir o cheiro do meu sangue especial? — Eu perguntei, e inferno, sim, eu estava nervosa. Eu era como um bife dos desenhos animados com as penas a correr em torno de uma matilha de cães deliciosamente famintos.

— Não — ele disse calmamente. — Eu não posso.

A Mercedes dos Duprés estacionou, e Gilles, Elise e Josie saíram e caminharam ao nosso encontro.

— É hora — disse Gilles, como se tivesse ouvido toda a conversa. Ele e Elise fugiram para a escuridão. Eu teria quase que ver para crer, Gilles e Elise em uma briga vamp. Josie deve ter lido meus pensamentos, porque ela me deu um sorriso malicioso.

Eu acho que os festeiros pularam a cerca para Bonaventure, assim como eu fiz naquela noite não muito tempo atrás. Mas eu estava na companhia de jovens vampiros corredores, e eles pularam e escalaram os portões tão rápido que fez

minha cabeça girar. Os segui, apenas um pouco mais lenta, com Eli atrás de mim. Eu estava realmente orgulhosa das minhas novas habilidades, mesmo que elas fossem muito mais lentas do que as dos Duprés. Uma vez dentro, nós nos arrastamos ao longo da cerca de ferro em direção à parte de trás, seguindo o riso vindo do rio.

— Isso vai ser um banho de sangue — Luc disse, olhando ao redor. — Eu posso sentir isso.

— Nós somos experientes, não como esses recém criados. — disse Josie. — Nós estamos prontos para eles.

A medida que caminhávamos entre os túmulos, uma meia-lua filtrou através do dossel de carvalhos e cornisos e causou grandes sombras caindo das lápides e estátuas de mármore de Bonaveture. Uma leve brisa roçou minha bochecha, e eu observei o balanço do musgo, podia ouvir o farfalhar do capim-serra na beira do rio, a água batendo na praia. Ainda sem cigarras, grilos, nem mesmo sapos. Minha pele estava gelada, minhas entranhas frias. Como Luc, eu tive um mau, mau pressentimento. Eli deve ter lido meus pensamentos, conforme seus dedos encontraram as minhas costas.

Nós nos movemos em silêncio, e quando passei por uma estátua de mármore branco de uma jovem, com os braços estendidos, e a expressão triste no rosto, eu tremi. A forma como as sombras caíram nela e acrescentaram uma expressão ameaçadora para a sua tristeza? Parecia escuro, aterrorizantes, e... apenas errado. Eu não tinha tido medo do cemitério, mas hoje à noite, eu estava desconfiada. No limite. Cautelosa. Adrenalina rasgava através de mim, encerrada, ansiosa para ser liberada.

Você pertence a mim.

Eu virei minha cabeça para a esquerda e para a direita, olhando para o alto-faltante até que eu percebi que tinha vindo de dentro da minha cabeça. Era ele. Victorian. Eu reconheceria agora sua voz em qualquer lugar.

Sim, sou eu. Um banho de sangue pode ser evitado se você vir para mim.

Olhei para Eli, ele não tinha ideia do que estava acontecendo. Nem Luc, Phin ou Josie.

Só você pode ouvir minha voz. Nem os Dupré, nem seus homens mágicos Gullah. Só você, amor. Seu irmão vai morrer hoje à noite, a menos que você termine

isso agora. Venha comigo. Eu desejo você, Riley. Eu imploro seu corpo. Eu sei por suas reações que você me deseja também. Eu tenho que ter você. Eu juro que você nunca vai se arrepender.

Eu procurei em torno de mim, não via nada além do brilho tênue do fogo perto do rio, lápides ameaçadoras, árvores sombrias. Meu coração batia furiosamente, e Eli se virou para olhar para mim.

— Eu posso ouvir seu coração acelerado — disse ele, acariciando minha bochecha. — Você não tem que fazer isso.

— Eu estou bem. — insisti, e depois que ele me olhou por alguns segundos, nós continuamos. O ar sensual, tingido, espesso com salmoura pendurado como uma névoa sobre os túmulos, varas estalavam enquanto eram jogadas no fogo perto do rio, tampas de cervejas apareciam, o riso aumentava. Tivemos que nos apressar.

Você nasceu para ser minha, Riley Poe. Você não pode resistir. Eu tenho assistido você nos sonhos e senti seus tremores de êxtase. Eu fiz você gozar mais de uma vez. Você se lembra?

Eu não respondi. Eu queria, mas eu não fiz.

Não importa. Ainda posso ouvir todos os seus pensamentos. E quanto a esse que está em frente a você, com quem faz amor, vai esquecê-lo em breve. Você não conhecerá nada além do meu toque, minha língua. Para sempre. Eu sei que você queima por mim. Eu tenho observado você.

Só então, o caos irrompeu em torno de nós. Das árvores e criptas no rio, os meninos de moletom com capuz saltaram, viraram e desceram sobre o grupo festejando a redor do fogo. O cheiro de maconha flutuava em uma brisa. Minhas entranhas congelaram quando nada menos do que quinze crianças moveram-se como um relâmpago, e eu sabia que Seth era um deles. Os caras no fogo praguejaram, um jogou uma lata de cerveja. As crianças, recém criados, avançaram, devagar agora. Brincaram com eles. E então isso começou.

Um menino encapuzado passou de um ramo de carvalho de baixa altitude e caiu dentro do círculo de festeiros. Com uma força que me pegou desprevenida, ele agarrou um cara e o puxou para cima, e à luz do fogo bruxuleante, vi cair presas de sua mandíbula, o seu jovem rosto contorcido, e ele afundou-os na garganta do festeiro gritando.

Então os gritos começaram.

— Nós temos que nos mover agora — Eli disse. Ele olhou para mim. — Espere por mim.

A confusão espalhou o fogo, quando o grupo de festeiros tentou fugir, recém criados pularam e os perseguiam, e atrás deles os Duprés. Luc jogou dois recém criados para o rio, outro do outro lado do fogo para a cripta. Josie travava um jovem de capuz, de alguma maneira eu imaginava que fosse meu irmão, mas eu não conseguia ver seu rosto. Phin prendeu três encapuzados de uma vez, e por trás dele, vi Eli. Ele se moveu rápido, tão rápido que meus olhos não podiam acompanhar. Ele lutou com um louco e atirou três encapuzados como foguetes. Eu vi alguns parentes de Preacher parados, Gilles e Elise também. Era tudo tão surreal, inacreditável, minhas pernas viraram borrachas. Eu não conseguia me mover. Os gritos aumentaram.

Venha a mim, Riley. Você pode acabar com tudo isso agora. Estou aqui, à sua direita, do outro lado das pedras. Você pode acabar com a matança, se você vir para mim...

Como se eu não tivesse controle, me movi para a direita. Eu esperei e rezei para que Eli me perdoasse, mas de jeito nenhum que eu ia permitir que essas jovens criaturas inocentes fossem abatidas por causa do que eles se tornaram contra a sua vontade. De jeito nenhum.

Tudo de uma vez, Eli, Luc, Phin e Josie correram para a frente, para o grupo de encapuzados e fumantes de maconha, Gilles e Elise se juntaram a eles, e foi como assistir a uma cena de batalha medieval. Eu não iria esperar mais um segundo. Não pelo Gullah, ou por Eli. Ele não percebeu que eu não precisava mais me cortar para atrair os Arcoses, eu tinha um deles esperando por mim. Não parecia que os Duprés estavam parando o banho de sangue. Isso cabia a mim. Em um movimento fluido, que moveu uma lâmina de prata do meu cinto, a agarrei. Eu continuava a me mover na direção da voz de Victorian.

Está certo. Venha para mim. Eu estou aqui, esperando por você.

Eu corri então, para onde eu não sabia, mas os gritos da fogueira aumentaram no ar da noite e pendia lá, atormentando-me. Eu olhei para trás de mim e assisti em horror enquanto os recém criados continuavam seu ataque violento. Gritos preencheram o ar da noite, o cheiro doentio de sangue contaminava o ar salgado, e ossos estalavam. Deus, eu tinha estado tão atrasada. Nós tínhamos

todos estado atrasados. Eu tropecei através da escuridão, por um caminho de terra longa que levava... a algum lugar. Eu não conhecia ninguém, eu apenas queria atrair os recém criados longe dos mortais, e Victorian seria o único a me ajudar. Victorian, e meu sangue que eu sabia que Eli e sua família seguiriam.

Só então, uma figura moveu-se de trás de uma grande carvalho. Eu parei em meu caminho; minha respiração diminuiu; meu coração bateu forte contra minhas costelas. Eu encontrei seu olhar enquanto eu pegava a faca e cortava forte. Eu sibilei enquanto a dor se espalhava através de mim. Eu tinha o mais potente sangue escorregando da minha palma e pousando na sujeira da lápide em que eu estava. Mas meu olhar tornou-se totalmente paralisado *nele*. *Victorian*. Eu rezei para que os recém criados tivessem uma lufada do meu sangue e viessem até mim.

— Eu sabia que você viria — ele disse, e caminhou na luz da lua. Como nos sonhos, ele era lindo, ele vestia roupas do século XIX, calças escuras laçadas na frente, uma camiseta branca revolta e botas pretas altas, e seus cabelos negros estavam puxados para trás em uma trança solta. A luz da lua derramava um brilho nublado através do cemitério e moldava sombras em seu rosto deslumbrante — impecável, pálido, assim como no sonho. Senti-me catatônica, admirada. Ele sorriu, e seu rosto ficou ainda mais requintado. Ele parecia muito mais velho do que vinte e um.

— Vamos embora. — ele disse e estendeu a mão.

— Não — eu disse, conseguindo encontrar a minha voz. — Você disse que poderia parar com isso. Meu irmão... os outros?

— Seus Duprés têm isso sob controle. Tudo vai ficar bem, eu prometo isso. Agora, vamos nos mover. Se o meu irmão...

— Se o seu irmão o que? — uma voz sombria, ameaçadora disse atrás de mim. Ele estava tão perto, e sua voz atormentou minhas entranhas.

Virei-me rapidamente e enfrentei outro jovem quase igualmente lindo. Roupas modernas, no entanto. Cabelos escuros, olhos escuros, pele pálida, mas diferente do mesmo jeito. Mais duro. Impiedoso. Isso eu poderia dizer imediatamente. Silenciosamente, eu gritava por Eli. Felizmente, ele ouviu.

— Riley! — A voz de Eli gritou do rio. Eu sabia que, mesmo tão rápido como ele era, nunca iria chegar até mim a tempo.

O olhar de Valerian de repente se transformou, seus olhos rolaram para trás e ele inalou o ar. Imediatamente, ele viu a minha mão sangrando.

— Pensando em manter esse animal de estimação para si, Tory? — ele perguntou a seu irmão. Duas presas afiadas caíram da mandíbula de Valerian, e ele moveu-se para mim, os olhos virando opacos, perfurando-me. — Ele nunca gostou de dividir.

— Não! — Victorian gritou, e investiu em seu irmão.

Muito tarde, Valerian tinha minha mão em sua boca, sugando com toda sua força. Victorian o afastou, e Valerian voou contra uma pedra. Antes que pudesse piscar, ele levantou e avançou até mim, olhos todo brancos, sem pupilas. Eu alcancei a lâmina presa em meu cinto, e pelo tempo que eu tinha isso em mãos, Valerian tinha agarrado meu pulso tão forte que eu senti, ouvi, meus ossos estalarem, e eu arfei. A lâmina caiu e dor tomou conta de mim, fazendo com que estrelas piscassem atrás de minhas pálpebras. Eu não tinha tempo de me mover ou deslocar, ele tinha total poder sobre mim. Com um braço, ele me segurou, e sua boca caiu contra minha garganta. No momento em que suas presas perfuraram minha pele, eu gritei. Elas afundaram-se profundamente em mim, eu senti cada centímetro e meu corpo estremeceu. Ele sugou forte por três segundos.

De repente, Valerian estava fora de mim. Eli estava ali, diante dele, a sua transformação completa, aterrorizante.

— Deixe-a. — ele ordenou, e moveu-se para frente.

Valerian riu e transformou-se, mas ele era diferente. Muito diferente. Alado e pele prata, ele parecia... horrível, nem mesmo humanóide, e ele investiu contra Eli, Eli investiu contra ele, e eles se encontraram no ar, e lutaram. Valerian lançou Eli contra uma cripta, ele ficou em pé e tinha Valerian pela garganta em menos de um segundo.

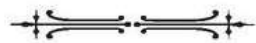
— Venha comigo — Victorian disse ao meu lado, com a voz mais escura do que antes. Seus olhos também tinham se transformado e agora estavam olhando para os buracos na minha garganta deixados por seu irmão. — Perdoe-me. Eu... não consigo resistir. — disse ele, e no próximo segundo, longas presas afiadas caíram. Assim como as de seu irmão, elas perfuraram minha pele e afundaram em uma artéria, eu estava completamente impotente e em muita agonia, eu estava

paralisada. Ele segurou o meu corpo contra o dele com força, quase como um abraço de amante, enquanto ele bebia.

Uma mão segurou meu peito, a outra segurou-me intimamente ao redor da cintura. Ele bebendo do meu sangue era... diferente. Seus braços me tocavam amorosamente, não brutalmente. Eu estava morrendo da mesma forma. Eu podia sentir isso. Eu podia sentir a urgência de Victorian no jeito que ele me sugava. Minha respiração tornou-se mais fraca, meu coração desacelerou ainda mais, e eu lutei para manter meus olhos abertos.

Tão rápido, Victorian me deixou, e eu fui empurrada, eu sabia que era forte, mas eu não tinha ideia de quão forte até mais tarde. Eu só sabia que eu bati contra algo sólido. Eu nem mesmo sei quem fez isso. Fiquei ali, meu rosto pressionado contra o musgo úmido e palha de pinheiro úmido dos terrenos do cemitério, o meu coração a abrandar, e as minhas inalações distantes uma das outras. Minha visão ficou turva, e a última coisa que eu me lembrei foi meu corpo sendo levantado. Alguém me carregava, e eu não sabia quem. Através da neblina da minha visão eu vi o caos, os corpos no chão, sangue, homens altos negros, olhos opacos, outros nas sombras. Senti-me leve, sem peso, e minha respiração tornou-se fraca. Eu queria meu irmão. Eu queria Eli. Então, a escuridão total e completa me envolveu. Escuridão e dor entorpecente excruciante.

PARTE 10



TENDÊNCIAS



Estou triste sem você.

-Epitáfio Anônimo, Cemitério de Bonventure

Meus olhos se abriram pouco a pouco, minhas pálpebras estavam tão pesadas que como se tivessem pesos de aço sobre elas. Pisquei várias vezes para clarear minha visão e minha mente das teias de aranha. Tudo estava nebuloso, irreal, meu corpo todo ardia. Como se as minhas articulações e minha pele estivessem queimadas. De repente, tive plena consciência da profunda dor e me encolhi.

— Você está acordada? — uma voz desesperada, profunda e suave, disse no meu ouvido. — Riley?

— Não a incomode, menino — uma voz familiar disse. — Está garota está tentando sair disso agora, certo? Então vá embora! De qualquer forma, eu o farei saber se ela acordar.

— Eu não vou, Estelle. — disse a voz.

— Oh — contestou a voz familiar. — Está intratável hoje, não é? Então estarei por ali vendo meus inúmeros pacientes.

Me obriguei a abrir os olhos apesar da dor irradiando através do meu corpo. Minha visão clareou o suficiente para eu ver a silhueta de um homem. Mas quanto mais eu olhava, mais clara minha visão ficava. Finalmente, eu vi o cabelo negro como carvão e sua pele pálida. Lindo.

— Eli.

— Estou aqui. — ele disse na minha orelha. — Como você está se sentindo? As memórias se apressaram a voltar, tão rapidamente, que me senti tonta.

— Seth?

— Ele está aqui. — disse Eli. — Ele ficará bem.

O alívio se apoderou de mim como uma forte onda e eu suspirei.

— Obrigada.

— Agora. — ele continuou e eu senti seus dedos acariciando meus braços.

— Como você se sente?

Não quis soar como um bebê, ainda que sentisse como se o fogo corresse através das minhas veias.

— Me sinto bem.

— Você é uma mentirosa terrível, *chère*. — sussurrou Eli. — Eu vou falar com a Estelle. Ela pode te dar algo para dor. — seus suaves lábios se apertaram contra minha testa. — Eu já volto.

Eu não podia me mexer, meu corpo estava rígido e pesado. Mas meus outros sentidos funcionavam bem e eu ouvia... a água do mar. Não o ar velho e salgado, mas o ar fresco. Uma brisa percorreu meu rosto e senti o calor dos raios de sol através... de algo.

— Você está na Ilha Da, bebê. — disse outra voz familiar. Sorri. Preacher. Tentei encontrar sua mão, mas eu não podia me mexer.

Ele encontrou a minha, senti seus grandes calos quando ele segurou minha mão.

— Você sim, sabe como fazer bater o coração de um velho, isso é certo. — disse. — Quase te perdi, bebê. Se não fosse por Eli, seus irmãos e irmã, seu pai e sua mãe... — Ele deixou as palavras a deriva. — Te bateria com um pedaço de pau nas costas se estivesse bem o suficiente.

Sorri de novo.

— Você poderá fazê-lo quando tão breve eu puder levantar meus próprios braços.

Finalmente, minha vista embaçada estava mais clara, e olhei para o charmoso rosto escuro de Preacher.

— O que aconteceu? — eu estava em uma cama ao ar livre e em uma cabana na ilha Da. As gaivotas gritavam sobre minha cabeça e o cheiro do oceano me envolvia. Estava como... no céu.

Preacher me olhou e tocou meu nariz.

— Essa é uma história para que o Eli te explique. Ele estava lá depois que você desmaiou.

— Quem me tirou de lá? — perguntei.

— Esse fui eu. — disse Luc, caminhando. — Na vida ninguém te acusou de ser um peso leve, né Riley?

O olhei através da luz do sol e sorri.

— Já que eu não posso levantar meus braços para responder, estou me movendo na minha mente. — disse. — Obrigado, Luc.

— Sem problemas, prima. — ele respondeu.

Estelle chegou com... o quer que fosse que ela preparou e Eli estava ao seu lado. Ela me deu pra beber e entregou a taça para Eli antes de sair. Ele se sentou do meu lado.

— Do que você se lembra?

Pensei durante alguns segundos.

— Tudo, até que seu irmão pulou em cima de mim. — eu disse. — Valerian? O olhar de Eli se endureceu.

— Morto.

Então o alívio se apoderou de mim.

— Victorian?

Ele desviou seu olhar e logo voltou seu olhar para o meu.

— Não está morto, mas ele se foi. Ned não pode pegá-lo.

— Ah! — respondi. — Me lembro de ter visto... corpos. Sangue.

A cara de Eli escureceu.

— Alguns dos recém criados do Valerian fizeram sua primeira matança, alguns caras abaixo do rio. Seis no total e eles escaparam com Victorian. Phin e Luc limparam o local enquanto recolhíamos os outros para tratá-los aqui.

— Como você conseguiu isso? — eu perguntei, tentando não pensar nas crianças inocentes, aquelas cujas vidas são agora daqueles monstros.

— Não foi fácil. Os recém criados desejando matar seus primeiros... são terríveis. Mas nós conseguimos. Estão todos aqui.

— Riggs? Todd? — perguntei, então me lembrei de uma mãe desesperada na televisão pedindo informação sobre seu filho desaparecido. — Jared Porter?

— Sim, eles estão aqui também. Estão todos bem, Riley.

As lágrimas encheram meus olhos, não tinha como evitar. E escorreram para os lados, pelo meu rosto e em meu cabelo, e eu não podia sequer levantar uma mão para limpá-las.

— Posso ver Seth? — eu perguntei, com a voz trêmula

— Por enquanto não. — disse Eli, limpando minhas lágrimas com o dedo. — Sua recuperação vai demorar um pouco mais que a sua.

Meus olhos buscaram os seus.

— Porque não posso mover meu corpo?

Eli se ajoelhou no chão ao lado da minha cama e se aproximou de mim. Deus, nunca tinha visto um homem mais lindo na minha vida. Ele não poderia realmente ser meu.

Um sorriso se formou no seu rosto pálido.

— Ainda me considera seu, né?

Eu lhe devolvi o sorriso.

— Imbecil. Eu te daria uma bofetada, mas...porque não posso levantar meus braços?

O sorriso desapareceu.

— Se passou mais de uma semana, Riley, desde aquela noite no cemitério. Você foi mordida. Ambos irmãos Arcoses... beberam de você. Injetaram parte do seu veneno.

— Que veneno? — perguntei, horrorizada. — Nunca me disse que tinha veneno.

Um leve sorriso retornou.

— Sim, tem um veneno. Isso é o que provoca suas tendências. Você não recebeu muito, mas conseguiu um pouco... ambos são vampiros Strigoi muito poderosos.

Franzi a testa.

— Então... o que significa isso? Ficarei paralisada pelo resto da vida?

Eli negou com a cabeça.

— Não, não agora. Isso significa que você terá tendências, Riley. Você e Seth, os dois terão, mas a sua será... diferente.

Eu pensei em Ned Gillespie.

— Sim, como Ned. Só... de uma maneira diferente.

Minha mente voltou.

— Poderia, por favor, me deixar terminar meus próprios pensamentos e dizê-los antes de me responder? — perguntei com um sorriso. — Agora. Como assim diferente?

Eli puxou seus joelhos e descansou os braços contra ele. Com seus dedos, mexia no meu cabelo.

— Só o tempo vai dizer. É muito cedo pra falar.

Tentei não deixar que isso paralisasse meu cérebro. Realmente era muito para assimilar de uma só vez. Tinha acontecido tanta coisa em um período tão curto de tempo.

— Enquanto meu irmão pequeno estiver a salvo e bem eu estou totalmente satisfeita — disse.

— Totalmente? — perguntou Eli e se aproximou um pouco mais. Correndo um dedo pelo meu lábio inferior.

— Você pode me dar um beijo ou é muito perigoso? — eu perguntei.

— Perigoso para quem?

Sorri e lhe dei um olhar sombrio.

— Obrigada, Eligius Dupré. Você me salvou, salvou meu irmão, eu lhe agradecerei para sempre.

Então se inclinou sobre mim, afastou meu cabelo e acariciou meu rosto.

— Não teria outra opção. — disse em voz baixa e baixou seu lábios nos meus. Me beijou suavemente, como se tivesse medo de me causar dano. Era suave, mas possessivo, marcando-me e eu saboreei.

O sabor de Eli era único e o seu cheiro atraente e se eu não estivesse paralisada, teria me atirado contra ele e nunca permitiria que ele fosse embora. Ele levantou sua cabeça e buscou meus olhos com os seus.

— Isso é um beijo? — ele me perguntou, enquanto sorria.

— Sim. — eu respondi. — Isso está certo.

Seu olhar parou sério e cansado diretamente sobre mim.

— Minha — disse, de maneira casual. — Você é minha, Riley Poe.

Meu coração se agitou e eu nunca pensei que um homem pudesse dizer uma coisa tão incrivelmente possessiva e romântica ao mesmo tempo.

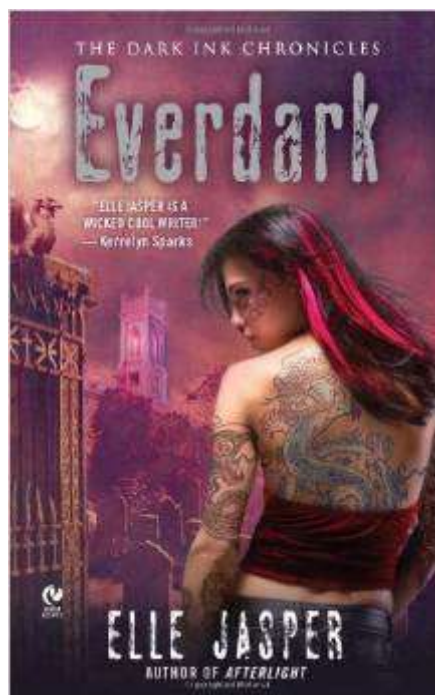
Eli sabia exatamente o que eu estava pensando.

A medicina vudú de Estelle me alcançou e minhas pálpebras voltaram a ficar pesadas. Adormeci com os dedos de Eli entrelaçados com os meus, mas mesmo depois que meu corpo tenha adormecido, meu cérebro continuava ativo. Pelo menos, pensei que era meu cérebro. Em um primeiro momento. Até que uma voz familiar chegou aos meus pensamentos.

Eu virei por você, Riley Poe. Essa força que corre em suas veias permanece na minha língua. Está dentro de mim. Você é agora parte de mim, como o veneno que

*corre através de você. Estamos destinados a ficarmos juntos para sempre. Virei por
você...*

FIM



Quando a tatuadora de Savannah, Riley Poe é emboscado por um inimigo morto-vivo, ela herda alguns dos traços de seus atacantes e uma ligação telepática com um vampiro furioso. Agora, ela está vendo assassinato após assassinato através dos olhos das vítimas. E seus novos poderes, não será suficiente para parar o horror, ou a matança sem fim ...